



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**LINHA DE MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E ESCOLA**  
**CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**PATRIZIA IMELDA FROSCH**

**SEM AMOR NÃO HÁ PERSPECTIVA:**  
**O GRUPO DE MULHERES DAS GOIABEIRAS E**  
**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA**

**FORTALEZA – CE**

**2014**

**PATRIZIA IMELDA FROSCH**

**SEM AMOR NÃO HÁ PERSPECTIVA:  
O GRUPO DE MULHERES DAS GOIABEIRAS E  
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutorado em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo.

**FORTALEZA - CE**

**2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

- 
- F959s Frosch, Patrizia Imelda.  
Sem amor não há perspectiva : o grupo de mulheres das Goiabeiras e a educação ambiental dialógica /  
Patrizia Imelda Frosch. – 2014.  
201 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-  
Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2014.  
Área de Concentração: Movimentos sociais, educação popular e escola, educação ambiental dialógica.  
Orientação: Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo.
- 1.Educação ambiental – Goiabeiras(Fortaleza,CE). 2.Educação popular – Goiabeiras (Fortaleza,CE).  
3.Mulheres – Educação – Goiabeiras(Fortaleza,CE). 4.Goiabeiras(Fortaleza,CE) – Condições ambientais.  
5.Narrativas pessoais. I. Título.

---

CDD 363.7007108131

**PATRIZIA IMELDA FROSCH**

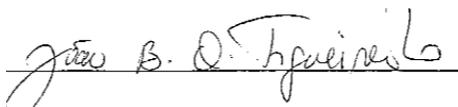
**SEM AMOR NÃO HÁ PERSPECTIVA:  
O GRUPO DE MULHERES DAS GOIAABEIRAS E  
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutorado em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação Brasileira.

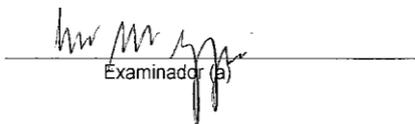
Orientador: Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo.

Aprovada em: 24/10/2014.

**BANCA EXAMINADORA**

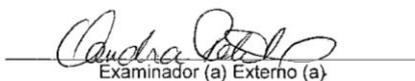


Prof. Dr. João Batista de Albuquerque (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Examinador (a)

Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque  
Universidade Federal do Ceará (UFC)



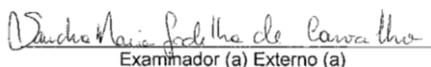
Examinador (a) Externo (a)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Heydé Petit  
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Examinador (a) Externo (a)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Dias Martins  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Examinador (a) Externo (a)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Maria Gadelha de Carvalho  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

A Deus amor criador do universo.

Aos meus pais, que me ensinaram  
a amar o universo.

Ao Grupo de Mulheres das  
Goiabeiras pelo seu amor à vida.

## AGRADECIMENTOS

À FUNCAP, pelo apoio financeiro que me permitiu desenvolver a pesquisa.

À Comunidade Eclesial de Base São Pedro de Goiabeiras por ter me acolhido e assim possibilitado as múltiplas experiências que vivi e ainda vivo.

Ao Grupo de Mulheres das Goiabeiras (Silvia, Raimunda, Livramento, Margarida, Ana, Célia, Miriam, Maria, Ivone, Patrícia, Leila, Célia, Luzia, Lúcia, Edna, Ireni) por me acolher com afeto e carinho e sem o qual não existiria esse trabalho.

Ao Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo pela orientação e por ter acreditado na minha capacidade.

Aos demais professores do curso pela atenção e dedicação manifestados ao longo do curso, em específico o Prof. Luiz Botelho Albuquerque, a Prof<sup>a</sup> Sandra Heydée Petit, a Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Iorio Dias, o Prof. Paulo Meireles Barguil e a Prof<sup>a</sup> Kelma Socorro Lopes de Matos.

Às Professoras Mônica Dias Martins e Sandra Maria Gadelha da UECE por aceitar o convite de participar da banca de defesa tão próximo do dia da defesa.

Aos funcionários da secretaria da Pós-Graduação do curso por ter me atendido com carinho e paciência durante todo o período do curso.

Aos amigos e amigas do GEAD que me apoiaram e ajudaram nos momentos mais difíceis e cruciais, em específico o amigo

Maclécio que me acompanhou com carinho e muita paciência até os últimos momentos dando suporte afetivo, moral e intelectual essenciais para a conclusão deste trabalho.

Aos amigos e amigas Jeane, Vladimir, Maria Augusta, Maria Brandes, Íris, João Filho, Roberto, Paula Vidi, Angelika Buxmann, Michael Kosubek, Michael e Nice Becker, Carlos e Isabel Tursi, Heinz Krull, Cathja Böhm, Pe. Marcos Passarini, Pe. Manfredo Oliveira, Prof. Dr. Friedrich Müller e às minhas irmãs Mônica e Ítala pelo apoio moral e estímulo nos momentos de fraqueza.

À Pe. Hans Josef Wüst, Heinz Walter Barthenheier, Helga Schmidkunz e todos os demais pela solidariedade manifestada no apoio à decisão de vir ao Brasil e em disponibilizar recursos financeiros que possibilitaram minha vinda, em parte minha manutenção e a realização de vários projetos na comunidade de Goiabeiras.

À Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza pelo incentivo moral e financeiro ao Grupo de Mulheres contribuindo assim na realização dessa pesquisa.

Enfim, a TODOS e TODAS que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta obra.

“Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda.”

“Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Amor é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens.”

“Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.”

(Paulo Freire)

## RESUMO

Na convivência com o Grupo de Mulheres das Goiabeiras (GMG) identifiquei características que se relacionam com os modos de compreender e fazer Educação Ambiental Dialógica (EAD) o que me incentivou à pesquisa partindo da pergunta: o que o Grupo de Mulheres das Goiabeiras tem a ver com a Educação Ambiental Dialógica? Optei pela Educação Ambiental Dialógica porque reconheci nas experiências do GMG práticas e relações que esboçam essa perspectiva de educação. Nesse sentido realizei uma pesquisa qualitativa, fundamentada numa pesquisa de campo, do tipo estudo de caso, das reflexões de certas questões ambientais pertinentes ao GMG e levantadas pelo mesmo, das experiências e histórias de vida das participantes, do se fazer grupo e das relações de afeto existentes no grupo. Lugar em que pude me sentir como parte e pesquisadora do grupo, por conseguinte parceira na construção dos conhecimentos do Grupo de Mulheres das Goiabeiras, me fazendo pesquisadora na convivência e na inter-relação. Considerando que sou parte do Grupo de Mulheres das Goiabeiras engajada na sua iniciativa, escolhi um método de pesquisa que objetivou ser participativo com a perspectiva de uma ação, que permite tecer novas relações entre as pessoas e delas com o meio ambiente e a partir daí práticas pedagógicas em parceria com o saber popular local, e o conhecimento científico, de modo dialógico e eco-relacionado, por isso optei pela pesquisa intervenção engajada, nos termos de Figueiredo. Na busca de informações segui um percurso metodológico que são diferentes momentos em que é caracterizado o grupo e o ser pesquisadora como observante, participante, agindo e intervindo, com técnicas de construção de dados, tais como: observação participante, entrevista aberta, relatos do caderno de anotações, gravações de vídeo, fotos, oficinas e aproveitamento de atividades desenvolvidas pelo próprio grupo. O objetivo geral é compreender o Grupo de Mulheres das Goiabeiras e desvendar sua relação com a Educação Ambiental Dialógica – resgatando a história do grupo, traçando sua trajetória até hoje, considerando também o contexto socioambiental da própria pesquisadora; vivenciando as ações do grupo. Constatei que as características relacionais, ambientais e amorosas do grupo, abrem caminho para que a Educação Ambiental Dialógica se realize no GMG como um avançar dos anseios do próprio grupo de mulheres, percebendo a possibilidade de uma nova proposta educativa junto ao grupo, no sentido de uma Perspectiva Eco-Relacional e de uma educação libertadora e amorosa nos moldes de Freire e que o elo fundamental que interliga o GMG e a EAD é o amor sem o qual não há perspectiva.

Palavras chaves: Grupo de Mulheres das Goiabeiras, Educação Ambiental Dialógica, amor como perspectiva

## ABSTRACT

Living with the Women's Group of Goiabeiras (GMG) and identifying characteristics that I related to the way how to understand and make Dialogical Environmental Education I was encouraged to make a research about if there is a relationship between the Women's Group of Goiabeiras and Dialogical Environmental Education, starting from the question: what the Women's Group of Goiabeiras has to do with Dialogical Environmental Education? I choose Dialogical Environmental Education because I suppose that the experiences of GMG activities and constructions of relationships appoints to this kind of making education. In this sense, a qualitative study based on an local research was carried out, a case study about reflections of certain relevant environmental issues raised by the group itself; experiences and stories of life of the participants; about creation and recreation of the group and in particular about relations of tenderness (affection) which exists and form the group. A place were I could be part and at the same time investigator, consequently a partner in the construction of knowledge created by the group, building up investigation by coexistence and interrelation. Considering that I am part of the Women's Group of Goiabeiras engaged in its initiative, I chose a method of research that aimed to be participatory – with the perspective of an action, that allows creating new relationships between people and between them and the environment and consequently pedagogical practices in association with local popular knowledge and scientific knowledge, in a dialogical and eco-related way – so I opted for the engaged research intervention in the terms of Figueiredo. In order to obtain information I follow a methodological procedure that are different moments in which I characterize the group and my activity as researcher observing, participating, acting and intervening with methodological techniques, such as participant observation, unstructured interviews, notebook reports, video recordings, photos, workshops but also exploring activities realized by the group himself. The purpose is to understand the Women's Group of Goiabeiras and reveal its relationship with Dialogical Environmental Education by studying the origin of the group, tracing its history until now, also considering our social and environmental context and participating in group's activities. I observed that the group's characteristics of relationship, environment and love, makes it possible to realize Dialogical Environmental Education with the Women's Group of Goiabeiras as an approach to the group's own wishes. I recognize here the possibility to create another form of education with the group toward to an eco-relational perspective and an education created with love which liberates from conventional world vision and alienation according to the pedagogy of Paulo Freire. Furthermore we noticed that the key to relationship between GMG and EAD is love and that without it there is no perspective.

Key words: Women's Group of Goiabeiras, Dialogical Environmental Education love as an perspective,

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	A marcha pela panela vazia encontra ouvido na mídia .....	78
Figura 02	Relatório sobre a origem do movimento .....	80
Figura 03	Relatório de atividades do MDVGA .....	82
Figura 04	Distância entre a comunidade de Goiabeiras (A) e Bairro Elléry localidade onde se situa o CSA (B) .....	88
Figura 05	Mapamundi mostrando a trajetória de minha vida .....	157
Figura 06-07	Parque Nacional Albert hoje Parque Nacional do Virunga em 1950. Primeiro parque nacional da África .....	158
Figura 08-10	Bebendo os sons dos tambores da África. Primeiros passos em solo sagrado. Brincando na e com a natureza no “quintal” de casa .....	158
Figura 11	Genova capital portuária do estado da Ligúria onde nasceu minha mãe .....	159
Figura 12	Arredores de Pontedecimo há 20 km no interior de Genova .....	159
Figura 13	A cidade de Pontedecimo, Itália .....	159
Figura 14	Frankfurt am Main, Skyline .....	160
Figura 15	Frankfurt am Main , espaços de lazer nas margens do rio .....	160
Figura 16	Parque de diversão, arredores de Frankfurt .....	160
Figuras 17-18	A floresta da cidade de Frankfurt, seus encantos .....	161
Figuras 19-20	... e desencantos. Luta da população contra a ampliação do aeroporto internacional de Frankfurt .....	161
Figura 21	O cartaz diz: “Prefiro morar nas árvores do que desmatar florestas” ..	161
Figura 22	Falcade Alto nas Dolomitas nos Alpes da Itália, lugar de origem da família da avó .....	162
Figuras 23-24	Lugares que curtíamos na praia. San Frutoso e Noli na Ligúria .....	162
Figuras 25-26	Erli, Gazzo. No coração do Estado da Liguria o novo espaço das férias comvidadas .....	162
Figura 27	O novo lar na República Centrafricana. As casas dos funcionários de um projeto de desenvolvimento do terceiro mundo da GTZ (Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit/Agência de Cooperação Técnica Alemã) .....	163
Figuras 28-30	Vida africana nas aldeias .....	163
Figuras 31-33	Meu avô em comunicação com a natureza no interior da Itália. Minha mãe flertando com as cachoeiras de Rutschuru, no Congo. Meu pai cruzando mares .....	164
Figura 34	Junto à avó visitando outras culturas .....	164
Figura 35	Faculdade de Teologia e Filosofia St. Georgen, meu primeiro encontro coma Teologia de Libertação, lugar de espiritualidade, estudo e partilha de saberes .....	165
Figuras 36-37	Filosofando com a natureza no parque da faculdade e vivendo com a natureza à margem da cidade de Frankfurt .....	165

Figura 38	O novo rumo Fortaleza capital do Ceará .....	166
Figura 39	A cidade esculpida em pedra .....	166
Figura 40	Seminário da prainha antes Instituto Teológico e Pastoral hoje Faculdade Católica de Fortaleza .....	167
Figuras 41-42	Seminário da prainha antes Instituto Teológico e Pastoral hoje Faculdade Católica de Fortaleza .....	167
Figuras 43-44	Universidade Federal do Ceará, Campus do PCI, Biblioteca Central/ Prédio do Departamento de Geografia da UF.....	167
Figura 45	Comunidade de Goiabeiras margeada pelo Rio Ceará e pela praia no bairro Barra do Ceará .....	168
Figura 46	O pólo de lazer da Barra onde iniciei minhas primeiras atividades comunitárias .....	168
Figuras 47-48	Comunidade de São Pedro Goiabeiras, a capela e os dois salões Comunitários .....	168
Figuras 49-50	Trabalhando com a Pastoral do Menor no Pólo de Lazer da Barra do Ceará .....	169
Figuras 51-52	Primeiros contatos com os pescadores .....	169
Figura 53	Primeiros passos da articulação dos pescadores da praia de Goiabeiras junto à assessoria do Instituto Terramar (ONG) e do Conselho Pastoral do Pescador (CPP) .....	169
Figura 54	Pescadores promovem junto à comunidade procissão de barcos no dia de São Pedro .....	169
Figuras 56-57	Grupo de jovens, curso de pintura em telhas, alfabetização de jovens e adultos; oficina de bicicletas; curso de corte e costura, curso de cartões postais e serigrafia .....	170
Figura 58	Pôr do sol na praia de Goiabeiras .....	171
Figura 59	Praia de Goiabeiras antes do início do Projeto Costa Oeste.	171
Figuras 60-61	O Projeto Costa Oeste e o início da degradação da praia de Goiabeiras .....	171
Figura 62	Detruição do novo calçadão pela maré .....	171
Figura 63	Projeto Vila do Mar, praia de Goiabeiras em 2014 .....	171
Figura 64	Lendo o título da pesquisa com o grupo e dialogando sobre o conteúdo .....	172
Figura 65	Oficina de artesanato .....	172
Figura 66	“Relendo à sombra das Goiabeiras .....	172
Figura 67	Cuidando da horta comunitária .....	173
Figura 68	Partilhando saberes artesanais no grupo .....	173
Figuras 69-70	Encontro específico para decidir sobre o futuro do grupo .....	173
Figuras 71-72	Aprendendo a fazer uma composteira e pão caseiro com a sabedoria de participantes novatos .....	174
Figuras 73-74	Assistindo à intoxicação do mundo pensando na horta. Apresentação de um vídeo sobre agrotóxico .....	174
Figura 75	A beleza que atrai – dinâmica da primeira oficina para escolher imagens .....	175

Figura 76	Oficina 1 – A identificação com a praia .....	175
Figura 77	Oficina 1 – A beleza própria de cada mulher .....	175
Figura 78	Oficina 1 – Vontade de chegar perto da lua .....	175
Figura 79	Oficina 1 – Lembrando a infância no campo .....	175
Figura 80	Oficina 1 – Em busca das origens. A pesquisadora se incluindo na pesquisa .....	176
Figura 81	Oficina 2 com produção de desenho .....	176
Figura 82	Oficina 2 com produção textual .....	176
Figura 83	Oficina 2 com produção de escrita e desenho .....	176
Figura 84	Oficina 2 com produção oral .....	176
Figura 85	Vista da zona costeira leste a partir da perspectiva da Barra do Ceará .....	177
Figura 86	Estação de Iguatú no ano de 1877, uma multidão de flagelados aguarda o trem para Fortaleza .....	177
Figura 87	Grande número de retirantes se concentra na Praça da Estação em Fortaleza em busca de trabalho alimentos e assistência social.....	177
Figura 88	Cloaca móvel. Camburão cheio de dejetos carregado por um carregador de cartola .....	177
Figura 89	Camburões sendo despejados no mar .....	177
Figura 90	Dona Maria – “Daqui até na praia não tinha nada, só mata e morro, realmente tinha muita goiabeira.” .....	178
Figura 91	Dona Raimunda – “A gente via a praia de ponta a ponta, via quando os barcos saíam e quando voltavam.” .....	178
Figura 92	Seu Zé – “As goiabeiras emendavam no mar.” .....	178
Figura 93	Seu Albertus – “Na época até 70 esse morro era a coisa mais linda do mundo.” .....	178
Figura 94	Maria Alice – “Morava aqui nós, a sorte, Deus e a malandragem.”....	179
Figura 95	Dona Miriam – “Aqui quando chegamos não tinha nada ... hoje é um paraíso.” .....	179
Figura 96	O Pescador Mundim – “Aqui tinha tudo até tubarão, os vários tipos a gente pescava.” .....	179
Figura 97	Tubarão martelo se enroscou na rede dos pescadores .....	179
Figuras 98-102	Acampamento dos flagelados na terra “prometida” e visita do bispo Dom Aloísio Lorscheider no acampamento de Goiabeiras em 1986...	180
Figuras103-107	Depois de tanto esforço solidário o prazer dos flagelados de curtir suas novas moradas .....	181
Figuras108-109	Campanha da educação e a Escola Comunitária Conquistando a Educação (ECCE) .....	182
Figura 110	Projeto Casa melhor da Prefeitura .....	182
Figura 111	Representantes do MDVGA visitando o grupo do AA .....	182
Figuras 112-113	Farmácia viva e primeiro cultivo da horta comunitária .....	183
Figuras 114 a-b	Escolinha de futebol novo Amanhecer e a turma da capoeira .....	183

Figuras 115-116	Vacinação das crianças no Amanhecer e dia das crianças .....	183
Figura 117	Oficinas de serigrafia e papel reciclado .....	184
Figura 118	Curso de panificação .....	184
Figura 119	Curso de pescadao .....	184
Figura 120	Curso de marambaias com os pescadores .....	184
Figura 121	Curso de navegação .....	184
Figura 122	Oficina de pintura em tecido .....	184
Figura 123	A sede do Movimento em Defesa da Vida .....	185
Figuras 124-125	Luta e conquista por água e pela pavimentação no bairro .....	185
Figura 126	Participação no grito dos excluídos .....	185
Figuras 127-128	O MDVGA em movimento contra a degradação ambiental da praia de Goiabeiras .....	186
Figuras 129-130	Visita Relator Especial de Direitos Humanos das Nações Unidas Miloon Khotari. à comunidade de Goiabeiras .....	186
Figuras 131-132	Casa de Encontro O Amanhecer e a cozinha ponto de reflexão, ação, partilha e origem da pesquisa .....	187
Figuras 133-134	Partilhando saberes artesanais no grupo e promovendo oficinas de artesanato par a comunidade .....	187
Figuras 135-136	Atividades variadas das oficinas .....	188
Figuras 137-138	Produção de jogos e brincadeiras .....	188
Figuras 139-140	“A comunidade é uma estrela que brilha”. Cartaz que expressa sentimentos acerca da comunidade .....	188
Figuras 141-142	Nosso bem viver na comunidade associado à natureza .....	189
Figuras 143-144	A felicidade de ter literatura à disposição estimula a criatividade .....	189
Figuras 145-146	Oficinas de áudio-visual e de mamulengo .....	190
Figuras 147-149	Entrevistas e filmagens para a composição do vídeo “Relendo à sombra das Goiabeiras” .....	190
Figuras 150-151	Momentos de lazer na praia de Goiabeiras e no manguezal do Rio Ceará .....	191
Figuras 152-153	Passeio no manguezal com amigos e familiares finalizando o projeto .....	191
Figuras 154-155	Produto final do projeto. Imagens do documentário Relendo à sombra das goiabeiras .....	191
Figuras 156-157	Uma aula sobre agrotóxicos e degradação ambiental para estimular a recuperação da horta comunitária .....	192
Figuras 158-159	A força motriz do projeto horta, Paulo um jovem estudante de letras e ambientalista, morador da comunidade .....	192
Figuras 160-161	Aprender o apreendido – Educação intergeracional conquistando a horta .....	192
Figura 162	PORAQUÊ ou peixe elétrico (Electrophorus electricus) .....	193
Figura 163	MUÇUM (Anguilla anguilla) .....	193

Figura 164	MAÇARICO ou BATUIRA .....	193
Figura 165	SOCÓ BOI ( <i>Tigrisoma lineatu</i> ) .....	193
Figura 166	GALINHA D'ÁGUA ( <i>Gallinula chloropus</i> ) .....	193
Figura 167	PATO D'ÁGUA ( <i>Anas platyrhynchos</i> ) .....	193
Figura 168	TAMANDUÁ ( <i>Myrmecophaga tridactyla</i> ) .....	194
Figura 169	RAPOSA ( <i>Cerdocyon thous</i> ) .....	194
Figura 170	PUNARÉ ( <i>Thrichomys apereoides</i> ) .....	194
Figura 171	PREÁ ( <i>Cavia aperea</i> ).....	194
Figura 172	RATO D'AGUA ( <i>Arvicola sapidus</i> ) .....	194
Figura 173	GUAXINIM ( <i>Procyon cancrivorus</i> ) .....	194
Figura 174	GATO DO MATO ( <i>Oncifelis Geoffroyi</i> ) .....	195
Figura 175	GATO VERMELHO .....	195
Figura 176	PREGUIÇA ( <i>Bradypus variegatus</i> ) .....	195
Figura 177	TEJO OU TEIU ( <i>Tupinambis merianae</i> ) .....	195
Figura 178	CALANGO ( <i>Tropidurus oreadicus</i> ) .....	195
Figura 179	CARANGUEJEIRA ( <i>Acanthoscurria natalensis</i> ) .....	196
Figura 180	COBRA-CIPÓ ( <i>Chironius succrullus</i> ) .....	196
Figura 181	COBRA VERDE ( <i>Philodryas olfersii</i> ) .....	196
Figura 182	COBRA CORRI-CAMPO ( <i>Philodryas nattereri</i> ) .....	196
Figura 183	COBRA-PRETA, MUÇURUNA ( <i>Boiruna maculata</i> ) .....	196
Figura 184	CASCABEL ( <i>Crotalus durissus</i> ) .....	196
Figura 185	COBRA CORAL ( <i>Oxyrhopus trigeminus</i> .....	197
Figura 186	JIBÓIA ( <i>Boa constrictor</i> ) .....	197
Figura 187	JUCÁ ( <i>Caesalpinea Férra</i> ) .....	197
Figura 188	AROEIRA <i>Myracrodruon urundeuva</i> ) .....	197
Figuras 189-191	ARAPUCA, QUIXÓ E FOJO .....	197
Figura 192	Silvia lendo a história do sábio e do barqueiro .....	198
Figura 193	”Ninguém sabe tudo completo, é pra uns ajudar os outros!”. A conclusão de Dona Miriam à respeito do texto.....	198
Figuras 194-199	Na partilha e no afeto as gerações se encontram.....	199
Figuras 200-206	A horta lugar de múltiplas relações e encontro com a natureza e a sensação de liberdade .....	200
Figura 207	Painel de Paulo Freire de Luiz Carlos Capellano .....	201

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Alcoólicos Anônimos
ADITAL	Agência de Informação Frei Tito para América Latina
CALDEIRÃO	Centro de Assessoria Popular Caldeirão
CEB	Comunidade Eclesial de Base
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
COELCE	Campânia Energética do Ceará
CPP	Conselho Pastoral dos Pescadores
CSA	Centro Socorro Abreu
EA	Educação Ambiental
ECCE	Escola Comunitária Conquistando a Educação
EAD	Educação Ambiental Dialógica
ESMP	Escola Superior do Ministério Público
FACAF	Faculdade Católica de Fortaleza
FAT	Fundo de Amparo ao Trabalhador
GEAD	Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental Dialógica, Perspectiva Eco-Relacional e Educação Popular Freireana
GMG	Grupo de Mulheres das Goiabeiras
GTZ	Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit/Agência de Cooperação Técnica Alemã
ITEP	Instituto Teológico Pastoral do Ceará
MDVGA	Movimento em Defesa da Vida dos Moradores de Goiabeiras e Adjacências
MPF	Ministério Público Federal
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OP	Orçamento Participativo
PER	Perspectiva Eco-Relacional
PRODEMA- UFC	Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFC
PROGER	Programa de Geração de Emprego e Renda do FAT
SANEAR-CE	Projeto de Gerenciamento de Resíduos Sólidos do Governo do Estado do Ceará
SECULTFOR	Secretaria de Cultura de Fortaleza

UECE      Universidade Estadual do Ceará  
UFC      Universidade Federal do Ceará

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	17
<b>2. PESQUISANDO A PESQUISADORA</b>	22
2.1 Do sul ao norte: Do som dos tambores da África à floresta teutônica	23
2.2 Do leste a oeste: Da floresta teutônica ao Brasil multicolorido	41
<b>3. VIVENDO A PESQUISA – PESQUISANDO A VIDA</b>	50
3.1 Do engajamento ao método e do método ao engajamento	50
3.2 O emergir das técnicas	53
3.3 Do ser participante ao pesquisar participando – Os momentos da transformação	57
<b>4. AMORADA GOIABEIRAS: LEMBRANÇAS, SENTIMENTOS E AMORES – DESENHANDO O AMBIENTE</b>	61
4.1 Fortaleza antagonica – Viajando na história	62
4.2 “As goiabeiras emendavam no mar” – Goiabeiras e sua memória	70
4.3 Terra prometida – A origem da ocupação	75
4.4 Movimentar é preciso – O Movimento em Defesa da Vida	79
<b>5. O GRUPO DE MULHERES DAS GOIABEIRAS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA</b>	87
5.1 Educação Ambiental Dialógica é se fazer grupo	87
5.2 Educação Ambiental Dialógica é se refletir e agir como parte de um todo	116
5.3 Educação Ambiental Dialógica é aprender a amar sendo amado	136
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	145
<b>7. LITERATURA</b>	148
<b>APÊNDICE – IMAGENS QUE CONTAM HISTÓRIAS AMOROSAS</b>	155

## 1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho estudei o Grupo de Mulheres das Goiabeiras (GMG), a sua origem, sua trajetória, atividades, anseios, sentidos e significados, onde identifiquei características que se relacionam com os modos de compreender e fazer Educação Ambiental Dialógica, percebendo caminhos de inclusão de uma nova proposta educativa junto ao grupo, no sentido de uma Perspectiva Eco-Relacional (FIGUEIREDO, 2007) e de uma educação libertadora e amorosa nos moldes de Freire.

Nesse sentido, o que o GMG tem a ver com a Educação Ambiental Dialógica (EAD) e vice versa? Percebo essas relações através das reflexões de certas questões ambientais pertinentes ao GMG e levantadas pelo mesmo, nas experiências e histórias de vida das participantes, no se fazer grupo e, principalmente, na amorosidade existente no grupo.

O GMG surgiu a partir de algumas mulheres que atendidas individualmente pelo Centro Socorro Abreu (CSA)<sup>1</sup>, com serviços gratuitos de atendimento psicológico na comunidade de São Pedro de Goiabeiras, Comunidade Eclesial de Base (CEB), hoje paróquia – inserida na comunidade de Goiabeiras, situada na Barra do Ceará, zona costeira oeste de Fortaleza-CE – em vista de problemas de depressão, decidiram criar um grupo de Mulheres que partilhasse de experiências e vivências visando a auto-estima e o apoio mútuo, quando deixaram de ser atendidas pelo Centro.

Ao longo do tempo, a partilha de experiências e saberes do GMG realizou projetos e ações comunitárias, usando espaços coletivos, como a Casa de Encontro O Amanhecer<sup>2</sup>, local de encontros semanais do grupo, e, a horta comunitária, recuperada e gerida pelas participantes. Sendo na origem iniciativa das mulheres, o grupo tem incluído nos últimos anos crianças, jovens e homens nas suas atividades atuais.

Entender esse contexto socioambiental, rememorar a história desse Grupo, traçar a trajetória do processo educativo vivenciado, avaliar os resultados da iniciativa até o momento atual, guiou o estudo que realizei. É o que como integrante/pesquisadora do GMG, pretendo fazer nessas páginas, considerando o meu contexto socioambiental, a minha bagagem que sempre carrego comigo para todos os lugares.

Quanto ao ser pesquisadora, enquanto sujeito entre sujeitos e inserida na comunidade há muitos anos, me considero parte de uma pesquisa tecida entre vários olhares

---

<sup>1</sup>Entidade feminista de apoio de defesa dos direitos da mulher, com sede no bairro Ellery.

<sup>2</sup> A Casa de Encontro Amanhecer é um dos espaços comunitários da Paróquia São Pedro de Goiabeiras na comunidade de Goiabeiras, inicialmente instalado pela Comunidade Eclesial de Base.

sentires e fazeres numa relação contínua de dar e receber, ensinar e aprender mútuo, considerando a bagagem que trouxe para esse encontro, minhas relações ambientais e interpessoais, a literatura e as espiritualidades que influenciam minha leitura do mundo, o meu conceito de Educação Ambiental.

Inicialmente convidada a ser participante do grupo, conheci o GMG não como sujeito a ser pesquisado. Nesse período, desenvolvia outro projeto de pesquisa relacionado aos saberes dos pescadores da Praia de Goiabeiras. Assim posso dizer que houve diferentes momentos em que se construiu o meu ser pesquisadora. Em um primeiro momento eu era participante, alguém que estava conhecendo o grupo para se tornar parte dele sem pretender pesquisá-lo. Já em um segundo momento quando a história do grupo e certos temas abordados chamaram minha atenção, além de participante, o convívio me despertou ao conhecimento sobre o Grupo, especialmente quando uma das mulheres manifestou o desejo de escrever um livro sobre elas. Foi assim que nasceu o desejo de pesquisar com o intuito de favorecer e contribuir ainda mais com o GMG. Pesquisa esta em que busquei alcançar como objetivos:

### **Objetivo Geral:**

Estudar o Grupo de Mulheres das Goiabeiras, compreender e desvendar sua relação com a Educação Ambiental Dialógica.

### **Objetivos específicos:**

- Resgatar a história do grupo, traçar sua trajetória até hoje, considerando também o contexto socioambiental da própria pesquisadora;
- Vivenciar as ações do grupo delineando o percurso de uma pesquisa engajada através do convívio com o mesmo e fundamentar o estudo empírico à luz da pedagogia freireana da Perspectiva Ecorelacional e da Educação Ambiental Dialógica de Figueiredo;
- Desvendar suas principais características a dizer: o se fazer grupo; o viver e refletir o meio ambiente; e o amor que é perspectiva;
- Identificar as possibilidades para novos modos de compreender e fazer Educação Ambiental no intuito de desvelar possíveis caminhos de inclusão de uma nova Proposta Educativa.

Nesse fazer, parto do pressuposto que somos parte da Terra que nos origina, nos convida para um contínuo diálogo entre seres humanos e não humanos na amorosidade, seguindo às tramas de Figueiredo (2007) me envolvendo com a Educação Ambiental Dialógica em uma perspectiva que entende a educação como “ação ser humano–meio ambiente essencialmente relacional”, ou seja, Eco-Relacional, “pautada no ato político, na

democracia, na parceria, no respeito aos saberes populares, na afetividade e nas relações” (2007, p.62).

Uma perspectiva que se orienta a partir do diálogo com o povo para o povo, valorizando outros saberes, respeitando a diversidade de pensamentos, ideias e ações nos moldes de Paulo Freire, (1971,1987, 1996, 1997, 2000), se oferecendo como uma nova proposta paradigmática para a Educação Ambiental.

Optei pela Educação Ambiental Dialógica porque vejo nas experiências do GMG práticas e relações que esboçam essa perspectiva de educação. Em um sentido mais profundo, as características relacionais, ambientais e amorosas do grupo, abrem caminhos para que a Educação Ambiental Dialógica se realize no GMG como um avançar dos anseios do próprio grupo de mulheres.

Considerando que sou parte do GMG engajada na sua iniciativa, escolhi um método de pesquisa que objetiva ser participativo com a perspectiva de uma ação, permitindo tecer novas relações entre as pessoas e delas com o meio ambiente e a partir daí práticas pedagógicas em parceria com o saber popular local, e o conhecimento científico, de modo dialógico e Eco-relacionado, que retrata o interativo de “tudo com tudo” e toda a totalidade, por isso optei pela pesquisa intervenção engajada, nos termos de Figueiredo (2007; 2008).

Trata-se de pesquisa qualitativa em que eu pude me sentir como parte e pesquisadora do grupo, por conseguinte parceira na construção dos conhecimentos do Grupo de Mulheres das Goiabeiras, me fazendo pesquisadora na convivência e na inter-relação.

Enquanto à metodologia, já sabia que não queria aplicar fichários ou fazer entrevistas estruturadas ou semi-estruturadas. A coleta de dados tinha que fluir através de conversas que as pessoas desenvolviam e que de vez em quando eu direcionava com certas perguntas acerca de temas específicos, como a história e trajetória do grupo, questões ambientais e educação e a relação afetiva que mantém o grupo. Na maioria dos casos não precisei direcionar muito porque os temas já estão presentes no grupo.

Segui um percurso metodológico que são diferentes momentos em que caracterizo tanto o ser grupo quanto o ser pesquisadora como observante, participante, agindo e intervindo, com técnicas de construção de dados, tais como: convivência, observação participante (BARROS, 2008), entrevista aberta (BARROS, 2008), relatos do caderno de anotações, com gravações, fotos, oficinas e aproveitamento de atividades desenvolvidas pelo próprio grupo na busca de informações.

Desses saberes e fazeres resultam os seguintes capítulos:

No segundo capítulo - **Pesquisando a pesquisadora** - apresento meu contexto socioambiental para expor a bagagem com que me aproximo, me insiro e me evolvo na e com a comunidade, bagagem ou olhar com que abordo a pesquisa para entender a partir de como reflito Educação Ambiental e que quer demonstrar que a pesquisa não é neutra, objetivamente pura, mas influenciada pelo contexto que como pesquisadora carrego dentro de mim.

No terceiro capítulo - **Vivendo a pesquisa – pesquisando a vida** - desenho o percurso de como se desenvolveu esta pesquisa, traçando os diferentes momentos realizados, na medida da aproximação, inserção, convivência e conhecimento das características do grupo, transformados e potencializados em metodologia, em suas diferentes técnicas de construção de dados, descrevendo as suas situações geradoras.

Já no quarto capítulo – **Amorada Goiabeiras** - convido para conhecer o contexto sócio-ambiental do Grupo de Mulheres das Goiabeiras, desenhando o ambiente desta comunidade, tratando da história e geografia em que se insere, resgatando lembranças dos moradores e despertando os sentimentos brotados nos relatos sobre essa morada.

No quinto capítulo - **O Grupo de Mulheres das Goiabeiras e a Educação Ambiental Dialógica** - através das experiências do GMG, suas histórias, anseios, práticas e reflexões, constato que este se constrói e se mantém no respeito mútuo e na amorosidade, superando tensões e conflitos, assim tecendo a noção de grupo que se manifesta no GMG. O convívio, o observado e o compartilhado com o GMG, são relacionados a pensamentos que me inspiram, manifestando características que se relacionam com os modos de compreender e fazer Educação Ambiental Dialógica, no sentido de uma Perspectiva Eco-Relacional (FIGUEIREDO, 2007) e de uma educação libertadora e amorosa (FREIRE,1987), que me permite compreender que a Educação Ambiental Dialógica é uma proposta essencialmente de Educação Ambiental Amorosa.

Dessa maneira, compreendendo a história do grupo, seu vir a ser, seu como ser, e percebendo em seu ser assim manifestações de Educação Ambiental Dialógica, descubro que “**Sem amor não há perspectiva**”, pois o que originou, mantém e gera aprendizados no GMG são relações carregadas de afeto.

Nesse sentido quero que o trabalho aqui presente além de ser um trabalho científico contribua para a autovalorização, a autoestima e a manutenção desse grupo que receberá uma cópia, na esperança que sirva como estímulo para continuar o caminho uma vez tomado se reconstruindo e reinventando. Para que **todos** se sintam convidados e chamados a imaginar, ou melhor, “assistir” ao conteúdo e ter parte na memorização do acontecido.– digo

**todos** porque o grupo conta com pessoas não alfabetizadas e crianças – decidi organizar as fotos que acompanham o texto como uma história em “quadrinhos” que segue cronologicamente os capítulos e que anexei no final do trabalho.

## 2. PESQUISANDO A PESQUISADORA

Era uma vez em uma comunidade chamada Goiabeiras, em que se insere a Comunidade Eclesial de Base (CEB) São Pedro, um grupo de mulheres que sonhava em ressuscitar a horta comunitária que há muitos anos estava adormecida coberta de mato e espinhos. Onde um dia nascia um pé de limão frondoso agora trepadeiras e capins tinham tomado seu espaço sufocando aos poucos aquela árvore que garantia o limão de cada dia à vários moradores, no lugar do cheiro da malva, da hortelã, do capim santo, da cidreira, da colônia, do jasmim e da moringa que um dia encantava quem visitava a horta, o mal cheiro de lixo e carniça penetrava as narinas de quem se aventurava além do portão enferrujado e destruído na esperança de encontrar ainda algo que lembrava os velhos tempos. Mas era arriscado porque o espaço estava sendo usado como depósito de craque e área de negócios pelos traficantes que residem nos arredores .

E as mulheres do grupo de mulheres suspiravam:

“... é um sonho do grupo de mulheres retornar a farmácia viva, retornar a horta, o horto que são plantas medicinais, agora não sei o que fazer para retornar, porque tem que ter a mão de obra, tem que ter alguém que cuide, tem que ter alguém que plante, uma pessoa que estude o solo, o difícil é isso.” (vídeo-gravação, 2012)

Mas esse é somente um trecho do caminho da história do grupo que inicia há alguns anos atrás. Então vamos por partes. Em primeiro lugar não era uma vez, mas é. Na cidade de Fortaleza, no bairro Barra do Ceará, na comunidade de Goiabeiras, na Comunidade Eclesial de Base de São Pedro existe um grupo de mulheres que, depois de toda uma trajetória de se criar e recriar e seu engajamento em diversas atividade, atualmente assumiu a recuperação e manutenção da horta comunitária abandonada há muitos anos a fim de aproveitá-la para o bem comum.

Desde que participo do grupo observo que aqui formou-se um espaço de educação em que pessoas falando de sua vida, experiência e saberes contribuem para um ensino-aprendizado mútuo. Muitas coisas vem a toa coisas vividas, lidas, escutadas e reflexões sobre o manifestado que merecem ser visibilizadas.

Qual é a história do lugar, quem são as mulheres do grupo, como surgiu o grupo, porque dar-lhe visibilidade? Como está sendo feito esse trabalho de apresentação? Por que eu atora entre as mulheres e autora dessa obra decidi escrever essa história e como resolvi construí-la, mas em primeiro lugar quem é a pesquisadora e como chegou a esse lugar?

Para entender minha aproximação com o grupo de mulheres minha atual convivência e a relação que ao meu olhar o grupo tem com Educação Ambiental, penso ser necessário reportar trechos da minha história de vida que influenciaram, e, pensamentos que inspiraram minha leitura de mundo acerca da natureza e da Educação Ambiental, uma bagagem que direciona meu olhar, avaliar, interpretar e agir e, assim penso, o resultado da pesquisa.

## **2.1 Do sul ao norte: Do som dos tambores da África à floresta teutônica**

Ambientes diferentes marcaram minha vida, da floresta africana, ao interior de uma pequena cidade italiana à grande cidade alemã com seu bosque cultivado, à metrópole brasileira multicolorida, pessoas com quem convivi, posturas que eu aprendi, pensamentos que cruzaram meu caminho tudo isso faz com que hoje me entenda como parte de um todo “ecorelacionado” (FIGUEIREDO, 2007), uma visão com que leio o meu estar no e com o mundo, uma visão que influencia minha relação com a comunidade, com o grupo de mulheres e se reflete na pesquisa.

Nasci como última de três irmãs no coração da África o Congo, então colônia belga, na região Kivu próximo ao Parque Nacional Albert, hoje Parque Nacional do Virunga<sup>3</sup> onde meus pais permaneceram por dez longos anos (1949-1959). Para sobreviver meu pai trabalhava como chefe mecânico nas várias plantações de café de vários “proprietários”<sup>4</sup>. Morávamos no meio da floresta há quilômetros do próximo vizinho branco, mas em vizinhança das aldeias dos africanos. Nasci e cresci ao som dos tambores que até hoje vibram no meu corpo.

Completado três anos de minha vida tivemos que fugir da noite para o dia, só com a roupa no corpo, deixando atrás tudo o que tínhamos e não era muito. Fomos para Itália viver com meus avós maternos. Como depois de um ano meu pai ainda não tinha conseguido emprego fixo, ele se viu obrigado a voltar para a Alemanha para onde tinha jurado nunca mais

---

<sup>3</sup> O Parque Nacional de Virunga antigamente Albert Park é o mais antigo parque nacional da República Democrática do Congo e na África. Criado em 1925, muito rico em flora e fauna teve como objetivo a proteção dos gorilas da montanha já raros naquela época. Em 1989 foram identificadas mais de 200 espécies de mamíferos (incluindo vinte em risco de extinção) e mais de 700 espécies de aves ([http://www.chez-pierre.net/f\\_za\\_rw1.php](http://www.chez-pierre.net/f_za_rw1.php)).

<sup>4</sup> Se é que pode-se falar em propriedade quando se invade as terras dos outros.

querer voltar devido às atrocidades cometidas por aquele país na Segunda Guerra Mundial. Ele levou minha mãe e minhas irmãs e eu permaneci ainda com meus avós. Após três anos me juntei a eles e lá me criei, foi escolarizada me formei e um dia parti para o Brasil.

Penso que quando uma pessoa nasce o faz dentro de um ambiente caracterizado por sons, imagens e atividades, um ambiente que é percebido por quem está nascendo através das sensações, emoções, sentimentos transmitidos pela mãe ao feto e que o acompanhará a vida inteira. Segundo relato de meus pais o ambiente em que nasci ressoava dos cantos das mais variadas espécies de pássaros e dos gritos dos macacos que pulavam de galho em galho.

Nos três anos em que me criei nesse ambiente, antes de ser arrancada daquele lugar (os Africanos estavam lutando para se ver livres das colônias), o “muro” que delimitava a casa em que morávamos era a floresta, vasta e verde repleta de cores e sons e cheiros. Tínhamos um espaço grande para correr, areia para brincar e árvores para subir. Minha mãe mantinha uma horta em que plantava tudo que crescia em um clima que era parecido ao clima mediterrâneo, uma variedade de hortaliças e flores. Mantinha algumas galinhas um gato e um cachorrinho. À noite deitávamos ao som dos tambores da África, de manhã acordávamos pelas mil vozes da mãe terra. Conta minha mãe também que de manhã ela encontrava marcas de leão e até de hipopótamo na frente da casa e vez em quando uma cobra enrolada dentro da cesta da roupa ou em algum armário.

Nossos vizinhos mais próximos eram as pessoas das aldeias com quem meus pais mantinham contato. Quando uma vez recebemos a visita de nossos avós, meu avô costumava passar seus dias nas aldeias com os nativos, se comunicando com eles sem conhecer o idioma oficial, o francês nem o suaheli língua dos nativos. Esse se relacionar naturalmente com outras culturas à exemplo dos membros da minha família fez com que entendi que ser diferente é normal e nunca entendi porque alguém tem que ser discriminado.

Os outros brancos viviam à quilômetros de nossa casa e a cidade mais perto era ainda mais distante. No percurso para a cidade podia acontecer que elefantes atravessassem a pista (os elefantes mantêm há milhares de anos já suas rotas tradicionais, o branco nunca respeitou o ritmo da natureza, nem o espaço das tribos africanas ao delimitar seus territórios, submetendo-as a sua ideologia de economia predatória), o que obrigava as pessoas a esperar até que tivessem ido embora. Foi por causa de um desses eventos naturais que minha irmã quase nasceu antes de chegar ao hospital.

Pouco sei sobre atrocidades que aconteciam na colônia, meus pais contam que existia uma lei implantada pelo governo belga que expulsava o branco que tinha sido três mas confirmam que existia nas cidades a regra que proibia aos africanos permanecer nos mesmos

lugares que os brancos como, por exemplo, ônibus, restaurantes, hospitais, escolas etc. felizmente a maioria dos amigos de meus pais eram pessoas que conviviam com os nativos como aquele médico judeu, fugitivo da Áustria nazista, que prestava seu serviço aos africanos e tantos padres e tantas freiras que pensavam mais em ajudar a população do que convertê-la ao catolicismo, Roma estava longe.

Três anos de minha vida passei nessas terras sagradas dos ancestrais africanos, quando de repente tivemos que abandonar tudo para salvar nossas vidas. A briga entre os opressores (Estados Unidos, Europa) pelos recursos dos oprimidos sempre deixa vítimas em ambos os lados, na maioria dos casos são os inocentes que pagam a conta.

Deixado o berço da humanidade me encontrei de repente em uma pequena cidade no interior da Itália do norte onde moravam meus avós, à 20 km da capital portuária do estado da Ligúria, a cidade de Genova, onde minha mãe tinha nascido e passado sua vida até rumar para a África. A história de Pontedecimo (décima ponte), este é o nome do lugar, remonta à época dos Romanos<sup>5</sup>.

Na época em que conheci o lugar, a cidade era rodeada por pequenos morros verdes, bosques, campos cultivados por pequenos agricultores, riachos cheios de peixes, vinhedos. Lembro-me de pequenos caminhos entre vinhedos, do gosto da uva que comíamos passando, sempre atentos se vinha alguém, os pés de pêssegos que floresciam na primavera formando um mar cor de rosa, milhares de junquinhos (narcisos) silvestres emanando seu perfume inibidor, os cantos dos pássaros, a tranquilidade típica dos lugares do interior, uma brisa agradável, os sinos das várias pequenas capelas dos pequenos povoados mais próximos à cidade.

Já existiam alguns condomínios populares modernos, onde meus avós moravam, mas ainda muitas casinhas bonitas no meio do verde caracterizavam a região. Hoje tantos

---

<sup>5</sup> A antiga vila de Pontedecimo foi um dos primeiros assentamentos no vale do Polcevere, no local onde em tempos dos romanos e medievais o *Pons ad decimum milium* ou *Pons ad decimum lapidem ab Januensi Urbe* (ou seja, a ponte a dez milhas romanas de Genova [capital da do Estado da Liguria]), da qual deriva o nome da cidade, cruzava o riacho Riccò. Foi nas proximidades da ponte, infra-estrutura estratégica, no cruzamento das principais estradas que ligam o Liguria com o Vale do Pó, que desde os tempos pré-romanos formou-se a aldeia primitiva de Pontedecimo. Daqui a *Via Postumia*, subia até o lado oposto do vale. A *Via Postumia* é uma antiga estrada romana construída em 148 aC pelo cônsul romano Postumio Albino nos territórios da Gália, o atual Vale do Pó, principalmente para fins militares.

Os romanos, por fins militares, políticos e comerciais, iniciaram a construção de estradas longas e retas. As estradas romanas eram essenciais para o crescimento de seu império, pois permitia que seu exército se movesse rapidamente. Estas longas "auto-estradas" foram muito importantes para a manutenção da estabilidade, e para a expansão do Império. (Tradução livre pela autora). Fonte: <http://it.wikipedia.org/wiki/Pontedecimo>, acessado em 2014.

anos depois o lugar ainda mantém alguns de seus espaços verdes embora a cidade demonstre efeitos da expansão urbana. Aqui passei mais três anos da minha infância, aqui mora a maioria dos meus parentes do lado materno. Não fui matriculada em uma crêche, nem me lembro ter brincado muito com meus primos, mesmo que mantínhamos uma relação estreita entre as famílias, sobretudo nas grandes festas como Natal e Páscoa, quando todos se reuniam para os preparativos e em seguida para os festejos.

O que mais me marcou naquela época foram as longas passeatas pelos campos e bosques ao lado de meu avó, que amava a natureza. Ele mantinha no corpo uma sabedoria acerca da ação da natureza que me encantava. Lia e entendia a linguagem da natureza. Sabia prever o tempo a partir da aparência das nuvens e da movimentação dos ventos, conhecia a flora da floresta e sabia o que era comestível ou não, sabia encontrar os cogumelos comestíveis mais graúdos pelo cheiro e as águas que davam peixes. As vezes chegava em casa com cestas de cogumelos de primeira qualidade e frutos de pomares abandonados. Trazia peixes que pescava com as mãos permanecendo em pé no meio dos riachos. Nunca deixou de explicar para mim suas técnicas, muitas coisas meu avó tentava me ensinar e tenho que confessar que infelizmente não guardei muito na memória porque também faltou a prática, o exercício contínuo. A vida da minha infância não tinha mais a ver com a dele, marcada por pobreza, falta de mantimentos, e a procura constante de alimentos para poder sobreviver, mas por ouvir o que ele contava guardo até hoje uma saudade daqueles tempos em que as pessoas se relacionavam de forma diferente com à natureza. Um jeito de estar na e com a natureza e não acima dela tratando-a como mercadoria.

Da ainda idílica paisagem do interior da Itália passei para uma cidade teutônica de grande porte (60.000 habitantes na época), Frankfurt am Main<sup>6</sup>, Depois de ter passado três anos na Itália junto aos meus avós segui meus pais e minhas irmãs para essa cidade onde já

---

<sup>6</sup>A história da cidade inicia com uma lenda que todo aluno aprende na escola:

Na época do imperador Carlos Magno os saxões guerreavam contra os francos e seu grande líder, assim um dia quando o grande rei estava sendo perseguido pelos saxões o seu exercito chegou à margem do rio Meno que na época era muito largo e profundo e nem ponte, nem balsa atravessavam às águas perigosas. Já se viram perdidos quando no meio dos véus da névoa matutina que estava se levantando viram um cervo atravessar o rio e descobriram um banco de areia pelo qual alcançaram a outra margem. Quando os saxões apareceram não encontraram a passagem e tiveram que desistir da perseguição. Na margem do rio para onde os francos se salvaram surgiu um pequeno povoado que nos séculos seguintes se transformou na cidade de Frankfurt que literalmente traduzido significa “o vau dos francos” o outro lado da cidade até hoje leva o nome de “Sachsenhausen” que significa “a morada dos saxões” se referindo àquele episódio em que esses não conseguiram derrotar os francos (tradução livre da autora).

(<http://www.sagen.at/texte/sagen/deutschland/hessen/derfrankfurt.html>, acessado em 2014)

residiam há dois anos após um ano de sofrimento em busca de emprego para poder manter a família.

Frankfurt é uma das cidades reconstruídas às pressas após ter sido destruída completamente no final da Segunda Guerra Mundial. Hoje ela é conhecida como centro do comércio e dos bancos internacionais e do crime organizado (tráfico de drogas e pessoas), ela também mantém um dos maiores aeroportos internacionais da Alemanha que nos anos 80 já foi alvo de lutas contra a degradação ambiental.

A cidade é dividida por um rio, o rio Meno, que separa o “lado de cá” do “lado de lá”, (*hib de bach e drib de bach*) como costumam dizer os nativos.

O lado de cá ainda mantém algumas casas antigas que foram poupadas na guerra, por isso se chama a cidade velha. Nesse lado podemos encontrar sobretudo residências, alguns hospitais, a piscina local pública, a piscina ao ar aberto também pública, o estádio de futebol, o hipódromo, pequenas lojas, alguns supermercados, sorveterias, lanchonetes, pequenas pousadas e muitos restaurantes típicos que oferecem comida da região e a bebida tradicional, o vinho de maçã (Apfelwein), local sempre frequentados por turistas. Nesse “lado de cá” morei, me criei, concluí o ensino médio, fui para a igreja e para a faculdade dos Jesuítas que fica já na pequena cidade adjacente (Offenbach).

No “lado de lá” encontra-se o centro da cidade com a ópera, o teatro, o Centro Cultural, o jardim botânico, o jardim zoológico, a Catedral, a administração da Prefeitura, os bancos, os grandes shoppings, a estação ferroviária internacional rodeada pelas boates, os cabarés, os hotéis (a assim chamada zona vermelha), a feira internacional de Frankfurt onde trabalhei por cinco anos, a Universidade Federal conhecida como uma das mais rebeldes dos anos 60 à 80 e onde surgiu a Escola de Frankfurt e onde cursei letras por alguns semestres. Aqui podemos encontrar também grandes hotéis de luxo e residências de luxo, o mercado central em que são oferecidos alimentos da região, de outros lugares e de outros países.

Nesse lado também se encontrava a minha escola de ensino fundamental, visitei o ginásio que ficava a uma hora de distância onde morávamos, frequentei muito a ópera em que cheguei até a cantar no coral dos amadores, o teatro, o centro cultural onde mostravam filmes internacionais na língua original, entre eles “Vidas secas” e “Deus e o Diabo na Terra do Sol” de Glauber Rocha (que me sensibilizaram acerca da problemática da seca no Nordeste brasileiro), a faculdade de música em que me inscrevi no curso de balé para interessados e onde permaneci por alguns anos conhecendo assim um pouco do mundo do trabalho, do estudo e da cultura em que eu pude formar minha visão acerca desses mundos.

Os dois lados da cidade são interligados pelo metrô que passa de baixo do leito do rio e por várias pontes cada qual com seu nome específico, ponte da paz, ponte do Meno de baixo, ponte de ferro, passarela de Holbein, ponte velha e ponte do barqueiro.

Mesmo com a aparência de uma daquelas grandes cidades internacionais em que prevalece o concreto (a cidade mantém uma silhueta de aranha céus) Frankfurt é uma cidade verde. Ambas as margens do rio são espaços públicos de lazer e repouso onde as pessoas podem passear tranquilamente, ou andar de bicicleta, sentar nos banquinhos ou na grama e fazer piquenique e existe também um campo de minigolf como diversão. Tudo é mantido pela Prefeitura que emprega profissionais de jardinagem para cuidar do espaço, retirando o lixo, podando as árvores, plantando a cada estação flores da época. Em todo canto há cestas de lixo, como, aliás, na cidade inteira e cada cidadão aprende cedo, pelo menos na escola, que lugar de lixo é na lixeira. Existem vários parques públicos distribuídos pela cidade e mantidos da mesma forma. Apesar da maioria das pessoas morar em apartamentos a variedade de plantas ornamentais e flores que enfeitam janelas e terraços é impressionante. Muitas pessoas até cultivam ervas medicinais e de tempero em casa em jarros. Sempre que o tempo e o clima permitem, as pessoas procuram os espaços verdes. Pessoas que gostam de jardinagem, mas não tem recursos para comprar um terreno podem se inscrever nas colônias dos pequenos jardineiros, lá recebem por uma taxa anual um pequeno terreno onde podem cultivar suas flores e hortaliças e descansar do estresse diário.

Mas isso não é tudo o que a cidade oferece em termos de ambientes “naturais”, ela mantém um dos maiores bosques cultivados da Alemanha o assim chamado “Stadtwald” (floresta da cidade) que forma um cinturão ao redor da urbe. De bonde, de ônibus ou de carro chega-se até a floresta depois disso só é permitido ir a pé ou de bicicleta. Existem inúmeras trilhas ao longo das quais se encontram pequenas lagoas e riachos com peixes. Certa quantidade de cervos, raposas, javalis, lebres, texugos e outros animais, pássaros e aves típicos da região mantém o equilíbrio desse habitat. É proibido caçar e pescar, guardas florestais cuidam do ambiente e caçadores profissionais cuidam do excesso das populações. Pequenos parques de diversão com brinquedos feitos todos em madeira são o lazer de muitos cidadãos nos finais de semana ou nas férias.

Esse foi o ambiente que influenciava a minha relação ambiental no dia à dia, mas houve outros espaços que intensificaram e transformaram minha percepção e meus sentimentos acerca da natureza em que experimentei momentos de profundo bem viver. Para encontrá-los tínhamos que viajar. Eram os lugares das férias.

Todas às férias de verão, que duram dois meses, viajávamos para outros lugares como a Itália onde curtimos a maior parte de nossas férias ou no litoral ou nas montanhas, e, outra vez a África para onde meu pai voltou e permaneceu por cinco anos em um projeto de desenvolvimento para o terceiro mundo financiado pelo governo alemão.

Nas férias na Itália procurávamos lugares onde o turismo de massa ainda não tinha chegado. Morávamos em casas de parentes ou amigos que recebiam uma contribuição, assim conhecíamos ambientes diferentes e a diversidade das pessoas e de suas vidas como, por exemplo, alguns dos nossos parentes do lado materno, que eram pequenos agricultores nas montanhas do norte da Itália num vilarejo chamado Falcade Alto.

De manhã quando me levantava cedo para ir ao banheiro que se encontrava fora na varanda, (uma casinha de madeira com um banquinho de madeira como privada), poderosas montanhas erguiam-se diante de mim cobertas de pinhos até o topo, véus de névoa matutina subiam lentamente abrindo a vista para uma paisagem imponente que pouco a pouco acordava beijada pelos raios do sol que se levantava. Nunca vou esquecer aquele ar puro que enchia meus pulmões e o cheiro forte da terra e da grama molhada e dos pinheiros. Cedo íamos ao campo com nossos parentes cortar e juntar o feno para o gado, nós crianças tínhamos foices e cestas para transportar o feno adequado adequados ao nosso tamanho e adorávamos o trabalho. Nos finais de semana subíamos as montanhas levando comida que preparávamos num caldeirão em cima de uma fogueira. Tomávamos leite e comíamos manteiga e queijo de vacas criadas em liberdade. Colhíamos nas florestas, morangos e outros frutos silvestres e cogumelos, procurávamos pequenos riachos e córregos onde tomávamos banho ou construíamos pequenas barragens com as pedras.

Mas também curtíamos a praia. Quando se oferecia a oportunidade meus pais alugavam o apartamento de um amigo ou parente que morava no litoral e de lá procurávamos as praias menos visitadas por turistas como entre outros San Frutuoso ou Noli. Meus avós também sempre ficavam uma temporada conosco e de uma dessas férias me lembro que meu avó nos levou muito cedo de manhã para esperar na praia os pescadores que voltavam do mar, o que foi meu primeiro encontro com o povo do mar.

Em 82 em uma viagem que meus pais fizeram sozinhos pela região de nossas então férias costeiras, descobriram uma pequena aldeia de camponeses à 20 km da praia chamada Erli na região de Gazzo onde existiam somente 10 casas. Foi amor à primeira vista, ficaram apaixonados pelo lugar. Como tinha muitas casas desabitadas, conseguiram comprar uma a um preço razoável. Das 10 famílias de agricultores que antigamente viviam ali só uma tinha sobrado, sendo composta pela mãe, o pai o filho a avó e o tio, a filha tinha morrido já na

infância. Entre essa família e meus pais desenvolveu-se uma relação de amizade. Foi esse o novo lugar de nossas férias comuns.

No início as férias eram verdadeiros mutirões de limpeza e reforma da casa. Como meu pai aprendeu muito na prática ao longo da vida dele, ele era o pedreiro, eletricista, carpinteiro etc. e nós as serventes. A casa tem também um jardim esse era o espaço da minha mãe, que retomou o que ela tinha começado na África. A paisagem é fantástica é uma serra com bosques de castanhas, riachos e pequenas cachoeiras, na primavera milhares de pessegueiros emanam seu perfume e formam um mar cor de rosa, inúmeras flores silvestres crescem entre as árvores. De manhã acordava com o canto do galo e dos pássaros e os sinos das vacas que iam ao pasto, de noite deitava ouvindo o concerto dos grilos e das rãs. Além das vacas tinha galinhas, gatos e cachorros.

Hoje o lugar abriga, sobretudo alguns veranistas estrangeiros, que também descobriram o local e adquiriram imóveis. Minhas irmãs curtem muito o espaço continuando melhorando a estrutura da casa. Dos aldeões sobraram só o pai e a mãe. Morreram a avó, o tio e o filho, último de AIDS.

Em outras férias voltei à terra de minha origem a África, quando meu pai decidiu voltar naquele país à trabalho (1969-1973) em um projeto técnico de desenvolvimento para o terceiro mundo pelo governo alemão, desta vez em outro estado do continente a República Centrafricana. Como meu pai não tinha a permissão de passar suas férias na Europa, o Governo financiava nossas passagens para visitá-lo em Bambari uma pequena cidade do interior daquele país. Mas ele não morava na cidade e sim há alguns quilômetros dela em cima de um morro onde tinha três casas, a dele e as de seus dois colegas, a vizinhança próxima era sinal de precaução e segurança, em uma época em que o branco não mais dominava o continente.

Uma caixa de água montada em cima de uma torre, uma bomba para puxar água e um gerador de energia à gasolina concluíam o conjunto de habitação. Ninguém mantinha um jardim, ninguém plantava nada, nem as esposas dos colegas que permaneciam em domicílio. Ao redor os limites da floresta mais longe do que aqueles da minha infância, ressoavam sons de pássaros, a noite grilos e sapos competiam, vez em quando borboletas lindas visitavam as flores silvestres que nasciam á margem do terreno, mas não havia sinal de animais silvestres na proximidades e nem cobras em casa somente o gato de meu pai que costumava se enrolar nos armários em cima da roupa limpa.

Nos finais de semana visitávamos outros lugares. Sentados nos bancos de ferro do velho Landrover do projeto percorríamos estradas em terra batida pulando dos assentos a cada

desnível da pista, rindo e achando graça, atravessando trechos de floresta, e pequenas aldeias que nasciam à margem da estrada onde galinhas, vacas ou porcos de repente atravessavam a rua e tinha que ter muito cuidado para não causar um acidente. Nossos destinos eram as casas de amigos de meu pai na maioria freiras e padres. Lembro-me de uma dessas visitas em que visitamos algumas irmãs. A moradia delas era simples e humilde, mas o jardim era frondoso, cheios de flores e hortaliças. As irmãs se alimentavam sobretudo daquilo que plantavam. O terreno ficava à margem de um lago de onde se tinha uma vista belíssima.

Outro evento que me impressionou foi, quando chegados à margem de um rio, meu pai nos convidou a fazer uma travessia para a outra margem com uma balsa usada pelos nativos. Conosco subiram vários africanos entre eles uma senhora de certa idade. Estávamos já no meio do rio, quando ela olhou com profundo carinho para minha mãe, tocou a barriga dela com um sorriso e apontou par nós três, querendo saber se todas éramos filhas dela, ela não falava francês a língua imposta pela antiga colônia, somente se comunicava através de sinais com minha mãe que respondeu da mesma forma com o mesmo carinho no rosto e pegando as mãos da outra mulher que se alegrou e fez sinais e usou uma mímica que eu interpretei como que quisesse dizer que éramos muito bonitas e que minha mãe era abençoada.

Paisagens lindas, experiências bonitas acompanham meu estar no e com o mundo, mas não somente os encantos geravam e geram meus sentimentos em defesa da natureza, os desencantos aguçaram minha vista para os efeitos degradadores de uma postura egoísta voltada para os interesses de poucos em detrimento do todo, ou seja, a destruição de nosso suporte de vida e conseqüentemente de nós mesmos.

Não há luz sem sombra. Ao mesmo tempo em que acompanhava a degradação progressiva do mundo através da mídia, pouco à pouco os belos lugares encantados da minha infância se tornaram vítimas de desencantos. O turismo de massa tomou conta das serras, dos litorais e das montanhas da Itália e de outros lugares no mundo inteiro. A África, apesar de se livrar das antigas colônias, está em chamas. Agroindústria e indústria de mineração secam o solo fértil que um tempo alimentava seu povo forçando a fuga de milhares de pessoas, que arriscam suas vidas na esperança de uma vida melhor, naqueles países que os oprimem sujeitando-se a uma escravidão moderna nas grandes cidades onde são discriminados, explorados, perseguidos.

Na Alemanha que mantêm a tradição da preservação da natureza, criando parques ecológicos recuperando antigas áreas de mineração, realocando flora e fauna nativa, como por exemplo, lobos e ursos, vivenciei na própria pele a força destruidora do habitat dos seres

humanos e não humanos, quando da ampliação do aeroporto internacional de Frankfurt, hectares e mais hectares de floresta foram desmatadas, levando em conta a diminuição da sadia qualidade de vida dos moradores adjacentes, que sofrem com o barulho e as emissões dos aviões. Tudo isso pelo bem do interesse econômico em detrimento dos bens ecológicos.

Em vários lugares da Alemanha existem depósitos de lixo radioativo que não são mais seguros deixando penetrar sua carga micidial pelo solo, afetando moradores adjacentes que adoecem de câncer. Universidades promovem pesquisas com plantas transgênicas, apesar da Alemanha ser o único país europeu que proibi a produção de transgênicos, que contagiam os campos de agricultores orgânicos vizinhos, proibidos em consequência de vender seus produtos. E apesar disso o que adianta a recuperação de velhas áreas destruídas, se com a benção do Governo alemão, empresas alemãs de grande porte como a Mercedes e a Siemens, são envolvidas em empreendimentos como Belo Monte na Amazônia, plenamente cientes da devastação e do genocídio que estão promovendo, tudo pelo “bem da humanidade”.

Sempre me perguntei: Se somos parte de um todo ecorelacionado, como eu me entendo pelas vivencias ambientais e interhumanas e qualquer ação positiva ou negativa repercute no todo, disso não tenho dúvida, como é possível que a destruição de parte da terra seja um benefício para o todo?

Sem dúvida esse pano de fundo ambiental que me acompanhou e continua me acompanhando ajudou a formar minha visão de mundo, mas também pessoas e pensamentos guiaram meus passos para essa teia. Em primeiro lugar aqueles mais próximos como meus pais e meus avós do lado materno, ressalto o lado materno porque nunca cheguei a conhecer os avós do lado paterno.

De minha avó me lembro o conhecimento acerca de plantas medicinais e todo tipo de frutos silvestres comestíveis que nasciam nos bosques, a habilidade com que produzia deliciosas geléias e conservas desses frutos e uma frase que nunca mais saiu da minha cabeça “vale mais a prática do que a gramática”.

Aos 14 anos minha avó foi arrancada do chão em que brotou, um pequeno vilarejo no coração da Selva Negra no sul da Alemanha. Filha de emigrantes italianos que após a Primeira Guerra Mundial deixaram seu país em busca de melhores condições de vida, para voltar à seu país de origem pouco antes da Segunda Guerra Mundial, minha avó se lembrava do tempo passado na Alemanha como algo de bom em que tinha aprendido e experimentado muitas coisas boas. Nos oito anos que passou na escola aprendeu entre outras matérias aprendeu com perfeição o segundo idioma na fala e na escrita que praticou até sua morte, mantendo o contato com algumas amigas da infância através de cartas e visitas. O que mais a

marcou eram as excursões para a floresta para onde os professores levavam seus alunos transmitindo-lhes seu conhecimento acerca de plantas medicinais, plantas comestíveis e tóxicas, do ciclo e do equilíbrio da natureza em aulas de campo. Este conhecimento ela guardou até falecer e não cansando de repassá-lo para nós, sobretudo nas férias quando nos movíamos na natureza.

Meu avô nasceu no interior de Veneza, norte da Itália como último de oito irmãos, ficou órfão da mãe ao nascer, sendo criado junto aos irmãos somente pelo pai que nunca se casou de novo. Seu pai, como dizia ele, tinha tanto amor a seus filhos, que não deixou que eles visitassem a escola, em parte porque era muito longe e ele temia que pudesse acontecer algo de grave no caminho, em parte porque temia que a escola pudesse aliená-los.

Ao falar de meu bis-avô meu avô o fazia com tamanho carinho e às vezes com lágrimas nos olhos que eu podia sentir o amor da relação entre esse pai e seus filhos. Esse pai mantinha seus filhos com pequenos trabalhos avulsos e os filhos contribuíam andando dia por dia de casa em casa com uma vara nas costas em que estava preso um pano dobrado, onde colocavam os alimentos que conseguiam e que depois juntavam e partilhavam.

Moravam em um quatinho onde cozinhavam, comiam e dormiam. Um barbante esticado de um canto do quarto ao outro era o armário. O banheiro era a casinha no quintal. Como no inverno era muito frio no verão procuravam lenha na mata e colhiam também o que a natureza lhe oferecia de alimentos, como certos frutos e cogumelos.

Quando o pai morreu meu avô rumou para as cidades em busca de trabalho. Analfabeta, sem profissão, aceitava qualquer atividade para sobreviver e ele me dizia com sabedoria que qualquer trabalho tem que ser feito com gosto e êxito. Ele chegou a ser servente na construção, vigia de noite, porteiro, estivador e outras coisas que não me lembro mais.

Com orgulho ele contava que na primeira Guerra Mundial ele foi chamado para cuidar do cavalo de um oficial e apresentava uma foto que o mostrava ao lado do cavalo, segurando as rédeas e o oficial montado no animal. Rindo se lembrava que a maioria dos soldados era analfabeta como ele e não entendia a contagem um e dois que acompanhava o ritmo da marcha e que assim os superiores inventaram de colocar no sapato direito dos soldados um pouco de palha e no esquerdo um pouco de feno. Assim no lugar de falar um e dois para acompanhar o ritmo da marcha diziam palha e feno.

Minha avó e minha mãe tentaram em vão alfabetizá-lo, ele manteve-se firme em sua resistência até que um belo dia ele começou a ler o jornal sem que ninguém descobriu como ele conseguiu aprender a ler, também ele tinha aprendido sozinho a assinar seu nome.

Não sabia escrever, mas a assinatura era tão bela que parecia uma obra de arte. O segredo de seu aprendizado ele o levou consigo para o túmulo.

O costume de procurar a mesa da natureza o acompanhou até a sua morte. Onde chegava ele se adentrava nas matas e sempre trazia alguma coisa. Foi assim na Alemanha quando nos visitava, na França onde morava o irmão dele e na própria Itália em diversas regiões onde visitava parentes e amigos.

A frase “vale mais a prática do que a gramática” da minha avó se corporifica em meu pai, que aos 16 anos deixando pai, mãe, escola e namorada foge da pequena cidade de Freiberg no interior da Alemanha “oriental” (naquela época ainda não existia a divisão das duas Alemanhas e o muro de Berlim) para Hamburgo onde se inscreve na marinha civil. Aqui ele aprendeu muito na prática e se tornou autodidata durante a vida inteira adquirindo seu conhecimento no observar e fazer, mais tarde também pela literatura que nunca faltou em nossa casa. Posso dizer que meu pai é um profissional informal sem título e diploma, mas com certeza mais esperto que certos engenheiros se confrontados com a prática. Nunca precisamos de pedreiro, carpinteiro, electricista, hidráulico, mecânico para resolver certos problemas em casa.

Meu pai fugiu de casa porque não suportava a educação autoritária de meu avô professor da escola central e organista da pequena igreja daquele povoado que queria educar seu filho à moda antiga com severidade e autoritarismo, batendo nele se era preciso, o que naquela época era normal. Ele já como adolescente adorava música e queria aprender a tocar órgão, mas o método do pai não era bem o que aproximava o filho do instrumento. Somente na natureza, quando pai e filho passeavam nos bosques que cresciam ao redor do povoado o pai se mostrava um pouco mais acessível.

Sob essas condições, meu pai, que era muito chegado a seu tio, irmão de seu pai, um socialdemocrata que educava seus filhos na maior liberdade, perdeu a vontade de continuar os estudos e preferiu conhecer o mundo pelo mar como marinheiro da marinha civil.

O amor à natureza na Alemanha remonta aos ancestrais das tribos germânicas para quem a floresta e seus habitantes eram sagrados. Daí pode se entender o cuidado com todas as áreas verdes existentes, a constante criação de parques nacionais e a recuperação de áreas de minério esgotadas com plantas nativas e realocação de animais extintos, como os lobos. Sem dúvida o encontro com o mar fortaleceu meu pai no respeito à natureza, mas para ele, como também como para minha mãe, a convivência com o continente africano foi com certeza o que mais o impressionou a ponto de voltar para lá à trabalho.

Na relação com pessoas de cultura diferente para ele sempre prevalecia o respeito diante do outro, do diferente. No Congo encarregado de ensinar aos africanos a manutenção da tecnologia indispensável para a produção de café meu pai estava dia por dia em contato direto com os nativos e também em casa onde uma babá e um cozinheiro faziam parte de nossa vida. Eram os nativos com que convivíamos no dia a dia, os brancos nós os visitávamos ou nos visitavam quando era possível devido às grandes distâncias que nos separavam.

A proximidade com pessoas de outra cor e outra cultura e o respeito com que meus pais se relacionavam com elas fez com que nós crianças aprendêssemos muito cedo a entender a diversidade como algo normal. Nossos pais cuidavam para que nunca criássemos sentimentos de discriminação.

Com minha mãe criei um sentimento profundo pela natureza ainda antes de nascer. Até hoje ela guarda um carinho especial por tudo o que é planta e animal e um respeito profundo pela diversidade humana. Sempre gostou de cuidar de plantas e animais. Gatos e cachorros sempre eram seus amigos e se algum bicho sofria, ela tomava conta como, por exemplo, daquele pintinho preto na África que rejeitado pela mãe por causa de sua cor se tornou órfão, da mesma forma com o filhote de macaco a quem os caçadores africanos tinham matado a mãe. Para esses dois ela substituiu a mãe dando-lhe comida e carinho. Também ela nunca pisou em um zoológico por estar convencida que lugar de animal é em seu habitat natural e não presas em gaiolas.

Sempre que minha avó dizia que gatos eram falsos porque arranhavam a gente sem previsão, minha mãe rebatia que os animais reagem ao comportamento dos homens e que se gato arranhava a gente com certeza a gente tinha feito algo que não agradava ao bicho. Essa lição me ajudou a entender mais tarde, porque aquele cachorro preso na frente de uma loja aguardando seu dono e que eu tentei afagar me mordeu. Com certeza alguma coisa tinha-o assustado. Assim também aprendi que se uma planta da qual eu estou cuidando morre, eu não ofereci as condições necessárias para que possa viver. Então é a relação que mantemos com os seres vivos que decide sobre o equilíbrio ou o desequilíbrio.

Tinha uma coisa que minha mãe ligava à natureza: a literatura. Para ela o melhor lazer era sentar no meio da natureza e ler um livro. Muito do seu conhecimento que passava para nós ela tirava dos livros que ela devorava. Quando jovem e sem recursos para comprar livros que eram muito caros, ela lia qualquer pedaço de jornal. Nunca as economias bastavam para permitir para ela ou ao irmão caçula o acesso a faculdade somente bastou para concluir um curso para secretária, algo que tinha certo valor naquela época em que quase ninguém tinha estudo. Foi então com a literatura, que mais tarde teve oportunidade de adquirir, que

compensou a falta de conhecimento. E foi pela paixão dela pela literatura que criei a minha pelos livros e assim também os livros influenciaram meus sentimentos em relação à natureza.

Apesar dos livros de minha infância: a bíblia infantil, os livros de crianças multicoloridos que exibiam paisagens lindas e animais felizes, os contos de fada etc. na minha adolescência eram sobretudo aqueles romances onde brancos sedentos de ouro, destruíam territórios inteiros e massacravam indígenas para conseguir o metal tão cobiçado, que chamavam minha atenção. O que me fascinava eram as histórias sobre nativos e forasteiros que juntos combatiam os dominadores de ambos os lados. Em meus sonhos eu me via lado a lado lutando com aqueles que queriam preservar seu jeito de ser e seu ambiente sagrado. Mais tarde no ensino médio nas aulas de história eram os livros que tratavam da invasão dos espanhóis nas terras dos Incas que despertavam meu interesse. Já no ginásio e na faculdade eram os artigos e reportagens que reportavam o que estava acontecendo no e com o mundo em termos de destruição ambiental e a invasão de territórios de várias etnias para a exploração de recursos naturais que estimulavam minha reflexão sobre a relação homem-ambiente,

Encantos e desencantos, pessoas e livros compõem minha leitura de mundo, mas há também um lado espiritual que me inspira. Jesus é marco na minha vida. O Jesus dos pobres, dos excluídos, das comunidades de base, da militância, o Jesus amor, o Jesus político.

Nasci católica em uma família em que o pai protestante converteu para o catolicismo por amor à esposa. A religião como instituição nunca o impressionou muito, assistia às missas pelo gosto de cantar, mantinha da mesma forma amizade com freiras e padres, como com pessoas de outras religiões ou ateus. Cada membro de minha família tem sua relação pessoal com a fé cristã. Uns mais chegados aos rituais, outros menos. Meu avô adorava assistir as missas pela coreografia das celebrações em que os padres vestem roupas coloridas e pela música do órgão, para ele era como ir à ópera. Na minha adolescência participei de grupos de jovens católicos, como jovem e adulta aproveitei, sobretudo a oportunidade de poder cantar em corais de várias paróquias. No início Jesus para mim era aquela figura amável que tudo suportava, que era bonzinho e que cumpria tudo o que lhe era encarregado pelo pai todo poderoso.

Já na faculdade de teologia, onde sopravam novos ventos provindos de Roma que tinha começado a valorizar seus leigos e suas mulheres, o Deus todo poderoso se transformou em Deus do amor e Jesus na corporificação do amor que é prática de libertação. Aqui me deparei pela primeira vez com a teologia da libertação e seus adeptos, professores e colegas alemães e sulamericanos que debatiam a nova igreja, a igreja do povo. Já mais tarde convivendo em uma comunidade eclesial de base em Fortaleza o amor político se torna

realidade nas manifestações da militância contra o governo (1987/89) e na luta contra a degradação ambiental na comunidade em que me inseri (1996-2006).

O amor que Jesus corporifica é radical, é revolucionário, é político. Penso, que amor é antagônico a Roma, sinônimo de invasão, opressão, violência, discriminação, escravidão, exploração e degradação extrema de humanos e não humanos. A expressão de fé em Jesus é o amor, aquela força que movimentava montanhas, supera situações limites (FREIRE, 1997) e que surge ao se sentir parte de um todo ecorelacionado (FIGUEIREDO, 2007) que ama e é amado.

Essa visão se acentua ao descobrir mais tarde uma espiritualidade de outra cultura que, em suas palavras, contempla o homem como parte de um todo interrelacionado. Estou me referindo aqui ao pronunciamento feito pelo Cacique Seattle em 1854 ao presidente dos Estados Unidos que queria comprar uma grande área de terra dos índios peles-vermelhas e que é interpretada “ como uma profunda declaração de amor ao Meio Ambiente, brotada do coração puro e simples de um índio cheio de reconhecimento à Natureza por tudo de bom que ela dá ao homem” (EQUIPE DE FLORESTA BRASIL, s.d.) e que se enfileira naquela literatura que com as relações ambientais e interpessoais influenciaram o meu jeito de ver o mundo.

Palavras que combinadas à palavra do Deus cristão me acompanham até hoje e são base e fundamento da minha compreensão de mundo, da minha visão acerca da cultura dominadora, sua relação com a natureza e seu sistema de educação, e fizeram com que a partir daí me entendi como parte de um todo interrelacionado, buscando partilhar esse entendimento. Palavras, que mais tarde já no Brasil reencontro conhecendo a Educação Ambiental Dialógica de Figueiredo (2007), que em sua obra cita o cacique em busca de outro jeito de ensinar e aprender. Uma educação a partir de um olhar que descobre o mundo como teia de relações em que todos os seres estão envolvidos.

A meu ver as palavras do cacique deixam transparecer duas visões de mundo, uma em prol da preservação da natureza de forma a garantir a continuação da vida e uma outra em prol da dominação da natureza pela exploração desenfreada do planeta rumo à destruição do todo. No entendimento dos indígenas o solo é/era<sup>7</sup> sagrado e todos os seres vivos se interrelacionam garantindo assim a sobrevivência de um todo interrelacionado o que me faz

---

<sup>7</sup> Coloco no passado e no presente porque há tribos que já não seguem mais suas tradições. Mas mesmo que todos os índios se tornassem “brancos” essas palavras permanecem válidas, como da mesma forma a palavra de Deus expressa por Jesus não perde seu valor pelas atrocidades cometidas pela Igreja Católica. Assim existem diferentes verdades que o ser humano pode adotar na busca de seu devido lugar nesse todo ecorelacionado, colocando-as em pauta ao redor de uma fogueira à dialogar entre si.

descobrir nessas palavras um modelo de educação que nos ensina a tolerância, o respeito mútuo, o amor à vida à despeito do sistema de educação convencional, “educação bancária” nos termos de Freire (1987) voltado para a produção de profissionais para o mercado de trabalho.

Uma educação em que se aprende a entender que o que se faz seja para o bem ou para o mal repercute no todo porque “somos parte da terra e ela é parte de nós” e “que tudo quanto fere a terra – fere os filhos da terra” que “a terra não pertence ao homem: é o homem que pertence à terra”, e que “todas as coisas estão interligadas, como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si. Tudo quanto agride a terra agride os filhos da terra. Não foi o homem quem teceu a trama da vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que ele fizer à trama, a si próprio fará” (EQUIPE DE FLORESTA BRASIL, s.d.<sup>8</sup>). Um imaginário “dos seres humanos na relação com outros seres humanos e não-humanos, vivos e não-vivos” (FIGUEIREDO 2007) em que esses povos segundo Brandão se vêem “no interior de uma trama de relações ativas intencionais e significativas no mundo da natureza” e que se ofereceu como arcabouço da perspectiva desenvolvida por Figueiredo (2007, P. 52). Uma lógica que nos ensina que antes de agir temos que refletir a partir de um olhar amoroso.

Apesar do ambiente de convivência diária, da literatura, espiritualidade e das férias que me permitiam conhecer e sentir outros lugares, pessoas e culturas a escola também contribuiu para que aprendesse a ter respeito pelo outro humano e não humano e a reconhecer a importância da diversidade ambiental e cultural e das interrelações.

A escola sempre me ensinou alguma coisa. Aprendi a relacionar efeitos com causas. Escolhia-se temas políticos com o objetivo de desenvolver a reflexão crítica. Valorizava-se a música, a arte, o esporte, o artesanato, os idiomas e fazia-se questão de levar os alunos para outros lugares chamando a atenção para o cuidado com a natureza e para a importância da diversidade cultural, mas também a diversidade de cada pessoa.

No ensino fundamental os professores organizavam passeios no bosque com os alunos para que conhecessem no tato, no cheiro, na escuta a natureza e não somente através das figurinhas dos livros, mas também tinha escolas que se preocupavam com que as crianças aprendessem o valor de cada pessoa não obstante sua diversidade.

A primeira escola depois de chegar da Itália foi uma escola particular em que meus pais por sugestão da assistência social me matricularam temendo que na escola pública

---

<sup>8</sup>: [http://www.ufpa.br/permacultura/carta\\_cacique.htm](http://www.ufpa.br/permacultura/carta_cacique.htm), acessado em 2014.

que não mantinha uma relação especial com seus alunos podia ter reações de rejeição por parte das outras crianças já que eu não falava seu idioma. De fato meu pai, na África nunca falou uma palavra de alemão, em casa falava-se italiano, na colônia francês ou neerlandês. Nessa escola particular seguia a pedagogia de Maria Montessori<sup>9</sup> e foi aqui que, na vivência com as outras crianças, se concretizou o que já aprendi na África, que a diversidade compõe o mundo e não diz nada a respeito do “valor” de uma pessoa.

Tinha na minha turma duas meninas especiais uma marcada pela paralisia infantil outra por um trauma que sofreu quando de um acidente de carro que lhe ocorreu junto ao pai em que o pai faleceu e ela teve que presenciar sua morte permanecendo ilesa. Essas meninas se tornaram minhas melhores amigas, amizade que perdurou além do ensino fundamental. Não me lembro ter sentido em algum momento algo de estranho ou repulsivo em conhecê-las, o fato delas estarem ali no meio de todas as outras crianças e sendo tratadas da mesma forma pelos professores me dava a sensação que assim devia ser.

Durante o ensino médio eram obrigatórias visitas à lugares marcantes da história do país onde além de apreciar a diversidade da flora e fauna se visitava museus, castelos, igrejas, monumentos etc., mas o currículo previa também duas viagens maiores que duravam uma semana uma para uma pequena cidade não muito distante e outra maior para outro país da Europa, no meu caso para a região da Toscana na Itália (que era muito em voga na época). Assim cheguei a conhecer outro estado desse país da minha infância e de minhas férias, tomando conhecimento da diversidade paisagística e cultural e do jeito de ser das pessoas do mesmo país onde se fala outro dialeto, existem outros costumes, outra comida típica, outro estilo de vida, arte etc.

Mais tarde no ginásio rumava com a turma para o sul da França onde ampliávamos o nosso saber sobre o ser diferente. Um dos vários episódios marcantes que também influenciou o meu modo de pensar a vida aconteceu quando passeando com minhas colegas pela cidade em que estávamos domiciliadas, conversando em alemão, um senhor de certa idade sentado num banquinho nos chamou e perguntou se éramos alemãs o que confirmamos. Calmo, gentil e sorridente nos contou que tinha sido prisioneiro dos alemães na

---

<sup>9</sup> **Maria Montessori** ([Chiaravalle, 31 de agosto de 1870](#) — [Noordwijk aan Zee, Países Baixos, 6 de maio de 1952](#)) foi uma [educadora](#), [médica](#), [católica](#), [pedagoga](#) e [feminista italiana](#). É conhecida pelo [método educativo que desenvolveu](#) e que ainda é usado hoje em dia em escolas públicas e privadas mundo afora. Destacou a importância da liberdade, da atividade e do estímulo para o desenvolvimento físico e mental das crianças. Para ela, liberdade e disciplina se equilibrariam, não sendo possível conquistar uma sem a outra. Adotou o princípio da auto-educação, que consiste na interferência mínima dos professores, pois a aprendizagem teria como base o espaço escolar e o material didático (wikipedia, acessado em 2014).

Segunda Guerra Mundial e que tinha passado por muitos sofrimentos e vendo nossa reação de espanto e choque, disse sabiamente que existiam pessoas más e boas em todas as partes e que deveríamos cuidar para que as pessoas se entendessem e se amassem para evitar guerras no futuro.

Terminado o ginásio a minha procura por um curso na faculdade me propiciou um verdadeiro encontro espiritual com a natureza, quando, depois de desistir do curso de agronomia na Universidade Federal de Wetzlar, cidade há 60km de Frankfurt, decidi me matricular na Faculdade Filosófica Teológica St. Georgen, um seminário dos padre jesuítas próximo a minha casa em Frankfurt. A convite de uns jovens padres jesuítas – colegas de canto em um coral de uma das tantas paróquias da cidade, com os quais me abri sobre a minha desistência do curso de agronomia – visitei a faculdade e ao perceber que faziam parte da instituição um enorme parque com árvores frondosas, pomares e gramados não pedi nem o programa do curso, não me informei nem sobre as condições, simplesmente me matriculei. Ao passar pelo portão tinha sentido algo de muito forte que me dizia que esse era o lugar certo. De fato permaneci 10 anos aqui onde me transformei da cabeça aos pés encontrando e reconhecendo o meu ser assim encorajada por colegas e professores a ser eu mesma. Nesse lugar também se concretizou e aprofundou a minha já existente simpatia pela América Latina, pela Teologia da Libertação, pelos favelados, flagelados, povos indígenas e demais.

Foi também neste lugar que um colega ambientalista de alma e coração me convidou a conhecer uma fazenda escola onde se estuda e pratica a agricultura biodinâmica de Rudolf Steiner<sup>10</sup>, modelo de Educação Ambiental que me impressionou pelo seu cuidado com a natureza, seu anseio de aproximar o homem da natureza numa relação espiritual cheia de respeito. Aqui também conheci meu companheiro que me ensinou a amar a bicicleta, tecnologia amiga da natureza. O mesmo que junto a outro colega amigo decidiu conviver em uma colônia de sem tetos em um terreno baldio perto da faculdade - depois de ter feito uma experiência de convivência em uma favela de Fortaleza na Jurema - e para onde me mudei para conviver um tempo fazendo uma experiência de viver à margem da sociedade, sem energia, sem água encanada, antes de rumar definitivamente para o Brasil.

---

<sup>10</sup> **Rudolf Steiner** ([Kraljevec](#), fronteira austro-húngara, [27 de Fevereiro](#) de [1861](#)— [Dornach](#), [Suíça](#), [30 de Março](#) de [1925](#)) foi filósofo, educador, artista e esoterista. Foi fundador da [Antroposofia](#), da [Pedagogia Waldorf](#), da [agricultura biodinâmica](#), da [medicina antroposófica](#) e da [Euritimia](#), esta última criada em conjunto com a colaboração de sua esposa, [Marie Steiner-von Sivers](#). Seus interesses eram variados: além do [ocultismo](#), se interessou por, [agricultura](#), [arquitetura](#), [arte](#), [drama](#), [literatura matemática](#), [medicina](#), [filosofia](#), [ciência](#) e [religião](#).

## 2.2 Do leste à oeste – Da floresta teutônica ao Brasil multicolorido

Não planejei vir ao Brasil, no início eu vim por amor a meu então companheiro e depois por amor ao meu companheiro e por amor à Fortaleza e sua militância. Em 1987 meu companheiro e colega de estudos veio à Fortaleza junto a dois colegas no intuito de participar do curso de teologia no então Instituto Teológica e Pastoral (ITEP), hoje Faculdade Católica de Fortaleza (FACAF) e ao mesmo tempo conhecer no convívio o dia a dia das pessoas mais carentes nos bairros populares. Assim conheceram diferentes bairros como o Marechal Rondon na Jurema onde passaram um tempo experimentando a vida de favela, o Pio X para onde se mudaram em seguida e residiram em casa paroquial e o bairro Olavo Bilac onde meu companheiro residiu junto à militantes da CUT e da Pastoral Operária em outra casa paroquial São Judas Tadeu colocada á disposição pelo então pároco do bairro, Pe. Haroldo Coelho<sup>11</sup>. Foi nesse período que visitei Fortaleza pela primeira vez permanecendo por três meses convivendo com militantes, respirando o ar da militância.

Ao aterrissar no aeroporto de Fortaleza, tanto em 1987 como também em 1989, o que vi era uma cidade com muitas casinhas e espaços verdes e uma zona costeira extensa, que parecia ainda bastante desocupada o que depois mudou drasticamente. Apesar da boniteza do lugar e do acolhimento caloroso das pessoas que me entusiasmavam, seria mentira dizer que não tive choques culturais, mas foram também esses choques culturais que fizeram com que me apaixonasse pelo lugar e pelas pessoas.

O primeiro choque foi a presença constante da polícia militar nas ruas, em fim o Brasil mal tinha saído da ditadura, algo que eu conheci somente dos livros de história acerca da época do nazismo na Alemanha. A experiência de estar frente à frente com o poder policial em manifestações eu já conhecia das manifestações contra a ampliação do Aeroporto Internacional de Frankfurt que promoveu o desmatamento de boa parte da floresta da cidade, mas aqui era diferente. Em uma manifestação no Cambéba (sede do Governo do Estado do Ceará<sup>12</sup>) que juntou militância de todos os lugares e de várias instituições, inclusive a Igreja Católica que ainda estava no caminho da Teologia da Libertação, me deparei com o poder violento legitimado que não me deixou fria, apesar de me sentir bem no meio de pessoas que já passaram por situações piores. Toda a maquina de opressão do Estado estava presente a

---

<sup>11</sup> Referência da teologia da libertação, do compromisso radical com os mais pobres e oprimidos de nossa sociedade, de coerência e de luta [...] candidato a governador, à época pelo PT, em 1986, ajudou a fundar o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). (TELLES MELO, adital, 2013). Pe Haroldo faleceu em 2013.

<sup>12</sup> Em 1987, a sede do Governo do Estado foi transferida para o Centro Administrativo do Cambéba pelo então governador Tasso Jereissati. Em 2003, Lúcio Alcântara volta a mudar a sede do Executivo, passando a despachar no Palácio Iracema.

cavalaria, batalhão de choque, um escalão que mal segurava seus pastores alemães, carros da polícia, motos, PM's segurando baionetas, algo que conhecia somente de antigos filmes.

Outro choque foi o silêncio nos ônibus, mesmo superlotados, e nas ruas, eu não via pessoas ou grupos de pessoas paradas conversando, rindo, brincando. O próprio transporte público para mim era um pesadelo. Ônibus enferrujados, quebrados, esburacados sem horário de chegada, sem parada e em pane a toda hora, sem contar a quantidade de pessoas que transportavam, que imprensadas uma na outra mal conseguiam respirar e por cima a obrigação dos estudantes de ter que subir por cima da catraca para poder pagar meia passagem.

Outra episódio inesquecível que ocorreu quase no final de 1989 foi quando eu e meu companheiro fomos assaltados. Estávamos voltando a pé de um restaurante na Bezerra de Menezes para o bairro Damas, onde residíamos naquele período na casa da congregação dos Combonianos<sup>13</sup>, falando alto em alemão e esquecendo tudo ao redor. Nas ruas não tinha ninguém, tudo estava fechado, um silêncio absoluto reinava quando, pouco antes de chegarmos na congregação, uma bicicleta nos ultrapassou e dobrou a direita na próxima rua. Chegando a altura dessa esquina dois rapazes se lançaram em nossa direção, querendo roubar minha bolsa com a máquina fotográfica. Meu companheiro reagiu e levou uma pisa no queixo caindo no chão, nesse exato momento estava se aproximando um pequeno caminhão com três homens e eu me joguei na frente do carro pedindo ajuda. Num primeiro momento não reagiram até entenderem os meus sinais e pararem o caminhão. Quando os assaltantes perceberam a presença deles fugiram e nós pudemos continuar nosso caminho enquanto os três homens nos acompanharam no caminhão conduzindo a passo de homem até chegar à nosso destino. Foi uma experiência de medo profundo, de impotência, de privação de liberdade que nunca tive, mas que não conseguiu quebrar a vontade de querer estar nesse meio.

Houve também algo que me incomodou muito no início quando em 1996 me inseri na comunidade de São Pedro de Goiabeiras, mas que ao longo dos anos aprendi a entender como parte dessa cultura com que convivo: a falta de pontualidade. Hoje não a vejo

---

<sup>13</sup> **Missionários Combonianos** é uma comunidade missionária da [Igreja Católica Romana](#) fundada por [São Daniel Comboni](#). No Brasil, os Missionários Combonianos chegaram em 1952. As primeiras missões foram abertas no [Maranhão \(Balsas\)](#) e no [Espírito Santo](#), onde realizaram inúmeras obras: construindo escolas, igrejas, e um grande [seminário](#) em [Ibiraçu](#). Depois de 50 anos, os combonianos no Brasil são cerca de 130, atuando em 20 [dioceses](#) e organizados em dois grupos: um no Nordeste, com sede em [São Luís](#), e outro no Sul, com sede em [São Paulo](#). Durante trinta anos editaram no Brasil um importante periódico católico: a [Revista Sem Fronteiras](#) ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Mission%C3%A1rios\\_Combonianos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mission%C3%A1rios_Combonianos), acessado em 2014)

mais como falta de respeito que na época me causava raiva, mas como jeito de ser dessa cultura mais tranquila menos estressada e não voltada para o mero cumprimento de tarefas em prazo definido. Entendi que não importa quando se faz, mas que se faça. A prática na comunidade me mostrou que as coisas acontecem também seguindo um ritmo mais biológico que industrial, onde tudo deve acontecer em determinados prazos e planejado antecipadamente de longa data. Aprendi na comunidade de São Pedro algo de maravilhoso, que tudo que as pessoas queriam realizar acontecia na improvisação e “em cima da hora”, mas os resultados eram sempre satisfatórios, isso porque existem criatividade e capacidades incríveis e porque as pessoas se engajavam pelo gosto de fazer e assim se envolviam em todas as atividades. Desse modo aconteciam festas religiosas e não religiosas, semanas da criança e culturais, cursos, oficinas, eventos litúrgicos e sociais etc. e eu não tive problema em adotar esse ritmo e não me queixar mais da impontualidade dos outros. A força motriz é o querer fazer acontecer e a fé em que aconteça o que libera energias para conseguir na espontaneidade.

Certas experiências podiam ter me espantado, me afastado, desejado nunca mais voltar, mas os contra-choques foram carregados de mais energia. A energia de que falo foi aquela de um povo que depois de tanta luta e sofrimento estava se libertando da opressão. O que gerou o mais profundo sentimento de bem estar não era o fato de se organizar, de unir as forças independente de quem era a pessoa, o que me atingiu foi o afeto que existia nessa relação. Sentia uma energia que me deixava vibrar. As pessoas se amavam na tentativa de superar uma situação limite e foi isso que despertou em mim o desejo de voltar.

A experiência com os ônibus lotados também teve parte nisso. Eu sempre tive pavor a transporte lotado, porque na Alemanha já vivi situações desagradáveis. Geralmente homens se aproveitam da situação para tocar em mulheres. Em Fortaleza, pela primeira vez, eu experimentei que ninguém se atrevia a fazer isso e também na rua eu percebi que as mulheres não levavam “cantadas” o que na Europa é comum. Outra coisa me chamou a atenção no ônibus, ele podia estar lotado quanto quiser eu não sentia mau cheiro em nenhum horário do dia o que não posso dizer da minha experiência na Alemanha, sempre tinha alguém que fedia a suor ou tinha outro mau cheiro.

Outra experiência me convenceu que tinha que voltar para Fortaleza. Conheci o Instituto Teológico Pastoral (ITEP) e lá encontrei situação semelhante à faculdade de teologia na Alemanha em que estava me graduando. Além de encontrar um ambiente agradável, um pátio com flores e árvores e uma atmosfera agradável de paz, existia uma relação de amizade entre alunos, professores e funcionários. Aqui conheci vários padres que seguiam o caminho

da Teologia da Libertação e fortaleciam a luta do povo, entre eles dois que foram marcos na minha vida e cuja amizade perdura até hoje: os Pes. Manfredo Araújo de Oliveira<sup>14</sup> e Marco Passarini<sup>15</sup>.

O que me tocou já desde o primeiro momento em que pisei solo nordestino, foi a acolhida no aeroporto pelos amigos do meu companheiro, como se fosse uma velha amiga que voltasse de umas férias, com afeto e abraços algo nada comum na Alemanha onde o abraço é reservado aos mais íntimos. Eu mal falava e entendia português, mas todos se preocupavam em fazer se entender e me entender. Mal tinha chegado e já me sentia parte dessa galera e do ambiente em geral que apesar de seus conflitos e problemas estava encharcado de afeto e bem querer e assim com muita saudade depois de três meses voltava à base, no coração a certeza do reencontro.

Em 1988 me graduei em teologia e em 1989 meu companheiro e eu estávamos de volta para mais um ano de estudos no Instituto Teológico Pastoral da Arquidiocese de Fortaleza. Voltamos a morar em São Judas Tadeus onde os militantes da Pastoral Operária ainda se abrigavam, mas os nossos dias estavam contados. Alguém na Arquidiocese de Fortaleza estava se incomodando com nossa presença e quando chegou um casal belga que iria trabalhar na Cáritas e estava precisando de moradia tivemos que deixar o espaço. Ficamos praticamente na rua, mas mais uma vez o afeto e a solidariedade dos companheiros nos sustentou. Um dos nossos amigos tinha conseguido um terreno ocupado na Barra do Ceará e o terreno era tão grande que ele ofereceu uma parte para que pudéssemos construir uma casa, junto a outro amigo da militância e sua esposa grávida, e com a ajuda de outros amigos construímos uma casa em mutirão.

Mal conseguimos terminar a casa e morar algum tempo que meu companheiro e eu adoecemos de hepatite e como não tínhamos condições de nos curar permanecendo na favela Padre Marcos, que é padre da missão dos Combonianos, nos ofereceu permanecer na casa da congregação onde passamos o restante de nossa estadia até voltar para a Alemanha.

---

<sup>14</sup> Padre e filósofo. Professor na Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, Itália, e doutor em Filosofia pela Universidade Ludwig-Maximilian de Munique, Alemanha. Assessor das Pastorais Sociais e padre da Arquidiocese de Fortaleza. É Presidente da Agência de Informação Frei Tito para América Latina (ADITAL).

<http://www.adital.com.br/site/autor.asp?lang=PT&cod=8542>, acessado em 2014.

<sup>15</sup> Coordenador Regional da Pastoral Carcerária. Sacerdote da congregação dos Missionários Combonianos. Nascido na Itália em 16 de maio de 1941. No Brasil desde 1973. Brasileiro naturalizado desde 2000. Cidadão maranhense a partir de 2005. Há 22 anos residente em Fortaleza-Ceará, depois de 15 anos de presença no Maranhão. Seu compromisso missionário é com a causa da Justiça, da Paz e da Integridade da Criação, numa atitude samaritana junto aos encarcerados do Ceará.

Aqui nossos companheiros vinham nos visitar mostrando toda sua preocupação, seu afeto e carinho para conosco.

Apesar de todos os choques, o carinho e o apoio que as pessoas me deram fez crescer o desejo de estar juntos na luta pela transformação da sociedade não somente formalmente, mas com plena emoção e afeto e fez com que voltasse, mas ainda teria que esperar. Saímos dessas terras sagradas do Nordeste em 1990 para voltar seis anos depois em 1996 com a intenção de permanecer mais tempo.

Em 1996 percebi que a paisagem tinha mudado. Os poucos grandes prédios que beiravam o litoral a leste tinham aumentado e novos prédios estavam em construção, dinâmica mantida até hoje. A oeste, área industrial em que as moradias dos operários rodeavam às fábricas, as ocupações de terra tinham-se intensificado, avançando até a foz do Rio Ceará e um projeto de truístificação da orla marítima do Governo do Estado do Ceará estava em planejamento.

Margeando a foz do Rio Ceará se estendendo ao longo da praia até uma duna urbanizada e confinada por uma avenida que liga o leste ao oeste se encontra a mais recente das ocupações da zona costeira oeste da cidade. Marcada pela degradação constante que avança, a área mantém ainda trechos de beleza natural como algumas praias, a foz do rio, o manguezal e o mais belo, por do sol da cidade. Uma colônia de pescadores, artesanais com suas belas jangadas lembrava e ainda lembra os velhos tempos em que *“o mar estava para peixes”*, as dunas eram altas e desocupadas e as praias não ressoavam de banhantes, a beira do mar se encontrava a 300m mar adentro, segundo depoimentos dos próprios pescadores e a ponte sobre o rio Ceará não existia ainda, as pessoas eram levadas para a outra margem do rio em balsas e barcas.

Foi justamente nesse ambiente que eu e meu companheiro, desta vez vindos para o Brasil para fazer uma experiência de estudo (mestrado) ligada à prática, ou seja, aprender a conviver em uma cultura diferente e refletí-la em um projeto de pesquisa, encontramos uma comunidade que nos acolheu de braços e coração abertos e na qual me insiro até hoje.

Naquele ano não chegamos mais a morar na casa construída em 1989 juntos ao companheiro da CUT na mesma área. A casa estava ocupada pela família dele que tinha crescido e contava agora além do casal com duas crianças e a sogra que cuidava delas enquanto os pais trabalhavam ou estudavam. A maioria de nossos amigos tinha constituído família que se tornou sua principal preocupação. Arranjar emprego, ter acesso à faculdade para garantir uma vida melhor aos filhos era prioridade. A luta se tornou mais institucionalizada menos convivida no sentido de todos partilharem o mesmo espaço e o

mesmo pão. Aquela atmosfera que tinha conhecido nas minhas primeiras viagens não existia mais. Era mais difícil se encontrar com os amigos de antes, ocupados com as múltiplas tarefas da sobrevivência, mas quando conseguíamos a alegria era a mesma, infelizmente devo dizer hoje, que de todos os amigos da época somente dois permanecem muito próximos, sempre dispostos a ajudar quando for preciso.

Por sugestão do citado Padre Manfredo nos inscrevemos como alunos especiais no curso de sociologia na UFC onde eu permaneci até descobrir o Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) que pelo seu conteúdo me atraiu mais do que a sociologia e que me parecia mais adequado à luta em que mais tarde me envolveria contra o despejo de moradores da Barra do Ceará e a destruição de seu ambiente.

No curso de sociologia encontramos uma velha amiga do meu então companheiro, uma irmã que ele conheceu em sua época na Jurema no Marechal Rondon e que junto às outras três irmãs com as quais convivia tinha se mudado recentemente para a Barra do Ceará. A par do nosso desejo de querer nos inserir em uma comunidade eclesial de base, ela nos convidou a participar do trabalho que sua equipe estava desenvolvendo com menores de rua no pólo de lazer da comunidade de Goiabeiras, onde meninos que moravam na favela em cima da duna lavavam os carros dos turistas locais que curtiam a praia e as barracas de praia.

Aceitamos com prazer e começamos a acompanhar o trabalho das irmãs. Sentávamos com os meninos conversávamos, levávamos brinquedos e jogos, permanecíamos a disposição deles perto de onde ganhavam o pão de cada dia para sustentar suas famílias e as irmãs interferiam quando mais uma vez os policiais da delegacia, que na época existia no pólo de lazer, espancavam menores. Foi nesse estar presente junto com as irmãs que começou minha relação com o lugar e seus moradores.

Alguns dos meninos eram matriculados na escolinha da dona Rosa, uma moradora que com recursos recebidos por um padre alemão mantinha o espaço. Aqui aconteciam regularmente reuniões com as irmãs e também pessoas da comunidade que mantinham outras atividades e foi em um desses encontros que fizemos amizade com um casal belga que nos ajudou a conseguir moradia e a ser acolhidos na Comunidade Eclesial de Base em que coordenavam vários projetos. Assim conhecemos a comunidade de São Pedro Goiabeiras que se insere em uma ocupação com o nome Goiabeiras situada no bairro Barra do Ceará margeado pela foz do rio Ceará à leste e a praia de Goiabeiras ao norte.

Fomos acolhidos calorosamente por todas as pessoas e convidados a participar de todas as atividades que estavam ocorrendo. Quando chegamos, a capela de São Pedro estava em plena construção em um trabalho de mutirão onde todos participavam. Para nós foi uma

grande oportunidade de podermos nos entrosar nesse novo mundo até então desconhecido. Através do trabalho, conversando, partilhando ceias a aproximação mútua foi facilitada e assim fomos aceitos, reconhecidos, acolhidos com o maior afeto e carinho e a partir daí começamos a participar de muitas atividades entre eles a organização da festa de São Pedro, a formação de um grupo de jovens, uma oficina de bijuteria para os menores que já tínhamos conhecido no pólo de lazer, a organização da semana da criança, os encontros do conselho da comunidade e da associação, a organização dos pescadores, a luta contra um projeto de turistificação da orla marítima do Governo do Estado, a preparação da liturgia, das assembleias da comunidade e assim por diante até sugerirmos e assumirmos próprios projetos como a construção de uma oficina de bicicletas e a oferta de cursos de capacitação em corte e costura, arranjos de flores e serigrafia, pintura em telhas e a educação de jovens e adultos pelo método de Paulo Freire, projetos em parte financiados com recursos de amigos e parentes solidários à nossas ações.

Quando a comunidade eclesial, que escolheu como seu padroeiro São Pedro, o santo dos pescadores, descobriu que não tinha um pescador que acompanhasse a festa de São Pedro, eu fui convidada a participar na busca deles. Dessa iniciativa nasceu uma relação entre a comunidade e a colônia de pescadores que desde então cada ano participa da festa de São Pedro promovendo uma procissão de jangadas que leva a figura do santo, que sai da igreja de São Pedro, para o mar e de volta. Por dez anos em seguida acompanhei os pescadores em seu dia a dia tendo a oportunidade de me aproximar um pouco desse mundo tão diferente e fascinante em que o homem ainda consegue se sentir parte da natureza, aproveitando também a chance de sair de jangada com eles e incluindo-os como sujeitos da minha pesquisa de Mestrado.

Preocupada com a extinção dessa categoria e com a degradação desse último pedaço de área costeira pelo Projeto Costa Oeste, projeto de turistificação da zona costeira oeste da cidade, que estava sendo implantado pelo Governo do Estado do Ceará, me lancei na luta contra a invasão do território, já iniciada há alguns anos pelo Movimento em Defesa da Vida dos Moradores de Goiabeiras e Adjacências (MDVGA), associação de moradores da comunidade São Pedro.

Luta que mais tarde se tornava tema da minha tese de mestrado e envolvia professores do curso de Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da UFC, que apoiaram e fortaleceram o Movimento em sua ação, contribuindo com pareceres técnicos que ajudaram o Ministério Público Federal à embargar a obra. Obra que pela pressão popular

passou para às mãos de uma nova gestão municipal dez anos depois (2006), na esperança de salvar o salvável, mas que infelizmente concluiu a obra de forma não menos degradadora.

Pelo contato com o MPF me entrosei no Direito Ambiental para entender melhor as ilegalidades e legalidades acerca do Meio Ambiente e decidi me especializar no curso de Direito Ambiental oferecido pela UECE em parceria com a Escola Superior do Ministério Público Estadual do Ceará (ESMP). Mas o direito não é tudo é preciso de educação ambiental e foi assim que me inscrevi no Curso de Educação da UFC na linha Movimentos Sociais no eixo Educação Ambiental querendo dar continuidade ao que já iniciei no Mestrado inicialmente querendo aprofundar mais o conhecimento acerca dos pescadores artesanais, mas como fui convidada a participar do Grupo de Mulheres que tinha se formado em 2004 optei por esse grupo como sujeito de pesquisa com o objetivo de estudá-lo e relacioná-lo à Educação Ambiental Dialógica de Figueiredo (2007) com a qual estava me familiarizando.

Naturalmente nem tudo foi tão harmonioso na comunidade<sup>16</sup> como pode aparecer. Houve conflitos por diferentes interesses e depois da saída definitiva do casal belga, que era a força motriz do trabalho coletivo e que partiu para outro lugar, o entusiasmo e a empolgação foi se esfriando e só uma minoria tentou carregar a barra, até que desses poucos alguns se desligaram da comunidade por motivos de emprego e permaneceu um pequeno grupo que nunca desistiu e que forma a associação da comunidade de São Pedro e o Grupo de Mulheres, pessoas que também são envolvidas nas pastorais (batismo, casamento, liturgia, catequese, crisma etc ) antigamente grupos abertos em que quem tinha gosto participava, hoje cada um com suas tarefas e participantes definidos cada liderado por representante nomeado que tem determinadas obrigações. Apesar disso a área pastoral que era um conjunto de seis capelas que abrange a área entre a Av. Senador Robert Kennedy, a beira do mar, a foz do rio Ceará e a rua 20 de Janeiro foi transformada em paróquia com uma capela matriz e um padre que voltou as costas à Teologia da Libertação e promove o Movimento Carismático.

Houve um tempo que me afastei um pouco da comunidade porque não me senti mais à vontade, mas mantinha o contato com minha melhor amiga Jeane e sua família e foi nesse período que ela me convidou para participar do Grupo de Mulheres das Goiabeiras (GMG) com o qual me envolvi participando, aprendendo e partilhando saberes, realizando atividades, querendo conhecer sua história e querendo contribuir nas atividades.

Resta a perguntar: Porque incluir trechos de minha vida que influenciam minha visão de Educação Ambiental na pesquisa? Para ter clareza que nunca chegamos a um lugar

---

<sup>16</sup> Quando falo em comunidade me refiro à Comunidade Eclesial de Base/Paróquia São Pedro. Quando falo dos moradores da comunidade de Goiabeiras me refiro à área ocupada e urbanizada.

totalmente objetivos e neutros, somos sujeitos que levam sua bagagem aonde vamos e essa bagagem guia nosso olhar, sentir, observar, interpretar, avaliar nossa relação conosco e com o que encontramos. Mesmo que citamos a fala de pessoas pesquisadas ou relatamos certas atitudes nossa interpretação sempre será influenciada pela nossa visão de mundo apesar da realidade sempre estar presente ao pesquisar e fazer com que métodos e metodologias emergem da convivência.

Reporto esses trechos para que o leitor entenda que cada momento da pesquisa é influenciado pelo contexto em que vivo, pela vida individual, coletiva e acadêmica, pelo meu estar no mundo e com o mundo que é específico, pela minha leitura de mundo, pelo meu ser assim.

### 3. VIVENDO A PESQUISA – PESQUISANDO A VIDA.

O título deste capítulo anuncia que a pesquisa foi se construindo ao pouco enquanto eu convivía com seu lugar. O que eu estava vivenciando gerou sentimentos, curiosidade e o desejo de querer saber mais e gradativamente a pesquisa se fez, inicialmente, no subconsciente, como participante do Grupo de Mulheres das Goiabeiras (GMG) e observadora sem intenção de pesquisar, mais tarde descobrindo elementos que eu relacionei como características de Educação Ambiental Dialógica (EAD). Com o intuito de verificar essa descoberta parti da pergunta “o que o GMG tem a ver com a EAD”? O método foi resultado do meu estar no e agir com o grupo e as técnicas de investigação empregadas se deram a partir da minha relação com o mesmo. Desse modo descrevo como construí o processo dessa pesquisa em diferentes momentos.

Não cheguei ao lugar da pesquisa com um método e técnicas de investigação de baixo do braço, foi na convivência que o lugar se fez pesquisa. O que trouxe foi minha bagagem contextual que carrego comigo. O que foi reportado no segundo capítulo não é toda a bagagem, mas trechos de minha vida que ajudam a entender certa postura relacionada ao ambiente, que entendo como um todo ecorelacionado. Com essa bagagem chego ao Brasil me envolvendo em uma Comunidade Eclesial de Base e com o Grupo de Mulheres das Goiabeiras. Sinto, ouço, enxergo, reflito, entendo, ajo, através do que está na minha bagagem, com isso quero dizer que a vida me levou a esta pesquisa como sendo uma convivência que me permitiu construir conhecimentos. Mas como a pesquisa tomou forma?

#### 3.1 Do engajamento ao método e do método ao engajamento

Os diferentes momentos de convívio com o GMG delinearam o percurso de uma pesquisa engajada (FIGUEIREDO, 2004) na qual me percebi: Participante, especialmente nas primeiras aproximações e identificação com o grupo; Participante-observante, desde quando os fatos, histórias e experiências do GMG me provocavam o sentido de conhecimento, sobretudo quando se aproximavam com elementos da Educação Ambiental Dialógica; e, intervindo no e com o Grupo, onde integrando os saberes e fazeres acumulados pelo e com o coletivo, busquei contribuir para o fortalecimento e a reinvenção do GMG.

Daí que como método de investigação, optei pela “pesquisa intervenção engajada (Pesquisa Participante, Pesquisa-Ação, Pesquisa – Intervenção Dialógica ou Eco-Relacional).

Esta última se propõe agregar as demais, destacando sua politicidade, eticidade, criticidade, sustentabilidade e parceria” (FIGUEIREDO, 2004. p.3). Nasce, pois, do engajamento dentro de uma relação de convivência com as participantes do Grupo de Mulheres a partir da reflexão dessas sobre o contexto sócioambiental em que estão inseridas, e se faz intervenção no objetivo de promover transformações concretas.

Figueiredo (2004, p.3) destaca conceituações de Haguette (1987) sobre a pesquisa participante (PP), lembrando que:

... se caracteriza por um contato prolongado no meio onde os informantes vivem, num envolvimento na vida das pessoas pesquisadas. Estabelecendo níveis de confiança mais profundos com o grupo de informantes, procura-se compreender o ponto de vista do outro, via empatia e distanciamento dialeticamente estabelecidos. PP é uma investigação voltada para as necessidades do pesquisador que tenta interagir com as necessidades de *grupos excluídos*, levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. Tenta incentivar a autoconfiança e a autonomia dessas populações através dos resultados da pesquisa. Alguns dos seus pressupostos incluem a realização concomitante da investigação e da ação, a participação conjunta de pesquisadores e pesquisados no ato da intervenção, a proposta político-pedagógica a favor dos *oprimidos* objetiva mudança ou transformação social. Destaca, no sentido epistemológico, a ausência de neutralidade no processo da pesquisa; a produção de conhecimento não é objetiva, mas dialética; o povo não é objeto de pesquisa, mas sujeitos do processo; a transformação social não é atributo de um agente externo.

Já a Pesquisa Ação (PA) é um tipo de investigação:

... com base empírica concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (MINAYO, 1996). Vida cotidiana, consciência possível, trabalhar a si mesmo, práxis da vida e práxis da pesquisa se mesclam, eis algumas das categorias privilegiadas por Barbier (1985) para a constituição dessa forma de investigação. Em suas palavras: “... a *pesquisa-ação* é uma atividade de compreensão e de explicação da práxis dos grupos sociais por eles mesmos (...). Trata-se de “desconstruir, através de um método analítico, a rede de significações” das quais o grupo sujeito é portador” (FIGUEIREDO, 2004, p.3).

Para Thiollent (1985, p. 16):

Em geral, a ideia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

Na Pesquisa Intervenção-Dialógica ou Eco-Relacional Figueiredo (2004, p.4) ressalta que sua tentativa de uma ruptura epistemológica avança com essas ideias que ele chama de “*propostas clássicas*” se justificando por integrar:

...respostas a esta grande crise civilizatória caracterizada por uma crise ecológica minimamente enfrentada; um poder manipulatório incrível (plástica, semiótica, etc.); um abismo em relação a ética; um sistema mundial que é de fato a globalização do capitalismo; um mercado que define a razão humana; a produção de 'não seres humanos', que se dá por meio da precarização da vida humana.

Figueiredo (2004, p.5) pleiteia pelo reconhecimento da “relevância das relações – diálogos significativos na produção de um saber parceiro”. Para ele a “dialógica estabelece pontes. Prioriza o ser de relação como substrato, o dito como ente vivo, repleto de significados compartilháveis. A ponte é construída com proposições estabelecidas em si e entre si com o tema e a vida vivida na compreensão mútua”. A Perspectiva Eco-Relacional de Figueiredo ressalta “a valorização do outro como legítimo outro que se humaniza nas relações afetivas (MATURANA, 1998); e que as esferas psíquica-sócio-política-ecológica-natural são parcelas da totalidade”.

O fundamento desta pesquisa foi, portanto, o engajamento, que tendo a convivência como base permitiu captar situações geradoras do pesquisar, especialmente nos momentos que surgiam questionamentos do grupo e o seu gostar de contar diferentes histórias. Foram momentos que conjugaram o ouvir das coisas próprias do grupo pesquisado, como também o meu perguntar legitimado sobre outras dimensões que permeavam as relações de vida das mulheres e que tinham a haver com a constituição e as transformações que o GMG passava, me possibilitando a compreensão da sua relação com a EAD.

Dessa maneira, a pesquisa como relação e a relação no pesquisar ora cambiava no sentido e desejo de estar e viver o grupo, ora demandava pela definição de métodos e técnicas de investigação. O que em determinado instante parecia confusão metodológica, instabilidade, incongruência ou impossibilidade, porque a pesquisadora precisaria separar o estar na realidade, constituiu uma flutuação que me permitiu estabelecer uma particular forma de se realizar pesquisa engajada. Não fora a pesquisa que chegara a uma comunidade, foi a realidade e esse engajamento que gestou a pesquisa, a partir de então não se deu uma captação da realidade, mas uma aproximação, pois, a meu ver, quando a realidade gera a pesquisa, a pesquisa tem a oportunidade de estar mais próxima da realidade.

A flutuação como resolução permitiu que realidade e pesquisa se abraçassem, resignificando o engajamento como método, sem subjugar-lo, nem desconsiderar o método durante o engajamento. Foi assim que emergiram técnicas de investigação que se manifestavam e estavam imbricadas nas relações do GMG.

### 3.2 O emergir das técnicas

Uma vez tomada a decisão de pesquisar o grupo, refleti sobre como apurar os dados para visibilizar o que eu relacionei à Educação Ambiental Dialógica. Devia ser de forma a não interromper a dinâmica do grupo. Os dados deveriam vir a mim naturalmente dentro do ser parte do grupo, sem que eu assumisse o papel de “espião” ou o grupo se tornasse mero informante formal para meu objetivo individual.

Confesso que, inicialmente, não fui atrás de literatura em busca de métodos e metodologias que pudesse aplicar à realidade. Em primeiro lugar queria conviver observar, participar, intervir, dialogar, sentir para que os depoimentos se aproximassem mais da realidade.

O que entendo por conviver? Não é acompanhar e observar por um determinado tempo, ou participar até certo prazo, é ser parte constituinte do grupo e ter uma história com o grupo. Na convivência eu estou no e com o grupo, observando os outros e me observando, ouvindo, valorizando o saber dos parceiros, participando, intervindo, me engajando, dialogando.

Enquanto à metodologia já sabia que não queria aplicar fichários ou fazer entrevistas estruturadas ou semi-estruturadas. A coleta de dados tinha que fluir através de conversas que as pessoas desenvolviam e que de vez em quando eu direcionava com certas perguntas acerca de temas específicos, como a história e trajetória do grupo, questões ambientais e educação e a relação afetiva que mantém.

Na maioria dos casos não precisei direcionar muito porque os temas já estão presentes no grupo, como por exemplo, a história e trajetória, os objetivos do grupo, seu futuro, sua relação com o meio ambiente, educação e a relação afetiva das pessoas, saúde e violência no bairro, preocupação com a vida dos moradores da área.

Nas conversas as pessoas se lembram de seu passado; da relação com o meio ambiente e o saber adquirido nessa relação, que é ligado à história de vida; da origem do grupo, sua trajetória; expressam como o grupo se entende, qual sua perspectiva, isso também é tema constante porque as integrantes do grupo gostam de se lembrar como tudo começou, tanto individualmente como coletivamente, promovendo de vez em quando encontros em que o grupo se reflete no ontem, no hoje e no amanhã. A afetividade se manifesta tanto na fala quanto na interrelação das pessoas.

No decorrer dessas formas de conviver/pesquisar, ia para os encontros pensando em coletar dados, mas não com o intuito de transformar o estar juntos em debates sobre a

pesquisa. Também não separei encontros do grupo e encontros específicos da pesquisa para evitar o risco das pessoas se sentirem obrigadas a responder qualquer coisa. Tentei ser pesquisadora como parte do sujeito pesquisado, observando, participando, dialogando, fazendo anotações e pedindo ao grupo para me auxiliar nas gravações filmadas e na fotodocumentação.

Como ninguém questionava ou pedia informações acerca do desenvolvimento da minha pesquisa, de vez em quando lembrava para o grupo que estava escrevendo este trabalho para a faculdade e que as anotações e gravações serviam para tanto. Em uma ocasião, levei uma cópia do que tinha escrito para que pelo menos conhecessem o título da Tese e perguntei o que podia significar para elas, tendo como resposta que ao não se fazer algo por e com amor, por exemplo, o trabalho - já que o grupo discursava naquele momento sobre o desemprego e o papel da educação - não haveria perspectiva, não teria sentido.

Aproveito o tema em discussão e relembro que estou fazendo um trabalho na faculdade sobre o grupo. Pela primeira vez mostro o que já apresentei na segunda qualificação e digo que o que está sendo falado nesse encontro é importante e vai entrar no trabalho. Peço Edna ler o título do trabalho "*Sem amor não há perspectiva: O grupo de Mulheres das Goiabeiras e a Educação Ambiental Dialógica*". Pergunto o que esse título pode significar para ela.

Edna: Eu digo assim, porque está falando aqui sem amor não há ... porque a gente tem que fazer o que a gente gosta, para mim eu acho assim. Eu tenho amor pelo que eu gosto então eu tenho que fazer o que eu gosto. O que é perspectiva?

Eu: É como dizer sem amor não tem jeito, não tem futuro.

Edna.: É isso mesmo é isso que eu estou dizendo, para a mãe. A mãe diz vai fazer faculdade, essas coisas. (...) A mãe fica dizendo assim: "*vai procurar uma faculdade*", pra que adianta? Têm muitos que tem faculdade é cursinho é não sei o que mais, depois fica trabalhando como zelador, como auxiliar de cozinha e ta satisfeita o que é que adianta? Já vi também pessoas que é analfabeta tem um emprego melhor e tem uma coisa maior do que quem é empresário, quem tem cursos, tem todas essas coisas. (...) Tendo o suficiente para você viver, tanto par você comer, tanto para você pagar suas coisinhas bem diretinho ta o suficiente. Pra que esse monte de dinheiro que você vai morrer e não vai levar nada mesmo. (...) Eu sabendo o suficiente que dá para arranjar meu trabalho e ganhar o meu dinheirinho certinho está bom de mais. Prefiro ser assim mesmo (vídeo-gravação 3.06.2014).

Foi nessa trajetória que registrei e transcrevi os momentos partilhados, de onde reporto que certas técnicas foram menos uma escolha do que um emergir a partir da convivência: observação participante; entrevistas abertas; o grupo como técnica; caderno de anotações; oficina; análise de documentos da associação; registro de fotografias e vídeos; e as atividades do GMG.

A observação participante no GMG me possibilitou olhar para as relações, práticas e gestos não ditos em entrevistas, como também foi a linha de costura da flutuação da minha condição como participante-pesquisadora.

[...] a observação participante é uma tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de modo que vivam e trabalhem dentro do sistema de referencia dos observados (BARROS, 2008).

Fez olhar amplamente o grupo para o acompanhar, me ajudou a estar junto, fortalecer o conviver, a convivência, como também a reconhecer os temas espontâneos das conversas. De modo que:

[...] supõe a interação pesquisador/pesquisado. As informações que obtém, as respostas que são dadas às suas indagações, dependerão, ao final das contas, do seu comportamento e das relações que desenvolve com o grupo estudado. (...) A observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como que perguntas fazer na hora certa (p. 303). As entrevistas formais são muitas vezes desnecessárias (p. 304), devendo a coleta de informações não se restringir a isso. Com o tempo os dados podem vir ao pesquisador sem que ele faça qualquer esforço para obtê-los (WHYTE in VALLADARES, 2007).

Com entrevistas abertas dei enfoque aos temas que, espontaneamente revelados pelo grupo, passaram a ser tratados de maneira mais pontual. Se deram em torno de grandes temas como “o grupo”, “o ambiente” e “a afetividade”, e ocorriam no interior das relações, durante os encontros do GMG, tomando café, nas reuniões, durante as atividades etc.

Na medida das minhas perguntas, que eram geradas sempre considerando minha participação no GMG, buscava destacar as dimensões positivas do próprio grupo, através da descoberta e valorização dos saberes que têm. Assim a entrevista aberta foi “o instrumento da análise da enunciação que se apóia na dinâmica da entrevista e nas figuras de retórica como a metáfora, o paradoxo facilitam a interpretação e a compreensão” (PAULILO in BARROS, 2008).

Incorporar as atividades do grupo como técnica desta pesquisa permitiu aglutinar opiniões, contradições, conflitos, concordâncias, etc, geradas no interior das relações e experiências, viabilizando o saber sobre o coletivo, como também possibilitou momentos de educação mútua, através da partilha de saberes.

Dessa maneira, as atividades desenvolvidas pelo GMG, envolviam e geraram tanto informações do grupo sobre si, como ajudaram a entender o seu potencial de agir e transformar sua realidade na sua dimensão coletiva. Foram ações desenvolvidas pelo grupo que aproveitei para colecionar dados, a saber: as reuniões semanais; as oficinas de artesanato;

o projeto ponto de leitura; as reuniões de memorização da história; e, a recuperação da horta comunitária.

Essas atividades desenvolvidas compõem a pesquisa engajada também, pois tanto foram ações do grupo, como ações que incentivei como pesquisadora. Por exemplo, o **Ponto de Leitura**, projeto cultural para promover uma pesquisa sobre a história da comunidade e que foi assumido por algumas mulheres do grupo, eu inclusive, surgiu enquanto eu já era pesquisadora.

A produção de um vídeo sobre a história da comunidade, que foi resultado desse projeto, foi uma ação construída pelo grupo, que em si não é uma técnica de pesquisa, ela é uma ação desenvolvida pelo GMG, mas acabou sendo uma técnica incorporada para a pesquisa, pois com esse material tracei a história da origem da comunidade de Goiabeiras e o seu contexto sócio-ambiental.

Os encontros que o grupo promoveu para memorizar a história e refletir sobre o presente e futuro do GMG foram atividades do grupo, que mesmo assim me serviu como coleta de dados, pois foi uma atividade em que eu participava e estava lá também como pesquisadora. Então, aquela atividade pode ter um sentido para além da pesquisa sobre as participantes, mas existe uma intencionalidade minha.

Foi incorporando na pesquisa o GMG, que se insere na Associação Movimento em Defesa da Vida dos Moradores de Goiabeiras e Adjacências (MDVGA), que tive acesso aos documentos institucionais da associação de moradores, que traziam ainda mais informações acerca do contexto ambiental do grupo, tais como registros históricos e depoimentos de moradores.

Também produzi fotografias que funcionaram como registro do grupo enfatizando os temas que emergiram ao longo da pesquisa e da vivência, e que são reveladoras dos momentos de solidariedade e afetos do grupo, servindo como acervo imagético das realizações do GMG.

Nesse processo, elaborei um caderno de anotações, o qual iniciei devido a falta de gravador, visando anotar o que o grupo fazia e as conversas que tinham nos encontros semanais. Sem me ater à minha reflexão sobre o acontecido e o dito, os registros resultantes serviram como parte do banco de dados da Tese.

Nesse conviver/pesquisar, promovi duas oficinas. Uma em que levei várias fotos apresentando a natureza na sua amplitude vegetal, animal, humana e paisagística, pedindo que escolhessem algumas e explicassem o porquê da escolha, buscando revelar os significados que o grupo projetava a partir das imagens na sua relação com a natureza.

A outra oficina foi direcionada para conhecer melhor e refletir sobre a história, memória e a trajetória do grupo, onde as pessoas podiam se expressar oralmente ou através de desenhos e escritas.

As duas oficinas que promovi ajudaram na produção de dados na medida em que focavam nas representações que as participantes apresentavam questões e dialogavam em torno dos sentimentos relacionados à natureza, à memória e ao futuro do grupo, projetados em desenhos, escritos e falas.

Diante do exposto, o emergir dessas técnicas resultaram da tentativa de profundo e verdadeiro diálogo com a realidade pesquisada, em uma relação mútua de produção de sentidos, de um lado a projeção de uma pesquisadora e seu lugar no grupo, e, não de outro, mas do mesmo lado, os desejos do grupo, que conjugados em diálogo, elaboraram tanto os elementos para esta Tese, quanto e mais importante o existir do grupo.

### **3.3 Do ser participante ao pesquisar participando – Os momentos da transformação**

Falei do emergir do método e das técnicas, agora quero falar dos momentos em que a participação guiada por certas experiências se transformou em pesquisa. Como já mencionado não entrei como pesquisadora para o grupo, nem o grupo me chamou para ser pesquisado. Em um primeiro momento eu era participante com o desejo de, como parte do grupo, contribuir nas discussões e nas atividades. Como participante conheci, me identifiquei e me integrei ao Grupo, e, mesmo que não pensasse como pesquisadora, certas expressões me chamavam atenção.

O meu primeiro olhar de não pesquisadora, ou seja, de participante sem intenção de pesquisar, captou características que no decorrer de minha formação no curso de Pós-Graduação em Educação Brasileira, no eixo de Educação Ambiental, relacionei à EAD de Figueiredo (2007) e que no subconsciente formaram a base que promoveram o sentimento de querer saber mais e mais tarde o desejo de produzir conhecimento.

Quando me juntei ao grupo, a primeira vez, o que eu vi? Tinha certo número de mulheres reunidas na cozinha do espaço comunitário “O Amanhecer”. Dessas pessoas conhecia somente a minha amiga de longa data Jeane, que me convidou para participar do grupo. Quando cheguei fui acolhida com carinho e afeto e logo me senti a vontade.

Explicaram-me que o grupo era composto por mulheres que usufruíam do atendimento individual psicológico - oferecido gratuitamente pelo Centro Socorro Abreu, uma ONG -, algumas que tinham recebido alta e mais outras que não eram pacientes.

Percebi que havia além das participantes do grupo em si, pessoas, até mesmo de bairros vizinhos, que procuravam somente o atendimento. Todavia, essas pessoas, enquanto aguardavam a sua chamada, eram convidadas a se juntar ao grupo para usufruir da partilha da merenda e das conversas, e também a participar dos encontros que o grupo realizava.

Vi que antes do atendimento do psicólogo, as mulheres reunidas costumavam ler textos ou assistir a um vídeo refletindo em seguida sobre um dado assunto. Nessa fase me inseri como participante, me identificando com o que eu interpretei como sendo objetivo do grupo: o estar presente para os outros e ajudar na promoção da autoestima para além do atendimento psicológico. De maneira que senti que o grupo era mais do que algo institucional/funcional, pois havia pessoas preocupadas com o bem estar mútuo, parecendo parte da terapia.

Nas conversas partilhadas, percebi que o grupo voltava sempre a sua origem, o que despertou minha curiosidade acerca de sua história, e pouco a pouco, perguntando e acompanhando os detalhes do grupo, que sempre foram revelados com prazer, me dei conta que essas relações mereciam ser melhor (re)conhecidas. Penso que foi o contar afetivo das mulheres sobre o grupo que me animou e marcou o processo dessa pesquisa.

Foi assim que do afeto passei a verificar as diferentes relações do grupo que iniciavam e aguçavam o meu olhar pesquisador: a construção da memória dos primeiros passos da composição do grupo, que gerava sentimentos de saudade e alegria, indicando que a sua origem tem significado específico, sendo marco importante na vida dessas mulheres e, por isso, merece ser memorizado e divulgado em várias ocasiões; o desejo de uma das integrantes que repetia que queria escrever um livro sobre o grupo; a produção de artesanato com material reciclável e a reflexão em torno de questões ambientais que identifiquei como certa noção de Educação Ambiental.

Então de participante me tornei participante observante foi assim que iniciei um caderno de anotações relatando conversas, depoimentos, atividades. Não que antes não estivesse observando, mas agora era direcionado para este trabalho. Ia para os encontros para participar como de costume, mas ao mesmo tempo para pesquisar.

Mais tarde houve um momento em que decidi intervir/contribuir no rumo do grupo. Foi em época de campanha eleitoral, no ano de 2010, quando a maioria das integrantes ligadas a um partido político, prestou serviços de baixa remuneração a fim de melhorar sua

renda familiar, alegando não ter mais tempo para continuar no grupo. Permaneceram somente duas mulheres e eu, e, como não queríamos desistir demos continuidade aos encontros convidando outras pessoas. Terminada a campanha eleitoral, as que tinham se afastado voltaram pouco a pouco. Com o fim de contribuir para a manutenção do grupo intervi, estimulando a produção de artesanatos diversos e ajudando na divulgação e comercialização dos produtos, favorecendo a geração de renda do grupo, direcionando parte para um caixa coletivo e outra parte para as mulheres artesãs.

Chegou então o tempo em que o grupo, através da minha amiga Jeane, nessa época, também integrante do Centro de Assessoria Popular Caldeirão, uma ONG externa à comunidade, foi contemplado pelo projeto Ponto de Leitura da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Fortaleza-CE (Secultfor), que financiou oficinas de leitura, produção de mamulengos<sup>17</sup>, fotografia e vídeo, com o objetivo de pesquisar e registrar, com a participação ativa do GMG, a história da comunidade de Goiabeiras, através da produção de um vídeo, intitulado “Relendo a sombra das Goiabeiras”.

Nesse processo, aceitei o convite de entrar como uma das coordenadoras para contribuir no desempenho do grupo, percebendo também a oportunidade de aproveitar o material coletado no meu projeto de pesquisa especificamente na parte em que apresento a história da comunidade. Nessa fase, como tinha conseguido uma máquina fotográfica com filmadora, iniciei a coleta de dados a partir de material fotográfico e gravações filmadas. Acompanhava o projeto “Relendo a sombra das Goiabeiras” como coordenadora, mas também como pesquisadora, batendo fotos do que acontecia e filmando.

Nos encontros semanais do grupo de mulheres, nas conversas costumeiras, iniciei a direcionar perguntas sobre a história do grupo, a vida das pessoas, seu conhecimento no campo, experiência com educação. Às vezes o grupo convocava reuniões aos sábados para que aquelas que trabalham pudessem participar. Nesses momentos o grupo voltava às suas origens, avaliava sua situação atual e refletia sobre o seu futuro, o que me transmitiu como o grupo se entende, quais seus sentimentos, quais suas ações, seus objetivos, os relacionamentos umas com as outras. Aproveitei também esses momentos para gravar e fazer perguntas.

Outro momento em que pude coletar dados foi quando o grupo mobilizou a reativação da horta comunitária. Nesse processo, um jovem da comunidade, interessado na questão ambiental, ouviu falar das mulheres e se inseriu no GMG, contribuindo com o

---

<sup>17</sup> Mamulengo é um tipo de [fantoche](#) típico do [nordeste brasileiro](#), especialmente no estado de [Pernambuco](#)<sup>1</sup>. A origem do nome é controversa, mas acredita-se que ela se originou de *mão molenga*<sup>2</sup> - mão mole, ideal para dar movimentos vivos ao fantoche. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mamulengo>, acessado em 25.06.2014).

desenvolvimento de algumas atividades, tais como a produção de pão caseiro, a produção de uma composteira caseira, para cultivar hortaliça em casa, e a apresentação de um vídeo sobre a produção industrial de alimentos, debatendo o sentido da recuperação da horta comunitária. Pela sua reflexão, ação e convivência registrada por vídeo e anotações, o grupo estava me fornecendo bastante material para a pesquisa.

Pensei ser interessante também promover momentos específicos em que o grupo manifestasse seus sentimentos e reflexões, utilizando técnicas como desenho, escrita, oralidade e realização de uma dinâmica. Foi assim que promovi as duas oficinas como atividade de produção de idéias em que foram trabalhados sentimentos acerca da natureza e a visão acerca do grupo no passado, no presente e futuramente.

Realizei a primeira oficina iniciando com uma dinâmica. Coloquei na parede cartazes em que coleí fotos de revistas de paisagens, plantas, animais e pessoas de várias culturas. Ao som de uma música íamos passeando pelas imagens, olhando para as fotos e escolhendo aquelas que mais nos atraíam para em seguida explicar o porquê da escolha. Na segunda oficina nos debruçamos sobre como o grupo se enxerga no ontem, no hoje e no amanhã aproveitando nosso saber desenhar, escrever e falar.

As oficinas foram filmadas e eu fiz questão de que quem quisesse, usasse a filmadora, no intuito de tirar a sensação das pessoas serem vigiadas, e me incluí também na pesquisa respondendo as perguntas. Apesar de agir como pesquisadora me incluí como pesquisada, mesmo abstraindo, não posso negar que sou parte do que estou pesquisando.

Foi assim que vivendo a pesquisa e pesquisando a vida na relação com os outros, em seu refletir e agir, os dados vieram a mim e me revelaram características do grupo que relacionei à Educação Ambiental Dialógica.

Por enquanto abri uma janela acerca do “segredo” do Grupo de Mulheres e sua relação com a EAD, mas antes de conhecermos as mulheres e seu grupo vamos visitar “amorada” das nossas “heroínas”, ou seja, seu contexto sócio-ambiental.

Permito-me apresentar, no capítulo que segue, além da história da origem da comunidade de Goiabeiras, que se deu a partir de uma ocupação de terra, também parte da história mais remota desse lugar, com o objetivo de que o grupo que permanecerá com uma cópia deste trabalho possa se descobrir parte de um processo maior que iniciou com a origem da cidade.

#### **4. AMORADA GOIABEIRAS: LEMBRANÇAS, SENTIMENTOS E AMORES – DESENHANDO O AMBIENTE**

Antes de conhecermos o Grupo de Mulheres vamos primeiro visitar o ambiente em que se insere. O grupo é específico não somente pela composição de suas integrantes – cada uma com seu contexto e experiências individuais, em parte flageladas pela seca em busca de um lugar na cidade que lhe propiciasse renda e um novo lar – mas também pelo ambiente específico em que se insere, realidade que desperta nelas certas reflexões sobre o contexto sócio-ambiental convivido e o desejo de transformação. Problemas sociais e ambientais, resultado de um processo histórico de longa data, são marco desse lugar. Trata-se da zona costeira oeste de Fortaleza, no caso do Grupo de Mulheres a Comunidade de Goiabeiras, uma das ocupações mais recentes dessa área.

Chega-se à comunidade de Goiabeiras vindo do Centro de Fortaleza pela Avenida Castelo Branco que margeia toda o litoral oeste da cidade. Bem no final da Avenida pouco antes de alcançar a ponte sobre o Rio Ceará que dá acesso ao município de Caucaia adentramos o bairro Barra do Ceará último dos três bairros que compõem o Grande Pirambú como é chamada a Zona costeira oeste de Fortaleza. A comunidade de Goiabeiras que hoje concentra cerca de 72.423 habitantes (censo 2010, IBGE) se situa entre a Avenida Radialista Lima Verde à oeste, a Rua do Poente à leste, a praia das Goiabeiras ao norte e a Avenida Castelo Branco ao sul. À margem do Rio Ceará se estende uma Área de Proteção Ambiental (APA) que é o manguezal do rio, aqui ergue-se também a última duna móvel da área e ao norte se estende uma vasta faixa de praia, lugar de lazer dos moradores da área e das comunidades adjacentes onde à tarde pode se assistir ao mais belo pôr do sol.

A área é de ocupação iniciada há mais de 20 anos atrás por pessoas vítimas de secas e enchentes, e conta hoje com avançado grau de degradação ambiental que se explica em parte pela má gestão das políticas públicas e em parte pela extensiva exploração do ambiente pelos moradores na tentativa de garantir sua sobrevivência.

A degradação ambiental se manifesta visivelmente pela ocupação da única duna ainda existente por uma favela que usa os espaços ainda livres como lixão; pela obstrução das encostas do rio e da praia por barracas de praia que ejetam seus dejetos diretamente no rio ou na areia; pela postura dos pescadores artesanais que mantém uma colônia neste lugar e usam meios impróprios para a pesca, como redes de malha fina para a pesca da lagosta e também pescam em época do defeso, além de sujar a praia com sobras do pescado ou da manutenção e

reforma de suas embarcações; pelas inúmeras fábricas de fundo de quintal que produzem vestimentas e jogam diariamente uma grande quantidade de sacos repletos de retalhos nas ruas, pelas pequenas oficinas de tipo variado que se espalham pelo bairro e se utilizam de materiais tóxicos para os seus fins. Para completar o quadro de destruição e “analfabetismo ambiental”<sup>18</sup>, há uma avenida paisagística acompanhada de calçadão, iniciada em 2001 pelo Governo do Estado contra a vontade de parte da população e concluída pela Prefeitura de Fortaleza, que causou a destruição do porto da colônia dos pescadores, de boa parte da praia e desmatou dezenas de coqueiros.

Essas e demais evidências que afetam diariamente a qualidade de vida dos moradores desta área, como a precariedade infraestrutural, o índice de desemprego e a falta de escolaridade e formação profissional – que explica também o grande número de pessoas, sobretudo jovens e adolescentes, que aderem à prostituição, ao tráfico de drogas, a formação de gangues – é resultado de um processo histórico remoto que dividiu a cidade em um lado nobre e outro pobre e que quero reportar aqui para que o grupo se entenda como parte de um processo histórico maior.

#### **4.1 Fortaleza antagonica – Viajando na história**

A zona costeira oeste de Fortaleza é um espaço modificado e transformado por relações antagonicas focadas em interesses econômicos. No século XIX a demanda externa pelo algodão produzido no Ceará foi o fator gerador de um surto de desenvolvimento no Estado que, a essa altura, já contava com uma população numerosa e se debatia com o problema das secas. O porto de Fortaleza exportava o produto para a Inglaterra, e daí em diante a cidade passou a exercer seu papel de capital e sede do poder. Essa condição se intensifica com a implantação das ferrovias, que estabeleceram o fluxo de escoamento da produção agrícola e pastoril do interior até o porto de escoamento na capital. Além disso, a centralização político-administrativa ocorrida principalmente entre 1840-1889 contribuiu para que Fortaleza assumisse uma posição de maior importância em relação ao interior cearense (Souza, 1978).

---

<sup>18</sup> Entendo por “analfabetismo ambiental” além da falta de conhecimento sobre os limites de recuperação e renovação dos recursos naturais, também uma postura que prioriza interesses de lucro pessoais em detrimento da relação homem – natureza dispensando último como base e fundamento da vida humana.

Tais fatores econômicos foram responsáveis pelo surgimento de uma elite formada notadamente por comerciantes, muitos deles atuando no ramo de importação e exportação, e por profissionais liberais vindos de outras regiões brasileiras e do exterior. Com sua formação de influência européia guiada por ideais de modernidade, esse contingente teve atuação decisiva no ordenamento urbano, construindo novos equipamentos e serviços.

A construção da estrada de ferro que interligava Fortaleza à Sobral (1882), Quixadá (1891), Iguatú (1910), Crateús (1912) e Crato (1926) e integrando assim a maior parte do sertão, e a exportação de matérias-primas foram fundamental para a ampliação da função comercial da capital (ibd.).

Segundo Souza (1978) pode-se explicar a expansão demográfica de Fortaleza a partir da construção de rodovias e da implantação das ferrovias. A implantação de uma rede de transporte facilitou os contatos entre as regiões e favoreceu, além da atividade comercial, também um intenso processo migratório para a capital. É esse processo migratório ligado a problemas econômicos no interior do Estado e em parte as secas, que promove o aumento da população em Fortaleza.

A ampliação do espaço urbano de Fortaleza foi muito acentuada a partir de 1940. O crescimento expandiu-se para oeste e para leste além da ferrovia, através de aglutinação cada vez maior dos espaços periféricos (Santos, 2000, p. 52).

Segundo Santos (2000) “a estrutura fundiária e as precárias condições de vida impulsionaram o sertanejo a se deslocar para a capital à procura de emprego na indústria emergente”. Sem qualificação para o trabalho e de baixa escolaridade ao chegar à cidade os migrantes se encontram sem emprego. Sem renda, o acesso ao solo urbano se torna impossível. A única possibilidade que lhe resta é se alojar em terrenos de baixo valor, ou seja, em áreas de maior concentração de indústrias, onde já se encontra a população de baixa renda, empregada nas fábricas, e alojada na proximidade das fábricas por duas razões: ter menos despesas com o transporte por morar perto do lugar de trabalho e gastar menos pela moradia por ser o solo urbano menos valorizado. Terrenos que fogem ao interesse da população mais abastecida, justamente por ser um espaço insalubre pela poluição provocada pela indústria.

De acordo com Souza (1978) pode-se observar que a maior concentração dos estabelecimentos industriais ocorreu no lado oeste da cidade “tomando-se como referência o centro da Cidade, ao longo do eixo viário da Av. Francisco Sá, começando no bairro Jacarecanga e se estendendo até a Barra do Ceará”.

A valorização e desvalorização do solo que segue a ideologia capitalista que transforma bens comuns (água, solo, energia etc.) em mercadoria, reservando o acesso só a quem tem poder aquisitivo, gera a segregação social forçando quem tem baixo poder aquisitivo a se instalar na periferia, onde o custo da terra é menor ou em terrenos públicos em área de risco inclusive o litoral.

Souza (1978) observa, que as maiores favelas se localizam na área litorânea respectivamente, o Pirambu e o Mucuripe-Varjota. Os abrigos são precariamente construídos com material improvisado e sem planejamento em terrenos da União<sup>19</sup> (ou terrenos de marinha), terrenos privados não aproveitados, terrenos abandonados e leitos de rua. A maioria dos aglomerados surgiu a partir de 1930 crescendo continuamente até hoje, como se pode verificar na zona costeira oeste.

As pessoas que chegam à capital em busca de uma sobrevivência melhor são na grande maioria emigrantes do interior de baixa qualificação e analfabetas, fatos que dificultam a integração dessa população à vida urbana, eles são marginalizados e deixados à mercê de mendicância, prostituição e delinquência, tendo em vista que a demanda de emprego supera de muito a oferta. Para sobreviver uma parte dos favelados se dedica à atividades artesanais tal como, bordado, renda, artefatos de palha e outros ou instalam um pequeno comércio na própria moradia, os assim chamados “botequins”. Em área como o Pirambu, Mucuripe, Meireles, favelas localizadas na orla marítima pode se encontrar os moradores ocupados em atividades pesqueiras.

A divisão da cidade se deu através da industrialização que separou a cidade em duas zonas diferenciadas. Segundo afirma Santos (2000, p.53) foi dividida em uma “zona leste polarizada pelo porto do Mucuripe, em torno do qual se estabeleceu a burguesia e um maior adensamento da infraestrutura e a zona oeste, ocupada pela população de baixa renda que se instalou na proximidade da indústria”. Nobre (2012) afirma que:

O grande fluxo de pobres na orla marítima, num espaço inicialmente ocupado por colônias de pescadores suscita a construção de uma grande favela. Nesse espaço de migração intensa, os retirantes acabaram deixando a condição de flagelados, passando a viver como favelados.

---

<sup>19</sup> Os terrenos da União são identificados a partir da média das marés altas do ano de 1831, tomando como referência o estado da costa brasileira naquele ano. Com base na média de marés altas e baixas foi traçada uma linha imaginária que corta a costa brasileira. A partir dessa linha, no sentido do litoral brasileiro, todo terreno que estiver a 33 metros da preamar média será considerado da União. Continente - Também são de domínio da União terrenos que se formaram a partir da linha de preamar do ano de 1831 em direção ao continente, assim como os aterros, denominados acrescidos de marinha.

Fonte: [http://www.terrenosedemarinha.com.br/o\\_que\\_sao\\_terrenos\\_de\\_marinha.aspx](http://www.terrenosedemarinha.com.br/o_que_sao_terrenos_de_marinha.aspx), acesso em 2014.

Porém, Silva (2003) aponta dois fatos significativos que já antes da chegada da indústria, dividiram a cidade em duas partes diferentes, e geraram uma imagem tão desagradável do lado oeste da cidade que até os dias de hoje podemos ter a impressão que existem duas cidades dentro da mesma, uma desejada e outra desprezível. Esses dois fatos se resumem na insalubridade da cidade e no litoral oeste como receptor dos seus dejetos. Baseada na análise de documentos históricos a autora tenta elucidar o fenômeno da construção da imagem negativa do “Grande Pirambu”<sup>20</sup> (costa oeste de Fortaleza).

Segundo a autora, no século XIX, a cidade limitava-se a oeste do rio Pajeú, sendo que a população se concentrava no centro da cidade, dando as costas para o mar. O solo era interessante enquanto produtor de renda, o litoral não entrava no imaginário mercantilista da época. A pesca é fonte de alimento para quem ocupa a zona costeira, anteriormente os indígenas, posteriormente às comunidades de pescadores que unem descendentes de índios e fugitivos da seca que procuram refugio no litoral para sobreviver. Principalmente no final do século XIX, com o início do êxodo rural, o litoral torna-se lugar de concentração de vítimas da seca, pessoas sem meios de sobrevivência, que ali residem na maior precariedade em construções de palha, taipa ou madeira.

Além de ser insignificante para a economia e lugar de refúgio da camada mais pobre da população, o litoral oeste de Fortaleza se tornou local de despejo dos dejetos da cidade que até meados do século XIX contava com um saneamento básico muito precário.

Havia apenas dois tipos de esgotamento sanitário toleráveis: cloacas fixas e as cloacas móveis. As cloacas fixas eram buracos nos quais se despejavam dejetos. Forma de esgotamento mais utilizada pela população de baixa renda. As cloacas móveis eram cumoas (barris) nos quais a população abastada depositava os dejetos que eram lançados ao mar (Silva, 2003, p.26).

Girão (1979) nos dá uma ideia como era a realidade a respeito dos dejetos da cidade:

Quanto ao esgotamento sanitário o processo era por demais grosseiro e inconveniente. A maioria das casas mantinha no quintal cloacas fixas, às vezes simples buracos abertos no chão, outros um barril ou um caixão enterrado, servindo de depósito às dejeções domésticos. Não havia WC. De tempos em tempos mudava se o lugar do depósito aterrando-se o anterior.

Noutras casas, as mais ricas, adotava-se cloacas móveis. Cubos de ferro ou barricas, com capacidade média de 50 quilos, eram conservados em locais discretos e neles, depositados os excrementos por três, cinco, até mais dias. Assim que repletos seriam levados e jogado ao mar o conteúdo.

---

<sup>20</sup> Nome pelo qual ficou conhecida a área, hoje chamada de costa oeste. Pirambu é um peixe que antigamente se pescava muito nessa região segundo depoimento de moradores do bairro.

Os condutores dos barris recrutados na ínfima classe dos jornaleiros eram chamados de carregadores de cartola ou camburões. Não raro por embriaguez ou pelo mau estado dos vasos, despejavam os excrementos nas ruas, nas quais permanecem por dias e dias, apenas cobertos por tênue camada de areia, sem que a autoridade sanitária mande proceder a desinfecção delas (GIRÃO, 1979, pgs. 227-228).

O lugar mais propício, pelo fato de se encontrar a sotavento o que garantia que o mau cheiro não podia atingir a cidade, foi justamente o lado oeste do litoral, onde hoje encontramos o Grande Pirambu. Além do despejo direto no mar, se praticava o despejo nos riachos Pajeú e Jacarecanga que deságuam na praia da Leste-Oeste (Avenida Castelo Branco) próximo ao Kartódromo, sem contar com a contaminação do mar nessa região através do lençol freático atingido pelas cloacas fixas usada pelos pobres, gerando doenças por mar e por terra. Outras medidas que promoveram a desvalorização da área e que ocorreram dentro de um programa de higienização, entre 1850 e 1860 foram a construção do cemitério e do Lazareto da Lagoa Funda e a construção de um abarracamento para alojar as vítimas das secas de 1877-1879, que chegavam a milhares todos os dias e que foi construído para evitar que as pessoas se abrigassem no centro, porque os cidadãos de Fortaleza tinham medo de contagiar doenças.

Das grandes secas que assolaram o Brasil, uma das mais graves e lembradas foi aquela que compreendeu os anos de 1877 à 1879, ficando conhecida como a grande seca do Nordeste. Foram quase três anos seguidos sem chuvas, com perda de plantações, mortes de rebanhos e miséria extrema. A situação foi tão desesperadora, que famílias inteiras se viram obrigadas a migrar para outros estados, promovendo uma onda de imigrações.

O cenário ficou cada vez mais caótico, principalmente quando os retirantes chegaram em outras cidades e estados. Devido à miséria extrema das pessoas que chegavam, os moradores locais temiam saques no comércio e armazéns. Além disso, as cidades para as quais as vítimas da seca se dirigiam começaram a ficar cada vez mais apinhadas de flagelados. Fortaleza, por exemplo, converteu-se na capital do desespero. De 21 mil habitantes pelo censo de 1872 passaram a ter 130 mil (<http://www.museuimagens.com.br/grande-seca-do-nordeste/>).

Conforme Silva (2003) na primeira década do século XX três fatores agravaram a separação do litoral oeste da cidade: (1) A construção do primeiro esgoto sanitário de Fortaleza implantado na praia Formosa (início do Grande Pirambu) em 1927, (2) a concentração de pessoas advindas do sertão vitimadas pela seca de 1932 e (3) a implantação de indústrias que promovem mais migração do campo para a cidade e a poluição na área de instalação a partir dos anos 30 do século XX.

Alguns anos depois da primeira grande seca no século XIX, em 1915 um novo episódio assolou o sertão nordestino. Mais uma vez, a nova seca fez com que diversos nordestinos migrassem para as grandes cidades, porém, ao contrário do primeiro episódio, o governo cearense resolveu se precaver de uma maneira

desumana. Desta feita, o governo criou os primeiros currais humanos, campos de concentração em regiões separadas por arames farpados e vigiadas 24 horas por dia por soldados para confinar as almas nordestinas retirantes castigadas pela seca.

A oeste da cidade de Fortaleza foi erguido, então, na região alagadiça da atual Otávio Bonfim, o primeiro campo de concentração brasileiro. Ali ficaram confinadas cerca de 8 mil pessoas com alimentação e água controladas e vigiadas pelos soldados do Exército. Naquele mesmo ano de 1915, após incentivos para que os retirantes migrassem para a Amazônia, o curral humano foi desativado. Calcula-se que 500 mil pessoas morreram por causa da seca, em que o Estado mais atingido foi Ceará. O imperador dom Pedro II foi ao Nordeste e prometeu vender “até a última joia da Coroa” para amenizar o sofrimento dos súditos da região. Não vendeu, porém enviou engenheiros para a construção de poços.

Alguns anos depois da primeira grande seca no século XIX, em 1915 um novo episódio assolou o sertão nordestino. Mais uma vez, a nova seca fez com que diversos nordestinos migrassem para as grandes cidades, porém, ao contrário do primeiro episódio, o governo cearense resolveu se precaver de uma maneira desumana. Desta feita, o governo criou os primeiros currais humanos, campos de concentração em regiões separadas por arames farpados e vigiadas 24 horas por dia por soldados para confinar as almas nordestinas retirantes castigadas pela seca.

Cerca de 17 anos mais tarde, em 1932, foi a vez de reabrir o campo de concentração de Otávio Bonfim e criar novos currais humanos. Naquele ano, outra grande seca castigou novamente o sertão nordestino, fazendo com que, mais uma vez, milhares migrassem para os grandes centros urbanos. Após dezessete anos, nem o governo federal, nem os governos estaduais haviam se precavido para diminuir os efeitos da seca e a solução, novamente desumana, passou a ser a criação e ampliação dos campos de concentração nordestinos. Pela segunda vez, foram erguidas regiões cercadas por arames farpados e vigiadas diariamente por soldados para confinar os nordestinos afetados pela seca. Corpos magros, de cabeças raspadas e numeradas se apinhavam aos montes dentro dos cercados de Senador Pompeu, Ipu, Quixeramobim, Cariús, Crato (ou Buriti, por onde passaram mais de 65 mil pessoas) e o já conhecido Otávio Bonfim, os maiores currais humanos instalados no Brasil para conter a massa castigada pela seca dos anos de 1915 e 1932. (<http://www.museudeimagens.com.br/grande-seca-do-nordeste/>).

O grande fluxo de migrantes que, chegando a cidade, se deparam com subemprego e desemprego, sem condições de morar na cidade, se abriga nos campos de concentração ou ocupa o litoral oeste área não valorizada pela elite e o poder público. Surge então a partir dessas ocupações permanentes o Grande Pirambu, que se desenvolve paralelo à cidade conseguindo através de lutas da população organizada em movimentos populares e com o apoio da Igreja católica e outras entidades, serviços básicos como saneamento e infraestrutura, com muita lentidão por parte dos órgãos públicos e ainda hoje de qualidade precária.

Por ser uma região desprivilegiada, (falta de infra-estrutura, escolas, hospitais e outros benefícios sociais) marcada pelo sofrimento e a exclusão social que une os “esfarrapados do mundo, os condenados da terra” para falar com Freire (1987, p.75), a zona costeira oeste também é um lugar de grandes lutas que reivindicam “terra, trabalho e pão” e

mais recente (1994-2006) denunciam a degradação ambiental e a remoção de moradores em prol da especulação imobiliária.

De acordo com documentos disponibilizados no Centro de Documentação do Pirambu (CPDOC), o bairro até o início da década de 1940 já abrigava um número significativo de operários que trabalhavam nas indústrias localizadas na Avenida Francisco Sá e no bairro de Jacarecanga. Nessa época era imensa a influência do Partido Comunista brasileiro (PCB) nos movimentos populares de Fortaleza. A experienci sindical dos trabalhadores que residiam no Pirambu e a ação do PCB na periferia da cidade, foram importantes para a organização da famosa Marcha de 1962, cuja reivindicação era Terra, Trabalho e Pão.

Além da atuação do PCB, o Pirambu também contou com forte influência da Igreja Católica, principalmente após a chegada do Padre Hélio Campo em 1958. O Padre teve papel importante na conscientização dos moradores na luta pela terra, pois através do Evangelho, passou a fazer uma análise da conjuntura sócio-político-econômica da área em que residiam muitas famílias esquecidas pelas autoridades (NOBRE, 2012).

Mesmo assim permanece o desinteresse em desenvolver grandes projetos sociais na área por parte do Estado e do Município que dependendo da respectiva gestão realizam projetos pontuais nos bairros em que faturam mais votos. O que mudou é o interesse pelo território, tão desprezado e isolado por séculos, a partir do momento em que o turismo é visto como atividade econômica rentável.

Fortaleza antigamente cidade voltada para o sertão, cujas praias se tornaram bolsões de pobreza periférica, marginalizadas e desprezíveis, motivo pelo qual a tentativa tímida de desenvolver um turismo de praia foi levada para as praias adjacentes à capital, re-emerge após o final dos anos 1980 como portal que acolhe e distribui turistas pelo litoral cearense com a forte intervenção do Governo do Estado que apresenta o turismo como “atividade econômica rentável, dado norteador das políticas públicas” (Dantas, 2002, p.84).

A experiência de turismo de praia vivida pelos veranistas no litoral cearense e o interesse do Governo do Estado em se inserir ao mercado de turismo internacional cuja demanda se intensifica, traz o turismo para a capital “abandonada”, porém ela leva consigo também as consequências desse empreendimento, os problemas de ordem sócioambiental – tais como a expulsão de moradores, os conflitos pelo uso da terra, o desmonte de dunas e a destruição de recursos naturais.

A partir de uma lógica de mercado onde tudo o que se torna mercadoria é desejável a despeito das consequências, o que era repugnante se torna objeto de desejo e de cobiça. Como vimos anteriormente a cidade, ao se desenvolver, gerou uma “cidade a parte” aquela da miséria, dos dejetos da marginalização, desprezível e repugnante que não merecia infra-estrutura de qualidade nem saneamento. Porém esse lugar marcado pelo abandono por

parte do poder público se encontra à margem do mar, motivo de cobiça do consumidor ansioso de enquadrá-lo “na janela de seu apartamento, efeito paisagístico-contemplativo” (Dantas, 2002, p.104).

A re-valorização dos espaços “abandonados” da capital atrai turistas e aumenta a demanda de espaço residencial, que abre caminho ao processo de verticalização da cidade. Se tratando de estreita faixa de terra, desperta o interesse particular dos empreendedores imobiliários em apropriar-se destes espaços, um “verdadeiro *filé mignon* do mercado imobiliário” na expressão de Dantas (ibid., p. 104).

Podemos verificar esse processo na transformação da Beira Mar no lado leste da cidade. O fato de a faixa de terra ser estreita e os preços dos terrenos se tornarem exorbitantes após de certo tempo, “força” os empreendedores a saírem em busca de novo espaço “virgem” encontrando-o em lugares mal abastecidos de infra-estrutura, aparentemente sem valor no mercado imobiliário, enquanto ocupado por pobres e população tradicional como os pescadores, justamente no lado oeste da cidade.

Enquanto lugar de interesse econômico voltado para a produção industrial secundária (castanha, têxteis, metalúrgica) – a partir de 1940 o lado oeste da cidade se torna pólo industrial – que propicia a poluição do ambiente, este espaço não se encaixa na lógica de empreendimentos turísticos, nem cai na mira da especulação imobiliária que quer vender “janelas para o mar” com qualidade ambiental. Mas o litoral é o destino preferido pela maioria dos turistas. Com a descoberta do turismo como atividade econômica por parte do Governo do Estado, de repente todo e qualquer lugar litorâneo se torna alvo de interesse do Executivo no Ceará.

Dentro desta lógica o lado oeste da cidade se torna alvo da “invasão” pelo turismo já iniciado em 1973 com a abertura da Avenida Castelo Branco (Leste-Oeste) e seguido pela construção da ponte sobre o rio Ceará em 1997 que faz a ligação direta do litoral da cidade com o litoral oeste do Estado. Por enquanto a implantação desses equipamentos deveriam servir para que os turistas alcançassem em menos tempo as praias do litoral oeste, mas seguindo a lógica do mercado imobiliário penso que já foram construídos na perspectiva de uma futura turistificação prevista para toda a orla marítima da capital.

“Terra livre”, enquanto pedaço de chão não urbanizado, a zona costeira oeste, ocupada por moradores tradicionais, que são os pescadores, vem-se transformando a partir de 1932 em solo urbano através de ocupações espontâneas. Em primeiro lugar, oferece aos desabrigados um espaço com o sentido de abrigo, lugar para morar (“habitar”) e no decorrer do tempo se torna local de novas relações sócioambientais e culturais. Solo com valor de uso,

novo território em relação à cidade de Fortaleza, que existe no “no lado de lá” (leste da cidade), do qual o “lado de cá” (oeste da cidade) permanece isolado, lugar de pessoas de baixa renda e marginalizadas. A precariedade da infraestrutura, marco de uma longa política do descuido comprova o isolamento social.

A ocupação da Costa Oeste se deu a partir da falta de um planejamento urbano e de uma política habitacional que integrasse os pobres, que expulsos de suas terras sem possibilidade de sobrevivência nos lugares de sua origem, vinham se aglomerando na capital a procura de uma vida mais digna.

Abandonados a si mesmos, sem acompanhamento por parte dos órgãos públicos e sem a menor chance de ver recursos públicos se transformando em infraestrutura, saneamento básico e urbanização adequada ao ambiente costeiro e seus moradores, o “Grande Pirambu” se tornou uma favela que ao longo dos anos a partir do esforço dos próprios moradores, de movimentos sociais e com o apoio da Igreja Católica se transformou em bairro popular exibindo certa qualidade de vida.

Sem poder aquisitivo para morar em bairros em melhores condições acesso ao mercado de trabalho, formação, educação e atendimento médico de qualidade, o lugar tem uma longa história de conflitos de terra onde, por fim, os moradores conseguiram se estabelecer.

Território socialmente excluído, mas de uma dinâmica muito forte de produção de espaço, boa parte de seus moradores consegue, no decorrer de 70 anos, através de lutas sociais, um tipo de urbanização não padronizada, mas dentro de um padrão de convivência solidária e além de toda a especulação de terra. O chão é para morar, trabalhar, viver. Ao povo interessa fazer da cidade o lugar de sua existência digna, não só de subsistência física. É nesse contexto que a comunidade de Goiabeiras se origina dentro desse processo histórico de rejeição e cobiça e de subcultura urbana.

#### **4.2 “As goiabeiras emendavam no mar” – Goiabeiras e sua memória**

Não podemos falar em Goiabeiras sem mencionar a história de sua origem. Antigos moradores se lembram do ambiente como um lugar onde nas palavras de dona Maria “realmente tinha muita goiabeira, tinha esse lado aqui em baixo perto dos barreiros, tinha muita goiaba”, o que segundo alguns moradores deu o nome ao lugar.

Quando dona Miriam chegou não existiam mais goiabeiras somente o nome, mas moradores que já moravam na Barra como o seu Zé lhe contavam que “tinha muita goiabeira, a mata que tinha por aqui era goiabeira, as goiabeiras emendavam no mar”. Seu João se lembra que “o primeiro morador que tinha ali era o Raimundo Barro” e que “lá em baixo era uma lagoa, tinha três pés de coqueiro, meu pai, nós botava o gado para comer lá”.

Dona Maria Silva que saiu em busca de um terreno para não pagar mais aluguel “porque quem paga aluguel de casa não tem canto certo”, lembra:

Quando eu cheguei aqui tinha terrenos ociosos, daqui da rua Saudaria até na praia, não tinha nada, não tinha nem uma casa, nem um barraco, era limpo só mata e morro e nós sabemos que a terra ficou pra nós morar e sobreviver nela, mas infelizmente os gananciosos, tomam de conta e uns tem demais e outros não tem nada. A água para beber nós começamos a tirar dessa bodega aí, essa bodega já tinha, da dona Adelaide, quando chegemos aqui já tinha umas casinhas aí, não era assim bonitinha, mas tinha moradia aí. (do vídeo “*Relendo às sobras das Goiabeiras*”, 2013)

Com saudade na voz e como se olhasse para o passado, dona Raimunda desenha uma paisagem:

A gente via a praia de ponta à ponta, a gente via quando os barcos saíam e quando os barcos chegava. Hoje nós não vê mais, não vê mais nada aqui, porque tem muita casa e a gente não vê mais o paraíso do mar, era muito bonito e hoje nós estamos aqui contando a história das Goiabeiras, porque as Goiabeiras aqui é um lugar muito bom da gente morar.

Seu Albertus um entre os mais antigos moradores da Barra, que mantém um restaurante em terceira geração à beira do Rio Ceará, onde às águas fluviais beijam o mar e onde pode se assistir ao mais pelo por do sol da cidade reporta lembranças da infância:

“Desde 64 nós estamos aqui na Barra do Ceará, não tinha ocupações, tinha uma pequena ocupaçõzinha aqui de pescadores, essa ocupação aí ela vem de 70, 78 depois da construção da avenida (Lima Verde) aí deu essa ocupação. Na época até 70 esse morro era coisa mais linda do mundo. Quando chegamos aqui era só morro, aqui mesmo nessa área era morro e tinha uma comunidade aqui de pescadores que morava aqui na faixa de umas 20 famílias na década de 60 que morava aqui nesta área.”

Os pescadores são o marco vivo daqueles tempos que o vento levou. Não há quem não os conheça. Seu João traz na memória até seus nomes, perguntado se tinha pescadores na área ele responde:

“E muito. É onde tinha pescador mesmo Zé Mulata, o Maçal, era o Alexandre, era o Ferreira, era o Nivaldo, Zé de Lima, Charuteiro tudo era pescador de bote. Morava aí perto onde era o Regatas (atual Cuca da Barra), era tudo casa de palha, moravam tudo aí.”

Maria Alice marisqueira de Iparana (município de Caucaia) filha de pescador que se mudou para a Barra há uns 30 anos atrás confirma:

“Essa área aí da praia que foi tirado muita gente aí da praia, que passou o calçadão que está subindo, aí naquela área tudo era pescador, aliás na praia aí mora ainda muito pescador, do Araújo (restaurante na praia) naquela área aí mora ainda muito pescador, pescador de lagosta, pescador de peixinhos, do alto mar.”<sup>21</sup>

Como área litorânea a Barra do Ceará não deixa de ser área de pescadores artesanais, que antes das grandes ocupações ocorridas a partir de 1980, levavam as suas vidas tranquilas de pescadores entre dunas e coqueiros, tirando o seu sustento de um mar farto em recursos marinhos.

O pescador “Mundim”, nativo de Iparana que como criança se mudou para a Barra do Ceará junto à família, conta que na época só tinha três casas de veraneio, um aterro sanitário onde hoje se encontra um dos conjuntos habitacionais do Planalto das Goiabeiras (comunidade vizinha) e as casas dos pescadores, “o resto era só duna e praia e coqueiros, tinha muitos coqueiros na área”.

Ele lembra que tinha uma variedade de peixes entre elas algumas espécies hoje já em extinção, como por exemplo, o tubarão martelo que segundo ele chegava a três metros de comprimento.

Aqui tinha tudo até tubarão, os vários tipos a gente pescava, que dava 30 a 40 quilo cada. A pesca era bem pertinho, não precisava nem sair de barco. Tinha pesca de arrasto na praia, onde as redes ficavam cheias de peixe. Tinha até uma turma de vigilância que não deixava ninguém se aproximar da rede, porque se você tirava um peixe da rede estragava a rede toda. A gente entrava na água e tinha que ter cuidado de não pisar em cima de peixes. (depoimento anotado pela autora durante uma conversa, 2004)

Mas o lugar “bonito de se morar” tem lá suas sombras para antigos e novos moradores ontem como hoje. A área atualmente conta com avançado grau de degradação ambiental que se explica em parte pela má gestão das políticas públicas e em parte pela extensiva exploração do ambiente pelos moradores na tentativa de garantir sua sobrevivência.

Além das imensas dunas e dos inúmeros pés de goiabas Maria Alice nos conta:

Morava aqui nós, a sorte, Deus e a malandragem aí. Mas ainda estamos por aqui, agora faz tempo, mais uns 30 anos e aqui ao lado dessas casas aqui era o morro, um morro grande, uma duna, nós sofremos muito aqui. A gente tinha uma casinha aí eu

---

<sup>21</sup> Todas essas citações são entrevistas transcritas do vídeo “Relendo à sombra das Goiabeiras” produzido por crianças e adultos como resultado de um projeto de cultura realizado pelo MDVGA em parceria com a Prefeitura de Fortaleza e a ONG Centro de Assessoria Popular Caldeirão, 2013.

deixava com um rapaz que ficava aqui, eu trabalhava na praia tinha uma barraca na praia e quando eu chegava eu dividia meu dinheiro com a pessoa que estava olhando porque tinha que dar, disse o nome era “pedagem” e eu pagava “pedagem”, ainda fui roubada um dia por eles.

Dona Miriam conseguiu um terreno, mas foi morar em outro lugar porque:

Aqui quando nós chegamos, não tinha nada, não tinha energia, não tinha casas, só tinha aquelas barraquinhas de lona e muita coisa errada e aí a gente ficou por aqui, passei fui morar na Radialista Lima Verde, comprei esse aqui e fui morar na José Lima Verde, porque não queria trazer os filhos pra cá porque tinha muita droga, muita coisa errada, aí a gente morou cinco anos lá em baixo enquanto aqui o cidadão foi chegando, até aquele povo mais errado que se achava excluído no meio saiu, aí a gente foi fazendo casas e mais casas e hoje estamos aqui tudo mudado, à vista do que era, hoje é um paraíso. Eu vim lá do Jardim Iracema, eu morava em uma casa alugada, vivia pedindo a Deus para me dar um cantinho que fosse meu aí comprei esse daqui paguei foi 1.000,- cruzeiros, aí cheguei construí, os ladrões vieram roubaram as telhas todinho de cima e eu estava morando lá na barraca na Zé Lima Verde, mas construindo aqui e os ladrões levaram as telhas. Eu fui comprei fiado e fiquei lutando, lutando, lutando aí foi chegando mais gente, foi chegando o Seu Expedito, a dona Raimunda foi chegando um bocado de gente e hoje estamos aqui, graças a Deus. Daqui até a praia era só uma veredinha por de baixo das plantas, daqui até à praia cheio de buracos ao lado, olhos de água.

De um lado o paraíso é a praia que podia se ver de ponta a ponta, com o movimento do mar e das jangadas. Por outro lado o paraíso é construir casas e mais casas, ter energia, esgoto e ruas e segurança. Quando a necessidade é ter onde morar, a natureza pode se tornar um sofrimento se escutamos o relato de dona Raimunda:

Eu morava no Jardim Iracema aí vieram fazer as casas aqui, aí falaram para meu marido para ele vir para cá também porque aqui era muito bom e de lá pra cá a gente sofreu porque não tinha energia, não tinha água encanada, não tinha estrada para a gente caminhar, não tinha bodega para a gente comprar nada e então nós passamos uma dificuldade muito grande e aí tinha poucas casas também, tinha mais ou menos umas nem cinco à seis casas uma distante da outra aí foi indo, foi indo até o pessoal chegando gente, chegando gente aí foram abrindo as estradas, as ruas era só aquele barro que a gente pisava o pé ficava atolado e com o tempo a gente conseguiu a COELCE<sup>22</sup>, a COELCE não só um fiozinho de lá pra cá, antigamente era tudo escuro e a água também não tinha, aí chegou uma mulher de uma associação, aí combinou com nós pra nós pagar uma taxa pra nós botar a água aqui então nós nos cadastramos na associação dela e todo mundo trabalhemos juntos, cavamos as valas para a água e a COELCE com pouco tempo depois também chegou.

Daí natureza não combina com certa visão de bem viver. Nesse contexto o trato com a natureza deixa a desejar porque a pessoa precisa do espaço para morar e a natureza somente “atrapalha” podendo se tornar até um risco de vida, nas palavras de dona Miriam:

---

<sup>22</sup> A Companhia Energética do Ceará (COELCE) é uma empresa de distribuição e geração de energia elétrica com atuação em todo o estado do [Ceará](#) com sede em [Fortaleza](#).  
Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia\\_Energ%C3%A9tica\\_do\\_Cear%C3%A1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_Energ%C3%A9tica_do_Cear%C3%A1), acesso em 2014.

“Pra entrar pra cá de noite, Ave Maria só tinha um bequinho e o perigo de matar a qualquer hora e morrer, a gente tinha que entregar a Deus, entregava a alma e a coragem e entrava.”<sup>23</sup>

Em 1995 a comunidade São Pedro através de sua associação o Movimento em Defesa da Vida dos Moradores de Goiabeiras e Adjacências (MDVGA) solicitou recursos tendo por fim a realização de um projeto de pesquisa “objetivando descobrir e transformar em dados científicos a verdadeira realidade dos meninos e meninas que trabalham na nossa área lavando carros e vendendo amendoim, castanhas, bronzeador para a pele etc.” e que também deveria servir “de ferramenta para enfrentarmos os projetos do governo que não levam em conta o ser humano e seus anseios” Nesse projeto a Barra do Ceará é descrita como uma das regiões de favelas mais conflitantes da grande Fortaleza:

Elas [as favelas] surgiram de várias ocupações de terra, que ocorreram nos anos passados. Essa região é constituída de comunidades que por sua vez tem próprio nome, própria história e uma própria estrutura social. Entre outras é formada pelas comunidades de Quatro varas, da Cimpelco e das Goiabeiras.

Na maioria dessas favelas normalmente nem tem energia nem água. Faltam ruas, calçadas e iluminação pública. No tempo de chuva nessas ruas não dá para passar. Provavelmente, o nome “Barra” foi dado porque aí, onde o rio Ceará entra no mar formou-se um pequeno porto de pescadores. Entretanto, na linguagem do povo “estar com uma barra pesada” significa ter um problema ou destino muito grave – uma expressão bem significativa para descrever a situação diária dos favelados e, sobretudo das crianças.

A Barra do Ceará é uma parte da praia, donde alguns pescadores ainda levam as suas jangadas ao mar para a pesca. Há muitos anos, alguns ricos de Fortaleza construíram casarões diretamente na praia para passar os fins de semana aí. No decorrer dos anos, as terras livres tanto como os morros de areia foram ocupados pelas famílias que acabavam de chegar do interior procurando um pedaço de terra para ficar. Hoje em dia, os moradores das favelas perto da praia praticamente vivem do “turismo” cearense. Nos dias de muito sol, sobretudo nos finais de semana, muitos fortalezenses vem para cá, para tomar um banho de sol, tomar cerveja ou caipirinha, ou para visitar os motéis (que se concentram nessa área da cidade) ou ainda para assistir às serestas nos bares ao lado da avenida [Avenida Radialista Lima Verde]. Também por causa disso a Prefeitura resolveu, alguns anos atrás, criar um “pólo de lazer” com uns galpões de cimento, uma rua asfaltada com praça de estacionamento e retorno para carros, um pequeno parque para as crianças e uma delegacia de polícia. Há alguns anos já que a Prefeitura vem planejando um calçadão que faça a ligação entre as praias no leste (Beira Mar e praia de Iracema onde se encontra o turismo internacional) e a Barra do Ceará. Teme-se agora que vão “arrumar” algumas favelas que ficam no meio (Projeto de Pesquisa “Meninos da Barra”, MDVGA, 1995).

---

<sup>23</sup> Todas as últimas citações são tiradas do vídeo “Relendo à sombra das Goiabeiras”, 2013.

### 4.3 Terra prometida – A origem da ocupação

Goiabeiras corresponde à fase mais recente de expansão populacional da orla marítima oeste. A partir da organização da população que em ações espontâneas ocupou a área por necessidade de moradia surgiram aos poucos e com a ajuda de órgãos não governamentais e governamentais conjuntos populacionais, uma tímida tentativa de planejamento urbano, que deu ao bairro ao longo dos anos um perfil mais ou menos ordenado.

Pode se ter uma ideia de como ocorreu a ocupação nessa área e como foi organizada através de uma pesquisa promovida em 1994 pela ONG CEARAH PERIFERIA<sup>24</sup> que na época atuava em Fortaleza em parceria com duas ONGs estrangeiras da França e da Alemanha e de documentos do arquivo do MDVGA a associação da comunidade de Goiabeiras o Movimento em Defesa da Vida dos Moradores de Goiabeiras e Adjacências (MDVGA).

A ocupação dos terrenos que hoje formam a comunidade de Goiabeiras remonta ao ano 1986 e é consequência do excesso de chuvas ocorrido no final de 1985 e da seca em 1986 que fez “milhares de famílias abandonarem suas terras e fugir para Fortaleza” (arquivo MDVGA, 1995) e que deixou outras já residentes na cidade desabrigadas, pessoas provindas dos arredores que vivem em situação precária e desumana por causa das enchentes e se organizam em busca de uma solução. Uma congregação de irmãs que atua na área (Filhas de São Vicente de Paula) incentiva e apóia as famílias na sua organização, a Defesa Civil ajuda com alimentos. Junto às pessoas iniciam a luta pela terra e saem em busca de um terreno adequado para abrigar-se, encontrando-o quase no final da Leste-Oeste. A data dois de janeiro de 1986 marca o dia da ocupação do território pelos desabrigados, retirantes da seca e vítimas das enchentes, que logo erguem barracas de lona para assegurar a posse dos terrenos.

Sem alternativa de moradia, o objetivo principal das pessoas é conseguir a desapropriação do terreno ocupado. Vários órgãos governamentais são contatados pelas

---

<sup>24</sup> O Centro de Estudos, Articulação e Referência sobre Assentamentos Humanos – CEARAH Periferia – é uma organização não governamental sem fins lucrativos, criada em 1991, que atua principalmente em Fortaleza e Região Metropolitana (CE-Brasil). Filiado à Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (Abong) e membro do Conselho Nacional das Cidades. Seu principal objetivo é o apoio ao Movimento Popular Urbano em suas lutas, visando a melhoria das condições de vida nos assentamentos humanos por meio do desenvolvimento e fortalecimento de ações coletivas no âmbito da habitação, geração de renda e capacitação de lideranças comunitárias. Considera como temas orientadores de sua ação o meio ambiente, as relações de gênero e raça e a economia popular. Para a realização de seus projetos, o CEARAH Periferia conta com uma equipe multidisciplinar formada por sociólogos, assistentes sociais, pedagogos, arquitetos e pesquisadores populares. <http://www.cearahperiferia.org.br/pagina-exemplo/>, acessado em 2014.

famílias em busca de respostas. Manifestações e caminhadas são promovidas e as pessoas passam dias inteiros aguardando serem atendidos passando fome e todo tipo de privações.

Encontros são promovidos pela Arquidiocese de Fortaleza juntando órgãos governamentais e não governamentais, Igreja católica, bancos e desabrigados em busca de uma solução. A então prefeita de Fortaleza, Maria Luiza (PT), visita a área e logo depois promove a desapropriação da área. A Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza assume o pagamento da desapropriação realizada, porque a Prefeitura está passando por dificuldades financeiras. Através de uma campanha no exterior o então bispo de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider, junto à Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza e a Cáritas suíça, consegue recursos para a construção de 198 casas a serem construídas no terreno já ocupado na praia das Goiabeiras.

Parte da praia de Goiabeiras foi então ocupada por uma duzentas famílias que montaram ali suas barracas de lona e papelão. Em 1987 a Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza iniciou um processo de conscientização e organização dessas famílias. Um ano depois foi celebrada uma primeira vitória: a construção de um conjunto habitacional de 198 casas de alvenaria. As famílias beneficiadas construíram suas próprias casas com a ajuda das Cáritas européias, a Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza adquiriu o material de construção e a Prefeitura Municipal de Fortaleza assumiu o acompanhamento técnico e jurídico. Durante e depois do mutirão, porém, surgiram mais centenas de casebres de plástico, taipa ou papelão para abrigar famílias sem teto. Por isso sobrou quase nada da praia de Goiabeiras. Hoje a área de Goiabeiras prece uma grande favela (Projeto solicitando recursos para a construção de uma capela na comunidade de Goiabeiras, arquivo MDVGA1995).

Em uma pesquisa realizada em 1995 o MDVGA, que recolhe dados sobre a história da ocupação através de depoimentos dos moradores da área, lembra o sofrimento vivido pelos ocupantes do acampamento da futura comunidade de Goiabeiras.

A vida nas barracas de lona é lembrada como um período de muito sofrimento. Maria Silva conta que as famílias passavam, praticamente, o dia todo do lado de fora das barracas devido ser quente e abafado e que só entravam nas barracas o tempo necessário para organizar uma refeição. Além do calor, enfrentam o problema da falta de segurança e o sofrimento das crianças como fome, doenças, maus tratos etc. (Diário de campo MDVGA, 1995)

Dona Adelaide, moradora da Barra do Ceará que reside no local desde 1975, anterior às ocupações ocorridas, lembra do tempo em que os ocupantes puderam deixar as tendas e se tornaram donos de casas:

Estes ocupantes sofreram bastante debaixo de barracas de lona, fome e bicho de pé, até que chegasse um filho de Deus que comprasse o terreno. Ai chegou a época da Prefeita Maria Luiza que desapropriou as terras, mas não pagou. Então foi assinado novo contrato e a Cáritas da Suíça pagou. A população começou a construir casas

em mutirão e em 1987, eles ocuparam as casas. Até hoje eles ainda sofrem com a falta de água, calçamento, esgoto e emprego. (Entrevista MDVGA, 1995)

No início de 1987 após tanta luta é iniciada a construção das casas em mutirão. São construídas 186 casas que se tornam o conjunto “Vila Nova” que mais tarde levará o nome de comunidade das Goiabeiras<sup>25</sup>. Em 1988 o conjunto conta com uma creche comunitária e duas associações em conflito entre si.

Quatro anos após a ocupação os moradores reclamam a falta de segurança e o aumento da violência. Chegam alguns postes de iluminação pública, mas continua faltando energia em muitas ruas. A COELCE corta muitas ligações clandestinas. O acesso à água de poço se torna fácil. Surge uma escolinha comunitária não registrada. O primeiro salão comunitário é construído pela Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza.

Em 1991 os moradores ainda reclamam de falta de saneamento básico, de coleta de lixo, de água tratada, de pavimentação, das enchentes e do acúmulo de doenças provocado por essa precariedade. Nesse ano também é construído o primeiro chafariz na Rua da Alegria.

Em 1992 chegam os primeiros telefones comunitários e a coleta de lixo organizada. Os correios aceitam oficialmente os nomes das ruas. A Comunidade Eclesial de Base (CEB) São Pedro de Goiabeiras, constrói a casa de encontro, o “Amanhecer”, lugar que serve para as atividades e reuniões da comunidade e para a celebração de missas que antes aconteciam na rua. É criada a “Área Pastoral da Barra do Ceará”<sup>26</sup>, pela Igreja católica com o padre morando na comunidade, um conjunto de seis capelas que existem em comunidades adjacentes entre elas Goiabeiras.

O ano de 1993 é marcado por uma grande seca e lembrado como o ano no qual muitos poços secaram, a Prefeitura mandava carros de pipa e o estado distribuía feijão. No dia sete de setembro a Área Pastoral da Barra do Ceará organiza a “Caminhada da Panela Vazia”, onde uma multidão de pessoas saiu manifestando contra a fome e o desemprego, levando panelas vazias e batendo nelas com colheres. Nessa época ainda existem muitas moradias precárias, sem água, sem energia e ruas sem drenagem e pavimentação como na duna que abriga até os dias de hoje uma favela.

---

<sup>25</sup> Nome dado ao lugar pelo fato de antigamente essa árvore ocupar grande parte da área, segundo depoimentos de moradores da área.

<sup>26</sup> Uma Área Pastoral é uma organização funcional e pastoral de algumas comunidades eclesiais de base numa determinada área que supera o centralismo da estrutura paroquial tradicional e que respeita e fortalece a especificidade e a autonomia de cada comunidade membro. A Área Pastoral da Barra do Ceará era composta por seis comunidades que a partir de 2011 se tornaram uma paróquia com estrutura centralista tradicional.



Figura 01: A marcha pela panela vazia encontra ouvido na mídia.  
 Fonte: Arquivo MDVGA, 1993.

Em 1994 surge o Movimento em Defesa da Vida de Goiabeiras e Adjacências, associação de moradores da comunidade de São Pedro-Goiabeiras<sup>27</sup>, que traz o treinamento de agentes de educação para futuros projetos de alfabetização de adultos financiados pela Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza. Ocorre a primeira vacinação na casa de encontros, consegue-se cursos profissionalizantes pelo PROGER, é elaborado um projeto de Farmácia Viva financiado pela Cáritas Regional. No dia sete de setembro a Área Pastoral organiza mais uma caminhada desta vez o tema é "Contra a impunidade em defesa da vida". Nos dias 21 – 24 de setembro acontece o "Seminário Ambiental da Barra do Ceará" promovido por multiplicadores dos cursos de Entidades Comunitárias da área, capacitados dentro do programa SANEAR – Componente da Educação Ambiental, com a finalidade de estudar e aprofundar as questões ambientais da Barra e principalmente dos projetos do Governo para a

<sup>27</sup> Uma das seis Comunidade Eclesial de Base que junto à outras cinco capelas formavam até pouco tempo a "Área Pastoral da Barra do Ceará" recentemente transformada em paróquia.

área. O MDVGA, entre outras organizações, se destaca pela sua presença permanente nas sessões do evento, assim como nos debates.

Através do MDVGA que assume o papel de elo entre a comunidade órgãos governamentais e não governamentais a comunidade consegue direitos básicos como rede de água e esgoto, projetos de educação e capacitação e cursos profissionalizantes. O MDVGA já representou a comunidade em inúmeros encontros e debates sobre o planejamento urbano e decisões políticas voltadas para a política habitacional e ambiental.

#### **4.4 Movimentar é preciso – O Movimento em Defesa da Vida**

O Movimento em Defesa da Vida dos Moradores de Goiabeiras e Adjacências - MDVGA é fundado em 1994 face às grandes necessidades dos moradores da área por um apoio institucional, especialmente jurídico na luta pelas condições básicas de vida, tais como emprego, moradia, saúde, educação e lazer. Desde então, o MDVGA tenta sensibilizar os moradores em relação à problemas locais e intermedeia entre a população carente e diversas entidades governamentais e não governamentais para reivindicar os direitos básicos de cidadania desta área e, em consequência disto, o bem estar das pessoas mais carentes da população local. Consta de um documento dos arquivos da associação como se deu sua origem:

### *Como o MDVGA nasceu...*

No começo de 1993 a comunidade eclesial criou o "grupo social" que durante mais de meio ano se reuniu semanalmente para discutir os problemas sociais da comunidade : falta de água encanada, de pavimentação, de energia, de escola, de atendimento médico... Em busca de soluções e saídas membros do grupo participaram de reuniões sobre a municipalização da saúde, entraram com reivindicações no projeto integrado do estado e freqüentaram as reuniões do Conselho das Entidades de Moradores da Barra do Ceará (Planalto).

Vários ofícios foram feitos para conseguir material de esporte, postes de energia, telefone público, escola... Nada adiantou. O fato de o grupo não ser uma pessoa jurídica devidamente registrada deixou todas as reivindicações sem resposta. O que fazer ?

O grupo pensou em entrar com uma chapa na associação existente (Associação dos Moradores da Vila Nova). Procurou-se conseguir uma cópia dos estatutos da associação. Sem resultado. Nem o conselho das entidades, nem a assessoria dele, nem a própria associação quis dar o documento.

Decidiu-se estudar o modelo de estatutos. Este estudo era importante, pelo fato da maioria dos membros do grupo nunca ter visto estatutos de uma associação. O grupo também começou uma "campanha" para os moradores se associar à associação existente, mas a resistência era grande demais. Só uma pequena minoria quis "fazer sua carteirinha" e pagar a contribuição. Com a idéia de formar uma nova chapa, morreu também o "grupo social".

Novos fatos fizeram voltar a discussão sobre uma entidade jurídica, como p.e. a distribuição de filtros e a contratação de agentes de saúde através das associações. Mas que tipo de entidade nós queremos ? Uma associação de moradores que só pensa em reivindicações ? Numa primeira reunião os integrantes do extinto "grupo social" e outros membros da comunidade eclesial pensaram num instrumento jurídico para sustentar ações ou iniciativas sociais que defendem e promovem a VIDA. A nova entidade teria três objetivos :

- \* Fazer um trabalho de conscientização;
- \* Promover trabalhos alternativos;
- \* Trazer benefícios para a área de atuação.

O território seria a Barra do Ceará e o grupo ficaria de uma maneira ou outra ligada à comunidade eclesial.

Depois de muita reflexão, também sobre os critérios para ser sócio, foi criado o **MOVIMENTO EM DEFESA DA VIDA DOS MORADORES DE GOIABEIRAS E ADJACÊNCIAS - MDVGA**



Figura 02: Relatório sobre a origem do movimento.  
Fonte: MDVGA, 1994.

Jeane, uma das militantes mais fervorosas da Comunidade de São Pedro, que quando da fundação da associação foi a primeira secretária do Movimento e mais tarde força motriz na criação do Grupo de Mulheres lembra em um dos encontros do grupo em 2011 como tudo começou:

Nós começamos aqui na comunidade em 89' quando a comunidade foi fundada. Então em 1994 como a gente estava muito direcionada à igreja - nós tínhamos muitas carências aqui na comunidade não tínhamos energia, água, esgoto nenhum serviço desses e aí. Para a gente conseguir alguma coisa junto aos órgãos públicos

nós teríamos que ter um CNPJ<sup>28</sup>, uma entidade uma associação - fundamos a nossa entidade que hoje é o Movimento em Defesa da Vida dos Moradores de Goiabeiras e Adjacências (MDVGA). Essa associação foi fundada com padres, freiras, leigos com todo mundo aqui da comunidade porque todo mundo sentia a necessidade de ter um órgão com CNPJ, na época a Área Pastoral não tinha e nós tínhamos que ter para poder criar projetos, trabalhar as questões sociais com a comunidade. E aí dentro do Movimento em Defesa da Vida foram iniciados todos os grupos então a gente tinha grupo cultural, tinha grupo de quadrilha, tinha grupo de dança de meninos, capoeira todos projetos sociais da associação, todos os projetos sociais eram ligados à associação não tinha ligação com a pastoral social ainda, como até hoje ainda não tem. Então eram todos ligados ao Movimento.

O Movimento se entende como entidade à serviço de todos que não se submetem à política partidária:

... **não** tem caráter político partidário ou religioso, **não** faz discriminação à origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação social. (Estatuto do MDVGA, Art. 1º, §1º, 1994).

e tem por finalidade:

... promover nos moradores da área a consciência dos seus direitos e o exercício de sua cidadania através de cursos, palestras, debates, atividades artísticas, culturais, esportivas e recreativas e viabilizar o acesso às políticas públicas. Desenvolver atividades alternativas no campo da saúde, do meio ambiente, da alimentação, da educação e do emprego e renda, valorizando o conhecimento, a sabedoria e as aptidões dos moradores da área (Estatuto do MDVGA, Art. 2º, §1º, 1994).

Desta forma conseguiu-se trazer para a comunidade de Goiabeiras moradia mais digna, saneamento básico, água encanada, esgoto, energia elétrica, urbanização, escola para 300 crianças, algumas conquistas na saúde como a farmácia viva, a horta comunitária, as vacinas e a sede dos Alcoólicos Anônimos (AA), na área de lazer: futebol, capoeira e hip hop como podemos ler no relatório das atividades de 1994-1996, além de palestras e debates acerca de temas como prostituição, violência e meio ambiente:

---

<sup>28</sup> Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

**MOVIMENTO EM DEFESA DA VIDA  
DOS MORADORES DE GOIABEIRAS E ADJACÊNCIAS  
RELATÓRIO DAS ATIVIDADES - 1994-1996**

Sob o mandato da diretoria e do conselho fiscal do Movimento em Defesa da Vida dos Moradores de Goiabeiras e Adjacências, temos a informar que, desde sua criação o mesmo tentou e tenta até hoje, lutar pelas melhorias dentro da comunidade.

A respeito da **Educação**, há uma incansável luta por uma escola de primeiro e segundo grau dentro da comunidade. Este ano também conseguimos junto a Área Pastoral da Barra do Ceará e ao Cedeca (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente), a *Escola Comunitária Conquistando a Educação*, onde hoje estudam mais de 300 crianças.

Sobre a **Urbanização**, vários ofícios já foram encaminhados como : água, pavimentação, drenagem, saneamento... Algumas respostas foram dadas e concretizadas. Outras ainda estão por vir.

Em relação à **Geração de Emprego**, o Movimento também lutou e conseguiu alguns benefícios, como : Convênio com PROGER da Prefeitura, Frentes de serviço da EMLURB, Curso de Panificação Industrial da NUTEC e Integração da Criança a sociedade da FUNCI.

Em relação à **Moradia**, temos o Projeto Casa Melhor que consiste em melhorar as condições das casas, o mapeamento de situação habitacional, documentação das casas e a participação no Fórum da COHAB.

Na área da **Saúde**, temos um trabalho com a farmácia viva, vacinações uma vez por mês com a ajuda dos agentes de saúde que moram aqui na área, reuniões do grupo de Alcoólicos Anônimos.

Na área de **Lazer e Cultura**, temos já na comunidade o grupo de Futebol - Novo Amanhecer Esporte Clube, a capoeira, Grupo de dança Funk, projetos no Campo Beira Rio e Quadra de Esportes seguido de uma praça.

Ainda na questão da **Urbanização**, o MDVGA também esteve presente nas reuniões e fóruns a respeito da construção da ponte e do calçadão.

Estas são algumas das nossas conquistas conseguidas às custas de muito esforço e que não param por aqui, pois o MDVGA contribui e continuará a contribuir na luta por melhores condições de vida dentro de nossa comunidade e adjacências.

Sem mais nada a declarar, assinamos esse relatório, eu, a primeira secretária - Jeane de Sousa Freitas, e a Sra. Presidente - Maria das Graças Fernandes de Alencar

Figura 03 – Relatório de atividades do MDVGA

Fonte: Arquivo MDVGA, 1996.

A partir de 1996 em parceria com diversas entidades e ONGs foram promovidos cursos de alfabetização para jovens e adultos, uma oficina de bicicletas e cursos profissionalizantes de artesanato para jovens em situação de exclusão social, cursos básicos de

navegação, máquinas e motores marítimas, pesca alternativa, noções de construção de marambaias<sup>29</sup> e conservação de pescado para pescadores, um projeto de desenvolvimento da pesca artesanal pelo BNB-Proger que incluiu a aquisição de equipamentos para a melhoria da pesca que é feita com jangadas, a criação de um grupo de jovens com o intuito de trabalhar a temática da violência e o perigo das drogas na comunidade incluindo pessoas em risco. O Movimento participou também do Orçamento Participativo (OP)<sup>30</sup> da Prefeitura de Fortaleza com o objetivo de trazer um posto de saúde para a área, demanda que foi aprovada em 2005 mais nunca realizada.

Uma das lutas mais árduas do MDVGA foi a resistência à implantação do Projeto Costa Oeste, projeto de turistificação da zona costeira oeste pelo Governo do Estado do Ceará já mencionado acima que degradou boa parte da faixa praial diminuindo o porto dos pescadores artesanais dificultando o manejo das jangadas, além de expulsar centenas de moradores da área onde nasceram e criaram sua identidade.

O desempenho do Movimento nessa questão, reportado inúmeras vezes pela mídia (Jornal O Povo, TV Jangadeiro) foi tão marcante a ponto de receber em 2004 a visita de Milan Kothari Relator Especial de Direitos Humanos das Nações Unidas em missão ao Brasil para “averiguar a situação de moradia no país” (Relatório da ONU<sup>31</sup>, 2005) e Nelson Saule Junior da Relatoria Nacional de Direito à Moradia Adequada que constataram o desrespeito aos direitos básicos da comunidade, o prejuízo dos pescadores artesanais e a precariedade infra-estrutural dos conjuntos de habitação dos reassentados entre outros. A visita à praia das Goiabeiras foi organizada pela ONG Cearah Periferia que se preocupa com a construção da cidadania proclamando o direito à cidade. A ONG que já formou várias lideranças de diferentes bairros entre outros a Barra do Ceará e que mantinha laços de amizade com o Movimento na época trabalhava junto ao Núcleo de Direito à Cidade do Instituto Polis (SP)<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> Atratores artificiais construídos com pneus usados ou com bolas de concreto. O nome é indígena, os índios costumavam unir troncos e amarra-los no solo para que criasse um ambiente propício para a procriação de peixes e crustáceos.

<sup>30</sup> Orçamento Participativo (OP) é um mecanismo governamental de [democracia participativa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Or%C3%A7amento_participativo) que permite aos cidadãos influenciar ou decidir sobre os orçamentos públicos, geralmente o orçamento de investimentos de prefeituras municipais, através de processos da participação da comunidade. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Or%C3%A7amento\\_participativo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Or%C3%A7amento_participativo), acessado em 2014.

<sup>31</sup> Organização das Nações Unidas (ONU), ou simplesmente Nações Unidas (NU), é uma organização internacional cujo objetivo declarado é facilitar a cooperação em matéria de direito internacional, segurança internacional, desenvolvimento econômico, progresso social, direitos humanos e a realização da paz mundial. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o\\_das\\_Na%C3%A7%C3%B5es\\_Unidas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas), acessado em 2014.

<sup>32</sup> O Pólis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais é uma Organização-Não-Governamental de atuação nacional, constituída como associação civil sem fins lucrativos, apartidária, pluralista e reconhecida como entidade de utilidade pública nos âmbitos municipal, estadual e federal. [www.polis.org.br/convivenciaepaz/?page\\_id=103](http://www.polis.org.br/convivenciaepaz/?page_id=103), acessado em 2014.

e seu coordenador Nelson Saule Junior que assim tomou conhecimento do que estava acontecendo na zona costeira oeste da cidade e assim se aproveitou da vinda do Relator da ONU para averiguar a situação no local.

O Movimento foi convidado a acompanhar a agenda do dia da comissão, formada pelos dois relatores e por representantes de várias ONGs e associações de moradores, mostrando o foco da denúncia e participando de uma audiência pública onde teve oportunidade de apresentar suas queixas diante de uma grande platéia que reuniu diferentes movimentos sociais de moradia e segmentos, além de autoridades representando o Governo Federal, o Governo Estadual do Ceará e a Prefeitura de Fortaleza. Foi assim que seu protesto ganhou espaço no *Relatório da Missão conjunta da Relatoria Nacional e da ONU* e foi citado desmascarando “a corrupção e o clientelismo dos governos estadual e municipal e a cooptação de lideranças populares [...] como causa dos efeitos perversos da implantação do projeto” (Relatório da ONU, 2005) e ressaltando sua denúncia e reivindicação:

O Movimento em defesa da Vida de Goiabeiras e Adjacências (MDVGA) denuncia:

- a falta de planejamento urbano adequado para a Zona Costeira;
- o atraso no processo de regularização fundiária;
- a violação dos direitos humanos e ambientais pelos governos do Estado do Ceará e do Município de Fortaleza;
- a não publicação de informação sobre a obra;
- a falta de consulta popular e participação dos moradores na implantação do Projeto Costa Oeste;
- a aplicação do dinheiro público, por meio do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, em financiamento da Caixa Econômica Federal ao governo do Estado através do Programa Pro-Moradia, para o despejo de trabalhadores das terras que tem direito à regularização fundiária.

O MDVGA reivindica: a imediata suspensão do projeto; a urbanização adequada da área; a demarcação da área como Zona Especial de Interesse Social para a regularização fundiária e garantia da destinação da área para habitação popular; e a implantação de uma Zona Econômica Ecológica na área, de acordo com o Programa Nacional de Gerenciamento Costeiro.

Vale dizer aqui que o grito do Movimento se perdeu em 2006 no deserto de concreto do projeto agora nomeado “Vila do Mar” da nova gestão da Prefeitura (PT) que cooptou aquelas lideranças que um dia lutaram lado a lado com o MDVGA e que de repente nada mais tinham a reclamar já que em boa parte se tornaram funcionários municipais. As adjacências voltaram às costas à associação que perdeu respaldo e hoje aborda mais questões pontuais locais.

Apesar das grandes e pequenas lutas pela conquista de melhorias, no foco do interesse do Movimento também sempre está o resgate da memória do lugar por isso foram promovidas já várias vezes pesquisas sobre o próprio devir da comunidade. Em 1995 o

Movimento iniciou com uma pesquisa sobre a memória da história utilizando a metodologia da “linha da vida”, em que marcadores sociais lembravam dos acontecimentos e de datas marcantes (relatadas acima) ao longo de uma linha desenhada em um cartaz, gravando entrevistas e escrevendo relatos.

Outra pesquisa foi promovida pelo Movimento em 2004 em parceria com outra ONG CEARAH PERIFERIA, realizando um curso com o título “Agir para Transformar” para 20 jovens da área em que esses tiveram a tarefa de conhecer seu ambiente visitando lugares como o manguezal, a praia, a área habitada entrevistando moradores acerca do Projeto Costa Oeste e seus efeitos para o ambiente e quem o habita..

Em 2011 em parceria com a ONG Caldeirão e coordenado pelo Grupo de Mulheres das Goiabeiras o MDVGA promoveu através de um projeto financiado pela Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR) a releitura da história da comunidade. Nesse projeto intitulado “Relendo às sombras das Goiabeiras” crianças e adultos pesquisaram na área gravando entrevistas com antigos moradores sobre suas lembranças do lugar na época em que ocuparam a área, pesquisa que resultou em um pequeno vídeo sobre a comunidade.

Atualmente o Movimento está lutando ainda pela implantação do posto de saúde aprovado em 2005, a construção de uma creche e de uma pracinha em frente à Igreja São Pedro de Goiabeiras e apoiando o Grupo de Mulheres que em parceria com a Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza está promovendo a reativação da horta comunitária, abandonada há anos. Momento em que a memória vem à toa, a memória da própria infância no interior, o êxodo do campo para a cidade, as lembranças de saberes esquecidos, lembranças da vivência na comunidade.

Não reporte o histórico amplo e complexo do devir do Movimento, só isso daria uma tese, mas o tanto para entender o contexto de “situações-limites” (Freire, 1997) e o desejo de superá-los em que o Grupo de Mulheres se insere que, cabe dizer aqui, assumiu nos últimos anos através da maioria de seus integrantes a diretoria da associação reconhecendo a importância da entidade para mover algo na comunidade, salvando a associação que estava em risco de se extinguir por evasão, isso porque parte da antiga diretoria se despediu por mudar de bairro, outra por questões de emprego ou por priorizar a família.

Desde então o grupo se encontra semanalmente como Grupo de Mulheres e mensalmente como Movimento em Defesa da Vida na “Casa de Encontro o Amanhecer”, um dos espaços comunitários da atual paróquia de São Pedro e sede da associação, no espaço preferido e lugar de nascimento do Grupo de Mulheres : a cozinha, tanto para debater questões de interesse dos moradores como creche, lazer, regularização fundiária ou posto de

saúde e buscar soluções, quanto para bater um papo, promover a autoestima e desenvolver pequenos projetos como oficinas de artesanato (2009-2011), coordenar um projeto de resgate da memória da comunidade (2011-2012) progredir num projeto de manutenção da horta comunitária para fins educativos e de saúde (2012-2014). Foi aqui que nadando nas ondas das baixas e altas, perdas e conquistas as mulheres se fizeram grupo.

## 5. O GRUPO DE MULHERES DAS GOIABEIRAS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA

Nesse capítulo apresento o que é o GMG – em uma perspectiva de grupo, melhor dizer, quem o GMG é. Destaco suas principais características, como se originou, como o fazemos, como o transformamos ao longo do tempo, suas atividades e como realizamos os seus encontros, entendendo como nessas principais relações encontro elementos da EAD. Esta, entendida como outro jeito de fazer Educação Ambiental proposta por Figueiredo (2007, p. 65) dentro de uma nova leitura de mundo voltada para a inter-relação amorosa de todos com todos e com o todo, “que foca as relações críticas e transformadoras, entre seres humanos diferentes entre si, entre estes e a cultura e entre estes e a natureza”.

O que de início chamou minha atenção e que fez com que liguei o grupo à Educação Ambiental Dialógica foram certos discursos clássicos especificamente voltados para questões ambientais, como por exemplo, o trabalho com materiais recicláveis. Todavia, no decorrer do processo de investigação - guiada por diálogos no Grupo de Estudos de Educação Ambiental Dialógica, Perspectiva Eco-Relacional e Educação Popular Freireana (GEAD) do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) e nas disciplinas acerca da dialogicidade e amorosidade em Paulo Freire, envolvendo a Perspectiva Eco-Relacional (PER) e a EAD de Figueiredo - identifiquei além da história da origem do grupo, sua trajetória, o desejo de se manter, suas reflexões e ações, que acontecem numa relação de afeto e carinho, fortes características que me remetem à EAD.

Dessa maneira, apresentarei essas características, através dos dados que me geraram os temas mais representativos, a dizer: o se fazer grupo; o viver e refletir o meio ambiente; e o amor que é perspectiva, que são essenciais para uma educação ambiental que quer entender “o mundo como plenitude de eus-nós, nós *persona*, nós outro, nós ser social e nós natureza em relação” (FIGUEIREDO, 2007, p. 58).

### 5.1 Educação Ambiental Dialógica é se fazer grupo

O Grupo de Mulheres das Goiabeiras se compõe e recompõe ao longo de sua caminhada. Ele não existia como o encontrei no ano de 2008, tampouco como se organiza atualmente. Conforme as primeiras participantes, por volta do ano de 2004 havia convites por parte do Centro Socorro Abreu de Desenvolvimento Popular e Apoio à Mulher (CSA) para

quem se interessasse nos cursos, palestras e seminários ofertados por esta ONG, cuja Sede funcionava externa à comunidade, como relembra Maria: “Na verdade **o grupo para mim existiu quase por acaso** a gente foi convidado para fazer um curso no Centro Socorro Abreu e através desse curso, filmes, palestras, conhecendo pessoas a gente resolveu que ter um grupo de mulheres seria viável”.

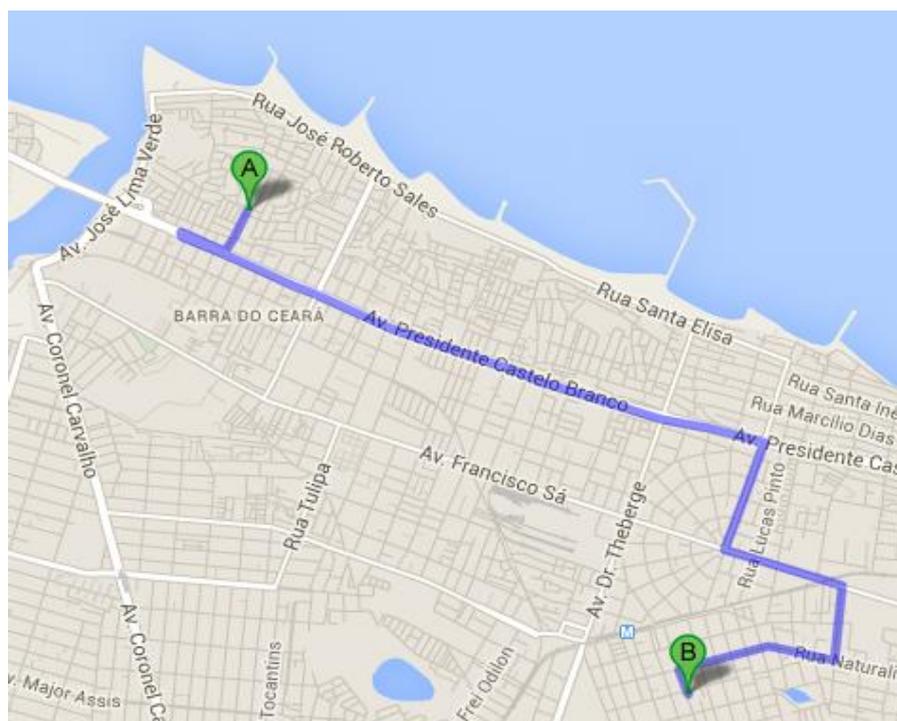


Figura 04: Distância entre a comunidade de Goiabeiras (A) e Bairro Elléry localidade onde se situa o CSA (B)  
Fonte: Adaptado do Google Earth , 2014.

O vínculo entre as Mulheres e esta organização se dava por meio de uma das integrantes que fundaram o GMG, Jeane, que à época atuava como funcionária do CSA e buscava formas de atender a sua própria comunidade, sobretudo as mulheres. Algumas mulheres que mantinham uma relação de amizade com Jeane começaram a participar dos eventos. Foi assim que mais tarde a ONG, por intermédio de Jeane, ofereceu atendimento psicológico individual gratuito na própria comunidade das Goiabeiras para elas.

Esse atendimento acontecia no espaço comunitário “Casa de Encontro O Amanhecer” da comunidade católica São Pedro de Goiabeiras, em que até hoje o GMG se encontra, dividindo-o com outras atividades da Paróquia.

É importante destacar como a força geradora do grupo apareceu pela primeira vez, vinculando-se à vida. A preocupação de Jeane com os problemas das mulheres, especialmente a depressão, representa no constituir deste grupo a importância da empatia com o outro, de

uma para outras, encontrando na ONG uma oportunidade de constituir uma ação concreta que atendesse um dado coletivo, aparecendo assim como uma forma de partilha comunitária. De acordo com Jeane “Quando a gente fundou esse grupo ele era para salvar vidas mesmo”.

Em meio aos atendimentos, certo dia Jeane perguntou: “porque a gente não tira **um momento em que pudesse vir todo mundo** a ser atendido e ficava aqui mesmo em vez de cada uma vir no seu horário?”. Este foi um importante marco definidor do que as mulheres poderiam realizar em grupo, transformando pouco a pouco o caráter individual dos atendimentos:

[...] No início mesmo a gente **começou o atendimento individual**. Depois a gente viu o seguinte, o atendimento individual era por hora, um era duas horas, três horas, quatro horas então quem vinha às duas horas terminava o atendimento e ia embora. Chegava a de três horas, a de duas horas já tinha ido, chegava a de três, depois vinha a de quatro horas, aí **uma vez a gente reunida a gente pensou assim porque a gente não tira um momento em que pudesse vir todo mundo a ser atendido e ficava aqui mesmo em vez de cada uma vir no seu horário? Aí a gente começou**. Então, quem vinha no horário de duas e quem vinha para o horário de quatro já vinha todo mundo juntos, a gente lia textos, a gente fazia reflexão, ia pras reuniões com a Isabel Lopes, ia pra formação no Socorro Abreu, **então à coisa começou muito ... foi mesmo a gente querer mesmo, todo mundo foi criando gosto** – Jeane, durante um dos encontros semanais, 2011).

Entendi que no se fazer grupo, um fazer específico, o atendimento institucional do CSA, foi ponto de partida para a transformação de interesses individuais em sentimentos coletivos, criando relações de afeto que permitem até hoje o respeito mútuo, a valorização do saber do outro, a partilha, a reflexão e ação em prol do todo.

Assim entendo que esse grupo não é um aglomerado de pessoas que se juntam para cumprir certas atividades ou obrigações, mas é resultado de um processo em que aspectos individuais e coletivos, vivências subjetivas e realidade grupal dialogam manifestando assim um caráter histórico. A história do grupo é uma composição de histórias pessoais e coletivas, de relações interpessoais.

Quando a gente criou o grupo, que a gente trouxe essa proposta lá do Centro Socorro Abreu, eu e o André, quando a gente começou lá, a gente veio pra cá com o objetivo de formar um grupo, com **um psicólogo que atendesse as mulheres que a gente nem sabia quem eram as mulheres e aí se divulgou na igreja, se divulgou nos grupos e aí é o “chamado chamado”**, alguém que nos chama, alguma coisa que nos toca porque não é que alguém chama não, é vontade de ir mesmo – Jeane, durante um dos encontros semanais, 2011.

Então vejo que o GMG se constituiu inicialmente com aspectos de grupo funcional, pelo objetivo que o Centro Socorro Abreu exerceu nos primórdios de sua história por meio de atendimento psicológico individual e o interesse de lidar com as mulheres atendidas com foco na formação de um grupo:

Os grupos funcionais são aqueles que correspondem a divisão do trabalho no interior de um determinado sistema social. Trata-se, por conseguinte, de pessoas que cumprem a mesma função com respeito a um sistema, pessoas que têm os mesmos papéis e ocupam uma posição equivalente. O poder dos grupos funcionais enquanto tais, depende do valor ou importância que o seu trabalho tenha em uma sociedade (BARÓ in MARTINS, 2003, p.207-208).

A partir dessa definição, Martins (2003, p. 208) verifica:

[...] que uma característica básica dos grupos funcionais é que eles referem-se apenas a aspectos parciais da vida de seus membros, o que pode produzir em algumas situações conflitos entre os diferentes papéis que desempenham os indivíduos, participantes desses grupos.

Diferentemente do grupo funcional, Barô (in Martins, 2003, p 206-207) apresenta outras características que definem um grupo primário:

Nos grupos primários o produto das relações sociais (o 'fazer' social) é a satisfação das necessidades básicas da pessoa e a formação de sua identidade. Deste modo, o que caracteriza o grupo primário são os vínculos interpessoais (identidade), as características pessoais (poder) e a satisfação de necessidades pessoais (atividade grupal) [...]A própria atividade dos grupos primários vai gerando vínculos afetivos e de complementariedade funcional entre os membros, tornando-os mais interdependentes, até o ponto de modelar as necessidades e ainda a identidade pessoal de cada um.

Podemos constatar que estamos vinculados a grupos funcionais no decorrer de toda a vida na escola, no trabalho, no lazer etc. e a nossa vinculação a grupos primários é restrita a poucos grupos no decorrer de toda a vida. Mas segundo Martins (2003, p.209):

... não podemos deixar de apontar a possibilidade de um grupo originalmente funcional vir a se transformar no decorrer do tempo em um grupo primário, na medida que seus membros vão aprofundando suas relações e descobrindo muitas semelhanças entre si, gerando vínculos afetivos e de complementariedade, fortalecendo a interdependência de seus membros. Grupos que vivenciam essa mudança deslocam sua atividade grupal, anteriormente focada na satisfação de necessidades sistêmicas, para a satisfação de necessidades pessoais.

A autora relata uma experiência muito parecida com a história do Grupo de Mulheres e que penso ser importante reportar aqui:

Pudemos verificar essa mudança em um grupo de usuários de uma unidade básica de saúde, que originalmente foram agrupados pela doença comum a todos. O objetivo da equipe de saúde, e fundamentalmente da secretaria de saúde que propõe a formação desses grupos nas unidades, era diminuir a possibilidade de situações de risco que poderiam reverter-se em quadros graves para a saúde do usuário, quadros esses que têm um custo financeiro muito elevado para o município. [...] Em geral, esses grupos têm uma duração curta, com uma média de seis encontros, centrados todos na informação, caracterizando-se como grupos funcionais, do início até o final de sua existência. No entanto, algumas condições objetivas contribuíram para que o

grupo mudasse radicalmente: ele era formado apenas por mulheres, com faixa etária elevada (acima de 60 anos), moradoras em um bairro de periferia distante de outros bairros e do centro da cidade, com baixa renda.

Essas condições implicavam em que essas mulheres tinham pouco acesso a outros locais, viviam essencialmente em casa, no âmbito do espaço privado. Algumas se vinculavam à igreja no bairro e eventualmente iam à unidade de saúde. Em geral suas relações eram restritas ao núcleo familiar e suas atividades eram rotineiras. Inicialmente implementamos neste grupo um processo grupal, que partiu do objetivo comum que identificava naquele momento todos os membros do grupo (a doença), introduzindo já no início do trabalho, além do caráter informativo, um caráter formativo, possibilitando que a experiência pessoal, a história de vida de cada participante passasse a ser um elemento aglutinador e definidor de identificações, assim como a articulação da história individual com a história social de seus membros. Com o passar do tempo, muitas semelhanças são descobertas, não apenas no aspecto restrito à saúde, mas à vida em geral. Com isso, outros componentes vão caracterizando o grupo e vão se formando vínculos afetivos, tendo como consequência a mudança da sua atividade principal e, consequentemente a mudança da identidade grupal, passando os membros a se preocuparem com a satisfação de suas necessidades pessoais. A necessidade que tinham de se expressarem, de ouvirem e serem ouvidas, de ter um local para onde ir sistematicamente, enfim, de terem uma atividade que rompesse com sua rotina, fez com que essa experiência ganhasse relevância, transformando-se em atividade essencial. A afetividade positiva gerada na experiência grupal, assim como a possibilidade, por menor que seja, das mulheres exercerem controle sobre suas vidas, foram fundamentais para a mudança da identidade grupal. Essa experiência, entre outras, nos deixou claro que o processo grupal estimula a reflexão individual e coletiva, no sentido de possibilitar que seus membros se conscientizem de sua identidade psicossocial. É o espaço para a problematização do cotidiano, para o desencadeamento de novas relações e vínculos afetivos, para a expressão de opiniões e sentimentos. A partir do grupo torna-se possível identificar as diferenças e as semelhanças nas experiências individuais. Portanto, formação e informação, possibilitam o confronto de valores, de experiências, de sentimentos e de informações (senso comum versus conhecimento científico) que gera reflexão e a valorização dos indivíduos, e os impulsionam para a ação. Foram essas condições que facilitaram a transformação do grupo acima citado, em um grupo com uma identidade social, quando sua atividade principal passa a satisfazer as necessidades pessoais de seus membros. Em seguida, o grupo vivenciou uma nova mudança, que o levou novamente a se constituir primordialmente como um grupo funcional, porém qualitativamente diferente do momento inicial. Além de sua produção afetivo-emocional dirigir-se para a relação interna, mantendo as relações primárias, o grupo iniciou o movimento de sua externalização social efetiva através de atividades voltadas para a saúde da população de seu bairro, através da produção de jornal popular e a organização de pequenos eventos, com a ampliação da participação para familiares e população em geral (Martins, 2003, p 206-207).

Martin Baró (in MARTINS, 2003, p.209) considerando “os aspectos pessoais, as características grupais, a vivência subjetiva e realidade objetiva e o caráter histórico do grupo” prefere falar em processo grupal e não em grupo. Ao falar em processo se remete “ao fato do próprio grupo ser uma experiência histórica, que se constrói num determinado espaço e tempo, fruto das relações que vão ocorrendo no cotidiano, e ao mesmo tempo, que traz para a experiência presente vários aspectos gerais da sociedade”, e Silvia Lane (ibd.) afirma que “o significado da existência e da ação grupal só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva

histórica que considere a sua inserção na sociedade, com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas”.

Então, considerando o processo grupal, ou seja, a história do Grupo de Mulheres das Goiabeiras, vejo que a convivência está na base e é a essência do grupo, “já que ela tem como centralidade o diálogo” e Figueiredo salienta “que é pela práxis que o ser humano se constrói, construindo o mundo. Isto ocorre nas relações com os outros, a sociedade e a natureza” (FIGUEIREDO, 2007, p.91).

Nas falas das participantes, das duas oficinas que promovi em 2012 para retocar a história do GMG, elas destacam os processos que as aproximaram inicialmente como grupo e dizem sobre o fazer como processo dinâmico e alternativa possível:

Ivone: **Quando o grupo começou eu não estava aqui, mas sempre me encontrava com a Jeane, e ela sempre me disse “a gente está começando um grupo”** e sempre me convidou, só que eu não tinha como estar aqui dentro, mesmo assim eu soube quando começou, como é que estava e tudo, participei de algumas coisas que houve aqui e hoje eu não sei se posso dizer que estou dentro, estou participando.

Silva: Antes eu estava em casa... Na época quando começou **eu tinha problemas de saúde**, quando conheci o André [o psicólogo], comecei a participar do atendimento psicológico e **a partir do atendimento foi gerado o grupo** para fazer esse curso que as meninas já comentaram.

Célia: Bem gente, bem, **eu estava em casa sem fazer nada, fui convidada pelas minhas colegas**, pela Maria, pela Silva, eu vivia em casa sem fazer nada e hoje o meu objetivo é de ir para o grupo apesar de que eu trabalho.

Raimunda: Eu vivia dentro de casa fazendo meus tapetes aí foi o tempo que a gente recebeu o convite para participar de um curso de auto-estima no Centro Socorro Abreu e **de lá pra cá a gente começou a caminhar se juntando**.

A peculiaridade desse grupo é que uma necessidade individual dentro de uma “situação limite” entendida por Freire (1997) como “obstáculos, barreiras que precisam ser vencidas”, nesse caso o mal estar (depressão, baixo astral, desespero) que inicialmente cada uma tinha e estava tentando superar sozinha, se tornou uma necessidade coletiva a ser superada em comum, partilhando o mesmo anseio.

Nesse caso a "situação-limite" foi percebida criticamente e por isso aqueles e aquelas que a entenderam querem agir, desafiados que estão e se sentem a resolver da melhor maneira possível, num clima de esperança e de confiança, esses problemas da sociedade em que vivem (FREIRE, 1997, p.106).

A atitude diante dessa situação-limite foi percebê-la como algo que sabiam que existia e que precisava ser rompido e logo se empenharam em sua superação. Durante as oficinas, elas manifestaram o fenômeno que as tornaram comum e as formas particulares de

superação, de onde entendo que a formação do grupo como mecanismo de transformação se dá por via das relações afetivas, o individual e o grupo, o ser grupo, o grupo e o ser mais, pois “no momento, porém, em que se comece a autêntica luta para criar a situação que nascerá da superação da velha, já se está lutando pelo Ser Mais” (FREIRE, 1987, p. 19).

Raimunda: Então depois de terminar o curso lá (Centro Socorro Abreu) a gente vinha pra cá pra conversar, aí o André [o psicólogo] veio quando terminou esse curso, parece que era seis meses, aí foram se juntando, se juntando, nós chegamos aqui através do atendimento, o psicólogo o André vinha pra cá, lá do Socorro Abreu, passou um tempo aqui, até que fui atendida por ele também, **eu andava com uma depressão muito grande e aí fui atendida por ele também e aí nós se juntamos aqui** (...) Acho que faz sete anos que eu estou aqui, sabe por que? **Eu já vivia doente de depressão eu estava no grupo de mulheres, estava com depressão, estava triste, não estava nem aí para a vida.** Eu era uma mulher alegre gostava de ir à praia, me divertir, tomar um vinhozinho, eu era desse jeito, desde os tempos que as minhas meninas começaram a fazer coisas que não gostei. Aí pronto a minha alegria, meu divertimento foram embora, só tristeza e dessa tristeza eu caí numa depressão.

Maria: Passamos muito tempo com o André, o psicólogo, que a gente conseguiu no período desse curso através do Centro Socorro Abreu, que **ficou muito tempo aqui com a gente e também isso me motivou a estudar.** Terminei o ensino médio, fui para a faculdade, estou finalizando um curso técnico do qual estou gostando muito.

Silvia: Hoje eu estou no mercado de trabalho eu trabalho de segunda à sexta, **eu me sinto muito bem por estar nesse mercado, porque às vezes agradeço até a Deus por ter adoecido porque se não tivesse adoecido eu ainda estava na Iracema<sup>33</sup> até hoje**, estava lá arrastando minhas castaninhas brincando com elas. Graças a Deus que ... a gente as vezes até tem que agradecer pelas coisas ruins, eu agradeço a Deus ter tido esse problema e a partir desse problema consegui conhecer o André, **nós conseguimos formar o grupo, eu consegui ter uma auto-estima melhor e seguir em frente** e terminar o ensino médio e a partir daí é que comecei a trabalhar e eu estou ativa, graças à Deus (05.05.2012).

Assim é que verifico que o CSA foi um instrumento, uma oportunidade para as mulheres, porque tocou em aspectos da vida das mulheres, as encorajou e as possibilitou mover transformações contextuais. Mas, o que aparece como força motriz é a empatia e a identificação de uma problemática comum – nesse caso a depressão, geradora de preocupações – encharcadas de afeto manifestado por meio do querer bem ao outro, que as sensibiliza enquanto grupo e apresentado de início como um convite, um estender à mão para que a pessoa se levante,.

As falas das mulheres, além de anunciar o problema, primeiro chama atenção pelo despertar da consciência, da situação vivida, da diferença de situações que a vida apresenta.

---

<sup>33</sup> Iracema Indústria e Comércio de Castanhas de Caju com sede na Avenida Francisco Sá no Bairro Carlito Pamplona.

Revela, portanto, o transformar do viver, indicando a possibilidade de que as mulheres podem gerar novas perspectivas.

Do contexto dos atendimentos, após esta primeira fase, mais mulheres tanto de Goiabeiras como das adjacências procuravam o serviço psicológico na Casa de Encontro O Amanhecer, ampliando o número de pacientes.

**Livramento:** Cheguei aqui através da nossa colega Aldenora porque eu estava com **síndrome do pânico** e estava precisando de atendimento psicológico e eu já conhecia a Aldenora porque uma das filhas dela participava de um grupo de natação com a minha filha, aí eu conversei com ela, contei todo o meu problema para ela, sobre o problema que eu tinha e ela me disse “no Amanhecer tem psicólogo”, aí eu vinha a procura. Quando eu cheguei aqui o atendimento era com a doutora Carolina<sup>34</sup>. **Aí aqui na cozinha ficava a Silvinha, dona Raimunda, acho que a Patrícia já estava aqui, a Jeane, a Maria e outras pessoas que eu não me lembro, ah sim, a Leila, a Célia e a Luzia aí fui convidada para a cozinha enquanto eu esperava o atendimento.** Aí fui ficando. No início eu estava tomando medicação, só tomei três meses não precisou mais, e aí eu posso dizer que não tenho mais o síndrome do pânico [...] **Enquanto uma das colegas estava na sala do psicólogo as outras estavam aqui, mas não estava à toa sempre estavam aprendendo/ensinando alguma coisa um artesanato, uma boneca, um crochê , todas tinham uma atividade que traziam pra cá.** (05.05.2012).

No que se refere a dinâmica de formação do grupo, que antecedia os atendimentos, cada vez mais se consolidava, pois assumia algumas práticas próprias, aos poucos, ainda que se mantivesse articulado aos atendimentos, já que as mulheres participantes eram atendidas, ia se definindo como uma experiência de fato. Experiência esta que se dava por meio de mulheres que intencionalmente, por gosto, por objetivo e desejo, frequentavam semanalmente o espaço comunitário.

**Raimunda:** Nós do atendimento, aquelas pessoas que ficaram aqui fazendo café, fazendo tapioca, fazendo cuscuz e quando terminava todo mundo merendava .

No dia do atendimento, que acontecia semanalmente, as amigas se uniam e enquanto uma estava sendo atendida, as outras aguardavam, batiam um papo e preparavam lanches, tomavam um café. Depois de um tempo algumas mulheres começaram a trazer seu artesanato, que geralmente produziam em casa, para o atendimento. A partilha da ceia e a produção do artesanato se revelaram uma forma de terapia comunitária e logo depois surgiu a ideia de convidar outras mulheres que eram atendidas pelo psicólogo a participar também do grupo para receber apoio afetivo enquanto esperavam seu atendimento.

---

<sup>34</sup> Psicóloga que substituiu o André que iniciou o atendimento na Comunidade de São Pedro.

Então, nascido do encontro de diferentes mulheres que buscavam atendimentos psicológicos individuais e provocadas pelo desejo emergente de estar junto, o Grupo de Mulheres das Goiabeiras começou a tomar corpo, primeiramente porque transformou a agenda da fila de pacientes em um momento de reuniões de mulheres que seriam atendidas. A espera já não se fazia espera, se tornava um fazer prazeroso, uma acolhida, uma forma de partilhar e se ajudar mutuamente, de maneira que a cozinha como primeiro espaço desses encontros até hoje se mantém como facilitador das relações.

Desta maneira percebi que as reuniões das mulheres além de começar a formação de um grupo e as animá-las nas idas à Casa de Encontro O Amanhecer, favoreciam o próprio trabalho terapêutico realizado pelo psicólogo.

Livramento: Foi através do grupo que **eu consegui superar a síndrome do pânico** e assim eu também participava de passeios através do grupo do Centro Socorro Abreu.

Desde aquela primeira fase houve mudanças no grupo. As mulheres relatavam que não tinham emprego, “vivia nas calçadas”, estavam doente. Mas com a volta da auto-estima, com o atendimento psicológico e a formação do próprio grupo as coisas foram mudando, a maioria recuperou a coragem para retomar os estudos ou procurar emprego e sair da depressão.

Silvia: estou aqui há sete anos, desde o início, e o foco do grupo não é só artesanato é **melhorar a autoestima de todas nós porque várias de nós quando entramos aqui tínhamos um problema de depressão, na época tinha atendimento psicológico e o que foi que aconteceu com esse grupo de mulheres. Nós começamos totalmente diferente do que somos hoje, são mulheres hoje formadas, tem mulheres que estão se preparando para a faculdade, mulheres que não tinham ensino médio e já tem hoje**, mulheres que não trabalhavam e hoje trabalham e o objetivo desse grupo é o que? Melhorar a vida dessas mulheres.

Uma vez superado o problema [depressão] o grupo não se dissolveu. Da experiência convivida emergiu o desejo de desenvolver atividades não somente para o grupo, mas querendo atender também a comunidade.

Certo dia uma das mulheres produziu um artesanato durante o encontro do grupo. Enquanto conversavam, tomando café, Raimunda produzia estopa<sup>35</sup>. Algumas questões surgiam no grupo, desejando saber mais sobre esse produto, se dava lucro, para que servia e como se fazia. Em pouco tempo todas aprenderam esse fazer. A partir de então a cada encontro o grupo produzia estopa. Até as pessoas que vinham de fora, somente para o

---

<sup>35</sup> Manualmente ela trabalhava no desfiar de retalhos de tecidos, para juntá-los em aglomerados, que comercializados, eram utilizados em oficinas mecânicas para limpeza de peças automotivas.

atendimento, entravam na produção, enquanto aguardavam ser atendidas. Esse fazer me chamou atenção, pois uma simples ação individual culminou em uma ação coletiva, como demonstraram as pessoas quando eu fiz perguntas acerca o assunto:

Pergunta: E quem foi que troce o artesanato pra cá, pra fazer aqui, foi a Senhora?

Raimunda: **Não fui eu.**

Pergunta: Não foi a história da estopa?

Raimunda: **Ah sim, a estopa foi eu, eu queria fazer a estopa só que o pessoal não concordou.**

Pergunta: Mas nós começamos, se lembra?

Raimunda: **Nós fizemos só um pouquinho.**

Pergunta: Mas fizemos?

Raimunda: **Fizemos, até você aprendeu.**

Pergunta: E cada uma que vinha para o atendimento sentava e começava a fazer estopa, se lembra? De lá pra cá a gente inventou de fazer oficinas de artesanato, como chegamos a fazer essas oficinas?

Raimunda: **Não me lembro nem que oficinas eram.**

Pergunta: Se lembram que a gente ofereceu quatro oficinas até com recursos da Cáritas e que a Liduina ofereceu bordado, dona Ana ofereceu pintura em tecido, a Livramento ofereceu a produção de pesos de porta.

Raimunda: **teve oficina de boneca.**

Bia: **Aqui teve curso de artesanato?**

Raimunda: **Teve.**

Bia: **Foi lá na igreja?**

Pergunta: Foi lá no salão. Você estava no meio?

Bia: Estava. Me lembro da Silvia ensinando a fazer um chaveiro aquelas bolinhas toda peludinha que rola e rola. Aí ficava cada um separado, a mãe ficava lá em outra sala com uma porta bem grande e a gente ficava lá do lado de fora fazendo as coisas aí na hora da merenda era uma mesa bem grande com um bocado de bolo, um bocado de coisas.

Pergunta: Só que era misturado, a oficina da Livramento tinha só crianças?

Bia: **Eu fui na oficina da Silvia, eu me lembro que era só a Silvia que ensinava, o bordado era a Silvia?**

Pergunta: Não o bordado era a Liduina?

Bia: **Eu só me lembro da Silvia a fazer os pompons, era um bocado de meninos.**

A partir dessa atividade surgiu a ideia de que cada pessoa que tivesse um saber artesanal pudesse partilhá-lo através de oficinas básicas de artesanato a quem quisesse participar, inclusive para outras pessoas da comunidade, independente de gênero e idade. Foi assim que apesar dos poucos recursos, fazendo uso de materiais recicláveis, que as ações do grupo irradiavam para a escala da vida e da comunidade, e que algumas vezes resultavam na constituição de projetos, onde ofereci minha ajuda.

Pergunta: Se lembram das oficinas que fizemos?

Livramento: **Fizemos as oficinas das atividades que cada uma das mulheres sabia fazer**, no meu caso eu fazia os pesinhos de porta, a dona Raimunda sabe pintar.

Pergunta: E era só para mulheres?

Livramento: **Era para todas as idades.**

Pergunta: E como foi a experiência?

Livramento: **Foi muito boa no meu caso porque eu ensinava** como manusear a agulha e a agulha fura e eu fiquei um pouco apreensiva porque **no meu grupo tinha somente criança**. Quem vinha para minha oficina foi só criança, aí eu fiquei um pouco apreensiva como é que eu ia ensinar evitando acidentes, mas **ficaram todas curiosas, querendo aprender e todas saíram com seu pesinho para casa então conseguiram concluir**. Achei bem interessante porque eram só crianças que vieram.

Pergunta: E como foi o seu jeito de ensinar?

Livramento: **Eles ficavam muito a vontade, porque eles ficaram à vontade de fazer do jeito deles, não do jeito que eu queria**, era cada um que fazia de seu jeito dentro de sua limitação.

É importante destacar o processo de educação que se faz no interior do grupo, a partir dessas representações. O aprender se dá pela convivência e envolve o saber de cada uma, o valorizar e o se tornar coletivo. Nesse sentido, vejo que:

São estas relações educativas que possibilitam aos aprendentes identificarem a necessidade de se colocarem na situação de aprendizes, para oportunizarem a condição de educador. Que somente respeitando os saberes alheios se terá o devido respeito aos seus saberes e a condição de efetivarmos um saber parceiro (FIGUEIREDO, 2006, p.9).

O educar, assim, irradia do corpo e do estar junto, se propõe ser útil para o dia a dia, e se realiza com base na curiosidade, no envolvimento, na troca, nas relações, promovendo o saber do e para o conviver:

Pergunta: E a gente aprende alguma coisa?

Livramento: Eu estou aprendendo, estou aprendendo até a conviver, conviver e lidar com as pessoas.

Pergunta: Podemos dizer que aprendemos uns com os outros, independente da idade?

Livramento: Podemos dizer porque a cada encontro a gente aprende uma coisa, mesmo que não queira.

Dessa dinâmica, partindo do fazer espontâneo que contagiava de uma a outra, o GMG conheceu formas de educação, que sendo livres em sua essência, produziam e transformavam o próprio sentido de ser grupo. Então, até hoje em dia, o saber de cada uma é levado em consideração e, mais que isso, vem gerando as diversas formas de aprenderem juntas e um educar-aprender comunitário.

A experiência do ensino e aprendizado mútuo e intergeracional através das oficinas de artesanato fez com que o grupo aceitasse e conduzisse um projeto cultural oferecido pelo Centro de Assessoria Popular Caldeirão (ONG) e financiado pela Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR), intitulado “Relendo à Sombra das Goiabeiras”, que resultou na produção de um vídeo, cujo conteúdo foi integrado no trabalho aqui presente na apresentação do contexto sócio-ambiental da comunidade de Goiabeiras no quarto capítulo.

**Livramento:** Aí depois veio também o Catarina e o Thiago pra cá com o **“Ponto de Leitura” e fizemos oficinas de mamulengo e áudio-visual, mexi com a câmera aí nós saímos nas ruas de Goiabeiras filmando e entrevistando os moradores** que moram já há muito na comunidade que contaram um pouco da história como nasceu Goiabeiras, que até o nome do projeto foi “Relendo às sombras das Goiabeiras”.

Nesse projeto, com duração de 1 ano, iniciado em meados de 2011, três mulheres do GMG assumiram a coordenação, uma participou como aluna, e as demais contribuíram como entrevistadas acerca do tema levantado. Ao todo, participaram cerca de 20 pessoas, oscilando e mudando ao longo do percurso, envolvendo personagens do GMG e da comunidade.

Dessa maneira, foram ensinadas técnicas/ferramentas para conhecer a sabedoria popular acerca da história da comunidade.

Crianças e adultos participaram igualmente das oficinas sobre meio ambiente, passeio ecológico, história da comunidade, formação humana, pintura, mamulengo<sup>36</sup>, fotografia, audiovisual e produção de texto para internet, no intuito de atingir o objetivo geral do projeto que é fazer a releitura da história da comunidade, que existe a mais de 25 anos. O resultado final do projeto será a construção de um documentário com personagens reais da comunidade sobre a formação da mesma ao longo desses anos (CALDEIRÃO ORG, 2011<sup>37</sup>).

Através de atividades como desenhar, escrever, ler, criar bonecos, apresentar uma peça com os bonecos, fotografar, filmar, brincar, entrevistar, os participantes aprenderam certas habilidades, a trabalhar juntos e a pesquisar sobre a história de seu ambiente com o resultado de firmar, a partir de seu vínculo de percepção, esse saber adquirido, produzindo conhecimento com o auxílio das técnicas aprendidas.

---

<sup>36</sup> Mamulengo é um tipo de fantoche típico do nordeste brasileiro, especialmente no estado de Pernambuco. A origem do nome é controversa, mas acredita-se que ela se originou de mão molenga - mão mole, ideal para dar movimentos vivos ao fantoche.

<sup>37</sup> Trecho de notícia do site <http://caldeirao.org.br/nota/816>, acessado em 17 de setembro de 2014.

Mas antes de iniciar com as oficinas foi feito todo um trabalho de aproximação dos participantes em que se apresentou o projeto e o objetivo das atividades, pedindo também às pessoas expressarem suas expectativas. Em um dos encontros iniciais

Jeane explica que o nome do projeto do qual participamos se chama “Relendo à sombra das Goiabeiras” e que se trata de uma atividade em que **aos poucos e com vários meios descobriremos a história de nossa comunidade**.

Logo depois Jeane explica a “tarefa” do dia. Cada um/a escolhe um par a quem **entrevistar e formula perguntas do que quer saber da outro/a**.

Todos/as apresentam o perfil de seu par ao grupo a partir de suas entrevistas. Algumas pessoas ainda tem vergonha de falar em público, mas se esforçam em participar.

**Terminada a entrevista passamos para uma dinâmica**. Jeane desenha com giz círculos de diferentes tamanhos no chão. Todos têm que procurar um lugar nos círculos, nenhum pé pode ficar fora. Aos poucos são retirados os círculos e todos têm que conseguir permanecer naqueles que restam. Depois da experiência apertada Jeane pergunta a plenária o que aprendeu com a dinâmica. Aqui alguns depoimentos:

- **União**
- **Participação**
- **Equilíbrio**
- **Solidariedade**

Jeane faz um resumo dos depoimentos dizendo que **todos estamos no mesmo contexto** e que o **grupo a partir de agora tem que permanecer unido** e é por isso que as **pessoas têm que se conhecer** o que fizemos em parte pela entrevista. Mas a entrevista também foi um momento de exercício de uma técnica de pesquisa, porque daqui para frente vamos fazer entrevistas com perguntas mais detalhadas e mais profundas em pesquisa de campo.

Jeane encerra o encontro com a pergunta do que o grupo gostou e o que aprendeu. Reporto aqui alguns comentários:

- **Respeitar o próximo**
- **Aceitar a opinião do outro**
- **A união do grupo**
- **O conhecimento**
- **A socialização**
- **Conhecer as pessoas**

Observação: Nessa atividade preendi algo sobre mim mesma. O meu par era o Wesley, quando iniciamos a entrevista eu interpretei como timidez ou vergonha o não tomar a iniciativa e o não olhar para mim do menino e assim decidi iniciar a entrevista no intuito de ajudá-lo a criar coragem. Percebi somente depois que **ele não iniciou a entrevista porque precisou de mais tempo para pensar já que cada pessoa tem um ritmo diferente**. Percebo que me deixei levar pela visão de tempo que essa sociedade nos propicia e fiz uma leitura superficial do rapaz (Caderno de anotações, 16.05.2011).

Percebo aqui que aparece menos o repasse de conhecimento técnico, que geralmente acontece em projetos e oficinas convencionais que visam treinar pessoas para certo fim, e mais o aprender a conviver, a partilha, a construção do grupo e o seu fortalecimento. Quando é estabelecida a transmissão de um saber como, pó exemplo, realizar entrevistas para conhecer a história, esta ação se inclui em processo mais amplo, que visibiliza a memória, o saber popular, a vida das pessoas.

Por isso, o GMG demonstra que o aprender a conviver é base da educação que promove, não se submetendo a um texto a uma técnica que chega de fora para dentro, também não o desconsidera, vale lembrar. A diferença está na forma de incluir e realizar as trocas de saberes, de fora e de dentro, tendo como fio condutor o saber popular, a valorização da pessoa que ali vivencia a prática. Assim o GMG demonstra que considera, e vai além, valoriza o outro como legítimo outro, enfatizando a necessidade de tecer sempre os laços de união e pertencimento, promovendo a percepção de que somos parte de um contexto mais amplo.

Em outra etapa deste projeto, a turma foi dividida em cinco grupos. Cada grupo tinha a tarefa de criar um cartaz que expressasse o que esperava do grupo e o que queria aprender.

Resultado dos cartazes:

Grupo 1

- **Conhecer a história** das Goiabeiras
- A importância da **união**
- **Conhecer bem as pessoas** do nosso grupo

Grupo 2

- Paz e amor
- União
- Alegria a todos do curso!
- Amizade, respeito e Deus no coração.
- Compaixão
- Harmonia

Grupo 3

- Respeito
- Paz
- **Solidariedade**
- Humildade
- **União**
- Ler
- Quero aprender a desenhar uma estrela
- Brincar de boneca

Grupo 4

- Conhecimento
- **Partilha**
- Leitura
- Aprender
- **Harmonia**
- **União** sim, Violência não!
- Mude essa realidade!

Grupo 5

- Eu espero muito **aprendizado nesse projeto**
- Aqui é o encontro dos **adolescentes e crianças**
- **Acessórios do curso:** computador, caderno de aprendizagem, livro de leitura
- **Harmonia**

- Esperança
  - Paz
  - Amor
  - **União**
  - Deus está conosco.
- (Cderno de anotações, 22.05.2011).

Em todo o processo a importância da união e da harmonia é reforçada, como também a vontade de partilhar e ser solidário. Desta maneira, quando projetavam os desejos em grupo em relação aos resultados deste projeto, algumas expressões apontam como a educação, ali em construção, se fazia diversa e contextualizada. Enfatizo que o projeto em si tinha como enfoque a capacitação técnica das pessoas para que atingissem um produto final específico, livro, peça teatral ou documentário sobre a história da comunidade. Entretanto, a maneira que o projeto foi incorporado pelos participantes e especialmente pelas integrantes do GMG transformou essa finalidade.

Então, o conhecimento que seria transmitido, específico e técnico, foi realocado, não mais se destacando no conjunto das necessidades refletidas pelo próprio grupo aprendente, constituindo uma das etapas, apresentando-se integrado nas ações e relações entre as pessoas, fundando um tipo de conviver aprendente. Esse processo alcançava finalidades geradas no interior do grupo e consagrava o novo tipo de saber, que envolveria tanto as pessoas que se conheciam entre si, suas próprias habilidades, sua valorização, como também a história que atravessavam, de modo que “o ‘aprender a conhecer’ é mais que o ‘aprender o conhecido’, que o ‘aprender a fazer’ é mais que ‘aprender como se faz’, que o ‘aprender a conviver’ não pode ser reduzido a um entendimento das relações formais de boa vizinhança”, conforme pensamento de Paulo Freire (FIGUEIREDO, 2007, p.90).

Nesse sentido, os sentimentos compõem essa forma de educação, como expressaram as pessoas que participaram do processo inicial do projeto. São refletidos e comunicados, e, assim começam a entrar no jogo das relações. Se originam do sentir individual sobre e se consolida no dialogar e sentir grupal, por meio de palavras-força, tais como união, amor, harmonia, solidariedade, paz, entre outras expressões vivenciais.

Além disso, envolve sentidos de fé, que tanto diz sobre si mesmos, ao trabalharem a valorização de cada um e cada uma no processo de construção do todo, fé no homem e na mulher que ali se encontra. A fé também no sentido dos princípios religiosos, enquanto crença, nos signos partilhados, quando se apegam ou encontram no divino, nesse caso a fé em Deus, uma possibilidade, uma realidade cotidiana, seja, por serem em sua maioria católicos ou evangélicos, seja por estarem presentes e ligados à paróquia. Também se pode falar em fé,

como processo de crer na transformação, do cotidiano e da realidade que fazem parte, assim “Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens” (FREIRE, 1987, p. 45-47).

Nesse viés, considero que o aprender e o conhecer dos participantes e especialmente do GMG, como produtor e condutor dessa forma de educação, são diferenciados, porque são calcados na vontade e mobilizados na realidade, através dos diferentes autores sociais, crianças, jovens, adultos e idosos.

Um dos objetivos das atividades entre outros era trabalhar a memória das pessoas através de relatos orais. Assim, cada encontro iniciava com um relato coletivo, que além da própria orientação, servia para colocar a par dos acontecimentos quem não estava presente no encontro anterior ou quem era novato, vivenciando assim um momento de solidariedade e partilha. Como apesar do desejo de união e harmonia pequenos conflitos sempre surgem foi elaborado um acordo de convivência, em que eles diziam o que se pode ou não se pode fazer no grupo, para alcançar o bem estar de todos:

O que não se pode:

- Falar mal dos outros
- Fofocar
- Dizer palavrões
- Conversas paralelas
- Interromper a fala dos outros
- Brigar
- Fazer sacanagem
- Botar apelidos

O que se pode:

- Respeitar a fala dos outros
- Ser solidário
- Tratar as pessoas com carinho
- Ser amável

As pequenas brigas aconteciam, as fofocas, as brincadeiras de lutas ou xingamentos entre as crianças, em que de vez em quando alguém saía machucado e eram tematizados, refletidos como ‘o acontecido’, para que juntos melhorassem. Nesses momentos, o que me chamou a atenção foi meninos e meninas buscando os abraços dos adultos coordenadores, participantes e facilitadores. Pareceu-me que há muita carência de afeto, carinho, atenção e autovalorização nessas crianças o que acumula agressão e por consequência se expressa em manifestações de violência. Diante dessas circunstâncias, os

momentos de partilha, harmonia e troca de carinho, de alegria e bem estar superavam em muito os de constrangimento.

No decorrer do projeto, foram aplicadas oficinas que tinham a função de sensibilizar os participantes para leitura, através de livros, e aprender técnicas como fotografar e gravar vídeos ou testar suas habilidades na criação de bonecos para decidir de que forma ia se apresentar o conhecimento adquirido na pesquisa de campo. O aprender a manusear a ferramenta servia para dar forma a um conteúdo, de onde o essencial era como acontecia o ensino-aprendizado, era a oportunidade de conviver e agir coletivamente no respeito ao outro e assim fazer algo juntos.

Como a maioria dos participantes, crianças, chegava antecipado e começava a brincar de pega-pega, esconde-esconde ou fazia jogos de adivinhação, por meio de desenhos no quadro verde, o gosto pelo brincar gerou a produção de jogos, que foram produzidos por adultos, que apresentavam o como fazer, e, pelas crianças, que aprendiam e ensinavam esse novo fazer. Por sua vez, os jogos serviam de passatempo, enquanto, se aguardava a chegada dos facilitadores das oficinas, ou durante o intervalo das atividades. E em um olhar mais profundo, também implicavam em praticas do conviver solidário e parceiro.

No exercício desses atributos também foram produzidos cartazes que colocavam os participantes em relação a seu ambiente criando uma imagem da comunidade. Em um primeiro cartaz cada pessoa sentada ao redor formou com um barbante uma figura individual simbolizando a comunidade, depois o grupo uniu todos os pedaços de barbante e escolhendo uma figura entre as demais (coração, estrela, árvore, etc.) reproduziu com o grande barbante esse símbolo. O grupo optou pela estrela e uma das participantes escreveu nela “A comunidade é uma estrela que brilha”.

Em outro encontro percebendo o gosto de criar das crianças, aconteceu a produção de um cartaz a partir da pergunta “como imaginar o bem viver<sup>38</sup> em nossa comunidade?” o resultado mostra como bem viver é associado, sobretudo, à natureza.

As relações entre si e a necessidade de transformá-las para melhor, por meio de um conviver aprendente, envolveu também momentos de reflexão acerca do lugar onde

---

<sup>38</sup> Aqui entendido como Bem Viver (*Sumak Kawsay*) no sentido do grande paradigma indígena que “contém uma mensagem universal e esperançosa diante de um mundo que vai perdendo seus valores morais mais profundos e importantes” e que é “uma alternativa ao «viver melhor» da cultura ocidental” que relaciona “o «viver melhor» com as entradas e ganhos pessoais, o consumo e as satisfações que oferece a tecnologia moderna. O Bem Viver tem relação com a harmonia para com todos os irmãos, com culturas diferentes, com Deus e com a natureza” e “oferece viver de modo diferente, abertos a todo o mundo e a todas as pessoas, em busca de uma sociedade mais fraternal, igualitária e justa”.  
(Iriarte: <http://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/obra.php?ncodigo=380> , 2014).

vivem. Assim o bem viver foi problematizado no diálogo criativo do GMG e o significado produzido no coletivo destacou a importância da natureza e da questão ambiental.

Por isso, dos painéis construídos, as representações da natureza e do ambiente continham árvores, pássaros, borboletas, pessoas em parques, ruas arborizadas, indicando o desejo de que o meio ambiente fosse diferente, com a possibilidade das crianças correrem e subirem em árvores, estar junto com outros seres vivos, com sentimentos de alegria que eles mesmos demonstravam ter, enquanto o projeto durava, na pesquisa de campo, em momentos de lazer na praia localizada à 5 minutos de caminhada a partir da Casa de Encontro O Amanhecer e no passeio de barco pelo manguezal do Rio Ceará promovido pelo projeto.

É importante dizer que a relação com o mar e o manguezal, próximos, é muito distanciada. Das razões colocadas pelos participantes, estão os riscos da violência urbana e a falta de recursos das famílias para pagar passeios de barco. Então, o que se percebeu foi a construção de uma possibilidade pontual de restabelecer esse vínculo com o contexto da natureza local, ainda que tenha ocorrido apenas no momento do projeto. Enquanto oportunidade, demonstra possibilidades potenciais futuras.

A leitura dos livros multicoloridos que atraía também a atenção dos adultos estimulou para o desenho e foi também base e incentivo da oficina de bonecos para criar uma peça de teatro, com os bonecos, relacionada ao próprio ambiente.

No caso da oficina de mamulengo foram lidas várias histórias da qual uma foi escolhida. Uma que tratava de pescadores e sereias identificando o lugar da história lida com o ambiente da comunidade que mantém uma colônia de pescadores. A leitura incentivou a expressão artística e a imaginação.

Livramento: Venho contar não de muito longe a vida de um pescador chamado, agora eu não sei o nome eu vou botar Pedro ou Sebastião, Raimundo ...

Patrícia: Pode ser também o nome de um pescador daqui ..

Livramento: é, a maioria dos pescadores daqui vieram do interior do estado, do interior nordestino, do sertão.

Patrícia: Pescador no sertão?

Livramento: Lá também tem rio, e aí ele achou muito bonito aqui a praia porque veio ao encontro do mar, do rio com o mar e aí construiu o casebrezinho perto das margens do Rio Ceará, da praia.

Bruno: E aí certo dia ele encontrou uma sereia e o Thiago continua.

Marília: Ele encontrou uma sereia, que lhe contou toda a vida dela, o nome dela, onde morava, o nome da família dela e tudo mais. Contou todas as coisas fantásticas que acontecem dentro do mar e fora do mar também.

Patrizia: E aonde foi? Ninguém até agora falou onde aconteceu.

Bruno: no Rio Ceará

Marília: Essa história aconteceu na Barra do Ceará.

Bruno: Era uma vez um pescador que foi pescar com o filho dele e passou numa ilha com uma sereia e a sereia deu muitos peixes a eles. Aí apareceu um tubarão e a sereia fez o tubarão morrer, aí eles foram para casa.

Thiago: Era uma vez um pescador que todos os santos dias ele ia para o mar e não conseguia nada. Aí um dia apareceu uma sereia com aquele canto dela, aí a sereia percebeu que o pescador não pescava nada e aí a sereia pediu para casar com o pescador, aí a sereia deu todos os peixes que ele queria, aí ela diz que nunca reclamasse dela. Aí passaram uns dias e ele reclamou dela, aí a sereia mandou a água invadir a casa dele, aí ele ficou pobre de novo.

Cauã: Era uma vez um pescador e uma sereia uma vez o pescador foi para a praia e ele não conseguiu pegar nem um peixe e depois ele conheceu ela e ela deu todos os peixes para ele e eles viveram felizes para sempre.

Livramento: Venho aqui contar sobre um pescador e um amigo da praia e o nome dele, são dois amigos, o nome de um é Pedro e o nome de outro é o Sebastião. O Pedro saiu numa manhã de sol muito linda para pescar aí jogou a rede no mar, mas não estava conseguindo pegar o peixe, ele estava triste, estava triste já que não estava conseguindo pegar um peixe aí chegou o Sebastião, Sebastião é muito alegre, chegou “Cumpadre o que você está fazendo aí, hoje não é dia de peixe, vamos tomar uma água de coco, que é melhor”, que tinha muito coqueiro na praia. Aí foram tomar a água de coco, conversando, contando histórias de pescadores, de outras pescas que já tinham vivido.

Assim pessoas de diferentes faixas etárias conviveram, participando de oficinas de leitura, desenho, de áudio-visual e de produção de bonecos com o objetivo de resgatar a história da comunidade e documentá-la. Das opções sugeridas através do projeto da ONG, da oficina de leituras o grupo poderia gerar a escrita de um livro; da oficina de mamulengos, criar uma peça de teatro de bonecos; e da oficina de áudio-visual produzir um vídeo. Os participantes escolheram produzir um documentário sobre a comunidade, para a divulgação na mesma.

A oficina de áudio-visual foi com certeza a que aproximou mais os participantes da história da comunidade de Goiabeiras pela proximidade com o ambiente e pelo encontro direto, com quem viveu a história. Sair para visitar os arredores tendo que escolher um vínculo para fotografar e filmar abre outra perspectiva sobre o ambiente em que se vive, descobre-se lugares despercebidos ou “proibidos” (perigosos). Entrevistar pessoas sobre o que vivenciaram desperta a curiosidade e mostra às pessoas, acostumadas a responder perguntas, que perguntar é essencial para poder saber. São, pois momentos que geram emoções específicas que despertam a percepção de que há algo a descobrir além das quatro paredes da casa e da escola.

Presumo que essa experiência – mais profunda pelo fato de visitar diferentes lugares, se relacionar com o ambiente e diferentes pessoas fora do grupo – pesou na decisão da produção de um documentário, não esquecendo que hoje as pessoas nascem e crescem com esses meios tecnológicos que influenciam mais do que a escrita e a literatura.

Mais do que o produto final e o aprender das técnicas o conviver, as emoções sentidas, a partilha, os momentos críticos e os de pura alegria, a sensação de fazer algo juntos e com gosto com afeto e carinho, marcou todos os participantes e co-participantes como os entrevistados e as famílias e os amigos que foram convidados para a apresentação dos resultados do projeto e para partilhar um momento de lazer com um passeio de barco no manguezal do Rio Ceará.

A experiência do conviver foi positiva de maneira que os participantes chegavam para os encontros antes do horário marcado. Terminado o horário, demoravam em sair e quando o projeto acabou persistiam em perguntar quando continuaria. Entretanto, o grupo não conseguiu mais recursos para um outro projeto para aperfeiçoar o aprendido.

Paralelo às atividades do projeto, que parte do Grupo de Mulheres coordenava, os encontros semanais do GMG aconteciam, nunca foram interrompidos. Nesse movimento de continuidade, o GMG estava se envolvendo com um problema ambiental, fruto do descuido da Paróquia de São Pedro das Goiabeiras e sua associação o MDVGA: o abandono da horta comunitária e sua conseqüente transformação em lixeiro pelos moradores adjacentes e em plataforma para o narcotráfico. Em um dos encontros o grupo recordou quando assumiu essa questão:

Patrizia: Então fizemos oficinas de artesanato, pesquisamos a história da origem da comunidade e como é que surgiu a ideia de recuperar a horta comunitária?

Livramento: A ideia surgiu porque **a gente percebeu que a horta estava desativada**, tomada pelos matos também por algumas pessoas, alguns jovens que a usavam para fazer lá um ponto de ... para usar as drogas deles, **aí a gente começou a ter a ideia de se reunir e fazer um mutirão.**

Uma situação limite que exigia uma solução e se tornou foco da discussão dos encontros semanais, despertando o desejo de recuperá-la e devolvê-la ao seu antigo fim, ser uma horta de plantas medicinais. Assim na procura do inédito viável a reflexão se transformou em ação concreta, realizada com a ajuda de pessoas que queriam conhecer o grupo e permaneceram certo tempo na convivência, partilhando seus saberes e sua força, a exemplo de um jovem ambientalista, Paulo, que mora na comunidade e ouviu falar do grupo de mulheres por um amigo que foi facilitador no projeto “Ponto de Leitura”. Nesse

empreendimento e seguindo essa dinâmica ao que o grupo se entrega, podemos aprender com Paulo Freire que:

O inédito viável é na realidade uma coisa inédita, ainda não conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um percebido destacado pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade. Assim, quando os seres humanos conscientes querem, refletem e agem para derrubar as situações limites que os e as deixaram a si e a, quase todos e todas limitados a ser menos, o inédito viável não é mais ele mesmo, mas a concretização dele no que ele tinha antes de inviável. Portanto, na realidade são essas barreiras, essas situações-limites que mesmo não impedindo, depois de percebidos-destacados, a alguns e algumas de sonhar o sonho, vêm proibindo à maioria a realização da humanização e a concretização do ser mais (FREIRE, 1997, p. 106-107).

Entre os pros e contras, o desejo e a dúvida, a presença e contribuição de Paulo consegue convencer todas da importância da horta. Pelo seu entusiasmo e engajamento concreto, se disponibilizando para a limpeza do terreno, chamando também sua esposa e amigos, disponibilizando ferramentas e partilhando saberes, conseguiu motivar o trabalho de limpeza em mutirão que durou um ano e que juntou homens, crianças e mulheres num esforço coletivo.

O pontapé dessa ação foi a apresentação e discussão acerca de um vídeo apresentado por Paulo sobre a produção industrial dos alimentos e o uso de fertilizantes químicos e agrotóxicos, a conseqüente degradação do planeta e a alternativa da agricultura urbana. Nem todo mundo estava convencido no sucesso da ação manifestando pros e contras para no final apresentar propostas. Paulo queria saber do grupo se a horta vingaria.

Livramento acreditou que sim e que:

... uma vez que todas nós ajudamos, porque não é possível só uma pessoa. Todas nós temos nossas famílias **temos nossos outros afazeres** então não vai totalmente um a um se dedicar, **tem que ser a união**, em escala, uma fica um período, outra fica outro período. Eu **acho que tem que envolver as crianças porque nós estamos educando os futuros**, porque nós somos todos cabra velhos, tem que envolver as crianças.

Dona Raimunda teve suas dúvidas:

**Eu acho que essa horta não vai pra frente porque se começar a produzir aí, as pessoas entram e roubam tudo.** Eu acho que para produzir algo tem que ter uma pessoa constante aí dentro. Porque antigamente tinha produto aí eles faziam remédio aqui, **aí houve um tempo que acabou e o pessoal invadiu e tinha muito lixo até que um dia desses, nós entremos e limpemos todinho, só que a gente descuidou de novo e está pior.** Tinha um pé de limão cheio de limão tão grande o limão pra fazer inveja e os cocos tanto dá como eles roubam.

Sílvia ficou indecisa, por um lado ela sonha com a horta, por outro, ela não tem ideia de como realizar o sonho:

Eu acho assim, **é um sonho do grupo de mulheres retornar a farmácia viva, retornar a horta**, o horto que são plantas medicinais, agora **não sei o que fazer para retornar**, porque tem que ter a mão de obra, tem que ter alguém que cuide, tem que ter alguém que plante, uma pessoa que estude o solo, o difícil é isso. Nós tivemos várias reuniões com a saúde, o pessoal do posto se interessou, a doutora se interessou fomos ali no Paulo Petrola (Escola Técnica), tivemos palestras com os alunos todos para ver se se envolviam, mas nada. **Acho que é por isso que a dona Ana se desmotivou totalmente. Porque a gente correu atrás, mas não deu resultado.**

Mas no decorrer da conversa ela chegou à conclusão que:

... **tem que se escrever um projeto**, você faz e lá atrás você poderia até, está apertado, mas **da pra se fazer um lugarzinho lá nos fundos tipo uma cabaninha para você ficar lá, organizar os grupozinhos**. Ao redor, eu sei, não dá pra fazer muita coisa, mas dá.

O terreno não é grande, mas dá para você montar um projeto, tem a irmã que gosta muito de trabalhar na natureza, de trabalhar com recursos naturais, a irmã vende até garrafada, todas elas têm até uma experiência para isso. Lamedor, **na época a gente planejava fazer o contato junto com o posto, que aí o médico do posto em vez de passar o antibiótico passava o lamedor** e a gente vendia por esse pessoal por um real ou dois reais, porque antigamente se vendia. Todo mundo perguntava cadê o lamedor, cadê a tintura, cadê a pomada? Tem uma história aqui de farmácia viva.

Tem essa história que se resgatar era um crescimento muito grande para a comunidade. Agora sim, o interessante era isso porque **para a comunidade ia ser muito bom, ia não, vai ser muito bom, mas retornar é difícil**.

Ivone concordou que um projeto pode ser a solução e convidou para a ação:

Qual é a solução? É fazer um projeto? Então vamos **sentar para fazer um projeto** e aí a gente enviar pra ver se dá certo, porque **se der certo uma vez pode dar de novo, se deu certo, se já houve, se foi muito bom para todo mundo então pode tentar de novo**. Se não deu certo até agora 10 anos tentando, já foi dito por que, não foi colocado no papel então se já sabe que é por isso, a gente marca um dia para fazer isso.

Para dona Ana não teria como conseguir:

A gente tinha um horto onde a gente só plantava plantas medicinais. Esse terreno aí é da comunidade e eu **acho muito difícil** a gente fazer, como a dona Raimunda falou, acho que é muito difícil voltar. Por que é difícil? Porque **dá muito trabalho, não tem quem trabalhe, não tem**. A gente no ano passado limpamos para a gente poder dar continuidade e **ninguém tem mais condições de pisar nem lá e hoje está pior do que o ano passado**.

Dona Ana lembrou o destino quando foi abandonado o terreno, sendo depredado de seus frutos e utilizado pelos moradores adjacentes como lixão e por membros de gangues, como depósito de crack e local de negócios.

**A gente tinha coco, tinha limão, tinha graviola** e os nossos meninos dez anos atrás eles não mexiam em nada, não mexiam, mas **de 10 anos pra cá a gente não consegue tirar um coco dali, porque eles tiram de saca de coco e descascam ali dentro mesmo e vendem para as bodegas**, pra vender os cocos a um real, à três

por um real; limão, enchiam sacas de limão e o que eles faziam, era fechado e eles quebravam o muro, **o muro está todo quebrado, ninguém consegue mais fechar**, porque os meninos adolescentes, os jovens, os adultos de 30 anos eles vão lá na horta e tiram o que querem. E o que a gente fez pensando que melhorava? **A gente cortou o pé de limão aí foi pior porque eles entram do mesmo jeito, vão esconder droga, vão fazer o que bem querem lá dentro, sobre o horto, sobre a horta a gente perdeu o controle e acabou-se.** Está aberto, a gente botava um cadeado, eles tiravam, a gente botava de novo, eles quebravam, então hoje está lá e **eu não acredito que a gente vai fazer alguma coisa lá não, eu já perdi a esperança. Já quiseram vender e eu era uma das pessoas que eram contra, vender aquele terreno, mas hoje eu sou a favor**, porque está só incomodando os vizinhos, porque estão entrando, estão se apossando e a comunidade fazer um trabalho ali é muito difícil. Esse é o meu ponto de vista, não sei o que as outras pessoas acham, o que a comunidade acha. Seria bom? Seria, mas...

Porém no decorrer da conversa, após ouvir várias propostas dos outros participantes, ela se empolgou dando sugestões superando suas dúvidas:

Dona Ana: Tem que fazer um projeto, tem que saber o que é que nós queremos, para que a gente quer, **então vamos fazer e depois com isso em mãos, por que a gente quer e pra que nós queremos, aí a gente vai dizer pra que eu quero um horto?** Pra quem? Pra vender, para isso, para isso e como nós queremos?. **Para poder a gente se reunir, para que o momento deles não ser aqui, mas ser lá onde a gente possa ver natureza**, onde a gente possa ver frutas ou mesmo as plantas para remédio, que a gente passa assim pegar um vic e passar no nariz e ficar o tempo todo cheiroso, que a gente faz assim onde a gente passa pega aquela coisa que cheira .

No diálogo entre os pros e os contras entre o sonho de transformar e o medo do risco de não conseguir, entre a esperança e a desesperança, vence o desejo de querer superar uma situação limite, mesmo que “retomar é difícil”, com a visão de que “para a comunidade “vai ser muito bom”. “Não é, porém, a **esperança**, um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” diria Paulo Freire, a essa altura constatando que:

Se o diálogo é o encontro dos homens para **Ser Mais**, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu que fazer já, não pode haver diálogo.

Finalmente, não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade.

Este é um pensar que percebe a realidade como processo, que a capta em constante devenir e não como algo estático (FREIRE, 1987,p. 47).

O dia 13 de outubro de 2012 marca o dia do início da limpeza, que se realizou ao longo de um ano, pois não foi sempre pacífica, pelo menos no início. Alguém tinha quebrado os cadeados da comunidade, que mantinha fechado o portão do terreno e colocado um

cadeado próprio. Seria, suponha o grupo, para continuar o tráfico de drogas que se utilizava do espaço, anterior a esse processo de limpeza do local.

Assim, o grupo precisava quebrar constantemente os cadeados alheios e colocar outros. E a história se repetia até que alguém resolveu roubar o portão, mas “inquebrantável solidariedade mundo-homem”, a esperança de conseguir alcançar um objetivo maior na convivência e na partilha superou o medo da violência. Para que o objetivo de recuperar a horta não acabasse em tentativa, o grupo juntou dinheiro e efetivou a compra de um novo portão com fechaduras específicas e assim conseguiu seguir o caminho uma vez tomado.

Nesse processo, houve convites a quem quisesse ajudar no empreendimento e em vários encontros juntaram-se homens, mulheres e crianças dando o melhor para que pudessem alcançar o objetivo. Isso se deu também pelo interesse dos moradores adjacentes à horta, pois eram os mais prejudicados dado à proximidade de suas casas com a horta.

Como nas oficinas de artesanato e no projeto Ponto de Leitura o GMG realizou uma boa experiência de ensino-aprendizado, porque envolveu e se realizou para e com as mulheres, alcançando pessoas além do grupo, desencadeando novas perspectivas. Desse modo, os participantes buscaram novos recursos, através da realização de um pequeno projeto que as próprias mulheres pudessem assumir como facilitadoras da comunidade e que lhes permitisse oferecer oficinas básicas de fotografia e vídeo, jardinagem e produção de um blog.

Ofereci-me para escrever o projeto, o que fiz em parte como participante interessada no novo rumo que o grupo estava se dando, mas também como pesquisadora, entendendo a realização do projeto como instrumento de coleta de dados, sobretudo, na observação da partilha de saberes. O projeto foi divulgado boca a boca e através de cartazes. Em uma retrospectiva o grupo se lembra dessa ação;

Patrícia: Como a gente fez a divulgação do projeto?

Silvia: **Foi convidando as pessoas.** A dona Raimunda convidou a dona Margarida, eu convidei a dona Laura, convidei a outra Margarida, mas não veio, convidei também a Leila, mas não veio, convidei o Mateus.

Patrícia: Quer dizer que a gente convidou pessoalmente e também colocamos um cartaz? A gente poderia reclamar somente são poucas pessoas, mas é um tema específico é um interesse totalmente diferente eu penso assim é ligado mesmo à terra ao meio ambiente à vontade de fazer alguma coisa juntos.

Silvia: **Eu acho que é amizade** também, mais por causa da amizade.

Patrícia: Alguém poderia reclamar que as facilitadoras são também alunas, mas não é justamente o que a gente queria?

Silvia: **Porque eu aprendo com ela e ela aprende comigo.**

Raimunda: **Tu aprende o que comigo?**

Silvia: **Lá na horta.**

Raimunda: Fazendo o que? Cada um faz o que gosta. Se ela gosta de olhar nos lá no buraquinho da câmara, aí não tem problema, **o meu problema é mais tacar a enxada no chão e arrancar aquele mato que não serve pra nada depois colocar outra mato que serve** para alguma coisa, um mato que serve de remédio açafroa, gengibre, pé de mostarda, hortelã, malva, corama, boldo, gergelim, capim santo, carambola, cidreira, ali uma cana a gente pode vender também.

Livramento: **Mas não é a questão de dizer quem ensina, a gente aprende nem sente que aprende, a gente ensina e nem sente que ensina, a gente ensina aprendendo.**

Raimunda: Exatamente, a gente conhece as plantas.

Patrícia: A gente precisa se formar antes?

Silvia: **Ninguém é formado em nada.**

Raimunda: **Quando você é do interior, a gente sabe.**

Se inscreveram duas mulheres e várias crianças que apareceram as vezes em grande quantidade, outras vezes em pequeno número, mas não deixaram de alegrar as atividades essa presença.

Percebo que o fazer não é mero ativismo em que as pessoas se juntam para ocupar o tempo, mas aprendizado onde “eu aprendo com ela e ela aprende comigo” o que sabemos e onde “a gente ensina aprendendo” valorizando o saber do outro respeitando-o assim como “legítimo outro”. Há nesse se relacionar, aprendendo-ensinando, carinho e afeto, fundamental para uma convivência duradoura. Envolvendo na discussão Figueiredo, este afirma que de acordo com Maturana “o social tem seu fundamento no emocional” e que “sem a aceitação do outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social” (FIGUEIREDO, 2007, P. 63-64).

No início até se pensava em fazer um cronograma das aulas, tal dia, tal horário, primeiro uma oficina, depois a outra, mas a realidade, como já tinha se mostrado no projeto Ponto de Leitura, construiu o caminho de uma educação participativa em que as oficinas não foram separadas. Todos aprendiam a fotografar e filmar acompanhando a jardinagem. Havia quem cuidava da horta sendo fotografado e filmado, momentos depois o quadro se invertia e os papéis eram trocados, os jardineiros se tornavam fotógrafos e os fotógrafos jardineiros podendo assim todos testar suas habilidades.

Aprendia-se a capinar, limpar o terreno, manusear as ferramentas de jardinagem e aguar, mas também a fotografar e filmar para futuramente poder utilizar o material na divulgação do projeto e na busca de recursos para mantê-lo. O currículo consistia em aprender

a cuidar da horta e a documentar essa atividade, além de refletir sobre o aprendido e a Educação Ambiental, um ensino-aprendizado em que “a gente sem querer se doa, se dá”, na expressão de uma das integrantes do grupo:

Pergunta: Em termos de áudio-visual como é que a gente repassa o nosso saber?

Silvia: Pergunte aos alunos.

Pergunta: Bia tu já sabia? Você nunca pegou em uma câmera antes?

Bia: Não.

Silvia: Ela tem uma mãozinha. **A Bia fotografou na hora, isso é um olho de fotógrafo.** A mulher estava lá no muro espiando e ela bateu a foto, a mulher nem percebeu. Oh, flagrante.

Pergunta: E dona Margarida como foi para a senhora pegar na câmera bater fotos?

Margarida: **Eu nunca tinha pegado e gostei.**

Silvia: Toda semana **ela pegou e estava bem animada.**

Livramento: A gente bota a câmera na mão de qualquer um, pessoas que **nunca pegaram pegam divinamente bem e a gente fica impressionado.** “Não eu quero não, eu quero não”, tem uma pessoa que eu conheço [olhando para dona Raimunda] que eu não quero dizer o nome, que **diz que não quer participar das oficinas, de repente está participando,** não está nem percebendo pegando na câmera, está filmando, bem diretinho. **Eu penso que a gente sem querer se doa, se dá.**

Figueiredo considera que o grande elo do caminhar com o real “é sua possível contribuição e alargamento de fronteiras, de horizontes de percepção” (FIGUEIREDO, 2007, P. 64).

Vale lembrar que a horta comunitária não é uma novidade na comunidade, ela foi criada em 1994 com recursos da Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza, que também disponibilizou o terreno, para fornecer a matéria prima que era transformada em remédios alternativos de baixo custo na Farmácia Viva, também inaugurada naquele ano. Por muitos anos a farmácia ajudou a amenizar doenças e a esclarecer moradores acerca de uma alimentação mais saudável. Devido à saída de algumas pessoas do bairro e da desistência de outras, o projeto não continuou e a horta ficou abandonada. A horta faz parte da história viva da comunidade, ela marca uma das conquistas voltadas para o benefício da comunidade. Por isso compreendo que o recuperar da horta, como lugar de educação, comunicação e produção coletiva também ressuscita lembranças das experiências vividas que podem encantar as gerações mais novas e ensinar do que as escolas carecem: a relação homem-ambiente.

Na horta e com ela a memória se abriu para um mundo de sabedorias inéditas para quem nunca viveu as alegrias e os sofrimentos do campo, revelando um pouco do perfil das

mulheres que nesse grupo se juntaram para ajudar a si mesmas e aos outros. Cada vida é uma história que nos ensina a refletir e entender o mundo em seu contexto, de relações de opressores e oprimidos, relação humanidade-natureza.

O surgimento da horta abre a mente para o passado, remete às vivências da infância no campo: o trabalho na roça, a pesca, a colheita, a caça revelando saberes ocultos.

**Livramento:** Eu **me lembro quando era criança meu pai cuidava das plantações de algodão**, as capoeiras de algodão, aí quando era na época que eles iam plantar, aquele algodão que estava seco do ano anterior para preparar o solo, a terra, eles cortavam todos aqueles galhos todos e queimavam, ficava todo limpo, o roçado, a capoeira, aí eles plantavam. Quando os algodão ficava na época de brotar, aquele fruto do algodoeiro era bem docinho a gente comia, aí quando abrochava aquele algodão, o capucho do algodão, parecia como uma flor era bem branquinho, e era muito, aí a gente juntava e botava num saco. Eu me lembro, eu era pequena, conversando com meu irmão recentemente ele disse que eu tinha uns 8 a 9 anos, por isso não sei contar muito detalhes. Também eu lembro que ficava cozinhando o feijão, eu não botava nem sal e todo mundo dizia que o feijão estava cru e insosso, e eu dizia que estava bom, e eles me botavam para que aprendesse mesmo errando, não gritavam, não criticavam. Aí depois outra vez ficavam me ensinando, *“tem que ficar nesse ponto”*, aí pronto eu aprendi.

Além da vivência na roça, Livramento conhece os segredos da pesca:

**Eu aprendi a pescar na prática fazendo. Nós íamos todos juntos, a família**, porque como as casas eram longe uma das outras, cada família se encarregava de cuidar de um determinado local para colocar esse, como é o nome? Sei que era uma vara grande com uma linha bastante grande, essa linha ficava dentro da água, eram vários anzóis grandes, aí chamava de poita e colocava à noite, prendia a vara com pedras na barreira do rio, como o povo chamava, aí ficava com uma isca, botava à noite e de dia tirava.

Querendo saber mais acerca do trabalho no campo e do cultivo em geral presenciei verdadeira aula sobre uma vida ligada a terra que alimentava, mas também oprimia.

Pergunta: Eu nem perguntei o que vocês plantavam no seu interior.

Raimunda: Milho, feijão, mandioca, batata doce, algodão, arroz.

Pergunta: Vocês se alimentavam disso, quer dizer não precisava comprar?

Raimunda: Não, a gente não tinha terra, a gente plantava pros outros.

Pergunta: Plantava para os outros, mas não tinha um pedaço de chão pra si mesmo?

Raimunda: Não, tinha não, ninguém podia fazer porque o tempo não dá, só dá pra fazer mesmo para o patrão. A gente comprava as coisas, comprava o feijão no centro.

Livramento: Porque vocês não comiam do que plantavam?

Raimunda: **Não comia porque não era da gente, era do patrão, a gente comprava. Agora se a gente quisesse fazer um roçadinho no quintal, podia fazer.**

Pergunta: E vocês faziam?

Raimunda: A gente fazia aí plantava jerimum, melancia, pepino os pepinos eram tão grande que pegava mais de dois quilo.

Pergunta: E vocês não plantavam feijão no quintal?

Raimunda: No quintal da casa a gente plantava, mas a minha vida era mais dentro dos açudes, pescando, pegando peixe para meu pai, quando saísse do trabalho pudesse vender para comprar comida pra gente comer.

O se fazer grupo e os projetos descritos acima são lugares em que as relações não dependem de funções, mas oferecem às pessoas a possibilidade de ser diferente, partilhar saberes, se manifestar, opinar, brigar sem se machucar, dialogar, aprender, ensinar, se amar e portanto se transformar. Esse se fazer pode ser associado à características de uma “Educação Ambiental crítica e dialógica, que incorpora a abordagem dialógica de Paulo Freire e a perspectiva Eco-Relacional que lhe agrega a dimensão ambiental” (FIGUEIREDO, 2007, P. 65), a dizer, a **Educação Ambiental Dialógica** proposta por Figueiredo.

Uma “educação ambiental crítica, política, popular, conseqüentemente dialógica, uma educação que capacita os seres humanos para a compreensão e resolução de questões ambientais” a partir de uma perspectiva “que interliga múltiplas dimensões do ser” (FIGUEIREDO, 2007, p. 64). Uma perspectiva “que possa oferecer subsídios para uma atitude solidária, para uma gestão embasada em propostas que retomem valores ético-morais não antropocêntricos, não fragmentários, fundamentalmente relacionais, melhor dizendo, eco-relacionais (FIGUEIREDO, 2007, p. 55).

Uma perspectiva eco-relacional que se efetiva “como ponte entre o natural, o individual e o sócio-cultural permitindo o transitar, o interagir, o colaborar, que oferece a compreensão da complexidade do real e da essencialidade da superação da razão antropocêntrica e fragmentadora” (FIGUEIREDO, 2007, p. 85), que prioriza “o ‘relacional’ que se faz solidário em uma reorientação do termo, observando a relevância do construir parceiro de saberes, valorizando devidamente o saber popular, sem descuidar dos aspectos sócio-históricos e políticos envolvidos” (FIGUEIREDO, 2007, p.77).

Dentro dessa **Perspectiva Eco-Relacional (PER)** em que a relação é “eixo principal dentro do contexto de mundo (sentido, pensado ou vivido)” (FIGUEIREDO, 2007, p. 55); que “prioriza o relacional como contexto básico e as relações como princípio do real” (FIGUEIREDO, 2007, p.59), emerge como proposta de um novo educar a educação ambiental dialógica e eco-relacional que considera a “dimensão relacional diante das questões ambientais” restringidas nas “representações hegemônicas às relações físico-químicas e

biológicas que não consideram as relações humanas e sociais” (FIGUEIREDO, 2007, p. 57-58).

Educação Ambiental que pretende redimensionar a percepção fragmentada e que favorece “a construção de um conhecer integrado que pode resultar em uma percepção eco-relacional que se corporifica em **ecopraxis**” ao considerar “a dimensão ambiental constituída também pelas esferas histórico-política e sócio-cultural” (FIGUEIREDO, 2007, p. 58).

A partir dessa visão desfragmentadora ou eco-relacional Figueiredo (2007, p.58) intenta “interagir com os mundos alheios” e entender “o mundo como plenitude de eus-nós, nós-persona, nós-outro, nós ser social e nós natureza em relação”. Quanto à **ecopraxis** ela “envolve a ideia de uma práxis ampliada” que implica o “engajamento efetivo na transformação política e ética do mundo” e significa a “ação refletida e solidária entre os múltiplos eus”. Ela se “caracteriza por ser uma práxis multidimensional, alicerçada numa percepção integral de mundo”, que tem como “fundamento básico e essencial a inter-relação harmônica entre os seres vivos e considerados não vivos”. Ela se manifesta pela “busca de uma relação equilibrada e solidária do ser humano com ele mesmo, com o outro, com a sociedade e com a natureza da qual ele faz parte”. Uma prática em que o ser humano está ciente de ser parte de “uma teia de relações inter-relacionadas e interatuantes” e portanto exige uma transformação concreta do mundo através da reflexão-ação o que envolve o “mundo dos saberes” que “interliga múltiplas dimensões do pensar, tais como a do sentimento, do pensamento verbal-lógico, do sensório e do intuitivo” (FIGUEIREDO, 2007, p. 61).

A sensibilidade adequada, atitude refletida e ética somada à afetividade resulta em eco práxis. O se fazer e refazer do grupo foi uma das características que associei à Educação Ambiental Dialógica pelo seu aprender a conhecer, aprender a fazer e conviver, que nos termos de Freire significa mais do que aprender o conhecido, aprender como se faz ou as meras relações formais de boa vizinhança (FIGUEIREDO, 2007, p.90).

Com esse arcabouço e a bagagem da minha vivência, descubro também outra característica do GMG que relaciono à Educação Ambiental Dialógica. Na verdade foi a primeira que me chamou a atenção, porque mais visível e aquela que despertou em mim o desejo de pesquisar o grupo em relação à Educação Ambiental: a reflexão sobre o meio ambiente manifestada em conversas acerca da poluição e da reciclagem e as memórias da vida no campo. Todavia, me dei conta mais tarde – depois de me entrosar mais na EAD de Figueiredo e a dialogicidade em Paulo Freire através do GEAD e das disciplinas que trataram do assunto – que Educação Ambiental além do preservar o ambiente, abrange todas as esferas

da vida. Apesar da minha curiosidade sobre o grupo como tal, foquei muitas perguntas na memória sobre a infância vivida no campo, saberes repassados de geração em geração sobre plantas medicinais e Educação Ambiental.

## **5.2 Educação Ambiental Dialógica é se refletir e agir como parte de um todo ecorelacionado**

Através de certas reflexões acerca do meio ambiente, que surgiam a partir de uma observação do cotidiano ou uma atividade no grupo, percebi que existe potencial para envolver no futuro o GMG na construção de um projeto de Educação Ambiental Dialógica. Digo no futuro porque existe certo conhecimento da relação ser humano-ambiente e também a experiência do projeto da horta, que está associada à questão ambiental no sentido de contribuir para a saúde das pessoas, mas ainda o grupo não se identificou como lugar de Educação Ambiental num sentido mais amplo.

Para tanto, precisaria que a convivência amorosa, sentimento que está no grupo desde sua origem – a dizer desde quando surgiu a preocupação com o bem estar dos outros – e que gera entendimento e diálogo, se relacionasse diretamente à Educação Ambiental, que aos poucos emerge e envolve o grupo, através de sua transformação e de minha intervenção.

Convivendo na amizade, no afeto, na partilha de saberes e no respeito mútuo pelo valor do outro penso que podemos conseguir esse empreendimento, enfrentando problemas ambientais, pensando e agindo no local, considerando o global, “observando a relevância do construir parceiro de saberes, valorizando devidamente o saber popular” nos termos de Figueiredo (2007, p.77).

Nesse caminhar o GMG iniciou algumas práticas, por exemplo, existe uma reflexão que visa soluções pontuais como a separação do lixo e o reciclar do material resultante, através da produção de artesanato, cambiando para a reprodução de uma Educação Ambiental hegemônica, que, os termos de Figueiredo se insere de modo globalizado e apresenta uma “tendência embutida na participação das populações em ações pontuais” (2007, p.78). Mas ao tematizar o pontual, o horizonte se amplia para mais longe, permitindo às pessoas se conscientizar acerca de questões que tem a ver com a própria vida e muitas vezes no dia a dia passam despercebidas.

Certas conversas e ações mostram a preocupação com o meio ambiente degradado e num sentido mais amplo com as consequências dessa degradação para o ser humano numa

visão que reflete o global no local. Muitas vezes uma experiência vivida ou algo praticado levam a uma reflexão sobre o meio ambiente.

Em um encontro na fase em que o grupo tinha a intenção de continuar com a produção de artesanato, uma das mulheres mostrou um modelo de bolsinha criado com material reciclado, o que resultou em uma reflexão sobre a diminuição na produção de lixo.

Hoje Ivone mostrou um novo tipo de artesanato criado com **material reciclável**. Fez bolsinhas usando caixa de leite e retalhos de tecido. Eu disse que também usava caixas de leite para fazer móbile<sup>39</sup>. Mirlem disse, que era legal por causa da **reciclagem**. Eu disse que era legal, mas que esse incentivo ao reciclar não acabava com o lixo, pelo contrário, aumentava o consumo de produtos com embalagem reciclável, ademais o lixo não desaparece. Vassouras de garrafa pet, por exemplo, são muito legais e úteis, mas depois de gastas são descartadas igualmente o que **não reduz a quantidade do volume do lixo produzido**. Nisso Mirlem tocou no assunto das **fraudas descartáveis** comentando que as pessoas por comodidade não estão nem aí com as consequências. Ivone conta que nenhum de seus filhos usou fraude descartável e que hoje as pessoas não querem mais ter o trabalho de lavar fraudas (caderno de anotações, 31.03.2011).

Em uma oficina de artesanato “relâmpago”<sup>40</sup>, com material reciclável, que dona Lúcia ofereceu em um dos encontros, enquanto o grupo aguardava o sol baixar um pouco para poder aguar a horta, perguntei para que contribui a produção de artesanato com esse material.

Dona L: Não vai para o lixo para ser queimado e assim não vai para o ar, **é menos poluição no ar**. A gente está aproveitando para fazer **um trabalho de artesanato e o benéfico é que esse material que está sendo usado não vai para o ar que a gente respira**, não vai ser queimado acho que isso é a contribuição da reciclagem. Foi tirado das sacolas de lixo que são das confecções.

Em um dos encontros em que uma das integrantes chegou a se queixar sobre sua moradia e seu emprego, se desenvolveu uma conversa sobre degradação ambiental em loco e suas consequências:

Hoje tocamos no assunto da **degradação ambiental**. Ponto de partida foi a queixa da Célia sobre o emprego e a moradia dela. Ela se demitiu do emprego (costureira) que ela qualifica como ruim faz é tempo, como enfatiza, e **reclama sobre o contexto em que é obrigada a morar** (problemas com a vizinhança, violência,

<sup>39</sup> Na **escultura**, o **móbile** é um **modelo** abstrato que tem **peças** móveis, impulsionadas por **motores** ou pela **força** natural das **correntes** de **ar**. Suas partes giratórias criam uma experiência visual de **dimensões** e formas em constante **equilíbrio**. O móbile foi inicialmente sugerido por **Marcel Duchamp** para uma exibição de **1932**, em **Paris**, sobre certas obras de **Alexander Calder**, que se converteu no maior expoente da escultura móbile. A origem latina do termo móbile remete à ideia de "móbil", "movimento". [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mobile\\_\(escultura\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mobile_(escultura)), acessado em 2914.

<sup>40</sup> Expressão que dei às oficinas que alguém do grupo oferece espontaneamente. Pode ser um artesanato rápido ou como já aconteceu em outra oportunidade uma oficina de pão caseiro ou de uma composteira caseira.

tráfico de drogas etc.) se fosse por ela voltaria para o interior onde nasceu, a **cidade, diz ela, não é vida para ela.**

Liduina rebate: “Pelo amor de Deus **morar no interior, nunca, lá não tem nada**”. Ela nasceu em Fortaleza e para ela a cidade é tudo. Livramento que veio do interior depois da morte do pai aos 12 anos e cresceu em Fortaleza, concorda plenamente com Liduina.

Célia continua seu discurso alegando que **o homem acabou com a natureza**. Toma como exemplo a praia de Iracema onde o mar foi aterrado. “Estamos vivendo dentro do mar” diz ela, “e **ele retoma o que é dele**”.

Liduina que de repente ficou muito calada confessa que era disso que ela **tinha medo**.

De repente dona Ana, que estava arrumando a cozinha se insere na conversa seguindo o pensamento de Célia e pergunta “o homem?” e respondendo a si mesma conclui: “**Nós! Quem aqui de nós não usa copo descartável? Quem faz seleção de lixo? Quem não joga lixo no meio da rua ou gasta água a toa?**”

Célia responde que **a maioria das pessoas não está conscientizada, que falta Educação Ambiental** e que ela entrega todo o **lixo reciclável** para os catadores.

No que dona Ana pergunta se **catar lixo é um trabalho digno?**

Célia conta de uma empresa de reciclagem que atua na comunidade onde além de serem **explorados e desprezados os catadores arriscam a cada dia ser contaminados com as mais variadas doenças**.

Para dona Ana **é preciso que o cidadão pressione o poder público**, que recebe o nosso dinheiro para ser aplicado em projetos sociais, a resolver este problema **tirando os catadores da rua para evitar que pessoas arrisquem suas vidas** e também porque este “emprego” abre espaço para o crime. A necessidade de sobreviver leva alguns a roubar instalações, medidores, cabos etc.

Ela elogia a Prefeitura de Mossoró no RN que assumiu a tarefa da reciclagem, tirando assim as pessoas de uma **vida na rua sem dignidade** e criando empregos regularizados. Em Mossoró diz ela não existem catadores de lixo .(caderno de anotações, 17.03.2011).

A cidade é identificada como um lugar de mal estar, a violência, as drogas, o lixo, não permitem viver, Célia quer voltar para o interior e até para Liduina, para quem a cidade “é tudo”, tem medo do mar “tomar o que é dele”. Mesmo não sendo abordado conscientemente, o problema cidade-campo, as pessoas sentem que há algo de errado nessa relação. Quero saber como é/era no interior

Pergunta: **Você se lembra da sua vida no interior?**

Edna: Eu nem me lembro muito não que eu era pequena.

Pergunta: E de vez em quando você não vai pra lá não?

Edna: É difícil, mas eu vou.

E gosta?

Edna: Quando eu vou, eu gosto, eu me sinto muito bem lá. Porque a vida agora é melhor.

Pergunta: **Você pode imaginar de viver no interior?**

Edna: **Se eu mudar de vida eu queria ir pra lá, fazer outra coisa, inventar alguma coisa, um meio de vida diferente.**

Pergunta: O trabalho que tu faz é por mera sobrevivência o tu está apaixonada por ele? [ela é costureira na Guararapes]

Edna: Eu não gosto não. **Nunca gostei de costurar, eu só estou lá porque foi o que encontrei, é por isso, mas não é o que eu queria.** É outra coisa que eu queria, mas não é isso.

Pergunta: Na cidade as pessoas perdem a alegria de viver?

Raimunda: **Não é perder é porque não tem o que fazer.** No interior é assim, a gente que tem coragem a pessoa vai pro açude pescar, se tiver feijão vai apanhar.

Quero saber mais dessa vida de interior que se faz mais próxima do meio ambiente que a vida nas cidades, que crescem se espalhando e mudando a relação ser humano-natureza. Uma realidade em que se lavava roupa no açude, onde se tomava banho, se cantava e tudo era “muito bom”, e, que desperta sentimentos de saudade.

Pergunta: **Vocês lavavam roupa no açude?**

Raimunda: A gente ficava lavando roupa no açude tinha pedra, tomava banho, cantava também, mas menina era muito bom. Sabe qual era a minha música quando eu pescava? Ainda hoje eu me lembro. (começa a cantar) *“Xo cururu xo nunu nani nani nani nani nani nani xó cururu...!”* Agora a do peixe para nós pescar era assim: *“Se a canoa não virar olé olé olá eu .... rema, rema, rema remador, quero ver se pesca meu amor ...”* **É legal, eu tenho saudade desse tempo, tenho saudade.**

Pergunta: Como era a água naqueles tempos?

Raimunda: Naquele tempo a gente **tomava água da bica da goteira**, não tinha cisterna, não tinha nada, a gente cagava no mato, tomava banho dentro do rio. De manhazinha se você tivesse uma gripe, você ia pro rio tomar banho e ficava boa. **O banho de manhã, de manhazinha é gostoso o banho de açude de manhazinha e lá onde minha mãe morava tinha um açude bem pertinho, quando o açude enchia só faltava bater dentro de casa e nós pegava peixe.** A água a gente pegava nos potezinhos porque a gente era pobre, não existia geladeira.

Livramento: Os potes todo dia de manhazinha a gente enchia, só enchia os potes e pronto. Para tomar banho e lavar roupa ia pra lá. Louça também ia pra lá

Raimunda: Pegava uma bacia de louça e lavava lá dentro, **não era legal?** Era sim!

Também no contexto do “legal” são lembradas as brincadeiras que eram boas de mais porque tinha “espaço pra brincar” o que “aqui não tem”:

Raimunda: Agora sim nesse negócio de brincadeira a brincadeira da gente era brincar com aquelas pedrinhas, joga-para, joga-para e com bonecas. Os vestidos de boneca que eu fazia, não tinha aqueles bombom Pippet? Aí eu pegava aqueles bombom, tirava aqueles papéis aí fazia roupinha, roupinha de boneca, costurava.

Pergunta: E subia também árvores e pulava dentro da água?

Raimunda: Subia árvores só pra tirar caju, eu pulava de corda saía com a corda pulando no meio da rua, no meio do quintal, **porque no interior tem espaço pra brincar aqui não tem**, é bom de mais, é divertido ainda me lembro de tanta coisa.

Pergunta: Livramento você também fazia essas brincadeiras?

Li: Brincava muito de corda, de bila, de pião.

Nesse redizer o passado, começaram a falar do paradoxo de se viver bem no contexto do interior, ainda que houvessem algumas problemáticas. Para elas as coisas do interior eram legais apesar de alguns dilemas. Por exemplo, a educação formal assumida pela mulher do patrão, que tirava o gosto de estudar e a obrigação de trabalhar em casa de família, para poder sobreviver quando os pais adoeciam ou morriam, ou a seca, que promoviam o êxodo para a cidade.

Pergunta: E a escola dona Raimunda?

Raimunda: Escola não existia.

Pergunta: Não existia escola?

Raimunda: É interior, **só tinha a mulher do meu patrão que ensinava. E ela me ensinava e eu não queria aprender.** Botava eu em cima dos caroços de milho e ainda existia essa tal de palmatória e tudo isso fez com que eu não fizesse nada. E os filhos da minha patroa pra eles se formarem eles vinham todos pra cá porque lá não existia colégio. Todo mundo vinha pra cá. Quando não sabia aprendia na casa dela, mas quando a pessoa já estava bem aprendida ela botava pra cá pra cidade pra aprender alguma coisa, a família todinha do meu patrão.

Livramento: Ninguém queria aprender porque se errar batia. Enquanto à educação na época que eu morava lá tinha o MOBREAL que era educação de jovens e adultos aí criança não entrava. As crianças eram alfabetizadas no próprio domicílio, no próprio lar com os mais velhos os pais, os tios. A minha mãe me alfabetizou, mas não só a mim, ela alfabetizou também outras crianças. (...)

Pra Fortaleza eu fui mais pela questão do estudo porque como não tinha educação para as crianças e eu já era alfabetizada aí eu vim, só que eu vim para trabalhar em casa de família. Eu vim para ser babá e também foi um motivo de doença. O meu pai só vivia doente aí o negócio começou, não tinha mais aquela coisa da gente se reunir, todo mundo pro roçado. Ficaram só meus dois irmãos, mas eles não tinham muita garra de ir, porque tinha que atravessar o rio, plantar, fazer todo aquele serviço que ele fazia, que era meu pai, dois irmãos adultos e os dois mais jovens.

Raimunda: A minha mãe era lavadeira de roupa da patroa e minha mãe passou cinco anos lavando a roupa da patroa. Durante cinco anos ela trabalhou tanto que ela adoeceu, aí foi o tempo que nós viemos embora pro Serrote. Pois bem de lá pra cá começou, minha mãe foi pro Beringel perto do Mirim, foi o tempo que meu pai saiu da terra o patrão dele pagou o direito dele e ele comprou um terreno pra fazer uma casa, depois ele se aposentou. Aí foi o tempo que meu pai se aposentou, o tempo que

ele se aposentou foi o tempo da doença dele, aí o dia que começou com a aposentadoria foi só pra cuidar da vida dele, depois morreu e a minha mãe ficou. Quando depois as coisas pioraram, eu não aguentei e disse que queria vir embora para a cidade que não queria ficar passando fome não e foi isso que eu fiz, saindo de lá com 13 anos uma família me troce pra cá para trabalhar na casa de família, minhas irmãs já trabalhavam, aí eu vim trabalhar.

Posso perceber que a educação formal é inserida em um grande todo onde se aprende várias coisas, mas que apesar da seca, das doenças e das condições precárias de trabalho a dizer, a situação de exploração de mão de obra pelo latifúndio também ela é motivo do afastamento das pessoas da terra. Não existem escolas no interior, quem quer “ser algo” vai para cidade.

Constata Figueiredo, que a urbanização crescente com suas consequências contribui para o distanciamento do homem do mundo rural. “Lembramos que o ecossistema urbano que cresce e se desenvolve intensamente depende do ambiente rural que desaparece quase que na mesma proporção que cresce a urbanidade” (2007, p. 69).

A partir desse sentimento de relação “destorcida” pode se construir uma consciência diferente para tratar dessas relações refletindo sobre o modelo de sociedade imposto e a criação de outras diferentes. Penso que faz se emergente um olhar diferente sobre o mundo em que vivemos trazendo a percepção popular sobre o assunto explorando reflexões, memórias, saberes, sentimentos e desejos que se manifestam. “É nessa relação que a educação ambiental parece ter um lugar importante de construção de consciência diferente para tratarmos das relações de mútua dependência que existe na interação sociedade-natureza” (2007, p. 69).

Carregam no corpo essas mulheres a dicotomia cidade-campo marca da dissociação homem-natureza ao tempo que levam em sua bagagem o conhecimento, as experiências relacionada a essa terra encharcadas de emoção se oferecendo para a reflexão não somente dos efeitos, mas das causas.

Se nas mulheres há uma intuição que há algo de errado a partir da experiência vivida em ambas as esferas, as crianças descrevem, quando questionadas acerca do tema natureza em sala de aula, um cenário que é motivo de preocupação:

Certa vez em um de nossos encontros algumas crianças chegaram mais cedo, era tempo de férias e elas se reuniram em um dos salões paroquiais para brincar de escolinha. Aproveitei o momento para fazer algumas perguntas relacionadas a Educação Ambiental.

Pergunta: Me dizem uma coisa, vocês aprendem algo em relação à natureza na escola?

Jeniffer: Quando estava na outra escola eu aprendia. A tia tirava uns dias que lá tinha um jardim aí de vez em quando a gente ia lá plantar, aguar as plantas, olhar como elas estão. Agora estou em outra escola.

Perunta: E lá não tem horta não?

Jeniffer: Tem, mas é toda suja.

Pergunta: E ninguém faz nada lá?

Jeniffer: As meninas que estão com as coisas não deixam não. Lá é cheio de mosquito, de marimbondos e a gente fica com medo e não vai pra lá não.

Jeniffer: A tia de vez em quando diz que não pode jogar lixo no chão.

Eu: E você Jéssica nunca ouviu falar nada sobre a natureza na escola?

Jéssica: Não.

Em outro encontro conversei com uma criança, que não estava presente no naquela roda de conversa, sobre Educação Ambiental e como se manifestava.

Pergunta: Na tua escola existe educação ambiental em relação à natureza?

Bruno: Existe, a gente estuda muito sobre educação ambiental.

Pergunta: O que vocês estudam?

Bruno: Sobre o ar poluído, poluição do mar manda fazer pesquisas.

Pergunta: Na Educação Ambiental vocês saem da escola para ver a natureza ao vivo, para conhecer as plantas ao vivo?

Bruno: A gente nunca sai para fazer isso.

Pergunta: Vocês têm uma horta na escola?

Bruno: Tem, mas é do lado de fora as plantas que tem lá. Ai não deixam passar porque lá fica carro fica muito carro do diretor, dos professores.

Pergunta: Quer dizer vocês mesmos não aprendem a plantar, a semear, a cuidar das plantas.

Bruno: Não, eles não deixam plantar.

A diferença entre o tratar da natureza na escola e na comunidade é percebida pelas crianças no projeto de recuperação da horta através do estar com a natureza e aprender algo de concreto acerca dela na convivência e não somente ao falar dela ou tratar de juntar lixo.

Welderson: Eu aprendo sobre a natureza, aqui.

Pergunta: E na escola não aprende nada não?

Welderson: Na escola as vezes dizem que tem que ajudar muito a natureza.

Jeniffer: Eu aprendi aqui na horta que para a gente puxar a raiz da planta, tem que firmar bem a mão no chão e puxar com força.

Welderson: Eu aprendi na horta que quando a gente tem que tirar um toco de árvore tem que cavar ao redor. Aí cavando aos lados, aí pega o machado e vai tacando até sair, aí depois tampa de novo e fica só a areia.

Pergunta: Vocês acham que além de falar sobre a natureza tem que fazer também alguma coisa?

Jeniffer: Porque o planeta também precisa das plantas para viver, porque se ficar só jogando lixo no chão vai acumular um monte no esgoto e quando chover vai ficar só a água bem grandona.

Pergunta: E se acabar com as plantas o que vai acontecer?

Jeniffer: Vamos morrer, porque precisa das plantas para respirar.

Em um dos encontros em que estavam presente somente uma das mulheres, duas das crianças e eu fiz a proposta de irmos tomar nosso café na horta inaugurando assim o terreno, que já estava recuperado, com um piquenique. Aproveitei esse momento para conversar sobre Educação Ambiental.

Pergunta: O que vocês acham dessa horta como espaço de E.A? com o povo aqui.

Bruno: Aqui a gente sente um arzinho das árvores consegue respirar e lá no Amanhecer tem muito calor pode tomar banho direto.

Livramento: Quando me sentei aqui me veio uma vontade de ter as oficinas na prática como plantar, cuidar das plantas foi o que me veio na cabeça, também não vai acontecer da noite para o dia, mas vai divagar, porque isso não estava todo cheio de plantas e agora está tudo limpo, então estamos caminhando não é pior de formiga não, porque formiga trabalha muito rápida.

Livramento quando você está sentada aqui no meio, você se lembra de alguma coisa da sua infância do seu passado no campo?

Livramento: Um pouco, convivendo com os meninos aqui a gente volta a ser criança mesmo que não queira, eu gosto de lembrar dos momentos do passado porque do passado tem que viver as boas lembranças eu acho bom, porque do passado a gente tem as lembranças e tem que guardar só as boas lembranças.

Pergunta: Vocês já tiveram uma experiência ao ar livre? (para as crianças)

Bruno: Já teve uma vez que eu fui para Fortim perto de Aracati acho que todo mundo conhece que lá a minha tia que está morando aqui, ela tem um terreno bem grande lá que o nome da rua lá é uma rua que botaram o nome em homenagem ao pai dela, o terreno lá é bem grande e tem as árvores, uns canteiros e tem uma casazinha a gente dormia lá e quando me acordava de manhã, a gente acordava era cinco hora da manhã, lá os pássaros não deixavam ninguém dormir era muito ventilado e também lá a gente puxava do poço a água, lá a água era bem limpinha do poço.

Pergunta: E tu achava bom puxar água?

Bruno: Eu achava porque assim na parte de medir força porque lá tem um bicho amarrado no balde que a gente tem que descer e na hora que sobe tem que subir com tudo. Lá quando a gente foi achei muito bom porque o vento é muito bom mesmo.

Pergunta: É perto da praia?

Bruno: Não, não é perto da praia, lá de manhã, de tarde, de noite não tem ninguém no meio da rua, ninguém, lá não tem baderna é tudo calmo e tranquilo.

Pelos depoimentos das crianças percebo que falta interesse do sistema educacional em tematizar questões ambientais ou que talvez as escolas carecem de profissionais nessa área ou ainda, o que é mais provável que o sistema de educação se submete a um modelo de Educação Ambiental hegemônico que se insere de modo globalizado. Modelo que promove a participação da população através de ações pontuais, põe a responsabilidade pela solução das questões ambientais no indivíduo e não na política social e não afronta o modelo capitalista, como diria Figueiredo (2007, p. 78).

Se encontramos no cardápio escolar das futuras gerações escassez em termos de saberes ambientais, no das experiências das mulheres encontramos fartura pelo aprendizado vivido no campo no contato direto com a natureza.

Convencida de que o que as mulheres carregam nas bagagens de suas vivências pode ajudar futuramente na reflexão sobre como aproximar de novo as pessoas da comunidade da natureza, em específico as crianças, perguntei acerca de sua experiência ambiental em sua infância no interior.

O campo era sua palestra, aprendiam com e na natureza, guiadas pela sabedoria das gerações anteriores. Em sua infância o homem vivia associado à natureza como parte interdependente, aprendia-se para a vida e para a sobrevivência, um saber encarnado que perdura até hoje e ainda é praticado:

Pergunta: Vocês pescam ainda?

Livramento: Sim, nós pescamos. Quando é que a gente pesca? Quando não tem muito de comer, ele [refere-se ao esposo] está sem trabalho e a gente faz uma aventura, se diverte e ao mesmo tempo ... Tem o rio Ceará aqui, a gente vai para o outro lado e pesca também.

Pergunta: O que vocês pescam?

Livramento: A gente ainda pega aruá.

Pergunta: Como é que pega, como antigamente?

Livramento: É assim, a gente compra o material que é a linha de nylon, o anzol, prepara a varinha, de primeira pegava muito quando não existia esse bairro Vila

Velha, porque ali tinha muitas daquelas árvores marmeleiras<sup>41</sup>, cheirosas, aí a gente tirava as varinhas de lá, agora não tem mais nada, tem muitas casa. Aí a gente pesca do outro lado, passa pela ponte. A gente faz um landuá de saco de cebola, de saco vermelho, a gente tenta fazer uma roda com arame e cobre, bota, tipo um pano de café, aí a gente consegue pegar alguma coisa, aí bota resto de carne, de alimento aí entra o siri.

Vocês pegam também Siri<sup>42</sup>?

Fátima: Siri pega dentro da garrafa, basta botar farinha dentro da garrafa, eles entram todinho, não é?

Livramento: Na minha época tinha essa garrafa que o fundo dela é pra dentro, a gente quebrava e o siri entrava e não conseguia mais sair, mas agora com essas garrafas pet é complicado, porque elas são pet elas não descem, não ficam no chão.

Raimunda: Eu sou doida pra pescar, sinto tanta saudade daquilo.

À saudade dos velhos tempos se soma a consciência que “hoje não é mais assim” referindo-se às mudanças climáticas e que “tem muita coisa que a gente pode comer sem precisar comer coisas que a gente compra”, ressaltando assim que alimento é algo produzido ou buscado com as próprias mãos em parceria com a natureza para suprir uma necessidade, a dizer a manutenção da vida.

Livramento: Eu morava num local que ao lado era o rio do outro lado era um grota. A grota é uma espécie de canal, aí dá se o nome de grota. A minha mãe dizia que o riacho era a perna do rio, que é mais grosso e a grota era o braço que é mais fino, para explicar para a gente. Aí eu morava ao lado, de um lado era o rio do outro era a grota e ao mesmo tempo muito distante tinha dois riachos. Quando era época das enchentes tinha que sair do local porque os riachos emendavam às grotas, a gente se mudava, a gente ia por uma espécie de uma fazenda no alto. As plantações ficavam mais próximo ao rio, onde ficava melhor de se plantar, em cima é o lugar do gado, das cabras.

Pergunta: Quanto tempo fica a água?

Livramento: Uns quatro meses e nesse período as pessoas cuidam do gado, já vai cuidar da parte do leite, tem outras atividades. Aí quando secam as águas aí é que vai começar a plantar, às vazantes, que nas vazantes é plantando o milho, o feijão, a melancia praticamente dentro do rio. Aí na época do verão, no interior tem só duas estações que é o inverno e o verão. O inverno é a fartura e tudo e no verão é mais a

---

<sup>41</sup> O **marmeleiro** (*Cydonia oblonga*) é uma pequena árvore, único membro do gênero *Cydonia*, da família *Rosaceae*, cujos frutos são chamados **marmelos**. É originário das regiões mais amenas da Ásia Menor e Sudeste da Europa. Também é conhecido pelos nomes de marmeleiro-da-europa, marmelo e pereira-do-japão. Acredita-se que os primeiros marmeleiros plantados no Brasil tenham sido trazidos por Martim Afonso de Sousa na sua viagem de 1530. Os marmeleiros teriam se habituado muito bem ao clima da Capitania de São Vicente, principalmente a Serra da Mantiqueira, onde teria se tornado uma cultura subspontânea. No século XX, chegou a ser uma cultura importante, principalmente na década de 1930, quando a marmelada chegou a ser o doce industrializado mais consumido no País (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Marmeleiro>), acessado em 2014.

<sup>42</sup> Tipo de caranguejo. Sua principal característica externa que os diferencia dos demais decápodes (os quais reúnem os siris e os caranguejos) é a modificação de seu último par de apêndices locomotores (patas), que assumem a forma de nadadeiras. Sendo assim, os siris possuem uma capacidade de maior locomoção em ambientes aquáticos que seus "primos" caranguejos, que limitam a vida a substratos como areia, rochas, dentre outros (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Siri>), acessado em 2014.

seca. No verão não tem muita atividade aí iamos pros roçados de algodão, plantar o algodão, o milho. No meu interior era algodão dois à três roçados de algodão que o meu pai cuidava e eu ajudava a plantar, eu ajudava a colher o algodão.

Pergunta: Hoje ainda as pessoas trabalham assim no interior?

Raimunda: **Hoje não é mais assim.** Porque **não existe mais inverno**, não existe mais como era antigamente. Antigamente nós tínhamos o nosso inverno diretinho, tinha um verão diretinho, dava muita safra, mas o tempo foi mudando. Ninguém tem mais um inverno certo, todo mundo no final do ano tinha suas plantas, tinha tanto algodão para a gente apanhar, chegava na beirada na capoeira olhava era tudo branco de fazer gosto. Era muito bom e o feijão quando a gente chegava no pé cheio de vagem maduras, era muito gostoso.

O saber se manter em relação com a natureza aponta para um conhecimento que se fundamenta no aprender na e conviver com a natureza. Plantar e colher supria uma parte da necessidade de se alimentar, mas, segundo dona Raimunda, também “tem muita coisa que a gente pode comer sem precisar comer coisas que a gente compra”:

Raimunda: Os **ratos de água** a gente até comia, **rato canoeiro**, quase do tamanho daqueles ratos feios. Assado é tão bom. Sabe o que é Tejo?

Patrizia: Não, eu não disse que sou analfabeta?

Raimunda: O **tejo** é igual a carne de porco, bem temperado com pimenta, é tipo um jacaré.

Livramento: O **tejo é um lagarto** ele tem um metro mais ou menos com a cauda, aí ele é todo pintado por isso que se chama Tejo pintado, o alimento dele é folhas, é ovos de pássaros, de galinha, a gente pegava ele por conta que comia os ovos das galinhas que a gente criava.

Livramento: Que cor é o tejo dona Raimunda?

Raimunda: O tejo é preto com cinza quase a cor do jacaré.

Patrizia: Quer dizer que existem um monte de coisas que dá pra comer.

Raimunda: É. Tem **muçúm**, que é igual a cobra da água um peixe preto que parece muçúm, parece aqueles peixes que dão choque, só que não é.

Livramento: Aqueles que dão choque eles têm uma nadadeira nas costas e o muçúm não tem. A pele dele é toda lizinha, só tem nadadeira perto da cabeça dele, bem miudinha.

Raimunda: Então o muçúm a gente pega ele, ele é bem lisinho, mas a gente só pode pegar ele se tiver com a mão cheia de arêia, porque ele é liso de mais. No interior tem aqueles capins bem buchado na beirada do rio, chega mais ou menos no Joelho.

Livramento: O que é capim buchada?

Raimunda: **Capim buchada** é aquilo que tem na beira do rio, **capim grosso**, aí a gente pega aquele capim e a gente corta um bocado aí um pega numa ponta e outro pega em outra ponta e arrasta lá pra fora aí ela sai correndo igual a cobra, porque ela fica enrolada na raiz dele, a gente puxa o capim e quando a gente puxa o capim ele sai, a gente pega ele assim e rebola lá pra cima, aí mata ele, aí a gente pega ele,

mata, bota ele na água quente, tira a pele aí fica bem branquinho, a gente pega retalha e bota pra secar, aí quando vai comer ta “show de bola”.

Patrizia: O que quer dizer?

Raimunda: Que está gostoso. Ai tem o outro o tejo a gente pega ele também tira o couro, aí salga, bota pra secar, se não quiser salgar ele bota pra torrar, corta ele todinho bota ele pra torrar, cozinha e torre e ele fica com gosto de carne de porco. E aí tem também a **maçarica que é uma ave**, tem a galinha da água, tem o pato da água isso aí tudo a gente come.

Patrizia: Quer dizer que não precisaria nem de galinha, nem de gado, nem de porco poderia comer tudo isso?

Raimunda: A gente poderia comer tudo isso. Um dia nós estava pescando aí chegou um homem e botou um toquinho, um toquinho mais ou menos desse tamanho (50 cm) e os anzóis para pegar as **galinhas de água**, bota os anzóis amarra num toquinho e bota ali, enfia na areia e quando o bicho chega, só faz comer e fica enganchado . Então vamos para o bicho do mato, tem o **tamanduá**.

Patrizia: O que é o tamanduá?

Raimunda: É um bicho parecido como a **preguiça**, é igual a um rato, um gato por ali, então a gente come todos esses bichos e o **gato do mato**, o gato do risco que é um gato vermelho que á todo pintadinho e também o **socó** que é um peixe, qual é o outro bicho que eu me lembro? Tem o **preá**. Tem o preá que a gente pega na pedra, uma laje de pedra assim a gente arma um **quixó**.

Patrizia: O que é quixó?

Raimunda: Um quixó é pra pegar um preá.

Patrizia: Sim, mas como é não consigo imaginar.

Raimunda: É como se fosse aqui a pedra, faz de conta que essa aqui é uma pedra, ai faz a armadilha é tão engraçado fazer essa armadilha que nem me lembro mais como é, a gente pega um pau coloca aqui na ponta em baixo no chão, aí bota um negocinho no meio que não me lembro o que é, aí quando o preá vem comer que o preá come a farinha torrada, farinha de milho torrada que é o fubá, aonde ele sente o cheiro ele vai bater lá, ai quando ele mexe aqui a pedra cai em cima dele, aí a gente vai pegar ele quando a gente chega está morto. A gente pega cobra também porque acontece de ela cair de baixo da pedra. Aí tem outro, tem o **punaré** de rabo.

Patrizia: Que tipo de bicho é esse?

Raimunda: Quando a gente morava no Severino meu pai saia para pegar esse bicho ele vinha com a bolsa cheia de preá, tem nambu, tem perdiz.

Patrizia: Como é esse punaré?

Raimunda: É **tipo um rato também** só que ele é maior, tem o mocó que parece também como o preá ele só não é como o preá porque não tem rabo. O preá pega na pedra e pega no **fojo**. O fojo a gente faz um caixozinho, um quadradinho e bota uma tábua maiorzinha, aí se chama o fojo, aí se faz um buraco no chão e apoio um caixozinho bem diretinho coloca a comida em cima daquele fojo naquele fojo tem duas ferrinhos assim, dois pega assim do lado que ele cai pra cá e cai pra lá aí na hora que ele subir na caixa ele cai dentro do buraco e fica ali e a gente vai e pega ele. Tem também a **arapuca** para pegar os pássaros, pega um bocado de varinha como se fossem varinhas do espeto aí a gente monta todinho ela ...

Livramento: ... faz tipo uma pirâmide, faz como um quadrado ...

Raimunda: A gente corta os tamanhos dela do maior até o mais pequeno, aí quando chega em cima termina, arma igual ao quixó também, na hora que a perdiz cai dentro da arapuca, está presa aí a gente vai pega ela, pela e come.

Livramento: Essa arapuca é usada até hoje pelo tráfico de pássaros, muitas vezes eles usam até o pássaro para atrair, mas eles usam as gaiolas, aí eles armam a gaiola para o pássaro ficar dentro aí quando o outro entra a gaiola fecha.

Raimunda: Também existe a raposa e o **guaxini**.

Patrizia: O que é o guaxini?

Raimunda: O guaxini é um **bicho igual a um cachorro**, um lobo também.

Patrizia: Mas é menor do que um lobo?

Raimunda: É menor do que um lobo, tem a **raposa** que come galinha;

Patrizia: Mas ainda existem todos esses bichos?

Raimunda: Existem sim, na serra existem. Não existem aqui, mas na serra existem, tem a **onça** também, tem tudo tem **caranguejo do mato**, aquela toda peluda.

Livramento: **Caranguejeira**.

Patrizia: O que é caranguejeira?

Livramento: É uma **espécie de aranha gigante toda peluda**.

Raimunda: E as **cobras**.

Livramento: Tem a **verdinha** que se chama **cobra de cipó**.

Raimunda: Não, a verdinha não é cobra de cipó, existe a cobra de cipó, tem a **cobra verde**, tem a **corri campo** que é uma toda listradinha, tem a **cobra preta**, tem a **cascavel**, tem a **coral**, tem a **jibóia**, tem a **salamandra**.

Patrizia: A jibóia é aquela grande. E todas são venenosas?

Raimunda: Não a jibóia não é venenosa, ela come uma pessoa ela é bem grandona.

Livramento: **Anaconda**.

Raimunda: A anaconda não é do mar?

Livramento: Não.

Raimunda: Ah sim, tem no açude mesmo.

O conhecimento não se limita ao que a terra parceira tem em termos de biodiversidade ou nos oferece como alimento, a natureza também cuida da gente ela cura, até salva vidas. Conversando sobre plantas medicinais e seus efeitos Dona Raimunda se lembra de uma brincadeira junto à irmã em que ficou ferida e que graças à força regeneradora da flora e fauna de seu interior, se curou.

Bia: Conta daquela vez que **matou um calango para ficar boa de alguma coisa**.

Raimunda: Eu estava brincando com a minha irmã do boi, (para Bia) sabe o que é a brincadeira do boi?

Bia: Aquela que fica um bocado de pessoas num círculo.

Raimunda: Não, aquela que uma fica de quatro pé e a outra fica mugindo e a gente fica correndo com medo do boi e a gente tem que se esconder e aí, aqui tem uma linha né (mostra para um linha no teto) e tem o fogão da minha mãe ali, todo de marmeleiro, então o fogão é à lenha, aí vem um pau dali pra cá e vem uma forquilha ali e tem outra forquilha aqui, aí eu vou subo para mim pendurar naquela linha ali pra ela não me pagar. Aí eu peguei a linha me pendurei e pendurei meus pés também, aí de repente a linha cai. Aí ta só eu e minha irmã. Eu tinha uns 11 anos, aí eu, pá, caí em cima da forquilha. Aí fiquei sem fala no chão. Aí me levantei, não consegui falar aí procurei achar uma blusa, aí achei uma blusa passei nas costas. Quando eu passei e foi olhar estava tudo cheio de sangue, aí a Maria (irmã) veio e olhou aí estava um buraco desse tamanho. A mãe trabalhava longe raspando mandioca, aí fiquei com um pano aqui, aí a mulher disse assim: tem coisa dentro, tem alguma coisa dentro. A casca do pão ficou dentro do buraco aqui. Aí uma mulher me ensinou: **mate um calango e abra ele e bote o bofe (pulmão) do calango no buraco que ele puxa o pau de dentro**, o que tiver dentro. Aí eu peguei ia passando um e pá, ficou só tremendo, cortei a cabeça, peguei a faca puxei o bofe do calango e empurrei dentro do buraco, aí depois quando a mãe tirou veio junto o pedaço de pão.

Patrícia: E não ficou inflamado?

Raimunda: Não, a mãe ficou um mês cuidando de mim. A mãe lavava o buraco com água da aroeira e fazia o chá do jucá para mim tomar e o pó de madeira. O pó de madeira é assim: fica uma ruma de madeira levando sol levando chuva aí os besouros começam a trabalhar aí vai ficar aquele pozinho. A mãe pegava o pozinho, botava dentro de um pilão, dentro de uma quenga ficava pilando aí lavava com aroeira enxugava ...

Bia: ... e tu sem fala.

Raimunda: Não, eu falava eu só fiquei sem fala na hora que eu cai, aí o caneco era ali, a distância era ali (mostra para onde fica o fogão) aí mostrava para minha irmã o caneco e fazia assim (mostra para a boca), mas ela não entendia, aí eu mostrava para a vassoura e mostrava para o pote para ela me dar água aí ela me deu água e quando ela me deu água eu falei. Naquele tempo a gente bebia água, mas nesse tempo se a gente cair não pode beber água e aí meus vestidos tudo era rasgado, tinha um buraco onde tinha a ferida, aí hoje você olha (se levanta puxa a blusa pra cima e mostra o lugar da ferida)

Nesse momento presenciei encantada, verdadeira aula de Educação Ambiental Popular sobre a flora e fauna do interior do Ceará a partir de um conhecimento vivido, aprendido na e com a natureza, repassado por gerações e não adquirido em livros. Sem perceber, no grupo, Educação Ambiental se constrói na memória do convívio-aprendido, das experiências que deixa marcas invisíveis, mas profundas à despertar minha curiosidade e me incentivar à pesquisar na internet para que eu possa ter uma imagem do dito-ouvido.

Diante da riqueza desses saberes se materializa a noção de que ninguém sabe tudo, ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, as pessoas “se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987. p. 39).

Assim alfabetizada e formada pela educação formal me descubro analfabeta diante de múltiplos saberes que a escola confina fora de seus muros e me identifico como tal diante de grupo. Muitas vezes tinha que interromper os depoimentos das falantes para fazer perguntas e quando questionada se conhecia essa ou outra coisa de seu mundo eu me entreguei entendendo a importância de que os múltiplos saberes se tornem parceiros:

Patrizia: Eu sou uma analfabeta total.

Livramento: Por que?

Patrizia: Eu não entendo de nada. Vocês sabem tantas coisas do campo. Vocês são tão sabidas a gente não aprende nada da vida na escola.

Encontro aqui um mundo que desconheço e que penso muitas crianças urbanizadas de nosso bairro nunca tiveram a oportunidade de conhecer e entender o que explica o comportamento inicial, daquelas que frequentam a horta, de caçar insetos e arrancar plantas ou o seu entendimento de que coletar e reciclar lixo pode salvar o mundo.

Comportamento esse que exhibe uma educação desassociada do ambiente em que “o indivíduo é responsabilizado pelo futuro do planeta, em uma inculcação ideológica que esconde as imposições políticas dominantes; a cooptação alienante de grupos sociais; o ocultamento das tensões e conflitos de interesses que existem na vida real; o direcionamento capitalista na tentativa de soluções dos problemas” seguindo uma lógica na qual “predomina a razão instrumental; a fragmentação como estratégia de leitura de mundo e resolução dos problemas sem questionamento da concentração de riqueza; e o antropocentrismo como eixos estruturais de uma visão de universo” (FIGUEIREDO, 2007, p. 79).

Enquanto ao Grupo de Mulheres existe ainda uma dissociação entre seu fazer e uma educação ambiental. Existe reflexão acerca de certos temas nem que seja espontânea, existem sentimentos de afeto pela natureza, existe conhecimento sobre a flora e fauna e plantas medicinais do próprio interior. Saberes encarnados ao se sentir parte da terra, saber sentido, com sentido, saber que entende que ao extrair algo é necessário repor para que a vida dure, saber que percebe o finito e por isso a importância de cuidar para garantir a vida de quem vem depois, existe o sentimento de que há algo de errado entre cidade e campo. Também há vontade de se re-relacionar ao campo através da recuperação da horta comunitária transmitindo essa relação para os mais jovens, além da capacidade de se fazer e refazer, do se relacionar no afeto e na disposição de aprender e ensinar.

Todos componentes que eu relaciono à Educação Ambiental Dialógica, portanto quero saber qual o sentido que se dá à horta além de “plantar remédios para as pessoas tomar

um chazinho, chá de capim santo, hortelã, cidreira” ou de “vender as folhas, os molhinhos de cidreira, de capim santo”, contribuindo com minha visão no debate.

Em um dos encontros foi feita uma roda de conversa acerca do sentido da horta e como despertar o interesse dos moradores da comunidade para a natureza. Concluiu-se que a saúde e a alimentação são temas que podem ensinar à população a produzir remédios caseiros ou seu próprio alimento e assim talvez entender o sentido do suporte de vida.

Patrícia: Qual o sentido da gente recuperar a horta?

Raimunda: Para fazer remédio e vender pro pessoal porque a maioria do povo vive doente, o **remédio de farmácia não é suficiente para acabar com a doença que a gente sente. O remédio de farmácia só faz conservar a doença.**

Patrícia: Quer dizer que é um problema que temos aqui na área, um problema de saúde?

Livramento: Também é mais em conta.

Raimunda: A gente sabe que o mastruz é muito bom. Ele é bom para a tuberculose tomar o mastruz com leite, também é bom para o câncer.

Patrícia: Eu penso também que as pessoas vivem uma relação meio afastada com o meio ambiente.

Livramento: Elas conhecem, quando participam começam a conhecer. Eu acredito que é assim, uma vez que a pessoa frequente a pessoa passa à reconhecer o que existe na comunidade, aí passa a zelar, a respeitar.

Ivone: Já que a gente quer envolver a comunidade é ou apresentar um vídeo, ou fazer uma palestra, ou falar sobre a composteira, ou falar sobre o alimento em si pra comunidade. Seria bem interessante porque tem pessoas que dizem que não tem como plantar ou cuidar, então poderia ensinar a composteira caseira ou como fazer sua própria hortinha para seu consumo.

Patrícia: Lá no Jardim Guanabara (Bairro Vila Velha), tem um senhor que colocou umas caixas no canteiro central, aqueles caixões de feira. Colocou um em cima do outro com várias hortaliças na rua, quem passa pega e já está bem grande a área. Eu perguntei e ele disse: “comecei a plantar, comecei a dar e todo mundo que já aprendeu agora faz em casa”. Ele disse que no começo as crianças passavam e arrancavam, aí quando arrancavam ele dizia “faça o seguinte, leva pra sua mãe botar na panela” tirava botava num saquinho e mandava levar para as mães, aí a mãe ensinava que não era para arrancar porque servia para a comida, aí não mexeram mais. Ele disse que nunca brigou, sempre dava para levar para as mães. Fica lá essa horta no canteiro central e ninguém mexe.

Ivone: A gente poderia trabalhar com a comunidade, por exemplo, a gente passou um vídeo que falou sobre agrotóxicos e aí a gente fazer uma chamada na igreja ou onde a gente pudesse pegar mais pessoas pra vir pra cá e aí falar sobre a composteira. Se não quisesse trazer aqui para mostrar como é tem a filmagem que tu fez Paulo, pra mostrar, dizer que dá certo, aí pode dizer que ele já fez continua fazendo, que ela começou, eu comecei a Livramento também. Mostrar à população que isso é possível. Aí vamos falar que nem a dona Ana “demora demais”, como ela diz, mas entre demorar e não fazer é uma coisa e entre demorar e você ter é outra. Então mesmo que demora quatro ou cinco meses um dia você vai ter e você vai tirar do seu quintal ou da sua janela pra você mesmo, **livre de agrotóxicos de qualquer**

**outra coisa.** Essa questão de trabalhar o povo quanto ao lixo, que no caso, a composteira é como trabalhar seu lixo é muito interessante, porque lixo hoje é problema total do mundo. A gente poderia utilizar pra mostrar que **é um problema total do mundo e pra gente trabalhar o povo é muito bom.** A gente poderia começar a puxar daqui. A gente pode começar no boca a boca. Você convida uma pessoa, eu convido outra, ela convida outra. Se a gente conseguir colocar isso na cabeça de quatro, a gente pode imaginar oito. Porque se entra na cabeça de quatro ele gosta ele fala pra alguém que fala pra mais alguém.

Percebo uma proposta de educação voltada para uma alimentação saudável sem agrotóxicos com uma noção de que remédio de farmácia não cura só conserva a doença, que identifica a questão do lixo como um problema mundial. Características que interpreto como esboço de uma crítica ao modelo de sociedade em que vivemos e de entendimento do que pode ser Educação Ambiental. Mas constato também que quando expresso a palavra “Educação Ambiental” reproduz-se a visão oficial da Educação Ambiental hegemônica, que é corrigida quando se explica que pode ser outra coisa, conseguindo relacionar educação ambiental às experiências vividas.

Pergunta: Em relação à palavra Educação Ambiental qual a ideia que vem na cabeça?

(Silêncio)

Pergunta: Quando escutam essa palavra o que imaginam?

Raimunda: Eu diria que é pra não sujar a rua, limpar a rua, é pra conservar as ruas limpinhas, não é não?

Pergunta: Só isso?

Raimunda: Acho que tem mais coisas, mas não sei responder.

Pergunta: Nossa horta tem alguma coisa a ver com isso, com educar ambientalmente?

Raimunda: Não sei. Nossa horta é preciso reformar ela todinha que é pra plantar as coisas dentro.

Pergunta (voltada para a criança presente nesse encontro): Bia, qual é a tua ideia de Educação Ambiental?

Raimunda: Manter a cidade limpa.

Pergunta: Bia, para você Educação Ambiental é algo diferente do que educação?

Bia: Deixa eu pensar, quando fala em educação penso na escola aí quando fala de Educação Ambiental não ... não sei não.

Pergunta: Quer dizer que essa palavra não é muito comum?

Raimunda: Não, eu tenho que saber para quando uma pessoa perguntar eu dizer, diz aí pra nós.

Bia (voltada para mim): O que é que tu pensa sobre Educação Ambiental?

Patrizia: Eu penso que Educação Ambiental tem a ver com as pessoas se respeitar mutuamente e não somente as pessoas, mas o ambiente todo, porque nós dependemos do ambiente, vocês sabem disso, vocês que são do interior, que sabem trabalhar com a terra, sabem que se a gente desmata demais a gente acaba com a terra. A dona Raimunda conhece todo aquele processo.

Raimunda: **É verdade, porque no tempo que era jovem, menina existia muito mato grande**, pé de árvore grande que a gente podia ficar em baixo na sombra então certa época houve uma seca muito grande aí o pessoal não tinha mais o que fazer, não tinha mais o que plantar, foi uma época da seca. Não sei há quantos anos atrás foi. Em 58, nesse ano houve uma seca de não sei quantos anos, foi muita seca, então os agricultores não tinham mais trabalho, não tinham mais planta para plantar, não tinham mais nada, cortaram os pau grande para fazer madeira, e a única solução para eles trabalharem era cortar madeira, cortaram aqueles pão grandão para fazer carvão, para poder fazer a comida e para vender. Então existia uma seca que o governo mandava aquele feijão ucutuba (ruim) que não cozinhava, ficava meio duro, o arroz era difícil então o governo distribuía aquele feijão pra gente e o arroz também, só que foi o tempo que ficou seco, não tinham mais o que fazer eles cortaram pau e a seca continuo. Aí o que eles fizeram? Começaram a arrancar tocos, então **destruíram a terra toda**. Você anda no meu interior, você **não vê uma mata fechada, você só vê capim. Então nesses lugares onde não tem mato grande, não existe chuva, eu acho que é através das árvores que chama a chuva, então esse desmatamento que eles fizeram acabou com as árvores, não tem mais roçado, se faz roçado não dá mais aquele milho que era antigamente, as espigonas desse tamanho**. O meu irmão plantava roçado a gente olhava assim um milho bem verde chegava a ser azul a planta de milho era todo azulzinho era coisa linda de mais, nascia feijão, nascia arroz eu plantei arroz também, algodão o tempo do algodão era setembro, outubro, novembro, dezembro quando começava aquele algodão que eles plantavam a gente olhava assim chegava era bem branquinho a gente ia capinar, tinha um saco aqui de baixo só era apanhando terminava ao meio dia o saco estava bem cheio e levava para o patrão. (...) Quando nós morava no Severino o meu pai saía para matar preá tinha uma serrona, uma serrona (serra) fechada que é aquelas serras.

Pergunta: E como é hoje, ainda dá pra ver?

Raimunda: Acho que é totalmente diferente. Não tem mato.

Ainda que o Grupo de Mulheres não se identifique como lugar de Educação Ambiental Dialógica numa Perspectiva Eco-Relacional, por não tê-lo confrontado com essa perspectiva, percebo bastante potencial para a realização dessa proposta o que desperta em mim o desejo de criar um núcleo dessa educação na comunidade, aproveitando o projeto da horta como ponte de aproximação e reaproximação das pessoas com a natureza.

Educação que pode contribuir com as mudanças estruturais necessárias e prementes ao mundo de hoje e que envolve mudança de hábitos de consumo e de produção para estilos que amam a vida. Vi então meu papel, como parte do grupo e pesquisadora em fortalecer a auto-estima e a autovalorização já existente no grupo com o resultado que reconheceram que os “estudiosos” não sabem tudo, mas têm a necessidade de saber mais e podem aprender delas.

Durante um encontro em que uma das mulheres trouxe um texto a fim de refletirmos o conteúdo, perguntei se a história reportada tinha a ver com o grupo, desencadeando uma reflexão acerca do saber acadêmico e popular, entendendo que ninguém pode desrespeitar o outro e que ambos tem o seu valor, percebendo que ainda existe uma distância entre um e outro.

Texto: Um sábio que atravessava um rio de barco perguntou ao barqueiro: “Responda-me uma coisa, você conhece **botânica**?”, o barqueiro olhou para o sábio e respondeu: “Não, não senhor nem sei o que é isso!” “Você não sabe nada de botânica, o ramo da biologia que estuda as plantas? **Que pena você perdeu parte de sua vida!**” O barqueiro continuava remando silencioso e em seguida o sábio perguntou-lhe se conhecia **astronomia**. O coitado coçou a cabeça e disse: “Não senhor, não sei o que é astronomia!” “Astronomia é a ciência que estuda os astros, o espaço, as estrelas!” explicou o grande sábio. “**Que pena você perdeu parte da sua vida!**” Assim o sábio foi perguntar à respeito de **cada ciência física, química, teologia** no entanto o barqueiro não sabia nada delas. Após cada negativa o sábio terminava com a seguinte observação “**que pena você perdeu parte de sua vida!**” De repente o barco chocou-se contra uma pedra, com a batida partiu-se e começou a afundar, nesse momento o barqueiro perguntou ao sábio “**o senhor sabe nadar?**” “Não, não sei!” respondeu o sábio amedrontado. “Que pena, **o senhor perdeu toda sua vida!**”

Silvia: ... perdeu toda parte de sua vida por não saber nada, ser analfabeta, não ter conhecimento da tecnologia, da astronomia, da gastronomia, mas ele tinha uma experiência que o sábio não tinha, que pena que ele não sabia.

Patrícia: O que esse texto diz para nós?

Dona Miriam: Ninguém sabe tudo completo é pra uns ajudar os outros. Umas pessoas sabem ... o científico (cientista) sabia muita coisa, conhecia muitos ... a astronomia todas as outras coisas, mas não sabia nadar. Então, o agricultor ele vive na roça ele conhece o plantio da roça, do algodão, do arroz, do feijão, o tempo que dá, o tempo de chuva que precisa pra colher. O doutor é muito cientista, mas ele não sabe pra onde vai a ciência do agricultor, o agricultor não conhece a ciência do doutor, então se **junta os dois e um ajuda o outro**. Um ajuda na comida e ele na saúde e vai vivendo a vida é isso que o mundo oferece pra todos nós é uma luta de **uns ajudar os outros é uma comunidade, então dentro da comunidade existe a partilha é tudo partilhando, a vida é uma partilha**.

Sílvia: E é uma coisa assim que nunca deve dizer: “ah eu sei mais, eu posso mais do que a dona Margarida, ah eu posso mais porque eu estudei, eu posso mais porque eu sei isso, porque eu fiz uma faculdade, porque isso porque aquilo e a dona Margarida não sabe nada”. Pelo que ele falou aqui, porque o barqueiro não sabia nada, aí cada coisa ele perdeu uma parte de sua vida, “ah que pena que você não sabe nada sobre astronomia, você perdeu parte da sua vida” e no final das contas **o grande sábio que sabia, que estudou**, que conheceu as estrelas, que conhecia astronomia, que conhecia tudo **perdeu a vida por não saber simplesmente nadar e era o que o barqueiro sabia**. Aí o que é que o barqueiro fez? “Que pena que perdeu toda sua vida simplesmente por você não saber nadar!” **Quem é que é o sábio dos dois?** É o grande cientista ou é o simples barqueiro? Quem ganhou foi **o barqueiro** que simplesmente sabia nadar e **ganhou toda a vida, ele não perdeu parte da vida**, ele ganhou a vida dele e o outro que tinha ganhado parte da vida perdeu.

Patrícia: Tem alguma coisa a ver com o nosso grupo esse texto, tem alguma ligação?

Sílvia: Eu acho que tem tudo a ver com a gente porque umas sabem mais umas sabem menos, mas agora assim o positivo é que nenhuma diz ah, porque a Silvia estuda e eu não, mas nem por isso ... se deixa de ter experiência.

Raimunda: **A Patrizia sabe da faculdade estuda na faculdade, mas ela está aprendendo muito mais com a gente, não é?**

Dona Miriam: Tem tudo a ver com a horta. A horta é o barco, o barqueiro somos o grupo que trabalha aqui dentro e o cientista é aquele que tem medo de chegar e investir dentro da roça aí a gente aproveita uma parte e o cientista é quem perde tudo porque eu vou, eu não vou e termina com as partes.

Sílvia: O cientista são os que vivem dizendo que nós não sabemos nada. Que pena que a gente está aqui, que pena que a gente está tentando fazer alguma coisa, mas nem vai comer o feijãozinho que a dona Margarida vai comer, que pena.

Penso ser necessário ressaltar o valor e a importância do que o Grupo de Mulheres oferece e associar saber popular e acadêmico como parceiros na promoção de uma relação aberta de enriquecimento mútuo e em consequência do diálogo acerca do lugar do homem no mundo como parte de um todo interrelacionado.

Processo a ser tecido pelo próprio grupo convidando-o a se refletir dentro de uma Educação Ambiental, que ajuda a entender a diferença entre uma vida alienada, submetida ao padrão hegemônico de produzir, consumir, ejetar e o bem viver voltado para a convivência de “todos com todos e com o todo” (FIGUEIREDO, 2007) em uma relação de amor e diálogo, a partir de uma Perspectiva Eco-Relacional, a dizer a Educação Ambiental Dialógica.

Sinto que isso é possível porque o grupo carrega em seu coração um elemento que descubro como terceira característica essencial ao se conceber da forma que existe. Este terceiro elemento é o amor que emerge de dentro do grupo no seu se relacionar no afeto e na amizade.

Há sentimento e emoção em tudo o que se manifesta: nas relações interpessoais tanto quanto no querer cuidar da horta ou nas lembranças de uma infância passada pescando no açude ou adentrando a mata ou trabalhando na roça, mas também na partilha de saberes que emergem das mulheres como de livros vivos e até na escolha de imagens que apresentam a natureza.

Em uma dinâmica, que promovi na ocasião de uma oficina que propus para saber mais sobre o grupo, em que tinha-se que escolher imagens e explicar o porquê da escolha e os sentimentos que essas desencadeiam, foram ressaltados a beleza, a importância, a fartura, a diversidade da natureza a relação com ela e a própria história de vida:

Ivone: Eu escolhi essa [uma flor, lírio] não sei por que e é assim: a gente vê a **natureza quanto ela é bela** porque numa flor só dessa tem várias cores, o formato que ela tem também, é bem diferente é uma coisa bem exótica e aí junto com ela eu escolhi essa outra [fotos de mulheres de culturas diferentes] para representar também

**a beleza da mulher e de vários tipos**, não é só um tipo, mesmo com cada particularidade todas elas tem uma beleza própria de cada mulher, pode ser rica, pobre, preta, branca, mas cada mulher, **cada pessoa tem a sua beleza**.

Silvia: Eu escolhi a praia porque **a praia foi onde eu vivi** mais tempo da minha vida porque eu morava na beirada da praia. (...) **Me identifico muito com a imagem da praia** é que me lembra muito antigamente a Barra do Ceará, era muito parecida com essa, tinha muitos coqueiros, tinha muita água era muito bonita a Barra e hoje, nós não temos mais. O que me chama muita atenção é a lembrança da Barra.

Célia: Bem gente, eu escolhi a água com uma pessoa lavando as mãos que a água está um pouco de escassez assim que não houve chuva, não houve chuva, mas **a água é boa** para alimentação, para a gente tomar banho, para a limpeza da casa, para as plantações.

Edna: Eu escolhi a lua ela é muito linda quando ela está cheia eu fico olhando assim pra ela e dá vontade de chegar perto dela, mas **é muito linda** por isso escolhi ela, assim nas noites de lua cheia tem muita coisa boa.

Livramento: Eu achei muito lindo e me chamou atenção essas várias cestas de uva. Lembra o que? **Lembra fartura**. Eu voltei à minha infância, quando eu morava no interior, só que as frutas eram diferentes não era uva, era melancia, milho verde, feijão verde, quando vi a foto lá na mesa me chamou a atenção por isso, imediatamente **voltei a infância quando eu morava lá no interior**.

Há, portanto um profundo amor à vida que fundamenta o se fazer e se refazer do grupo, as relações interpessoais, as atividades, as reflexões acerca da natureza que convida, até se oferece, sempre que o grupo o queira, a refletir partindo desse potencial, o lugar do homem como parceiro de um todo inter(eco)relacionado no intuito de superar a visão antropocêntrica de que ele é o centro do universo a ele submetido e por ele dominado, na expectativa de que as pessoas tomem consciência das situações limites promovidas por esse olhar e criem forças para superá-las.

### **5.3 Educação Ambiental Dialógica é aprender a amar sendo amado**

Perguntei no início o que o Grupo de Mulheres das Goiabeiras tem a ver com a Educação Ambiental Dialógica, constatei que o se fazer e refazer grupo no reconhecimento do outro como “legítimo outro” e sua reflexão e sentimentos acerca da natureza são características que entre outras compõem essa proposta de Educação Ambiental. Entendo que nesse se fazer, relacionar, refletir e agir há um profundo amor à vida.

Descubro então nesse conviver amoroso, dentro do qual se movimenta o grupo a força motriz que o fez nascer e se manter e que significa para mim o elo mais forte implícito na proposta pedagógica de Figueiredo e Freire, **o amor** em que os dois autores-atores fundamentam essa proposta na perspectiva de criar um novo paradigma apto a superar o

vigente causador da “crise ecológica atual que promove o conflito da relação do homem com a natureza como um todo, (...) uma crise do sentido da vida humana, de sua inserção na natureza, no meio ambiente, uma crise dos critérios fundamentais de seu agir (...) que diz respeito às chances da própria sobrevivência da espécie” (OLIVEIRA em FIGUEIREDO, 2007, p.66).

É esse sentimento o chão em que germina, nasce, cresce, reflete, se reflete e age o grupo se oferecendo como base para o diálogo que faz com que o grupo ainda existe, porque se abre para quem quiser participar, se doar e partilhar saberes; mantêm o contato com quem não participa mais ativamente; não se coloca acima de ninguém, não expulsa ninguém; se abre para novas sugestões e propostas na esperança, na confiança, na fé na humildade que respeita o outro como outro eu, como “legítimo outro” e que me remete à Freire para quem sem amor não há diálogo.

Não há **diálogo**, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda.

Sendo fundamento do diálogo, o **amor** é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. (...) Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. (...) Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. (...)

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo (FREIRE, 1987 p.45).

O grupo de mulheres se constitui pelo afeto pelo querer bem ao outro. Percebo isso na forma como o grupo se entende:

Silvia: quem éramos nós e quem somos nós hoje? Cada uma de nós tem alguma coisa que ganhou com o grupo. Se não conseguiu um emprego, mas conseguiu algum curso, conseguiu **auto-estima** eu vejo assim, todo mundo ganhou e conseguiu melhorar nem uma de nós é a mesma de ontem.

Isso só é possível no apoio mútuo, no querer bem ao outro fortalecendo-o em seu caminho promovendo sua auto-estima acreditando na firmeza do grupo

Silvia: É um grupo firme, porque se não tivesse firmeza .... é tipo uma árvore, está firme é o que sinto do grupo ele é firme ele balança, mas não cai. (...) Eu acho que está no subconsciente da gente que a gente é um grupo. Embora que a gente não esteja toda quinta feira toda semana juntos, mas é impressionante que no subconsciente é um grupo. Seria interessante participar direto, mas direta o indiretamente a gente participa, nem todo mundo participou do Ponto de Leitura, mas faz parte da gente. Aonde eu vou eu estou lá como grupo de mulheres a minha identidade é essa e quando alguém vai, uma chama a outra para participar.

Em um encontro com representantes da Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza é destacada a importância de estar no grupo por ele fazer a diferença, a vontade de permanecer nele, mesmo não podendo participar dos encontros oficiais, mesmo tendo divergências, por dever-lhe a mudança da própria vida sendo esse um liame de afeto que se instaura quando as pessoas cuidam umas das outras.

Silvia: Nós fazemos a diferença. Eu acho assim, o grupo, nós com certeza fazemos o diferencial. São pessoas que se destacam entre outras. (...) **Isso é o que me faz ficar aqui até hoje.** Às vezes eu tenho raiva, mas eu fico. **Às vezes eu me zango** me dá vontade de puxar os cabelos da Patrizia, da dona Ana às vezes, **mas eu fico aqui porque aqui é onde a gente faz o diferencial**, a gente se destaca no meio de todos. A gente se destaca politicamente, no trabalho, na família, na comunidade o nosso positivo e é o nosso diferencial. Eu tenho que agradecer, apesar de estar com raiva.

Leila: Não posso sempre estar presente, mas através do grupo consegui me empregar e tenho muito que agradecer e quero continuar no grupo.

Maria: Estou um pouco afastada, mas eu estou sempre com elas aqui, a gente se afasta, se junta tentando sempre se fortalecer a cada dia.

Raimunda: Rapaz é o seguinte eu gosto assim porque eu venho pra cá passo um tempinho, me distraio, acho graça, brinco.

Se o grupo ainda existe depois de tanto tempo com todas suas divergências e tensões é porque ele faz a diferença e a união que perdura e se faz no respeito pelo diferente:

Silvia: Nossa união é a gente respeitar a diferença do outro. Eu sou de um jeito, a Ivone e de outro, a Maria é de outro, a Célia é d'outro, a Raimunda é de outro...

Além do respeito à diferença, a confiança e a esperança fazem com que o grupo não desista do caminho uma vez tomado para alcançar os objetivos escolhidos. Confiança em que ninguém quer desistir e esperança que tudo vai dar certo.

Maria: Uma virtude que eu encontro no grupo é a resistência porque tem períodos que a gente pensa que o grupo não vai resistir tão pouquinho de pessoas que tem, mas ele continua existindo, estimulando e incentivando as pessoas que têm e tentando a evolução de que entrem mais pessoas. Cada uma de nós pensa que estivesse recheado de mulheres com uma auto-estima bem elevada.

Ivone: Para mim é perseverança que é aquilo que a Maria falou, é aquela coisa de persistir de tentar e o grupo está quase morrendo e você está tentando, tentando, tentando e a carência é força, não força física, mas força de buscar, de ir atrás do que a gente tem vontade.

Acerca do futuro do grupo em geral e do projeto da horta em específico entendo que esperança é quando o grupo ressalta que há sentido no que se faz e manifesta o desejo de querer chegar além do alcançado.

Patriza: Tem futuro no que estamos fazendo com a horta?

Raimunda: Tem sim, com certeza. Vai dar certo.

Patriza: E enquanto ao futuro do grupo?

Silvia: O que eu quero é que o grupo siga em frente para que a gente siga bem mais a frente do que a gente já chegou.

Raimunda: É crescer, é melhorar.

A confiança aproxima as pessoas tornando-as companheiras de uma luta que continua e a esperança dá sentido à luta:

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a **confiança** de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este elimina de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexistente esta confiança na antidialogicidade da concepção “bancária” da educação<sup>43</sup>.

Se a fé nos homens é um dado a *priori* do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na *pronúncia* do mundo.

(...)

Não é, porém, a **esperança** um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero.

Se o diálogo é o encontro dos homens para **Ser Mais**<sup>44</sup>, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu que fazer já, não pode haver diálogo (FREIRE, 1987, P. 46).

Mas não haveria confiança e esperança se não existisse a fé. A fé em Deus que em seu amor deseja nosso bem estar e a fé na luta do grupo. Deus é que deixa sair de uma situação ruim para melhor. A fé faz com que a situação de mal estar é vista como uma condição para alcançar o bem estar. E o fato de Deus tornar o passado ruim em presente bom, faz com que o futuro está nas mãos dele confiando-se que só pode melhorar.

---

<sup>43</sup> Exemplo de educação antidialógica é a "concepção bancária da educação" (FREIRE, 1983, p. 66), a qual mantém a contradição entre educador-educando (cf. idem, p. 67). A concepção bancária distingue a ação do educador em dois momentos, o primeiro o educador em sua biblioteca adquire os conhecimentos, e no segundo em frente aos educandos narra o resultado de suas pesquisas, cabendo a estes apenas arquivar o que ouviram ou copiaram. Nesse caso não há conhecimento, os educandos não são chamados a conhecer, apenas memorizam mecanicamente, recebem de outro algo pronto. Assim, de forma vertical e antidialógica, a concepção bancária de ensino "educa" para a passividade, para a acriticidade, e por isso é oposta à educação que pretenda educar para a autonomia (ZATTU, 2007, s.p), <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/autonomia/autonomia/3.6.html>, 2014.

<sup>44</sup> *Ser mais*: esta expressão é muito usada nos escritos de Freire. Significa exatamente a possibilidade que se apresenta ao homem concreto de deixar de ser coisa, de se humanizar. Essa possibilidade é fundamental na experiência humanística de Freire. O compromisso radical com o homem concreto não pode ser passivo: ele é práxis, inserção na realidade e conhecimento científico desta realidade (VIEIRA, 2008, s.p.) <http://laurocampos.org.br/2008/06/humanismo-e-esperanca-em-paulo-freire/>, acessado em 2014.

Silvia: Eu vivia em casa. Hoje, hoje eu estou no mercado de trabalho, trabalho de segunda à sexta me sinto muito bem por estar nesse mercado, as vezes até **agradeço a Deus** eu ter adoecido porque se não tivesse adoecido eu estava na Iracema até hoje, estava lá arrastando minhas castaninhas, brincando com elas, **graças a Deus**, porque a gente as vezes deve agradecer até pelas coisas ruins, eu **agradeço a Deus** eu me liberei desse problema e a partir desse problema eu consegui conhecer o André (psicólogo que atendia na comunidade), consegui ter uma auto-estima melhor e sigo em frente e quero terminar com o ensino médio e a partir daí comecei trabalhar e eu estou na ativa graças a Deus. E o amanhã? **O amanhã pertence a Deus.**

A fé é tamanha que se acredita na força do grupo que parece fraco, mas fatura vitórias levando assim o barco pra frente.

Silvia: Muitas pessoas que não são do grupo usufruíram de cursos através do grupo de mulheres e o grupo é muito conhecido todo mundo conhece o grupo de mulheres das Goiabeiras. A gente pode não fazer nada, a gente às vezes acha que nós não fazemos nada, mas eu acho que **a gente faz muita coisa, às vezes a gente pensa que o grupo é fraco não faz nada, gente tantas vitórias assim que eu fico observando.** A gente luta pelo nosso posto de saúde, o grupo de mulheres é uma **luta constante pelo posto**, eu tenho certeza que um dia a gente vai conseguir o posto, como a gente **conseguiu tirar 92 famílias da duna**, foi a gente no Orçamento Participativo (OP), ninguém sabe a luta foi da gente, iniciou pela gente.

O grupo mostra aqui fé em si mesmo no seu poder de fazer e refazer. Podem existir momentos de fraqueza, mas ele não desiste da realização de suas ideias. Para Freire não existe diálogo sem fé.

Não há também, diálogo, se não há uma intensa **fé** nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de *ser mais*, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens (FREIRE, 1987, P. 45)

Essa luta travada no afeto, na confiança, na esperança na fé para crescer, para ser mais, não limita sua preocupação ao grupo. A experiência de superar situações limites na trajetória da própria vida é um marco individual que explica o desejo de beneficiar também os outros.

Dona Ana é de Mossoró (RN) de origem pobre. Seu pai era carroceiro sua mãe dona de casa ficou por dois anos doente antes de morrer. Aos sete anos dona Ana trabalhava **fazendo bainhas ganhando tostões, trabalhava e estudava** isso até os 12 anos quando ficou doente e foi mandada para o interior para se curar na casa de sua avó. **Interrompeu os estudos**, voltou depois de seis meses iniciou como **estagiária sem salário** numa gráfica, depois de um tempo foi **empregada e começou a ganhar pouco**, ficou nessa situação sem estudar até aos 17 anos quando **voltou a estudar, fez ginásio e depois um curso de contabilidade** que a levou a se empregar numa empresa que deixaria somente aos 40 anos quando essa faliu. Casou-se e teve três filhos.

Morava em uma casa onde criava galinhas, se orgulha de ter criado seus filhos com ovos de galinha caipira e frutas e verduras aí disponíveis. Quando **perdeu o**

**emprego**, nesse período seu esposo também era desempregado, a situação ficou tão ruim - primeiro **tentou sobreviver costurando**, mas os fregueses levavam as coisas e não pagavam, depois **começou a vender bolo**, mas não dava o tanto que era necessário - que ela decidiu se **mudar para Fortaleza**. Como a irmã de um vizinho vive em Fortaleza e podia contar com sua ajuda mudou se para Fortaleza onde encontrou lugar na Barra do Ceará no início pagando aluguel depois comprando casa. **Montou um pequeno comércio** de bolos, sorvetes e doces que funciona até hoje com seu esposo. Hoje vive da aposentadoria. Logo que chegou **engajou-se na comunidade eclesial e no movimento social onde ela se destaca pela vontade de agir**, de querer **fazer algo para os mais necessitados** (caderno de anotações, 2011).

Esse marco individual se socializa no grupo que sempre reflete sobre e procura saber como melhorar as condições do bairro que carece de creche, posto de saúde, espaço para o lazer e regularização fundiária; como melhorar a renda das mulheres da comunidade; como promover oficinas e projetos em que as pessoas podem se educar mutuamente e nisso refletir sobre o ambiente em que vivem e sua relação com a natureza, como foi mostrado nos tópicos anteriores, mas sobre tudo quer trabalhar a auto-estima das pessoas.

Ana: O objetivo da gente não é só se promover é promover as comunidades pela nossa realidade que a gente vive por isso que aqui de dois em dois meses a gente oferece uma oficina. A oficina junta todo mundo e convida a comunidade toda e vai ensinar aquilo que a comunidade sabe para a comunidade com material de graça com tudo de graça, as pessoas vem aprendem e vai fazer e ganhar um dinheirinho se quiser.

Silvia: ... aí pronto a gente quer ter a nossa cooperativa, é um passo que a gente pode estar ganhando uma renda porque essas mulheres precisam de renda para ter sua auto-estima, porque a auto-estima ... a gente precisa de ter uma **auto-estima**, precisa de ter amizade legal.

(...)

Aí o que é que acontece nós não estamos só aqui dentro, estamos na política estamos lutando pela benfeitoria da comunidade pelo posto de saúde, pela regularização de nossas casas, por uma creche, pela escola. E as pessoas perguntam o objetivo do grupo é o que? É todo um conjunto começa da **auto-estima** a melhorar nossa comunidade.

Ivone (acerca do projeto da horta):

Já que a gente quer envolver a comunidade é ou apresentar um vídeo, ou fazer uma palestra, o falar sobre a composteira, ou falar sobre o alimento em si pra comunidade. Seria bem interessante porque tem pessoas que dizem que não têm como plantar ou cuidar, então **poderia ensinar** a composteira caseira ou como fazer sua própria hortinha para seu consumo. Então um dia vai ter e vai tirar do seu quintal ou da sua janela pra si mesmo, livre de agrotóxicos de qualquer outra coisa.

Esse se preocupar **com**, não é um querer fazer **para**, um querer ensinar de cima pra baixo ressaltando a ignorância do outro, mas um querer conviver, um querer ensinar-aprender mútuo porque toda pessoa sabe alguma coisa, ele emerge de dentro de um sentimento que reconhece o outro como “outro eu” independente de idade e escolaridade manifestando-se no jeito de se educar.

Pergunta: Vocês acham que estamos desenvolvendo o projeto da horta de jeito carinhoso/amoroso?

Livramento: Nossa convivência é muito boa, a gente brinca, se diverte, com maior respeito aprende também. Nós somos unidos e ao mesmo tempo nós nos respeitamos, nos damos carinho.

Pergunta: E a gente aprende alguma coisa?

Livramento: Eu estou aprendendo, estou aprendendo até a conviver, conviver e lidar com as pessoas.

Pergunta: Podemos dizer que aprendemos uns com os outros independente da idade?

Livramento: Podemos dizer, porque a cada encontro a gente aprende uma coisa, mesmo que não queira.

Pergunta para uma das crianças: Bruno tu acha que a gente é carinhoso um com os outros aqui? Tu acha que a gente se gosta?

Bruno: Sim

Silvia: E é uma coisa assim que nunca deve “ah eu sei mais, eu posso mais do que a dona Margarida, ah eu posso mais porque eu estudei, eu posso mais porque eu sei isso, porque eu fiz uma faculdade. Umas sabem mais umas sabem menos, mas agora assim o positivo é que nenhuma diz ah, porque a Silvia estuda e eu não, mas nem por isso ... se deixa de ter experiência.

Dona Miriam: Ninguém sabe tudo completo é pra uns ajudar os outros.

Sem essa humildade – que se mostra também ao acolher novas pessoas aprendendo com elas na alegria novos saberes (fazer uma composteira, um pão caseiro, artesanato) ao aceitar opiniões e sugestões acerca dos projetos do grupo, ao reconhecer a diversidade de cada pessoa – não existiria diálogo, o grupo desapareceria na funcionalidade de repassar saberes privando-se da chance de crescer humanamente, de “ser mais”.

Sem humildade diz Paulo Freire não existe diálogo porque me fecho à contribuição dos outros, convencido de possuir a verdade de que os outros carecem.

Não há, por outro lado, diálogo, se não há **humildade**. A *pronúncia* do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante.

**O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir**, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade.

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço *outros eu*?

Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”?

Como posso dialogar, se parto de que a *pronúncia* do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?

Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? (FREIRE, 1987, p. 47)

Sem esperança, confiança, fé e humildade não existe o diálogo, que se fundamenta no amor (FREIRE, 1979) e que permite às mulheres se relacionar com o mundo, aceitar o outro como “legítimo outro” e seguir seu caminho apesar dos momentos de crise e conflito. É esse sentimento, essa emoção a razão da continuidade do grupo, do querer agir em prol do coletivo, do se fazer e re-fazer, do desejo de avançar e crescer humanamente.

O contexto individual e social, as emoções vividas levam à ação do grupo, constroem o conviver, como defende Maturana para quem “não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção”, pensamento em que se apóia Figueiredo que por meio dessa emoção quer habilitar os processos eco-relacionais no intuito de superar os problemas ambientais que ameaçam a vida (2007, p. 65).

O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência (MATURANA in FIGUEIREDO, P. 63)

Para Figueiredo que adota o pensamento de Maturana o amor, a convivência e mesmo a racionalidade crítica que pode daí decorrer se estabiliza na recorrência das relações significativas. Daí que o social “tem seu fundamento no emocional” sempre seguindo Maturana ele enfatiza que “sem a aceitação do outro como legítimo outro, na convivência, não há fenômeno social. O social se define, portanto, em meio a relações que se instauram sobre essa aceitação do outro” (FIGUEIREDO, 2007, P. 64).

Percebendo a totalidade o ser humano sente-se parte integrante de um todo em que afetividade e pensamento crítico (razão e emoção) estão associados através do diálogo que por sua vez surge da aceitação do outro como legítimo outro, ou seja, é o amor que fundamenta o social. “É na recorrência das relações significativas que se estabiliza o amor, a convivência e mesmo a racionalidade crítica que pode daí recorrer. O social tem seu fundamento no emocional” ou nas palavras de Maturana citado por Figueiredo: “O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência” (FIGUEIREDO, 2007, p. 64).

Amor, sentimento sem o qual não há esperança, nem fé, nem humildade, nem confiança e nem diálogo, e, portanto não é possível uma convivência voltada para o bem do

todo inter-relacionado ou em outras palavras, voltada para o Bem Viver. Sem as relações afetuosas que promovem o diálogo, o Grupo de Mulheres seria um grupo funcional condenado à distribuição de conhecimento limitado, hortaliças e remédios caseiros. Sem amor como alicerce que fundamenta a Educação Ambiental proposta por Figueiredo careceria de dialogicidade faltando-lhe a perspectiva da dimensão relacional “a amorização” como liame que interliga as múltiplas dimensões do ser” (FIGUEIREDO, 2007, p. 64) e assim não teria a força de superar a razão antropocêntrica fragmentadora. Sem amor a pedagogia de Paulo Freire não passaria de uma “educação bancária”.

Penso que o elo entre o saber popular e acadêmico está posto falta só tomar consciência por ambos os lados rumo à construção de novos saberes parceiros dentro de uma perspectiva eco-relacional capaz de construir uma educação ambiental inovadora amorosa e dialógica.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após refletir e analisar as falas e posturas do Grupo de Mulheres de Goiabeiras constato que me foi possível alcançar o objetivo da pesquisa: estudar o grupo em relação a Educação Ambiental Dialógica no intuito de contribuir para novas formas de educar.

Convivi com o grupo e convivi com a faculdade me encontrando de repente entre dois mundos o popular e o acadêmico. Mundos que divergem em seu linguajar, seu modo de ver, julgar, agir. Haveria um elo entre esses mundos tão diferentes que os aproxima?

Observei no grupo de mulheres, no seu se fazer e refazer, em seu refletir o mundo seu se relacionar entre si e com os outros, características em que me levaram a querer estudá-lo em relação à Educação Ambiental Dialógica enraizada na amorosidade da dialógica freireana que tive o privilégio de estudar na academia.

Constatarei que o Grupo de Mulheres manifesta algumas características reclamadas pela Educação Ambiental Dialógica que se apresenta como nova forma de educar ressaltando a afetividade como eixo relacional em torno do compartilhar dentro de uma visão de mundo em que tudo está inter-relacionado sendo o ser humano parte e não dono do mundo.

Penso que essas características dentro das quais destaco: o respeito ao outro como legítimo outro, o reconhecer da diversidade, a humildade, a preocupação com o outro, mas sobretudo o se relacionar na amorosidade – que identifico como elo principal que pode promover a interação das partes – permite aproximar o mundo acadêmico do popular. A meu ver o grupo pode criar um saber parceiro capaz de praticar uma Educação Ambiental Dialógica amorosa e popular na comunidade a partir da Perspectiva Eco-Relacional contribuindo para a reflexão e conscientização da população acerca da crise ecológica e da chance de sua própria sobrevivência no planeta sempre respeitando a vontade da comunidade em adotar tal proposta.

Passei por duas grandes aulas no contexto popular e acadêmico juntei à minha bagagem mais saberes que me fortalecem na minha visão de mundo.

Com Paulo Freire me pergunto: Educação para que e par quem entendendo que educação não pode ser fábrica de mão de obra para o mercado de trabalho, encontrando em sua proposta e na de Figueiredo e ao conviver com e estudar o Grupo de Mulheres a confirmação de que educação é lugar onde se aprende a amar o todo sendo amado nos termos de Jesus, São Paulo, de São Francisco, do Cacique Seattle, de Freire e de Figueiredo.

Com o meu conviver e me educar em ambas as esferas, meu refletir e pesquisar, sempre ciente da bagagem que carrego comigo, espero ter contribuído para ativar a curiosidade acerca da Educação Ambiental Dialógica, para estimular a reflexão sobre a crise ecológica que nos cerca e para chamar a atenção a respeito da urgência de se tratar do assunto na educação seja ela formal, popular, indígena ou ambiental. Confesso que sempre tive dificuldade em fragmentar as educações e, em conhecer a Perspectiva Eco-Relacional e a Educação Ambiental Dialógica se tornou mais difícil ainda.

Em uma leitura de mundo a partir da Perspectiva Eco-Relacional não há como separar as educações. Acredito que dentro de uma PER não pode existir uma educação padrão para todos, mas múltiplas educações interagindo, dialogando, partilhando, construindo saberes parceiros. Penso que todo ambiente gera sua educação que pode se tornar dialógica ao interagir com as demais no afeto e na amorosidade.

Me envolvi em uma realidade que definiu o percurso, método e metodologia da pesquisa vivendo a pesquisa pesquisando a vida descobrindo características essenciais para um modelo de educação que envolve o todo.

Dessa dinâmica do conviver, partilhar, refletir e agir na amorosidade com outros eus chego à conclusão que:

Educação se faz ao se fazer grupo – não no sentido vertical mediado por uma hierarquia em que alguns determinam o que outros são obrigados a aprender, uma educação bancária de grupos funcionais, pré-fabricados em que alunos e professores mantêm um papel determinado e o objetivo é competir e funcionar, se tornar funcionário à disposição do mercado de trabalho – mas ao nascer grupo, ter e ser algo em comum, se envolver nele contribuindo com suas habilidades e crescendo na convivência, no respeito ao outro na partilha de conhecimentos, saberes, experiências, ao refletir juntos sobre si mesmos e o dever do todo, ao agir em prol do coletivo rumo ao bem viver do todo em um contexto de respeito mútuo, confiança, esperança, fé, liberdade e amor.

Nesse sentido penso que educação deve ser um solo fértil em que cada semente tem a chance de brotar e crescer segundo sua diversidade tão específica, desenvolver suas potencialidades, seus princípios ativos e junto a todas as outras se tornar um mar de perfumes, essências e cores a enriquecer o mundo, fazendo coro ao pensamento de Paulo Freire quando pergunta e constata: “Nós os educadores, a serviço de quem estamos? E a serviço de que nós estamos? Eu como educador, estou trabalhando a serviço de quê? O que é que eu quero? Qual é o meu sonho? Evidentemente que o meu sonho, que é um sonho de liberdade, que é um sonho de criatividade, um sonho de aventura, um sonho de risco, não pode ser viabilizado,

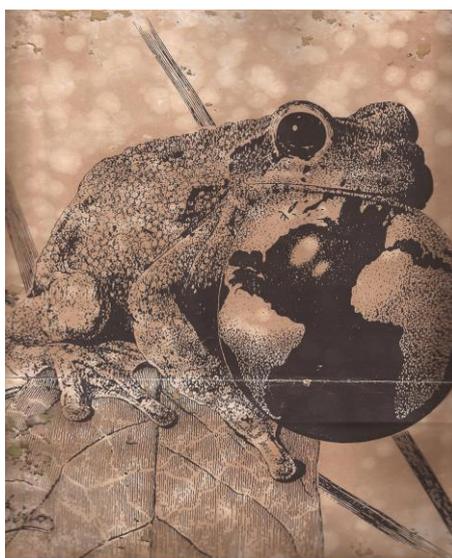
possibilitado, através de uma educação que reprime, uma educação que amesquinha” (FREIRE, 1983, p.29).

Fundamenta Figueiredo sua proposta de educação no amor que possibilita o diálogo entre todas as partes que fazem o todo eco-relacionado, diferentes sons que podem compor a partitura de um novo olhar pra si mesmo e para o mundo rumo a um novo ser, ser diferente, ser mais em um se re-relacionar mútuo ecológico, dialógico, amoroso.

Por fim penso, lembrando o Grupo de Mulheres e suas relações amorosas, Figueiredo e Freire em sua atitude de ressaltar o amor como força motriz de um novo viver pautado na partilha e no reconhecimento do outro como outro eu, que é preciso um profundo amor à vida sem o qual não há perspectiva. Nesse sentido:

“Se nada ficar destas páginas, algo pelo menos esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil Amar.”

(Paulo Freire)



Christopher Bing, “Earthwatch”

## 7. LITERATURA

AGENDA 21. Conferencia das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2001.

ALMEIDA, Henrique Luís de Paula e Silva de. *Indicadores de Qualidade de Vida: Instrumento para o monitoramento participativo da qualidade de vida de comunidades costeiras tradicionais. O caso da Prainha do Conto Verde*, Beberibe – CE, Tese de mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, UFC, Fortaleza, 2002.

ANPEd 27<sup>a</sup> Reunião Anual da, 21 a 24 de novembro de 2004, CAXAMBU / MG, fonte: <http://27reuniao.anped.org.br/gt22/t224.pdf>, acessado 5.03.2014.

AZIBEIRO, Nadir Esperança. *Educação Intercultural e Comunidades de Periferia: limiares da formação de educador@s*. Tese de doutorado em Educação, Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: [www.ppge.ufsc.br/ferramentas/ferramentas/tese\\_di/arquivos/16.pdf](http://www.ppge.ufsc.br/ferramentas/ferramentas/tese_di/arquivos/16.pdf). Acesso: em 15 de maio de 2009.

BARCELOS Valdo. *Navegando e traçando mapas*. In: GALIAZZI, Maria do Carmo e FREITAS, José Vicente (Orgs.). *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental*, Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. p. 63.

BOFF, Leonardo. *DIGNITAS TERRAE. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1995.

----- *Princípio –Terra. A volta à terra como pátria comum*. São Paulo: Ática, 1995.

----- *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade. A emergência de um novo paradigma*. São Paulo: Ática, 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Aprender o amor: Sobre um afeto que se aprende a viver*. Campinas, SP: Papirus.2005.

----- *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

----- *A educação como cultura*. São Paulo: Brasiliense: 1985.

----- *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

----- *O que é educação?* 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARTA DA TERRA – *Valores e princípios para um futuro sustentável*. Centro de Defesa do Direitos Humanos de Petrópolis. Petrópolis: Gráfica Editora Stampa Ltda., 2004.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Coletânea de legislação de direito ambiental. MEDAUER Odete (Org.), 3.ed. ver. atual e ampl. – São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber. *Educação Popular Hoje*. São Paulo: Loyola, 1998.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia, *Mar à Vista: Estudo da maritimidade em Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

EQUIPE DE FLORESTA BRASIL, *Pronunciamento do Cacique Seattle*, Disponível em: [http://www.ufpa.br/permacultura/carta\\_cacique.htm](http://www.ufpa.br/permacultura/carta_cacique.htm) Acesso: em 1 de fevereiro de 2014.

FERREIRA, Murilo Cunha, *A Dinâmica da ocupação Urbana da Orla Marítima de Fortaleza, Construção e Reconstrução da Paisagem e Apropriação do Espaço pela Elite*, Plano de Pesquisa/Mestrado, Fortaleza, 2004.

FIGUEIREDO, João B. de Albuquerque. *A educação ambiental popular e intercultural no contexto de formação docente*. Anais da 31ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu, MG: ANPED, 2008 – v. 1. P. 1. – 17.

----- *Formação “ambiental” dialógica do educador numa perspectiva ecorelacional*. Anais do VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Itajaí – SC: Editora de UNIVALI, 2008 – v. 1. P. 1 – 11.

----- *Educação Ambiental Dialógica. As Contribuições de Paulo Freire e a Cultura Sertaneja Nordestina*, Fortaleza: Edições UFC, 2007.

- *O caminhar no sertão: A produção de saberes parceiros.* In: KÜSTER, Ângela. MATTOS, Helena Oliveira de Mello (Org.). Educação no contexto do semi-árido brasileiro. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.
- *A relação como fundamento: o fio de Ariadne na reflexão sobre Ecopráxis.* REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPED. Anais... Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2001. (Mimeografado/Cd-Room).
- *Educação Ambiental e representações sociais em cultura residualmente oral.* In: JORNADA INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. Anais... Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001 (Mimeo).
- *A Teia de Representações Sociais entre Água e Natureza.* In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Anais... rio Claro: UNESP-Rio Claro, UFSCar e usp, 2001. (Cd-Room).
- *Representações Sociais e Educação Ambiental.* ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL FORMAL, Anais... Recife: Instituto de Ecologia Humana, 2000 (Cd-Room).
- *O tao ecocêntrico, em busca de uma práxis ecológica.* Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará – UECE, 1999.
- *Pesquisa engajada e intervenção em educação ambiental dialógica,* UECE, GE: Educação Ambiental / n.22, (2004). Disponível em: [www.anped.org.br/reunioes/27/gt22/t224.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt22/t224.pdf). Acesso: em 15 de maio de 2010.

FIGUEIREDO, João B. de Albuquerque, Maria Eleni Henrique da Silva (Orgs.). *Formação humana e dialogicidade III: encantos que se encontram nos diálogos que acompanham Freire.* Fortaleza: Edições UFC, 2012.

- *Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire II: reflexões e possibilidades em movimento.* Fortaleza: Edições UFC, 2009.

- FLEURI, Reinaldo Matias. *Sonho que se sonha junto é realidade! Considerações em Torno da Construção da Escola Democrática e Popular*. In: Elisa Pereira Gonsalves. (Org.). Educação e Grupos Populares. 1 ed. Campinas, SP: Alínea, 2002..
- *Educação Popular e Universidade*. 2. ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2001.
- FREIRE, PAULO. *Pedagogia da tolerância*. Organização, apresentação de notas Ana Maria Araújo Freire – 2ª edição – Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.
- *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Organizado por Ana M. A. Freire. São Paulo: UNESP, 2001.
- *A sombra da mangueira*. 4. ed. São Paulo: Olho d' água, 2001.
- *A educação na cidade*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp.2000.
- *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d' água, 1993.
- *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 39. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- *Extensão Ou Comunicação?* Tradução de Rosisca D. de Oliveira. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 (1ª edição 1970).
- *Educação e mudança*. 11. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- *Carta a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

- *Educação Popular*. In: “Caminhar Juntos” – Boletim Informativo da Dioces de Juazeiro – BA, Nº 79, Editora Equipe Todos Irmãos Ltda, Lins, 1983.
- *Der Lehrer ist Politiker und Künstler*. Neue Texte zu befreiender Bildungsarbeit. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 1981.
- *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- *Não dê o peixe ensine a pescar*. Artigo em: Tempo e Presença – publicação mensal do CEDI, Nº 154, Rio de Janeiro, 1979.
- *Ação cultural para a liberdade*. 4. ed. Rio De Janeiro: Paz e Terra. 1979.
- *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- FROSCHE, Patrícia Imelda, *Do mar para a cidade da cidade para o mar – O litoral, o urbano e as políticas públicas. O Projeto Costa Oeste e seus impactos sócio-ambientais*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará – UFC, 2004.
- GALIAZZI, Maria do Carmo, FREITAS, José Vicente de. (Orgs.). *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental*. Ijuí: Ed. Unijui, 2005.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Série Brasil Cidadão).
- *História das idéias pedagógicas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, DF: UNESCO, 1996.
- GIRÃO Raimundo, *Geografia Estética de Fortaleza – 2ª edição – Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil AS, 1979*
- INSTITUTO PAULO FREIRE. *Projeto Formação de Educadores Populares*. 2008.
- LAUE, Birgit; SANTOS, Maria das Graças dos; VICENTE, Teresa Parreira, *Mutirão: Alternativa para moradia popular? Experiências em Fortaleza (Conjunto das*

*Goiabeiras, Mutirão do Pirambu, Conjunto do Três Núcleos da Barra*), Fortaleza: ASA, GRET, CEARAH PERIFERIA, 1994.

LIMA, Maria do Céu, *Comunidades Pesqueiras Marítimas no Ceará. Território, Costumes e Conflitos*. Tese de doutorado em Geografia Humana, São Paulo: USP, 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. *Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez. 2004.

MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira, *Processo grupal e a questão do poder em Martín- Baró*,  
Psicol. Soc. vol.15 no.1 Belo Horizonte Jan./June 2003  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822003000100011>

MATURANA, R. Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução de José Fernandes C. Forte. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola: a favor da diversidade*. Fortaleza: Ed. UFC, Col. Diálogos Intempestivos, v. 13, 2004.

MATOS Kelma Socorro Lopes de e SAMPAIO José Levi Furtado. *Educação Ambiental em Tempos de Semear* (Orgs.) et. al. – Fortaleza: Editora UFC, 2004.

MDVGA, Carta do Movimento em Defesa da Vida dos Moradores de Goiabeiras e Adjacências ao Prefeito de Fortaleza, solicitando à SDU, Fortaleza: 1995.

----- Carta do Movimento à CAGECE, Fortaleza: 25/01/95.

----- Outros documentos: Linha da vida da comunidade, entrevistas escritas, relatório de pesquisa de campo de 2002, dados de pesquisa de campo de 2004, entrevistas gravadas, material fotográfico, documentos do MDVGA.

----- Relatório da visita ao Cambé por uma comissão da Área Pastoral da Barra do Ceará, Fortaleza: 2001.

----- Relatório do Seminário ambiental da Barra do Ceará, Fortaleza, 1994.

MORAES, Edmundo Carlos de. *A construção do conhecimento integrado diante do desafio ambiental : Uma estratégia educacional*. In: NOAL, Fernando Oliveira, REIGOTA, Marcos, BARCELOS Valdo Hermis de Lima (Orgs.). *Tendências da educação ambiental brasileira*, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

NOAL, Fernando Oliveira, REIGOTA, Maucos, BARCELOS, Valdo Hermes de Lima (Orgs.). *Tendências da educação ambiental brasileira*. Santa Cruz do Sol: EDUNISC. 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, *Projeto de Regularização Fundiária, Urbanística e Edilícia. Análise do Assentamentos Subnormais Selecionados*, Fortaleza 2004.

REIGOTO, Marcos. *O que é educação ambiental?* São Paulo: Brasiliense, 2004.

VALENTE, A.L. *Educação e diversidade cultural*. São Paulo: Moderna, 1999.

SANTOS, Elionai Niraci Rabelo dos, *Praia da Barra do Ceará: Lazer e Segregação Sócioespacial*, Tese de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza: UFC, 2000.

SILVA, Deborah Marques, *Grande Pirambu uma Praia Infectada? Análise das Políticas de Saneamento e do Turismo na Construção da Imagem do Grande Pirambu*, Fortaleza: UFC, 2003.

SOUZA, Maria Salete de, *Fortaleza – Uma Análise da Estrutura Urbana*, UFC, Fortaleza, 1978.

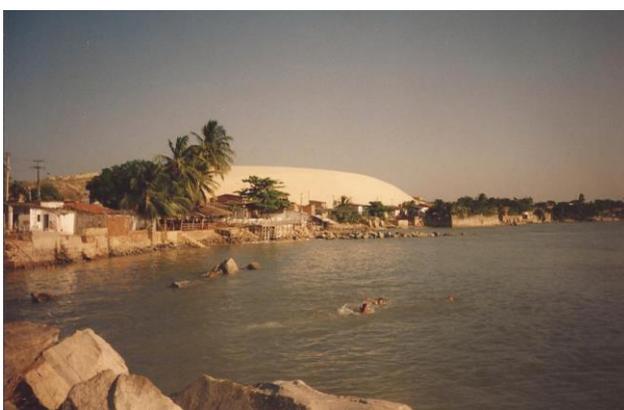
TAVARES, Santos Jean Mac Cole (Org.). Paulo Freire: Teorias e Práticas em Educação Popular – escola pública, inclusão, humanização. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

WIKIPEDIA, [http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal)

## APÉNDICE



## IMAGENS QUE CONTAM HISTÓRIAS AMOROSAS



## 2. PESQUISANDO A PESQUISADORA – AMBIENTES COMVIVIDOS

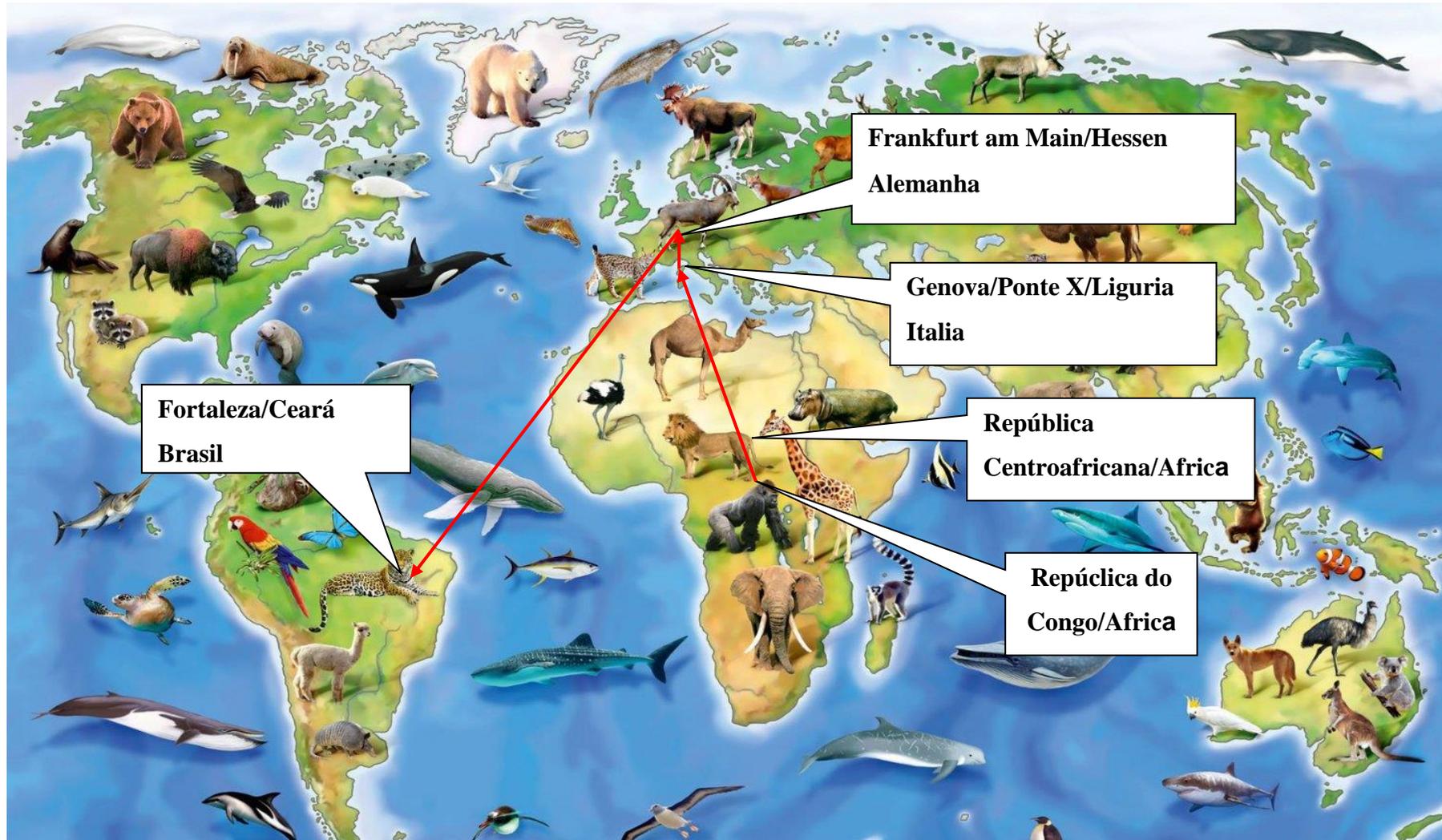


Figura 05: Mapamundi mostrando a trajetória de minha vida.

Fonte: <http://www.amazon.de/Ravensburger-05502-Kinderweltkart>

## 2.1 Do sul ao norte: Do som dos tambores da África à floresta teutônica

Nascer no berço da humanidade

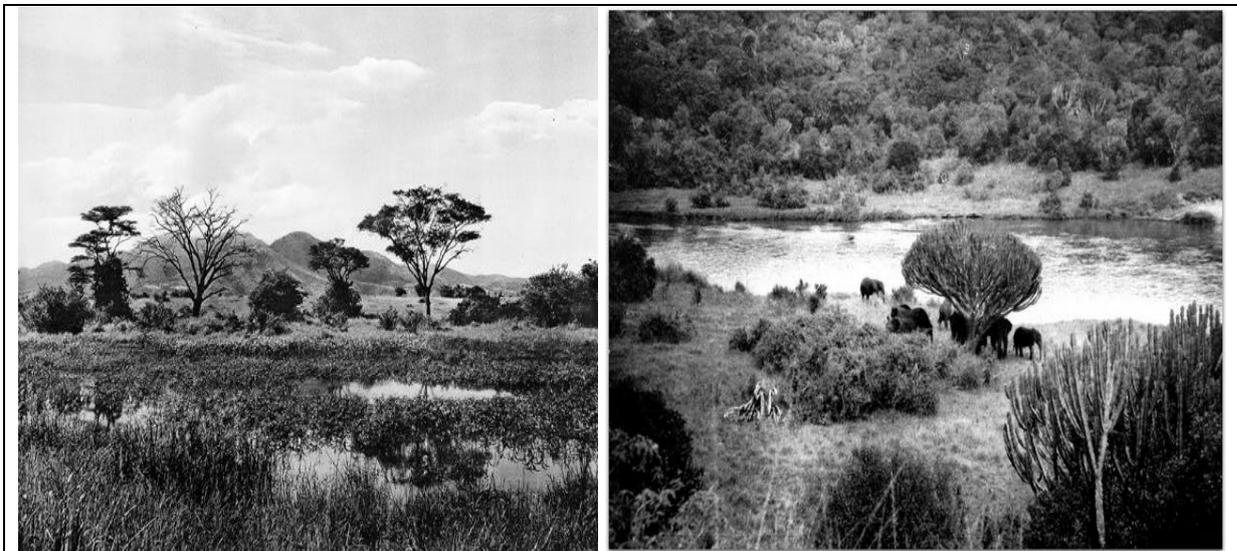


Figura 06-07: Parque Nacional Albert hoje Parque Nacional do Virunga em 1950. Primeiro parque nacional da África.

Fonte: <http://www.archives-expopd.uqam.ca/autres/recherche.asp?s=Parc>



Figura 08-10: Bebendo os sons dos tambores da África. Primeiros passos em solo sagrado. Brincando na e com a natureza no “quintal” de casa.

Fonte: Frosch F., 1956-1958.

## Lugar de minha infância na Itália



Figura 11: Genova capital portuária do estado da Ligúria onde nasceu minha mãe.  
<http://city.samondeo.com/genoa-italy.php>, acessado em 2014.



Figura 12: Arredores de Pontedecimo há 20 km no interior de Genova.  
Fonte: <http://it.wikipedia.org/wiki/Pontedecimo>, 2013.



Figura 13: A cidade de Pontedecimo, Itália  
Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Genova\\_Pontedecimo\\_panorama.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Genova_Pontedecimo_panorama.jpg), 2013.

## A natureza teutônica – Encantos e desencantos



Figura 14: Frankfurt am Main, Skyline.

Fonte: <http://www.frasesparafacebook.info/89592-schiffstour-nach-frankfurt-am-main.html>, 2013.



Figura 15: Frankfurt am Main , espaços de lazer nas margens do rio

Fonte: <http://www.frankfurttourismus.de> , 2013.



Figura 16: Parque de diversão, arredores de Frankfurt

Fonte: <http://downtown-frankfurt.de/sachsenhausen>, 2013.

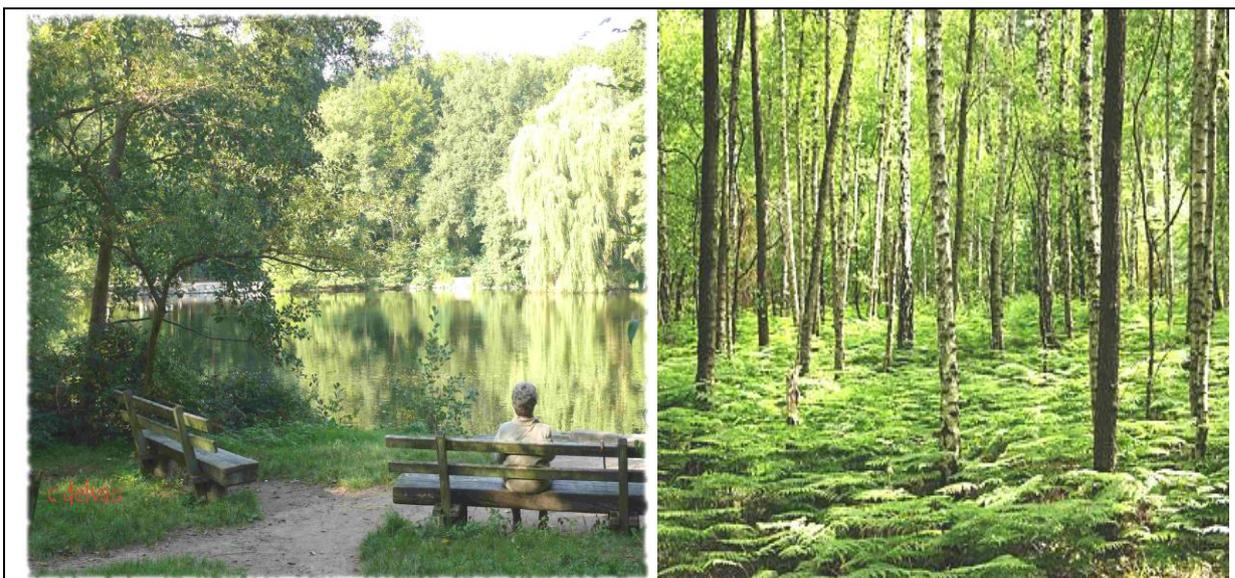


Figura 17-18: A floresta da cidade de Frankfurt, seus encantos ...

Fontes: <http://www.erlebnis-wandern.net/WA%20Frankfurter%20Stadtwald.htm>, 2013

<http://www.frankfurt.de/sixcms/detail.php?id=45975&template=bildanzeige>, 2013



Figuras 19-20: ... e desencantos. Luta da população contra a ampliação do aeroporto internacional de Frankfurt.

Fontes: [www.echo-online.de](http://www.echo-online.de), 1982 e [www.loeildefotografie.com](http://www.loeildefotografie.com), 1982, acessado em 2014.



Figura 21: O cartaz diz: “Prefiro morar nas árvores do que desmatar florestas”  
<https://linksunten.indymedia.org/de/node/39196>, acessado em 2014.

## Lugares das férias: os Alpes e o litoral da Itália



Figura 22: Falcade Alto nas Dolomitas nos Alpes da Itália, lugar de origem da família da avó.  
Fonte: [www.panoramio.com](http://www.panoramio.com), 2014.



Figura 23-24: Lugares que curtíamos na praia. San Frutuoso e Noli, Ligúria, Itália.  
Fonte: <http://www.tripadvisor.co.uk/>



Figura 25-26: Erli, Gazzo. No coração do Estado da Liguria o novo espaço das férias comvidadas.  
Fonte: [www.google.com/maps](http://www.google.com/maps), 2014.

## O outro lugar das férias: a República Centroafricana na África Central



Figura 27: O novo lar na República Centroafricana. As casas dos funcionários de um projeto de desenvolvimento do terceiro mundo da GTZ (Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit/Agência de Cooperação Técnica Alemã)

Fonte: Frosch M., 1970.



Figuras 28-30: Vida africana nas aldeias

Fonte: Frosch F., 1970.

## Os mais próximos que influenciam o pensamento ambiental



Figuras 31-33: Meu avô em comunicação com a natureza no interior da Itália. Minha mãe flertando com as cachoeiras de Rutschuru, no Congo. Meu pai cruzando mares.

Fonte: Frosch F., 1950 e anônimos sem data.



Figura 34: Junto à avó visitando outras culturas.

Fonte: Frosch F., 1966.

## Estudar com e na natureza



Figura 35: Faculdade de Teologia e Filosofia St. Georgen, meu primeiro encontro com a Teologia de Libertação, lugar de espiritualidade, estudo e partilha de saberes.

Fonte: <http://www.sankt-georgen.de/hochschule/75jahre.html>, acessado em 2014.

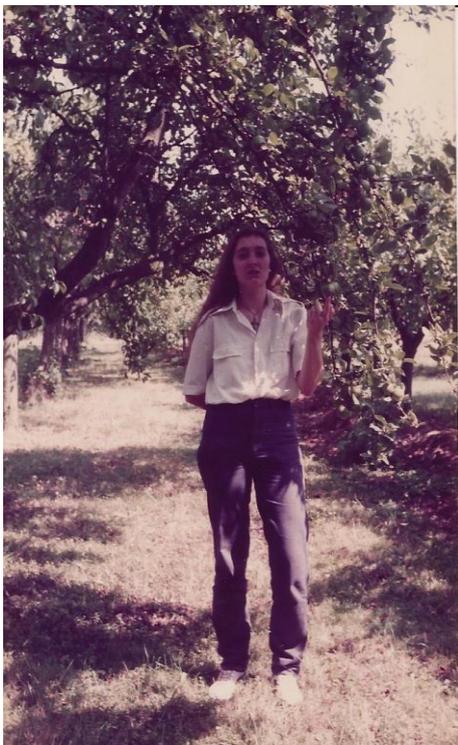


Figura 36-37: Filosofando com a natureza no parque da faculdade e vivendo com a natureza junto à moradores de rua num terreno ocupado à margem da cidade de Frankfurt.

Fonte: Frosch I. 1987; Frosch P. 1992.

## 2.2 Do leste à oeste – Da floresta teutônica ao Brasil multicolorido



Figura 38: O novo rumo Fortaleza capital do Ceará.

<http://www.cidade-brasil.com.br/vista-satelite-fortaleza.html>, acessado em 2014.

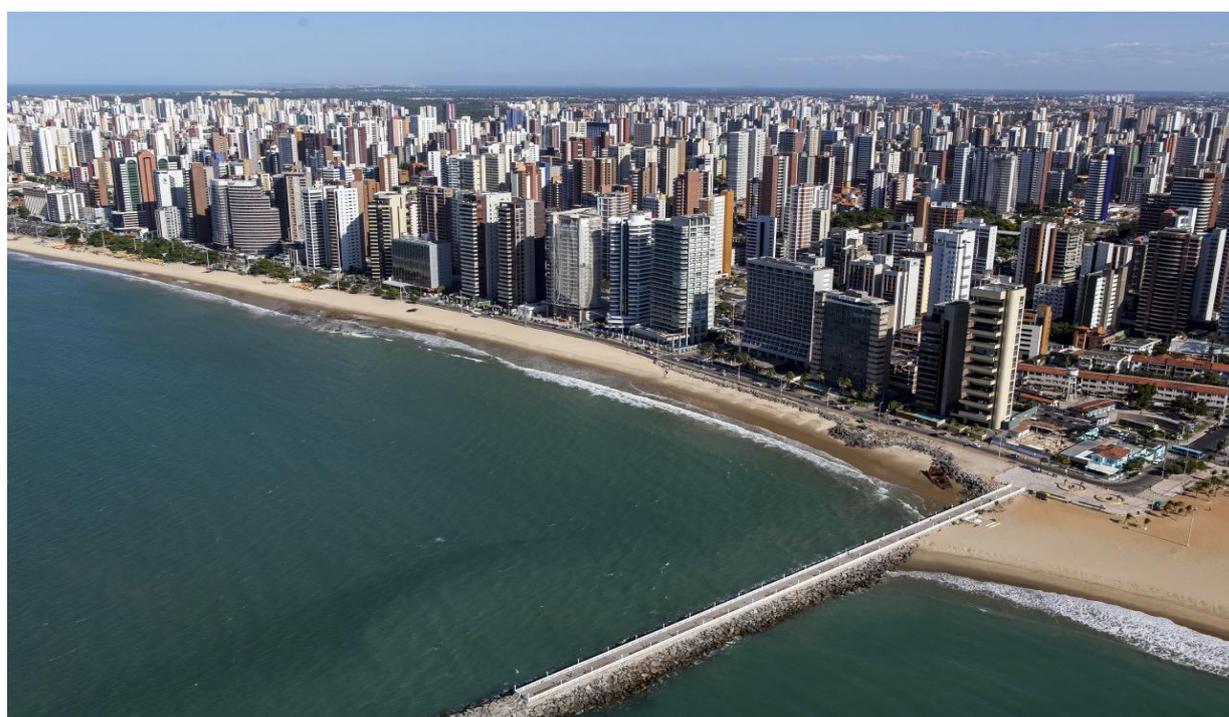


Figura 39: A cidade esculpida em pedra.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortalez>, acessado em 2014.

## Lugares de estudo em Fortaleza



Figura 40: Seminário da prainha antes Instituto Teológico e Pastoral hoje Faculdade Católica de Fortaleza  
 Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Seminario\\_prainha\\_01.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Seminario_prainha_01.jpg), acessado em 2014.



Figuras 41-42: Universidade Federal do Ceará Pro-Reitoria e Bosque Moreira Campos do Centro de, Humanidades Campus do Benfica

Fontes: <http://www.oestadoce.com.br/noticia/professores-de-universidades-federais-paralisam-atividades-nesta-quarta-feira>, acessado em 2014; [https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade\\_Federal\\_do\\_Ceará](https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Federal_do_Ceará), acessado em 2014.



Figuras 43-44: Universidade Federal do Ceará, Campus do PCI, Biblioteca Central/ Prédio do Departamento de Geografia da UFC

<http://miolodohenrique.blogspot.com.br/2014/12/ah-geografia-parte-ii.html>  
[http://www.engcomp.ufc.br/?page\\_id=90](http://www.engcomp.ufc.br/?page_id=90), acessado em 2014.

A comunidade acolhedora – Lugar onde o social se movimenta



Figura 45: Comunidade de Goiabeiras margeada pelo Rio Ceará e pela praia no bairro Barra do Ceará <http://www.cidade-brasil.com.br/vista-satelite-fortaleza.html>, acessado em 2014.



Figura 46: O pólo de lazer da Barra onde iniciei minhas primeiras atividades comunitárias. <http://www.marquiseengenharia.com.br/obras/projeto-vila-do-mar/>, acessado em 2014.



Figuras 47-48: Comunidade de São Pedro Goiabeiras, a capela e os dois salões comunitários. Fonte: Frosch P., 1998.

## À serviço da Pastoral do Menor e dos pescadores



Figuras 49-50: Trabalhando com a Pastoral do Menor no Pólo de Lazer da Barra do Ceará.

Fonte: Frosch M., 1996.



Figuras 51-52: Primeiros contatos com os pescadores.

Frosch P., 1996.



Figura 53: Primeiros passos da articulação dos pescadores da praia de Goiabeiras junto à assessoria do Instituto Terramar (ONG) e do Conselho Pastoral do Pescador (CPP).

Figura 54: Pescadores promovem junto à comunidade procissão de barcos no dia de São Pedro.

Fonte: Frosch P., 1996.

## Algumas das atividades realizadas na comunidade de São Pedro



Figuras 56-57: Grupo de jovens, curso de pintura em telhas, alfabetização de jovens e adultos; oficina de bicicletas; curso de corte e costura, curso de cartões postais e serigrafia.  
Fonte: Frosch P., 1996-2001.

## Barra do Ceará seus encantos e desencantos



Figura 58: Pôr do sol na praia de Goiabeiras.  
Fonte: Frosch P., 2013 e 1996



Figura 59: Praia de Goiabeiras antes do início do Projeto Costa Oeste.



Figuras 60-61: O Projeto Costa Oeste e o início da degradação da praia de Goiabeiras  
Fonte: Frosch P., 2002.



Figura 62: Destruição do novo calçadão pela maré  
Fonte: Frosch P., 2003.



Figura 63: Projeto Vila do Mar, praia de Goiabeiras em 2014.  
Fonte: <http://www.anuariodefortaleza.com.br/>, 2014.

### 3. VIVENDO A PESQUISA – PESQUISANDO A VIDA

Onde a co(m)vivência se faz pesquisa e das ações emerge sua metodologia  
Cursos, projetos e encontros como coleta de dados



Figura 64: Lendo o título da pesquisa com o grupo e dialogando sobre o conteúdo.  
Fonte: Frosch P., 2013.



Figura 65: Oficina de artesanato  
Fonte: Ivone, 2011.



Figura 66: Projeto “Relendo à sombra das Goiabeiras”  
Fonte: Bruno, 2012.



Figura 67: Cuidando da horta comunitária.  
Fonte: Frosch P., 2013



Figura 68: Partilhando saberes artesanais no grupo.  
Fonte: Frosch P., 2012



Figuras 69-70: Encontro específico para decidir sobre o futuro do grupo.  
Fonte: Frosch P., 2011.



Figuras 71-72: Aprendendo a fazer uma composteira e pão caseiro com a sabedoria de participantes novatos.  
Fonte: Frosch P., 2012.



Figuras 73-74: Assistindo à intoxicação do mundo pensando na horta. Apresentação de um vídeo sobre agrotóxicos.  
Fonte: Frosch, 2012.

Momentos específicos de reflexão – as oficinas



Figura 75: A beleza que atrai – dinâmica da primeira oficina para escolher imagens.



Figura 76: Oficina 1 - A identificação com a praia  
Fonte: Frosch, 2012.



Figura 77: Oficina 1 - A beleza própria de cada mulher  
Fonte: Frosch, 2012.



Figura 78: Oficina 1 - Vontade de chegar perto da lua  
Fonte: Frosch, 2012.



Figura 79: Oficina 1 - Lembrando a infância no campo  
Fonte: Frosch, 2012.



Figura 80: Oficina 1 – Em busca das origens. A pesquisadora se incluindo na pesquisa  
Fonte: Célia, 2012.



Figura 81: Oficina 2 com produção de desenho  
Fonte: Frosch, 2012.



Figura 82: Oficina 2 com produção textual  
Fonte: Frosch, 2012.

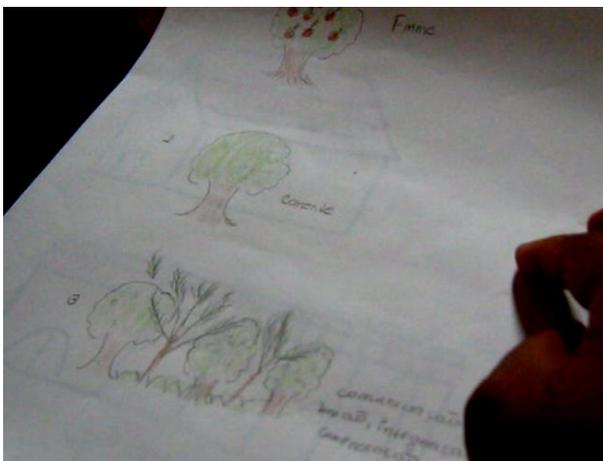


Figura 83: Oficina 2 com produção de escrita e desenho  
Fonte: Frosch P., 2012.



Figura 84: Oficina 2 com produção oral

## 4. AMORADA GOIABEIRAS: LEMBRANÇAS, SENTIMENTOS E AMORES – DESENHANDO O AMBIENTE

### 4.1 Fortaleza antagonica – As duas faces da grande cidade



Figura 85: Vista da zona costeira leste a partir da perspectiva da Barra do Ceará  
Fonte: Frosch P.; 1996.



Figura 86: Estação de Iguatú no ano de 1877, uma multidão de flagelados aguarda o trem para Fortaleza.

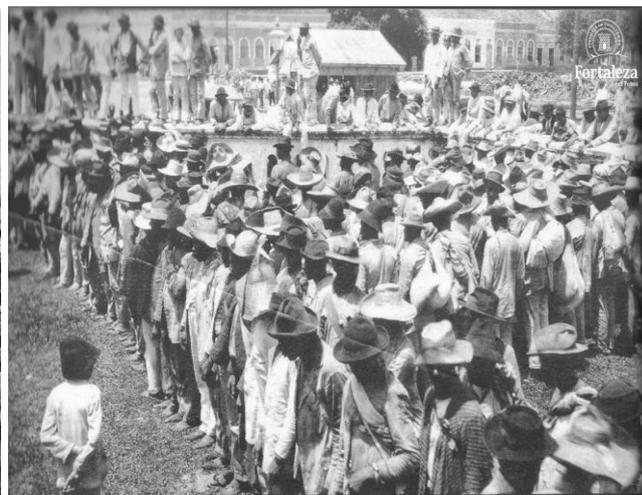


Figura 87: Grande número de retirantes se concentra na Praça da Estação em Fortaleza em busca de trabalho, alimentos e assistência social.

Fonte: <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2014/08/a-tragedia-das-secas-o-dia-dos-mil.html>, acessado em 2014.



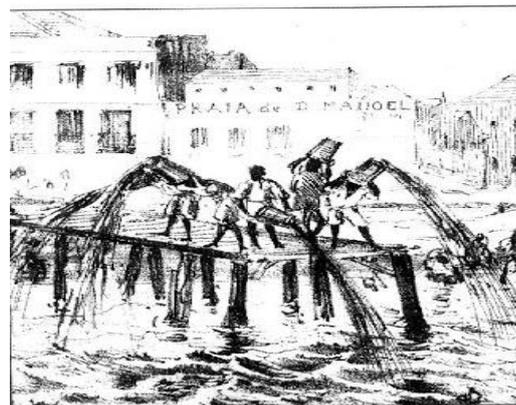
Figura 88: À direita cloaca m Camburão cheio de de carregado por um carregado cartola.

Fonte: Girão, 1979, pg.227

Figura 89: À esquerda camburão sendo despejados no mar.

Fonte:

<http://zonaderisco.blogspot.com/2008/11/meio-ambiente-do-sculo-passado.html>, 2014 .



## 4.2 “As goiabeiras emendavam no mar” – Goiabeiras e sua memória

Antigos moradores e moradoras e suas lembranças



Figura 90: Dona Maria – “Daqui até na praia não tinha nada, só mata e morro ... realmente tinha muita goiabeira.”

Fonte: Alunos do *Projeto Ponto de Leitura*, 2013.



Figura 91: Dona Raimunda – “A gente via a praia de ponta a ponta, via quando os barcos saiam e quando voltavam.”

Fonte: idem.



Figura 92: Seu Zé – “As goiabeiras emendavam no mar.”

Fonte: idem.



Figura 93: Seu Albertus – “Na época até 70 esse morro era a coisa mais linda do mundo.”

Fonte: idem.



Figura 94: Maria Alice – “Morava aqui nós, a sorte, Deus e a malandragem.”  
Fonte: idem.



Figura 95: Dona Miriam – “Aqui quando chegamos não tinha nada ... hoje é um paraíso.”  
Fonte: idem.



Figura 96: O Pescador Mundim – “Aqui tinha tudo até tubarão, os vários tipos a gente pescava.”  
Fonte: Frosch P., 2004.

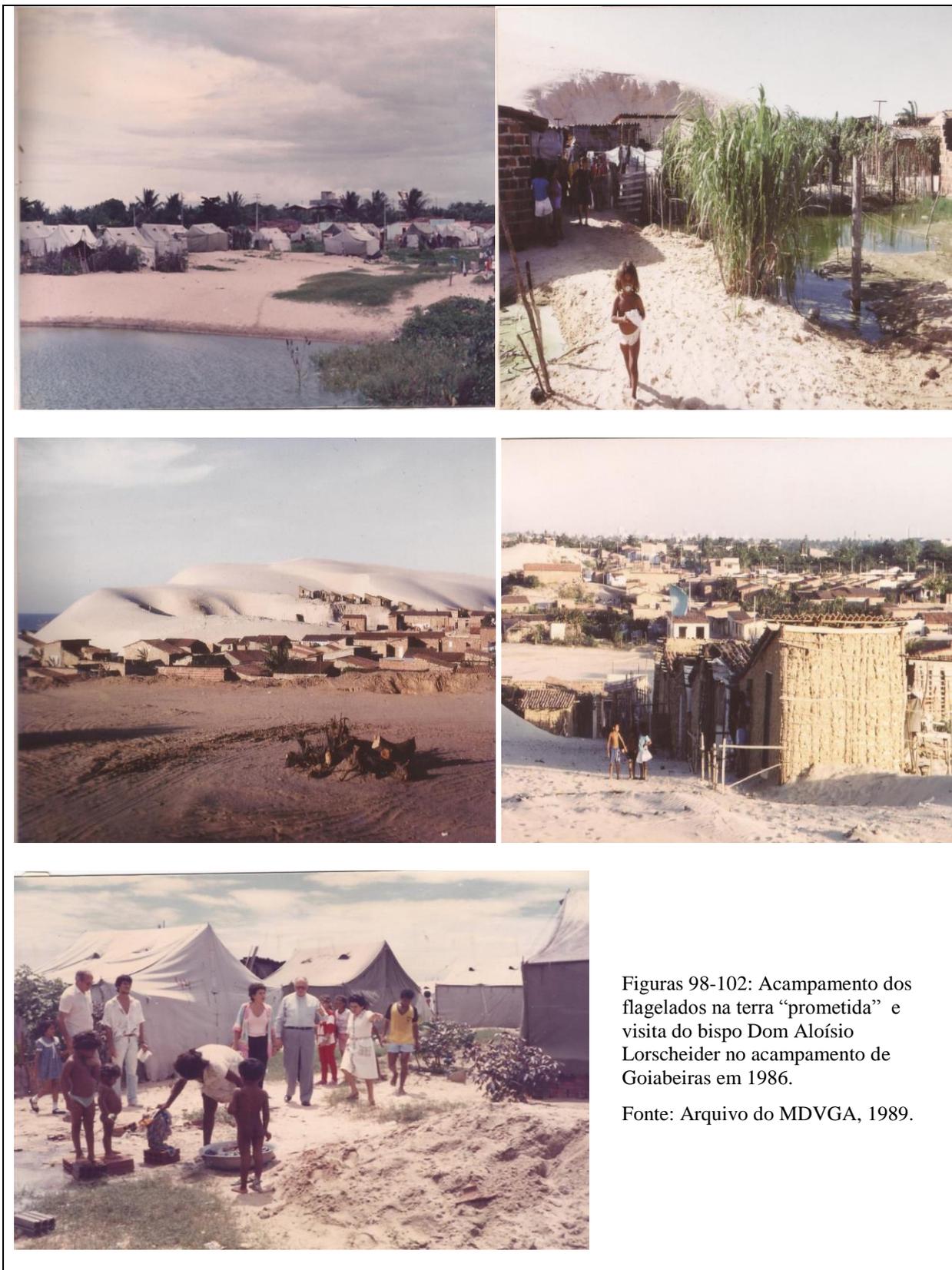
#### Tubarão martelo na Barra do Ceará



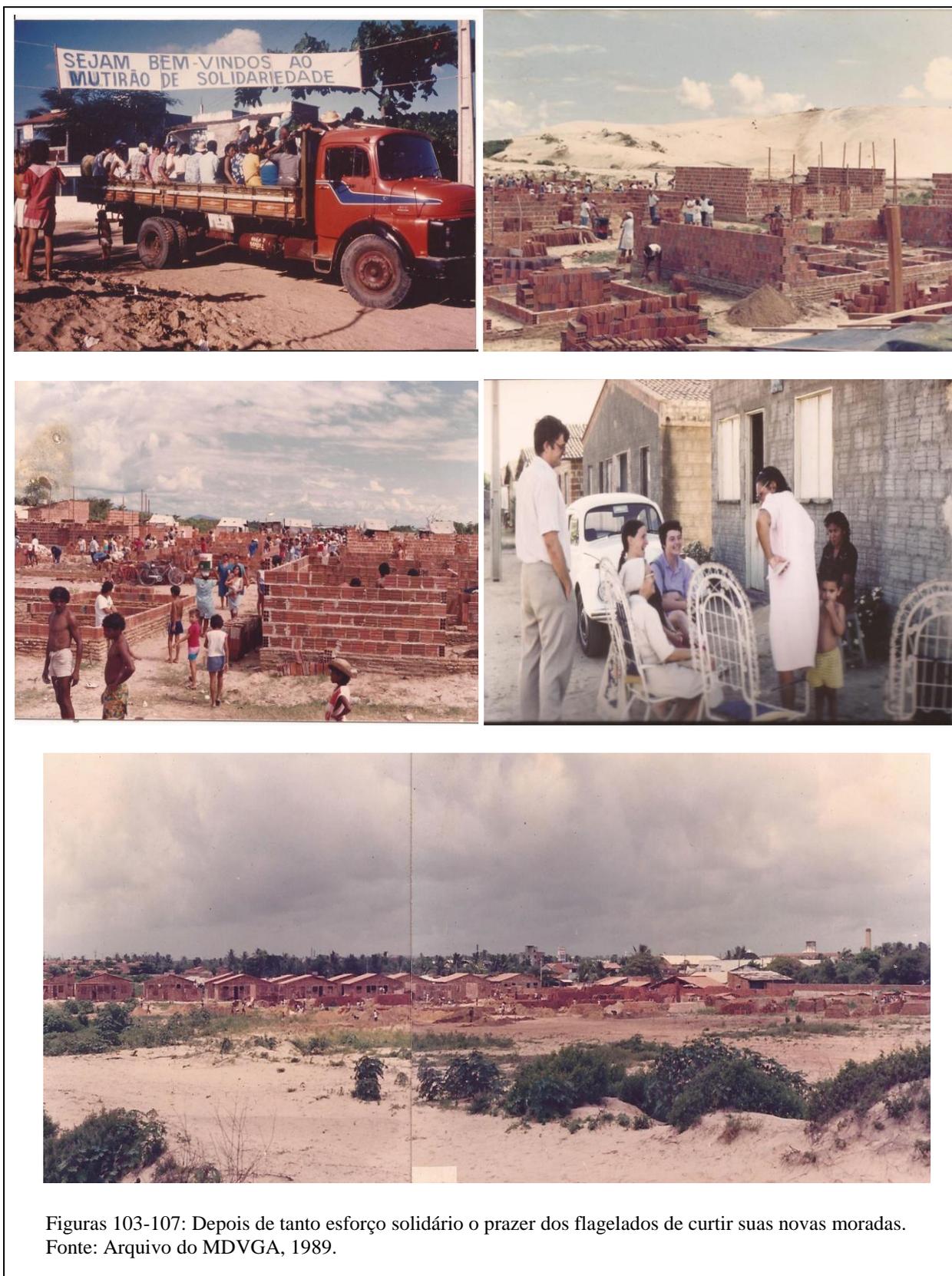
Figura 97: Tubarão martelo se enroscou na rede dos pescadores (Foto: Rui Lima/Arquivo Pessoal), 2014.  
Fonte: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2014/04/tubarao>

### 4.3 Terra prometida – A origem da ocupação

Goiabeiras antes da construção de casas populares

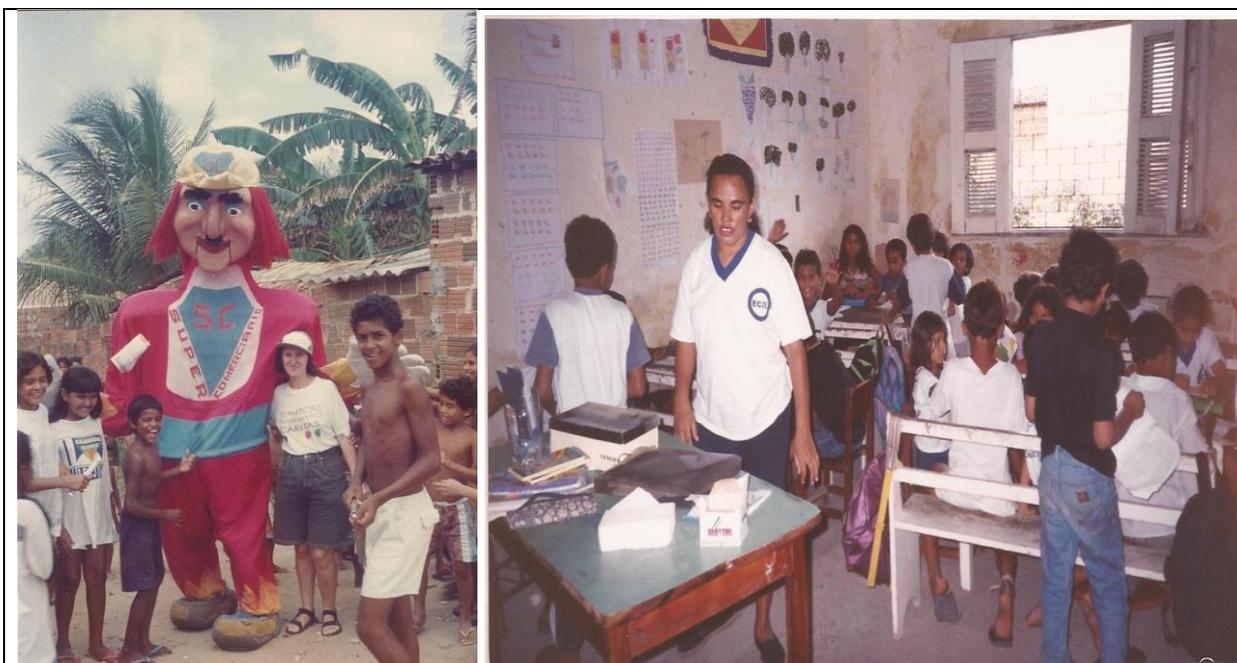


## Goiabeiras em mutirão



#### 4.4 Movimentar é preciso – O Movimento em Defesa da Vida

O lema do movimento: lutar pelas melhorias dentro da comunidade



Figuras 108-109: Campanha da educação e a Escola Comunitária Conquistando a Educação (ECCE)

Fonte: todos arquivo MDVGA, 1996.



Figura 110: Projeto Casa melhor da Prefeitura.

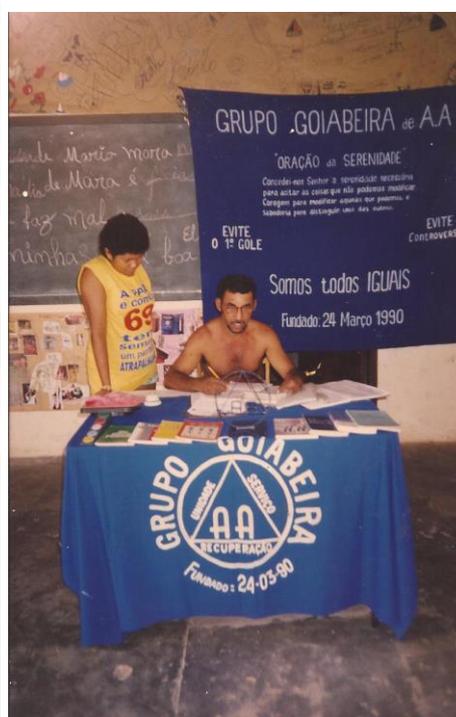


Figura 111: Representantes do MDVGA visitando o grupo do AA.



Figura 112-113: Farmácia viva e primeiro cultivo da horta comunitária  
Fonte: arquivo do MDVGA, 1996



Figuras 114a-114b: Escolinha de futebol novo Amanhecer e a turma da capoeira  
Fonte: arquivo do MDVGA, 1994 e 1996..



Figuras 115-116: Vacinação das crianças no Amanhecer e dia das crianças.  
Fonte: arquivo MDVGA, 1994.

Saber é preciso – Cursos profissionalizantes promovidos em parceria com outras entidades



Figuras 117: Oficinas de serigrafia e papel reciclado  
Fonte: Arquivo MDVGA, 1995.



Figura 118: Curso de panificação  
Fonte: Frosch P., 1996.



Figura 119: Curso de pescadao  
Fonte: Frosch p., 1998



Figura 120: Curso de marambaias com os pescadores.  
Fonte: idem.



Figura 121: Curso de navegaçaõ  
Fonte: Frosch P., 1998.



Figura 122: Oficina de pintura em tecido  
Fonte: Silvia, 2013.

Lutar é preciso para “promover nos moradores da área a consciência dos seus direitos e o exercício de sua cidadania”, lema do Movimento em Defesa da Vida - MDVGA



Figura 123: A sede do Movimento em Defesa da Vida  
Fonte: Frosch P., 2001.



Figuras 124-125: Luta e conquista por água e pela pavimentação no bairro..  
Fotos: Arquivo do MDVGA, 1996.



Figura 126: Participação no grito dos excluídos  
Fonte: Arquivo do MDVGA, 1995.



Figuras 127-128: O MDVGA em movimento contra a degradação ambiental da praia de Goiabeiras  
 Fonte: Frosch p., 2004.



Figuras 129-130: Visita Relator Especial de Direitos Humanos das Nações Unidas Miloon Khotari. (à direita) à comunidade de Goiabeiras.  
 Fonte: Frosch P., 2004.

## 5. O GRUPO DE MULHERES DAS GOIABEIRAS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA

### 5.1 Educação Ambiental Dialógica é se fazer grupo

O lugar de encontros do Grupo de Mulheres e suas ações



Figura 131-132: Casa de Encontro O Amanhecer e a cozinha ponto de reflexão, ação, partilha e origem da pesquisa

Fonte: Google Maps, 2014 e Frosch P., 2011.



Figura 133-134: Partilhando saberes artesanais no grupo e promovendo oficinas de artesanato par a comunidade.

Fonte: Frosch P., 2011.

O Grupo de Mulheres e o projeto “Relendo à sombra das Goiabeiras” – Aprendizado mútuo e intergeracional



Figura 135-136: Atividades variadas das oficinas  
Fonte: Frosch, 2011.



Figuras 137-138: Produção de jogos e brincadeiras  
Fonte: Frosch, 2011.



Figura 139-140: “A comunidade é uma estrela que brilha”. Cartaz que expressa sentimentos acerca da comunidade.  
Fonte: Frosch, 2011.



Figuras: 141-142: Nosso bem viver na comunidade associado à natureza.  
Fonte: Frosch, 2011.



Figuras 143-144: A felicidade de ter literatura à disposição estimula a criatividade.  
Fonte: Frosch, 2012.



Figuras 145-146: Oficinas de áudio-visual e de mamulengo  
 Fonte: Frosch P., 2012.



Figuras 147-149: Entrevistas e filmagens para a composição do vídeo “Relendo à sombra das Goiabeiras”.  
 Fonte: Alunos do curso, 2012.



Figuras 150-151: Momentos de lazer na praia de Goiabeiras e no manguezal do Rio Ceará  
 Fonte: Frosch, 2012.



Figuras 152-153: Passeio no manguezal com amigos e familiares finalizando o projeto.  
 Fonte: Frosch, 2012.



Coordenação do Projeto

Jeane Freitas Paixão de Sousa

Ana Alves da Cunha

Patrícia Imelda Frosch

Direção e montagem

Thiago Rodrigues

Figuras 154-155: Produto final do projeto. Imagens do documentário Relendo à sombra das goiabeiras  
 Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=A5UNQeKKs90> acessado em 2014.

## 5.2 Educação Ambiental Dialogica é se refletir e agir como parte de um todo relacionado

### A descoberta da horta



Figuras 156-157: Uma aula sobre agrotóxicos e degradação ambiental para estimular a recuperação da horta comunitária.

Fonte: Frosch, 2012.



Figuras 158-159: A força motriz do projeto horta, Paulo um jovem estudante de letras e ambientalista, morador da comunidade.

Fonte: Frosch P., 2013.



Figuras 160-161: Aprender o apreendido – Educação intergeracional conquistando a horta.

Fonte: Frosch P. e Ivone, 2014.

Saber popular – Flora e fauna nordestina e tecnologia tradicional uma aula de Educação Ambiental que nasce da experiência convivida



Figura 162: PORAQUÊ ou peixe elétrico  
(*Electrophorus electricus*)

Fontes: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Poraque> e : <http://portuguese.alibaba.com/product-gs/frozen>, 2014.



Figura 163: MUÇUM (*Anguilla anguilla*)



Figura 164: MAÇARICO ou BATUIRA  
(*Tringa solitária*)

Fontes: <http://pt.wikipedia.org/wiki>, 2014.



Figura 165: SOCÓ BOI (*Tigrisoma lineatu*)

Fonte: <http://recreiodobutia.blogspot.com//2013/>, 2014.



Figuras 166:  
GALINHA D'ÁGUA (*Gallinula chloropus*)

Fontes: [http://www.digital.pt/2013\\_05\\_01\\_archive.html](http://www.digital.pt/2013_05_01_archive.html); <http://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2012/03/>, acessado em 2014.



Figura 167:  
PATO D'ÁGUA (*Anas platyrhynchos*)



Figuras 168: TAMANDUÁ (*Myrmecophaga tridactyla*)    Figura 169: RAPOSA (*Cerdocyon thous*)  
 Fontes: [www.bichosbrasil.com.br](http://www.bichosbrasil.com.br), 2014.    <http://procarnivoros.org.br/2009>, 2014.



Figuras 170: PUNARÉ (*Thrichomys apereoides*)  
 Fontes: [www.flickr.com/photos/sanjayveiga/](http://www.flickr.com/photos/sanjayveiga/)

Figura 171: PREÁ (*Cavia aperea*)  
[www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/](http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/)



Figura 172: RATO D'AGUA (*Arvicola sapidus*)  
 Fontes: <http://perso.wanadoo.es/st2239/galerias/1;>

Figura 173: GUAXINIM (*Procyon cancrivorus*)  
<http://ilhadocaju.com.br/projetos/>, acessados em 2014.



Figuras 174: GATO DO MATO (*Oncifelis Geoffroyi*)  
Fontes: <http://ocponline.com.br/noticias/gata-do-mato>



Figura 175: GATO VERMELHO  
[www.pinterest.com](http://www.pinterest.com), acessados em 2014.



Figura 176: PREGUIÇA (*Bradypus variegatus*)  
Fonte: <http://www.petropolis.rj.gov.br/sma/index.php/mata-atlantica/fauna>, acessado em 2014.



Figura 177: TEJO OU TEIU (*Tupinambis merianae*)    Figura 178: CALANGO (*Tropidurus oreadicus*)  
Fontes: <http://www.euquerobiologia.com.br/2011/10/>    <http://www.achetudoeregiao.com.br/animais/calango.htm>



Figura 179: CARANGUEJEIRA  
(*Acanthoscurria natalensis*)

Figura 180: COBRA-CIPÓ (*Chironius succrullus*)

Fontes: <http://www.incttox.com.br/2011/10/>, e [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chironius\\_scurrulus](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chironius_scurrulus) acessado em 2014.



Figura 181: COBRA VERDE (*Philodryas olfersii*).

Figura 182: COBRA CORRI-CAMPO (*Philodryas nattereri*)

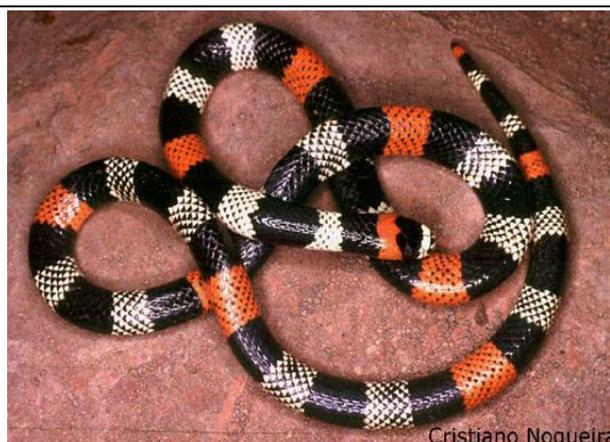
Fonte: <http://redeglobo.globo.com/sp/eptv/terra-da-gente/> e <http://conhecendoacaatinga.blogspot.com/2010/06/> acessado em 2014.



Figuras 183: COBRA-PRETA, MUÇURUNA  
(*Boiruna maculata*)

Figura 184: CASCAVEL (*Crotalus durissus*)

Fontes: <http://reptosaurus.blogspot.com.br/2011/06/serpentes-da-caatinga.html> e <http://www.ninha.bio.br/biologia/cobra.html>, acessado em 2014.



Cristiano Nogueira

Figura 185: COBRA CORAL (*Oxyrhopus trigeminus*)

Fontes: <http://www.ib.usp.br/~crinog/pages/Micrurus> ,

Figura 186: JIBÓIA (*Boa constrictor*)

Fontes: <http://www.fumdham.org.br/fauna.asp>, acesso 2014.

### Plantas que curam

Figura 187: JUCÁ (*Caesalpinia Férra*)

Fontes: <http://www.tuasaude.com/juca/>

Figura 188: AROEIRA *Myracrodruon urundeuva*

Fontes: [www.umpedeque.com.br/bkp/site\\_umpedeque/arvore](http://www.umpedeque.com.br/bkp/site_umpedeque/arvore)

### Tecnologia tradicional - Armadilhas



Figuras 189-191: ARAPUCA, QUIXÓ E FOJO

Fontes: <http://www.recantodasletras.com.br/trovas/1288753> e

<https://safariinasiberia.wordpress.com/2013/04/05/armadilhas-o-quixo/> e

<http://ogambadeblumenau.blogspot.com.br/2008/05/como-pegar-um-gamb.html>, acessado em 2014.

Diante da ciência e do saber popular a sabedoria das Mulheres do GMG emerge



Figura 192: Silvia lendo a história do sábio e do barqueiro.

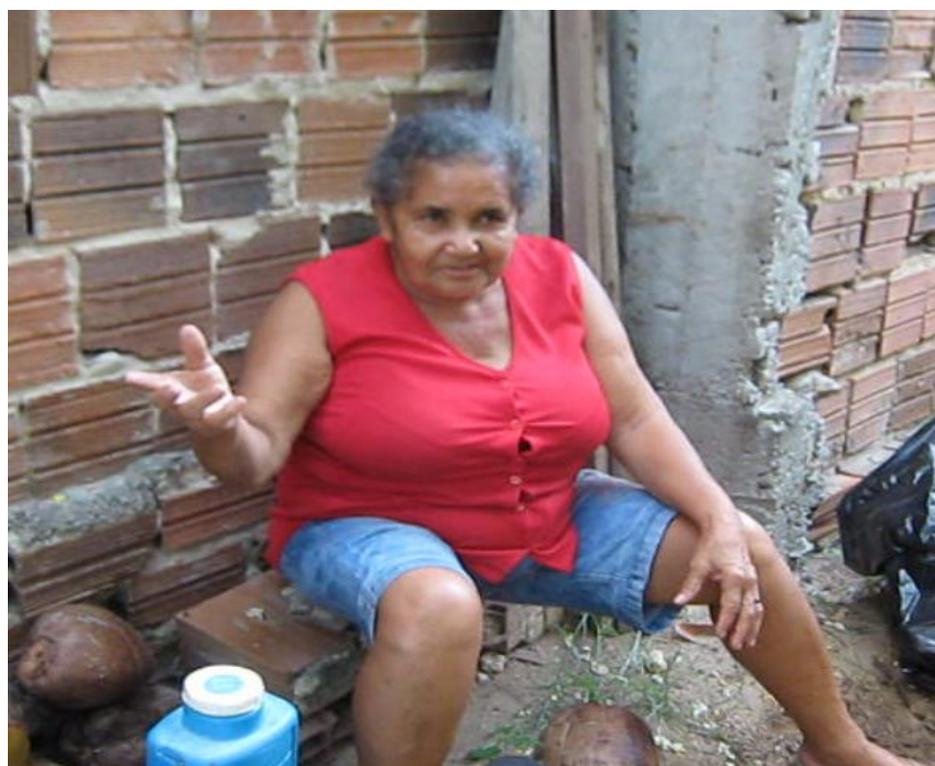


Figura 193: "Ninguém sabe tudo completo, é pra uns ajudar os outros!".  
A conclusão de Dona Miriam à respeito do texto.  
Fonte: Frosch P., 2013.

### 5.3 Educação Ambiental Dialógica é aprender a amar sendo amado

Afeto solo fértil em que germina, nasce, cresce, se educa e educa, se inventa e reinventa o Grupo de Mulheres das Goiabeiras no carinho e na amorosidade



Figuras 194-199: Na partilha e no afeto as gerações se encontram  
Fonte: Frosch e Beatriz, 2011-2013.

Nas relações de carinho e afeto a educação se faz presente na e com a natureza em busca do ser livre



Figuras 200-206: A horta lugar de múltiplas relações, encontro com a natureza e sensação de liberdade.  
Fonte: Frosch P., 2013.



Figura 207: Painele Paulo Freire de Luiz Carlo Capellano.

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Painel.Paulo.Freire.JPG>

“Eu gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a terra, a água, a vida.”  
(Paulo Freire)